Coleção Fortuna Crítica
vol.4

JMM

Fortuna Crítica de José Marques de Melo

Liderança e Vanguardismo

Clarissa Josgrilberg Pereira
Eduardo Amaral Gurgel
Iury Parente Aragão
Osvando J. de Morais
(Orgs.)

INTERCOM
SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO

A incrível história do homem que sabe estabelecer e edificar ideias

É o que nos brinda a Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) ao editar os quatro volumes da Coleção Fortuna Crítica de José Marques de Melo. Não há como falar do campo da comunicação e do jornalismo sem resgatar as contribuições de José Marques de Melo. Estimular, defender, acreditar, lutar, criar, organizar, ter fé, orientar, colaborar, produzir, promover e desenvolver. São inúmeras ações que dão um tom emblemático à figura de Marques de Melo, especialmente, quando analisamos seus aportes ao desenvolvimento do campo comunicacional, quer no Brasil, ou em outros espaços geográficos como da América Latina, ou de forma mais ampliada, a Ibero-América.

Pesquisador incansável e estimulador das novas gerações, essas são marcas sempre presentes em toda sua trajetória acadêmico-profissional. A prova disso está nos quatro volumes que compõem a Coleção Fortuna Crítica de José Marques de Melo, que foi organizada por: Clarissa Josgrilberg Pereira, Eduardo Amaral Gurgel, Iury Parente Aragão, Osvando J. de Morais e Sônia Jaconi. Um trabalho de fôlego, que merece ser reconhecido, pois além de render uma justa homenagem ao pesquisador, igualmente contribui de forma documental para a história da Comunicação, pois a trajetória acadêmica de José Marques de Melo se confunde (inúmeras vezes) com a história e o desenvolvimento da Comunicação, especialmente no Brasil.

Semeador de ideias, articulador de projetos, produtor intelectual incansável, incentivador de talentos acadêmicos, organizador infatigável de entidades, idealizador e estruturador de departamentos de jornalismo e de escolas de comunicação, metódico realizador na área da bibliografia, premiado em diversas ocasiões e por múltiplas entidades. Professor emérito e honoris causa, tem no jornalismo o fio condutor de suas reflexões. Formador de um contingente de profissionais e acadêmicos, entre tantas outras ações, parte significativa dessas contribuições multifacetadas está disponibilizada nos quatro volumes da Coleção.

A coletânea de textos, que compõe cada um dos livros editados, oferece igualmente pistas de pesquisadores que se nutrem intelectualmente do arcabouço teórico construído e solidificado pelo professor Marques de Melo ao longo de seus mais de 50 anos de vida dedicados aos estudos do jornalismo e suas vertentes comunicacionais. Ao mesmo tempo, esse último volume "Fortuna Crítica de José Marques de Melo. Liderança e Vanguardismo", mais do que a proposta de releitura de suas obras, os autores participantes brindam todos os leitores com as ações realizadas pelo mestre ao longo de sua trajetória, bem como evidenciam o reconhecimento dos pares para as grandes contribuições de Marques de Melo, ao longo de sua trajetória jornalístico-comunicacional, nacional e internacionalmente.

Prefaciada por Clarissa Josgrilberg Pereira, tem o texto introdutório de Iury Parente Aragão. Dividida em cinco seções (Premiação, Biografia, Coleções e Contribuições, Orientador Acadêmico e Gestão), a obra traça um panorama muito interessante das múltiplas facetas realizadas pelo mestre. O olhar observador e crítico das ações do mestre estão nos textos de Aline Strelow, Ariadne Freitas Bianchi de Oliveira, Clarissa Josgrilberg Pereira, Eduardo Amaral Gurgel, Eliane Mergulhão, Elizeu Correa Lira, Juliano Domingues-da-Silva, Júnior Pinheiro, Luís Erlin Gomes Gordo, Magnólia Rejane dos Santos, Marcia Furtado Avanza, Monica Martinez, Rosangela Malachias, Roseméri Laurindo e Rossana Gaia.

Dentre alguns destaques, que estão disponíveis na obra, podemos citar: recebeu o 1º lugar do prêmio Jabuti do ano de 2013 para a área de comunicação com o livro *História do Jornalismo: itinerário crítico, mosaico contextual*, especialmente analisado no primeiro capítulo deste livro por Osvando J. de Morais e Paulo B. C. Schettino. Foi agraciado com as distinções honoríficas: Prêmio Wayne Danielson de Ciências da Comunicação – University of Texas (Austin, USA), Medalha Rui Barbosa do Ministério da Cultura (Rio de Janeiro), Professor Honoris causa da Universidade Católica de Santos (São Paulo), Presidente de Honra da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Professor Emérito da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, entre tantas outras. Sua primeira biografia acadêmica "Grandes Nomes da Comunicação: José Marques de Melo" foi disponibilizada no ano de 2001, organizada por Maria Cristina Gobbi, com a colaboração de Rosa Maria Dales Nava, Juçara Brittes e o estímulo do jornalista Carlos Cavalcanti (in memoriam).

Prof.ª Dr.ª Maria Cristina Gobbi
UNESP Bauru

Coleção Fortuna Crítica da INTERCOM
Consultoria: Adolpho Queiroz, Marialva Barbosa, Rosa Maria Dalla Costa
Coordenadores: Aline Strelow, Iury Parente Aragão, Osvando J. de Morais, Sônia Jaconi e Tyciane C. Vaz

Vol. 1 – Fortuna Crítica de José Marques de Melo – *Jornalismo e Midiologia*
Iury Parente Aragão, Osvando J. de Morais, Sônia Jaconi, org. (2013)

Vol. 2 – Fortuna Crítica de José Marques de Melo – *Teoria e Pedagogia da Comunicação*
Iury Parente Aragão, Sônia Jaconi, Osvando J. de Morais, org. (2013)

Vol. 3 – Fortuna Crítica de José Marques de Melo – *Comunicação, Universidade e Sociedade*
Clarissa Josgrilberg Pereira, Iury Parente Aragão, Osvando J. de Morais, Sônia Jaconi, org. (2013)

Vol. 4 – Fortuna Crítica de José Marques de Melo – *Liderança e Vanguardismo*
Clarissa Josgrilberg Pereira, Eduardo Amaral Gurgel, Iury Parente Aragão, Osvando J. de Morais, org. (2015)

Vol. 5 – Fortuna Crítica da Intercom – *Visionários*
Iury Parente Aragão, Osvando J. de Morais, Roseméri Laurindo, Tyciane Cronemberger Viana Vaz, org. (2014)

Vol. 6 – Fortuna Crítica da Intercom – *Baluartes*
Iury Parente Aragão, Osvando J. de Morais, Roseméri Laurindo, Tyciane Cronemberger Viana Vaz, org. (2014)

Vol. 7 – Fortuna Crítica da Intercom – *Timoneiros*
Clarissa Josgrilberg Pereira, Iury Parente Aragão, Osvando J. de Morais, org. (2014)

Vol. 8 – Fortuna Crítica de Antonio Hohlfeldt – *Entre Comunicação, Jornalismos e Literaturas*
Aline Strelow, org. (2014)

Coleção Fortuna Crítica da INTERCOM
Consultoria: Adolpho Queiroz, Marialva Barbosa, Rosa Maria Dalla Costa
Coordenadores: Aline Strelow, Iury Parente Aragão, Osvando J. de Morais, Sônia Jaconi e Tyciane C. Vaz

DIRETORIA EXECUTIVA - TRIÊNIO 2014 2017

Presidência – Marialva Carlos Barbosa (UFRJ)
Vice-Presidência – Ana Silvia Lopes Davi Médola (UNESP)
Diretoria Financeira – Fernando Ferreira de Almeida (METODISTA)
Diretoria Administrativa – Sonia Maria Ribeiro Jaconi (METODISTA)
Diretoria Científica – Iluska Maria da Silva Coutinho (UFJF)
Diretoria Cultural – Adriana Cristina Omena dos Santos (UFU)
Diretoria de Projetos – Tassiara Baldissera Camatti (PUCRS)
Diretoria de Documentação – Ana Paula Goulart Ribeiro (UFRJ)
Diretoria Editorial – Felipe Pena de Oliveira (UFF)
Diretoria de Relações Internacionais – Giovandro Marcus Ferreira (UFBA)
Diretoria Regional Norte – Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues (UFAM)
Diretoria Regional Nordeste – Aline Maria Grego Lins (UNICAP)
Diretoria Regional Sudeste – Nair Prata Moreira Martins (UFOP)
Diretoria Regional Sul – Marcio Ronaldo Santos Fernandes (UNICENTRO)
Diretoria Regional Centro-Oeste – Daniela Cristiane Ota (UFMS)

Conselho Fiscal

Elza Aparecida de Oliveira Filha (UP)
Luiz Alberto Beserra de Farias (USP)
Osvando J. de Morais (UNESP)
Raquel Paiva de Araujo Soares (UFRJ)
Sandra Lucia Amaral de Assis Reimão (USP)

Conselho Curador – quadriênio 2013-2017

Presidente – José Marques de Melo
Vice-Presidente – Manuel Carlos da Conceição Chaparro
Secretária – Cicília Maria Krohling Peruzzo
Conselheiro – Adolpho Carlos Françoso Queiroz
Conselheira – Anamaria Fadul
Conselheiro – Antonio Carlos Hohlfeldt
Conselheiro – Gaudêncio Torquato
Conselheira – Margarida Maria Krohling Kunsch
Conselheira – Maria Immacolata Vassallo de Lopes
Conselheira – Sonia Virginia Moreira

Secretaria Executiva Intercom

Gerente Administrativo – Maria do Carmo Silva Barbosa
Web Designer – Genio Nascimento
Assistente de Comunicação e Marketing – Jovina Fonseca

Fortuna Crítica de José Marques de Melo

Liderança e Vanguardismo

Direção Editorial
Felipe Pena de Oliveira

Presidência
Muniz Sodré (UFRJ)

Conselho Editorial – Intercom

Alex Primo (UFRGS)
Alexandre Barbalho (UFCE)
Ana Sílvia Davi Lopes Médola (UNESP)
Christa Berger (UNISINOS)
Cicília M. Krohling Peruzzo (UMESP)
Erick Felinto (UERJ)
Etienne Samain (UNICAMP)
Giovandro Ferreira (UFBA)
José Manuel Rebelo (ISCTE, Portugal)
Jeronimo C. S. Braga (PUC-RS)
José Marques de Melo (UMESP)
Juremir Machado da Silva (PUCRS)
Luciano Arcella (Universidade d'Aquila, Itália)
Luiz C. Martino (UnB)
Marcio Guerra (UFJF)
Margarida M. Krohling Kunsch (USP)
Maria Teresa Quiroz (Universidade de Lima/Felafacs)
Marialva Barbosa (UFF)
Mohammed Elhajii (UFRJ)
Muniz Sodré (UFRJ)
Nélia R. Del Bianco (UnB)
Norval Baitelo (PUC-SP)
Olgária Chain Féres Matos (UNIFESP)
Osvando J. de Morais (UNESP)
Paulo B. C. Schettino (UFRN/ASL)
Pedro Russi Duarte (UnB)
Sandra Reimão (USP)
Sérgio Augusto Soares Mattos (UFRB)

Fortuna Crítica de José Marques de Melo

Liderança e Vanguardismo

Vol. 4 – Coleção Fortuna Crítica

Clarissa Josgrilberg Pereira
Eduardo Amaral Gurgel
Iury Parente Aragão
Osvando J. de Morais
(Orgs.)

São Paulo
Intercom
2015

Coleção Fortuna Crítica Vol. 4 – José Marques de Melo – *Liderança e Vanguardismo*

Copyright © 2015 dos autores dos textos, cedidos para esta edição à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM

Editor
Osvando J. de Morais

Projeto Gráfico e Diagramação
Mariana Real e Marina Real

Capa
Mariana Real e Marina Real

Revisão
Carlos Eduardo Parreira

Ficha Catalográfica

Fortuna Crítica de José Marques de Melo – Liderança e Vanguardismo / Organizadores, Clarissa Josgrilberg Pereira, Eduardo Amaral Gurgel, Iury Parente Aragão, Osvando J. de Morais. – São Paulo: INTERCOM, 2015. Coleção Fortuna Crítica; vol. 4
274 p. ; 23 cm

E-book
ISBN: 978-85-8208-090-0
Inclui bibliografias.

1. Comunicação. 2. Comunidade. 3. José Marques de Melo. 4. Obras de José Marques de Melo. 5. Cultura. 6. História da Comunicação. 7. Crítica. 8. Biobibliografia. I. Pereira, Clarissa Josgrilberg. II. Gurgel, Eduardo Amaral. III. Aragão, Iury Parente. IV. Morais, Osvando J. de. V. Título.

CDD-079.09
CDD-302.23

Todos os direitos desta edição reservados à:
Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM
Rua Joaquim Antunes, 705 – Pinheiros
CEP: 05415 – 012 – São Paulo – SP – Brasil – Tel: (11) 2574 – 8477 / 3596 – 4747 / 3384 – 0303 / 3596 – 9494
http://www.intercom.org.br – E-mail: intercom@usp.br

Sumário

Prefácio 13
Clarissa Josgrilberg Pereira

Introdução..... 15
Iury Parente Aragão

Seção I – Premiação

1.1 José Marques de Melo e a "História do Jornalismo": O prêmio Jabuti, um tardio e merecido reconhecimento 19
Osvando J. de Morais
Paulo B. C. Schettino

2.1 Troféus internacionais: reconhecimento ao embaixador brasileiro das ciências da comunicação..... 27
Roseméri Laurindo
Eduardo Amaral Gurgel

3.1 Láureas Nacionais: legitimação do vanguardismo acadêmico-profissional..... 39
Marcia Furtado Avanza

4.1 José Marques de Melo: o ícone da diáspora caeté..... 45
Magnólia Rejane dos Santos

5.1 Signos caetés: representações afetivas dos laços tribais 53
Rossana Gaia

Seção II – Biografias

1.2 Personalidade inquieta, curiosa, empreendedora – JMM segundo Cristina Gobbi 65
Clarissa Josgrilberg Pereira

2.2 José Marques de Melo e a Igreja Católica: o comunicar libertador 73
Luís Erlin Gomes Gordo

3.2 Entre o saber e o poder 79
Monica Martinez

4.2 A vida de Marques de Melo 87
Eliane Mergulhão

5.2 Em tempo de redes sociais – JMM segundo Marialva Barbosa e Osvando J. de Morais 97
Ariadne Freitas Bianchi de Oliveira

6.2 Breve análise da relevância de José Marques de Melo ao pensamento comunicacional brasileiro e latino-americano 103
Júnior Pinheiro

7.2 A nordestinidade em "Cidadania glocal, identidade nordestina", de José Marques de Melo 113
Elizeu Correa Lira

8.2 A dinâmica do tempo nos "Vestígios da Travessia" 121
Rosangela Malachias

Seção III – Coleções e Contribuições

1.3 Vozes de Petrópolis: projetando autores, descortinando temas e debatendo problemas 133
Aline Strelow

2.3 Clássicos do Jornalismo: diálogos com os fundadores do pensamento jornalístico brasileiro 141
Juliano Domingues-da-Silva

3.3 Pensamento Comunicacional Uspiano:
uma epopeia de José Marques de Melo 147
Guilherme Moreira Fernandes

4.3 Um fragmento do trajeto do pesquisador
José Marques de Melo – homem de identidade
nordestina e cidadania glocal 155
Ricardo José Oliveira Ferro

5.3 Pensamento Folkcomunicacional:
teses heterodoxas, autores mestiços 163
Cristina Schmidt

6.3 José Marques de Melo e o universo feminino 173
Maria Érica de Oliveira Lima

7.3 As múltiplas vozes no discurso comunicacional
crítico brasileiro 181
Rose Mara Vidal de Souza
Caroline Pinna de Oliveira

8.3 Gêneros jornalísticos: antologia sincrônica 185
Francisco de Assis

Seção IV – Orientador Acadêmico

1.4 Marques de Melo e a iniciação científica:
prática e teoria em um só movimento 203
Alfredo Dias D'Almeida
Marcos Corrêa

2.4 Um mentor na odisseia da pesquisa 215
Marli dos Santos

3.4 Um passeio lúdico pelos estudos sobre Comunicaçãoe Jornalismo
Marques de Melo e sua inspiração nos estudos
sobre jornalismo 223
Ana Carolina Rocha Pessôa Temer

Seção V – Gestão

1.5 A gestão de Marques de Melo na USP: tempos difíceis, feitos memoráveis 235
Eduardo Amaral Gurgel

2.5 Histórias da vida de um professor que construiu os caminhos da pesquisa e do ensino em comunicação no Brasil e foi cassado por culpa de Doris Day 245
Juçara Brittes

3.5 No Labjor/UNICAMP, o jornalismo científico e no curso da Fiam a Cátedra Otávio Frias de Oliveira 255
Graça Caldas

4.5 INTERCOM: a menina dos olhos, da dedicação e do entusiasmo de José Marques de Melo 259
Tyciane Cronemberger Viana Vaz

5.5 Abrindo caminhos nas Agências de Fomento 267
Sérgio Mattos

Prefácio

Clarissa Josgrilberg Pereira[1]

PREFÁCIO

Difícil é a missão de escrever um prefácio sobre uma obra organizada e tão múltipla quanto a Fortuna Crítica Marques de Melo, singularmente porque reconhece e discorre sobre uma figura emblemática do campo comunicacional.

Seguindo a lógica dos primeiros volumes da Coleção, este quarto também apresenta textos de pesquisadores que relatam obras, produções e ações de um dos pioneiros da comunicação, José Marques de Melo. Todavia, este último volume traz vertentes que os primeiros não abordaram, essencialmente, por focar mais as ações de Marques de Melo frente à busca do fortalecimento do campo comunicacional, por meio de gestão e representação política, ao invés de privilegiar as obras que ele publicou e organizou.

Desta forma, a performance do professor diante às Agências de Fomento à Pesquisa, as premiações que recebeu – as quais reconhecem não só a consolidação dele como pesquisador, mas a do próprio pensamento comunicacional brasileiro –, as coleções que produziu e a sua figura de gestor, são quatro das seis partes que estruturam a obra. Fora isso, ainda há resenhas

1. Doutoranda em comunicação social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Docente na Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista (FAIP) e na Unigran Net. Bolsista Capes.

das biografias feitas sobre Marques de Melo, bem como sua dedicação enquanto orientador acadêmico.

Esta obra não visa a encerrar o diagnóstico sobre a trajetória e o conjunto de produções de José Marques de Melo, até porque o professor em sua vivacidade continua a lançar novos olhares e novas publicações sobre o campo da comunicação. Mas, **Fortuna Crítica Marques de Melo** encerra o ciclo de obras que permite traçar o panorama das atuações de um dos pioneiros nos estudos comunicacionais brasileiros, cuja vida, profissão e obra faz parte do próprio processo de construção histórica do campo comunicacional.

Introdução

Iury Parente Aragão[1]

INTRODUÇÃO

Os três primeiros volumes da Coleção Fortuna Crítica de Marques de Melo se mostraram um trabalho de fôlego, pois a vida e a obra de JMM conseguiram ser ainda mais amplas do que nos foi contado por pessoas que participaram, de alguma forma, da trajetória dele. Para mostrarmos suas ideias sobre teoria e pedagogia da comunicação, sobre jornalismo e midiologia e sobre as suas ações em gestão acadêmica, supervisão editorial e para a disseminação científica, foram necessárias 1601 páginas e 154 artigos.

Mas enquanto imaginávamos que tínhamos conseguido dar conta de boa parte da vida profissional do professor Marques, foi percebido que outras facetas mereciam ser mostradas e nos foi sugerida a elaboração de um quarto volume.

E com o objetivo de conseguirmos mais histórias e mais reflexões sobre JMM, contamos com a colaboração de autores de todo o Brasil. Através dos textos de Osvando Morais e Paulo Schetino, Roseméri Laurindo e Eduardo Gurgel, Magnólia Santos, Márcia Avanza e Rossana Gaia podemos conhecer e entender as premiações dadas ao professor. Pelos escritos de Clarissa Pereira, Luís Erlin, Mônica Martinez, Eliane Mergu-

1. Doutorando em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Bolsista Capes.

lhão, Ariadne Bianchi, Lailton Costa, Júnior Pinheiro, Elizeu Lira e Rosângela Malachias é sabido quais são as obras biográficas sobre JMM e o que elas possuem de mais relevante sobre a vida dele. As contribuições à área da Comunicação são mostradas por Aline Strelow, Juliano Domingues, Maria Cristina Gobbi, Guilherme Fernandes, Ricardo Moresi, Gerson Martins, Cristina Schmidt, Maria Érica Lima e Rose Vidal. Alfredo D´Almeida e Marcos Correa, Marli dos Santos e Ana Carolina Temer nos mostram Marques de Melo enquanto orientador acadêmico. E, por fim, as ações de gestão de Melo estão nos artigos de Eduardo Gurgel, Juçara Brittes, Graça Caldas e Gisely Hime, Tyciane Vaz e Sérgio Mattos.

Esse quarto volume encerra a parte da Coleção Fortuna Crítica que tem José Marques de Melo como foco de análise. Porém outros textos e livros acabarão por serem elaborados, pois a atividade do homenageado no meio acadêmico não cessa. São pesquisas, congressos, livros, orientações etc. Marques de Melo não para: desde sua época de estudante em Maceió quando escrevia para a imprensa estudantil, no *CBA*, do Colégio Batista, até os dias atuais na Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional.

Pela coleção Fortuna Crítica de José Marques de Melo pode-se entender um pouco mais da vida do mestre. E ela também é uma fonte na qual pode ser verificada como a área da Comunicação Social foi sendo desenvolvida, pois muito do que ela é hoje passou, de uma forma ou de outra, por JMM.

SEÇÃO I

PREMIAÇÃO

José Marques de Melo e a "História do Jornalismo": O prêmio Jabuti, um tardio e merecido reconhecimento

Osvando J. de Morais[1]
Paulo B. C. Schettino[2]

1.1
CAPÍTULO

1. Doutorado em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Mestrado em Literatura Brasileira e graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). É autor do livro *Grande Sertão: Veredas - O Romance Transformado* (São Paulo, EDUSP/FAPESP, 2000). Dirige as Coleções Azul de Comunicação (Ateliê Editorial), Verde-Amarela, Memórias (incluindo nesta Coleção as séries Personalidades e Documentos), Coleção GP'S e Coleção Beltranianas de Comunicação (INTERCOM). Editor e Diretor da OJM-Casa Editorial. Tem organizado publicações, escrito artigos na área de comunicação. Pesquisa as relações e aproximações entre as Teorias da Comunicação, a Hermenêutica, a Compreensão e a Interpretação. É Professor e Pesquisador da UNESP Bauru-SP.

2. Cineasta, Professor e Pesquisador em Comunicação, Cultura e Cinema, é natural da cidade de Castelo-Espírito Santo. Iniciou seus estudos universitários no Rio de Janeiro, anteriormente a 1964, ainda na antiga Universidade do Brasil, graduando-se em Licenciatura em Física e Físico-Tecnólogo, após 1964, já pela Universidade do Rio de Janeiro-UFRJ.
   Nos anos 70, faz controle técnico de processamento de filmes cinematográficos nas empresas Líder-Cine Laboratórios e REX Filmes. Pós-Produção e Finalização de Filmes Cinematográficos (Efeitos Especiais e Trucagens), de filmes como *A Hora da Estrela*, de Suzana Amaral, *Kuarup*, de Ruy Guerra, *A Dança dos Bonecos*, de Helvécio Ratton, *Brasa Adormecida* de Djalma Limongi Batista (premiado no II Rio Cine Festival).
   Mestre em Cinema (Imagem e Som) e Doutor em Ciências da

MELO, José Marques de. História do Jornalismo: Itinerário Crítico, mosaico contextual. São Paulo, Paulus, 2012.

Não é nenhum exagero dizer que o Prêmio Jabuti, como cultura do livro impresso, é seguramente o mais importante do Brasil. Faz 56 anos que o Prêmio Jabuti existe e uma grande maioria de nossos autores, de quase todas as áreas produtoras de conhecimento científico, literário, artístico, tecnológico, direito e comunicação já faz parte de sua galeria de premiados. Não se pode negar que para os parâmetros brasileiros, todos esses anos de existência traduzem tradição, importância e uma inequívoca qualidade em muitos sentidos.

O importante é que este prêmio também nos remete e obriga o reconhecimento de alguém, um humano e seu labor. Reconhecer significa acima de tudo, mais que conhecer duplamente um autor em sua área de atuação, assenhorar-se de sua multiplicidade: ora como pesquisador ora como pensador, e muito mais do que isso. Ter ciência como alguém contribui com o outro por evidenciar estar próximo de seu tema, de suas verdades, crenças e descobertas. Para a área de comunicação isto significa muito mais coisa além. Significa respeito, visibilidade e também... o 'reconhecimento' como quer Todorov – os 'vai e vem' das trocas entre pessoas não mais isoladas no tecido social, vasos comunicantes de um sistema como também quer a Física.

Algo semelhante ao sucedido anteriormente com o suiço Ferdinand de Saussure pode ser percebido na trajetória do nosso brasileiro José Marques de Melo. Se aquele cria a Semiologia a partir das particularidades das teorias do signo verbal conseguindo antever a complexidade de uma teoria irrestrita a compor a totalidade de signos diferenciados, José Marques de Melo parte do Jornalismo em direção à amplitude do fenômeno da Comunicação em que a prática de jornalismos seria apenas um segmento. Desse modo, Marques de Melo inaugu-

---

Comunicação, pela Universidade de São Paulo – USP.

Pós-Doutoramento em Cinema (Imagem e Som), na Universidade de Brasília – UnB (2011).

Membro da Academia Sorocabana de Letras – ASL, de Sorocaba/SP (2012).

Professor-Visitante da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, magistério e orientação de pesquisas acadêmicas em Cinema (2013).

Membro do júri internacional do Festival Internacional do Porto 7 e palestrante na homenagem prestada ao cineasta brasileiro Eduardo Coutinho (2014).

É autor dos livros *Diálogos sobre a Tecnologia do Cinema Brasileiro* e *Da Pedra ao Nada: a viagem da Imagem – escritos apolíneos sobre os media*. Autor do curta-metragem *Migrações*. Menção Honrosa pelo documentário *Ora (direis) ouvir estrelas!* no Festival Porto 7 – Porto/Portugal (2008).

ra no Brasil a dupla via a ligar indissoluvelmente Jornalismo e Comunicação. Foram necessários vários livros para que o autor superasse as diferenças e novos contornos fossem traçados: o Jornalismo como uma área particularizada ocupada pelo domínio da palavra escrita enquanto a Comunicação como a grande-área a cobrir as demais formas de práticas e procedimentos comunicacionais.

A totalidade da obra já existente de José Marques de Melo, ainda a ser acrescida em virtude de continuar incansavelmente a escrever, forma uma espécie de mapa geral da comunicação no Brasil. Foi o primeiro Doutor da área e suas pesquisas têm sistematizado as análises dos processos de implantação e evolução dos meios de comunicação de massa no país. Embora a princípio seu trabalho esteja centrado em jornalismo de maneira mais que explícita, não se limita a tais procedimentos, seu método é mais abrangente e sua capacidade de síntese, conhecimento das complexidades de uma área como a comunicação fez dele o pesquisador de comunicação que é hoje.

Como testemunha ocular da história da Comunicação em nosso país, tanto de seus *media* de mercado quanto de sua pesquisa e ensino, Marques de Melo afirma-se aqui como um exímio historiador ao relatar os grandes acontecimentos e os grandes embates que possibilitaram a construção do universo multifacetado da Comunicação que temos hoje.

A cisão observada nos meios académicos entre os puramente teóricos de um lado e do outro, os empíricos enfatizando a prática; também a cisão entre Universidade e Mercado frente às diferentes habilitações profissionais ofertadas aos que buscam o Ensino na área, são alguns dos temas abordados com maestria pelo autor em suas obras, dado que ele dedicou toda a sua vida à Comunicação.

Seus relatos verdadeiros, também documentados aqui, como em muitos outros livros de sua vasta produção, emocionam e fazem pensar na figura de um incansável guerreiro que muito tem contribuído, e continua a contribuir, e formou e continua a formar gerações de pesquisadores atuantes nas mais renomadas instituições de ensino superior, públicas e privadas, espalhados em todo o território nacional.

É este o trabalho importante de José Marques de Melo. E eis a razão de merecer o reconhecimento a que lhe era devido.

Não é simplesmente a produção de mais um livro. É um livro muito especial sobre a História do Jornalismo que tem como proposta consolidar não somente a Disciplina: História do Jornalismo, mas também contrbuir com reflexões verdadeiras e seguras sobre o jornalismo e a Comunicação no Brasil.

Fica explícito, em virtude disso, que pensar sobre o Jornalismo no Brasil equivale a pensar a Área de Comunicação como um todo e o propósito do autor neste livro é o de ensejar a discussão das questões fundamentais da comunicação

e trazer às novas gerações de pesquisadores informações preciosas que provavelmente a curta memória brasileira deixaria adormecida, e esta obra do autor cumpre esse importante papel.

O renomado Prêmuio Jabuti já traduz toda aimportância do livro para a área no país e na America Latina, e o cuidado que José Marques de Melo teve ao escreve-lo mostra ainda uma memória fundamental que o historiador que também existe nele reconstrói minuciosamente. Nenhum nome foi esquecido para o pesquisador e testemunha ocular da história da Comunicação em nosso país a cobrir o período largo e importante desde o início da implantação ao desenvolvimento sequenciado que se verificou em sua evoluçao às últimas décadas no século XX, tanto sobre os *Media* de mercado como também sua transformação em objeto acadêmico para as pesquisas e ensino.

Marques de Melo afirma-se aqui como um exímio historiador ao relatar os grandes acontecimentos e os grandes embates que possibilitaram a construção do universo contraditório do jornalismo e da Comunicação que temos hoje.

Os meandros de pensamento trilhados por ele seriam como veredas que afluem na corporificação do livro História do Jornalismo, como prova de uma maneira e abordagem próprias, caracterizadas por um pensamento radical e ao mesmo agregador.

Os processos históricos observados e divididos por Marques de Melo como conhecimento, pensamento, cognição, controle e práxis mostram a capacidade do autor em acompanhar detalhadamente a gênese do jornalismo em nosso país, as polêmicas, os primeiros autores, e pensadores que fizeram do jornalismo o que ele é hoje.

Os escritos de Marques de Melo sintetizados nesta história do jornalismo se constituem em quadro geral em que se resgatam o jornalismo brasileiro, em sua dinâmica, com suas tradições e contradições observáveis do nascimento que contrasta com a precocidade da reflexão típica do jornalismo, como diz o autor.

A importância deste livro comprovada pelo seu conteúdo transforma-o em obra fundamental que dificilmente poderá deixar de ser lida ou que mereça ser ignorada por qualquer pesquisador de comunicação.

Marques de Melo afirma que para mapear os caminhos do pensamento jornalístico no Brasil foi indispensável revisar a literatura do campo. Este mapeamento o fez avaliar as matrizes exógenas e endógenas essenciais para se estudar o jornalismo em sua dinâmica.

Para analisar o pensamento jornalístico brasileiro em sua formação, Marques chegou às referências históricas como Hipólito da Costa, Frei Caneca e Evaristo da Veiga. Estas mesmas referências são fundamentais para entender esse embrião de ideias que demarcaram espaço em nosso país pós-independência.

Importante ressaltar que José Marques de Melo mostra implicitamente autores que participaram da construção do jornalismo e forneceram substâncias e prepararam terreno para que se fizesse um jornalismo especificamente brasileiro. Autores que avançariam o Século XX como José Veríssimo, Rui Barbosa então próximos e distantes ao mesmo tempo. Fizeram a passagem entre os séculos, que muito embora sejam lidos de maneira apressada nos cursos universitários, mas que com o passar do tempo se transformaram em autores fundamentais para o campo jornalístico.

Vivemos em país novo e consequentemente a nossa história oficial também é nova. Neste livro, a luz se volta também para Barbosa Lima Sobrinho, Alceu Amoroso Lins, Danton Jobim que são nossos contemporâneos. Esta é uma das funções de um grande livro como esse.

Como o próprio autor diz, propôs-se a fazer um mapeamento dos pensadores que fizeram história, inaugurando um novo modo de pensar o jornalismo brasileiro. Estas reflexões de Marques de Melo sobre o jornalismo também nos levam de encontro a jornalistas mais do que contemporâneos, pois ainda estão na batalha, travando discussões sobre as mudanças tecnológicas, formatos e aparatos digitais.

Perfila por Alberto Dines, Cremilda Medina, Carlos Eduardo Lins da Silva, Juremir Machado, Eugênio Bucci e outros que concentram discussões sobre as mudanças ocorridas ou em curso sobre a área de jornalismo nos vários sentidos que englobam o teórico, o técnico e o prático.

Nas dimensões que nestas alturas o jornalismo adquiriu, nem mesmo as subdivisões foram esquecidas, como por exemplo, o Jornalismo Científico e o Cultural, entre outras segmentações. O resgate do ensino e da pesquisa do Jornalismo no Brasil tem um lugar especial tanto nesta História do Jornalismo, como na vida do autor. É o papel do pesquisador e do acadêmico que ganha relevo no contexto brasileiro à luz de um ideal mais amplo que contempla a pesquisa, o ensino e a extensão – os pilares básicos da constituição das universidades.

Este é outro aspecto importante da História do Jornalismo elucidado por Marques de Melo que analisa a gênese da consolidação do jornalismo no Brasil a partir da cultura universitária.

Neste sentido é alimentado pelo modelo das universidades estadunidenses que cumpria, primeiramente, o papel de treinar jornalistas conforme as demandas para transformar-se em espaço de produção de informação ou notícia.

É através dos debates destes argumentos que educadores progressistas discutem o jornalismo em suas várias funções, seja no sentido de treinar para o mercado, seja de nutrir intelectualmente jornalistas com bagagem cognitiva.

Impossível apontar todas as questões históricas relevantes abordadas ao longo de todo o livro, pois o autor levanta minuciosamente cada passo importante do jornalismo brasileiro desde os primórdios até os dias de hoje.

O tema liberdade de imprensa é especial para Marques de Melo como não poderia deixar de ser. Não somente para ele, mas para todo jornalista. Por isso, o autor retoma a história da censura no Brasil desde os tempos do Brasil Colônia até a ditadura militar, salientando que a mordaça existente na relação entre os meios de comunicação e censura é um problema de difícil solução e de constante latência.

A questão de crise do jornalismo é um dos momentos importantes do livro. Trata-se da crise provocada pelas mutações tecnológicas iniciadas ao final do século XX e virou o século até nossos dias originando intermináveis discussões sobre a reserva de mercado aos diplomados e por outro lado, a morte do jornalismo. São discussões que permearam os problemas relacionados à mudança de formato, ao suspeitado desaparecimento do impresso, culminando com uma crise de identidade geral, que traduz para o jornalismo o que aconteceu e ainda acontece com todas as mídias.

José Marques de Melo recorre novamente à história para justificar mais uma crise entre tantas outras ao longo da história.

Analisar a história dos paradigmas é outra preocupação do autor, pois através do conhecimento acumulado é que se obtem respostas às questões atuais. No entanto, independente de conhecimentos a questão midiática desafia os pesquisadores e especialistas. Vivemos entre dois paradigmas: o Anglo-Americano e o Latino-Americano. Buscamos comparações na tentativa de compreender as relações com as mídias. É neste contexto que José Marques de Melo se revela não somente um historiador, mas um exímio estrategista. Seu "roteiro de lutas" mostra as várias batalhas e o tamanho delas. É a construção do campo de comunicação que depende de muita luta. Não faltam associações que lutam pelas mesmas causas, mas com interesses e níveis de subserviência diversos. Há que se buscar na memória a herança cultural compreendida em toda a nossa história com diferenças e semelhanças com outros países do continente. Por fim, as grandes indagações levantadas por José Marques cujas respostas dependem de interpretações de elementos de história da comunicação, ou mais exatamente na história do jornalismo, que podem justificar explicitamente ou não.

Restam os narradores evocados e através de seus relatos chegarmos a alguma conclusão. No entanto, a História também é feita por aqueles que não tiveram voz, mas deixaram marcas, pegadas ou vestígios que são tão importantes quanto qualquer registro. São as raízes brasileiras que seriam ainda a base. Não foi apenas isto que fez José Marques de Melo. Ele deu voz a uma grande maioria dos autores que fazem e fizeram a comunicação no país, mas também é um escavador, um arqueólogo das Ciências da Comunicação no Brasil.

José Marques de Melo testemunhou quase todas as grandes lutas que objetivaram consolidar o campo académico das Ciências da Comunicação no Brasil.

Em virtude disso, pode-se perceber o propósito do autor neste livro de subsidiar as novas gerações que como pesquisadores resistentes em suas barricadas, assim como o mestre, não medirão esforços no intuito de fortalecer criticamente a área estabelecendo um pensamento comunicacional brasileiro demandado pela indústria cultural.

Neste sentido, nos conduz pensar a Comunicação quando orienta primeiramente associá-la ao poder ou aos que se apropriaram da Comunicação exercendo o poder económico de forma tanto concreta quanto simbólica, para depois empreender a complexa tarefa de entender a sociedade mediatizada de massa, assim como os produtores de conteúdo que veiculam seus trabalhos nos meios de difusão coletiva com grande peso ideológico. Portanto, a importância de Marques de Melo reside na socialização de raros relatos de cunho jornalístico importantíssimos como fontes de pesquisa para a comunidade académica e para os que virão depois de nós.

Repassa-nos diversas referências que jamais podem ser esquecidas. McLuhan figura como um herói que foi menosprezado e somente agora reabilitado pela revolução tecnológica das últimas décadas resultante da digitalização de som e imagem principalmente na passagem do século XX até a velocidade e intensidade de nosso novo século.

Faz parte da luta reconhecer o trabalho daqueles que palmearam cada espaço, demarcando territórios, como os bandeirantes. Por outro lado, reabilitar os heróis, como é o caso de McLuhan, é um dever devido não só à importância de suas ideias, mas também pela sua capacidade de antever desdobramentos da comunicação nos dias atuais.

A nossa realidade é percebida quando nos damos conta que as ideias colonizadoras continuam ocupando o mesmo espaço de antes. Só as Teorias Culturalistas com suas matrizes conseguem justificar essa atração fatal pelo que vem de fora. A América Latina inteira vive esse nosso problema, sofrendo as mesmas consequências, salvo alguns países que fizeram opções diferentes durante a guerra fria. As consequências e os resultados das políticas comunicacionais implantadas a partir dos conglomerados e oligarquias podem ser sentidos no ensino e na Pesquisa em comunicação. Não se trata aqui de retomar a velha divisão proposta por Umberto Eco, entre apocalípticos e integrados, mas equacionar uma sequência de projetos políticos implantados no Brasil cujos resultados são perceptíveis na formação de mão de obra com identidades sem consciências de suas raízes.

Marques de Melo fez um livro que não passou desapercebido pela maioria dos estudiosos da área. Por isso mesmo, trata-se de uma grande referência real, pois fornece material para futuros pesquisadores. Fica nítida a preocupação do

autor não somente em descrever, mas também mapear um campo em constante mutação, cheio de armadilhas e contradições. Neste espaço, há cruzamentos que mostraram os movimentos de academia, os questionamentos e discussões sobre qualidade e quantidade. São os avanços necessários, envolvendo tanto os teóricos quanto os empíricos que por sua vez participam de um mercado também em construção, estimulados primeiramente pela televisão e, nos dias atuais, pela internet com suas assim chamadas redes sociais.

As questões internacionais mereceram uma abordagem especial neste livro, pois, vivemos e sofremos influências que vêm da Europa e dos EUA e as consequências são visíveis. As teorias e as práticas aqui ainda são aquelas importadas e sequer sofreram quaisquer processos de aclimatação, amadurecimentos e adaptação.

Este é um livro especial não apenas porque resgata as ações de um militante, construtor do Campo da Comunicação, mas também porque faz surgir implicações políticas e influências de ideias vindas da Europa e Estados Unidos, mudando os modos de se pensar e praticar a comunicação no Brasil quando os *media* passaram a atuar e as escolas de Comunicação começaram a serem criadas e disseminadas pelo país. Muita gente sabe, ou melhor, toda a comunidade acadêmica da área da Comunicação conhece o trabalho de fôlego de Marques de Melo. As suas análises provocam todo tipo de reações. Seus seguidores acompanham e reafirmam ideias que sempre se comprovam inovadoras, mesmo nesse universo mutante como é o da comunicação, tanto no Brasil como no mundo.

Não sem tempo é chegada a hora e vez de ao Prof. José Marques de Melo ser atribuído o seu Jabuti. Por fim, as atenções se voltaram para os aspectos relevantes de sua obra e seu contínuo fluxo de criação e a subsequente contribuição prestada à área de comunicação, simbolizadas neste prêmio que ultrapassa ao específico e presente "História do Jornalismo", e se estende a toda à área, representada na imagem do autor,que também não se prende apenas como pensador somente do jornalismo. Seu domínio e atuação é a Comunicação. E é assim que recebemos, reconhecemos e compartilhamos uma obra de referência natural que agora passa a ser obrigatória.

2.1
CAPÍTULO

Troféus internacionais: reconhecimento ao embaixador brasileiro das ciências da comunicação

Roseméri Laurindo[1]
Eduardo Amaral Gurgel[2]

1. Coordenadora do Curso de Jornalismo da Universidade Regional de Blumenau, onde é professora titular de Teorias da Comunicação. Concluiu estágio pós-doutoral em Comunicação na Universidade Metodista de São Paulo, com apoio do CNPq (2012-2014). Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa (2005), Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (1998), graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (1991). Integra Grupo de Pesquisa Pensa-Com/Brasil, da Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Coordena o Grupo de Pesquisa Gêneros Jornalísticos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (INTERCOM). Autora de várias publicações, dentre as quais o livro "AI-5 na academia – o manual do lead usado pelos golpistas de 1964 para punir o ensino de jornalismo", publicado em 2014, pela Edifurb.

2. Doutorando e Mestre em Comunicação Social – Universidade Metodista de São Paulo (2012) sob a orientação do Professor Doutor José Marques de Melo. Especialização em Comunicação Empresarial – Unitoledo Araçatuba (2011) e graduação em Comunicação Social – Jornalismo – Faculdades Adamantinenses Integradas (2007). Integra o Grupo de Pesquisa Pensa-Com/Brasil da Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Revisor da RBCC (Revista Brasileira de Ciências da Comunicação– INTERCOM). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Tem mais de 17 anos de experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo – jornal impresso e revistas. xagurgel@yahoo.com.br.

A premiação de uma pessoa indica o quanto de sua realização alcançou reconhecimento. Costuma-se dizer, no Brasil, que as honrarias normalmente são feitas lá de fora para, só depois, os conterrâneos, em vida, fazerem as devidas referências. No campo científico da Comunicação, o pesquisador José Marques de Melo é um exemplo para mudança desse panorama, sendo ele próprio um dinamizador do altruísmo entre os acadêmicos, a começar pela lista de prêmios que conquistou, inspirando pesquisadores de todo o país a compartilharem suas experiências memoráveis.

Com capacidade realizadora surpreendente, o pesquisador desperta atenção pela produtividade, que gera desdobramentos em todos os estados brasileiros. No conjunto de suas premiações revela-se um verdadeiro embaixador brasileiro das Ciências da Comunicação, sendo que o reconhecimento acontece no país e no exterior. Ao registrarmos as premiações pelas décadas, observa-se a passagem de Marques de Melo pelos 50 anos das Ciências da Comunicação numa sincronicidade de eventos par e passo com a constituição e amadurecimento do campo científico brasileiro.

Dentre as diversas homenagens recebidas por José Marques de Melo (vide listagem no final do texto), três menções internacionais se revestem de importância ainda maior pelo contexto em que foram conferidas ao homenageado. Trata-se das seguintes honrarias: Prêmio Wayne Danielson (UTexas, Austin, USA-1997); Prêmio Iberoamericano de Teoria da Comunicação (Universidade de Oviedo, Espanha); Prêmio de Comunicador da Paz (Organizações Católicas de Comunicação. Quito, Equador).

Prêmio Wayne Danielson

Crédito: Eduardo Gurgel 1

Dos tributos internacionais que José Marques de Melo ganhou destaca-se com maior evidência o prêmio Wayne Danielson concedido anualmente desde 1991 pela Universidade do Texas, em Austin. De acordo com a inscrição, o prêmio é concedido em reconhecimento às Relevantes Contribuições às Ciências da Comunicação.

Um comitê interdisciplinar integrado pelos pesquisadores Maxwell McCombs, John Leckenby, Federico Subervi, Ron Green e Tom Marquardt analisaram a trajetória científica e profissional dos candidatos ao prêmio no ano de 1997 e, após con-

sultarem a comunidade acadêmica comunicacional, optaram por José Marques de Melo. A solenidade de entrega do Prêmio Wayne Danielson aconteceu no dia 13 de novembro de 1998.

> Realizado no Auditório do College of Communications, o ato foi conduzido pela Dean Ellen Wartela, que fez a apresentação do homenageado, destacando sua liderança na comunidade acadêmica latino-americana. Explicou ainda o sentido do prêmio, um símbolo de reconhecimento ao trabalho intelectual do professor Wayne Danielson, o consolidador do College of Communications da Universidade do Texas (GOBBI, 2001, p.123)

Após a solenidade, José Marques de Melo proferiu uma Aula Magna com o tema "A Pesquisa Latino-Americana de Comunicação nas Encruzilhadas Globais".

"À noite, houve um jantar de gala no Headliners Club com a presença de várias personalidades que atuam em programas de cooperação internacional" (GOBBI, 2001, p.123). Para a surpresa de José Marques de Melo, o patrono do prêmio, Wayne Danielson, estava presente ao evento. Marques de Melo conta que

> em tempos passados Wayne Danielson foi meu professor no curso de pós-graduação no Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para América Latina na cidade de Quito, no Equador, na década de 1960, mas eu não sabia que ele estaria nas festividades da premiação, o que foi uma grata surpresa (MARQUES DE MELO, informação verbal).

Antes de Marques de Melo ser agraciado no ano de 1997, já haviam sido premiados George Gerbner na primeira edição do prêmio em 1991, James Carey (1992), W. Charles Redding (1993), Herbert Schiller (1994), Elihu Katz (1995) e Adam Kendon. À exceção de Elihu Katz, de Israel, todos os outros laureados são dos Estados Unidos. Desta forma, José Marques de Melo torna-se o primeiro pesquisador da América Latina a receber tal honraria.

Após Marques de Melo, outras personagens importantes no campo comunicacional foram agraciadas com o prêmio: Kathleen Hall Jamieson (1998), Everettt M. Rogers (1999), Oscar H. Gandy Jr. (2000) entre outros.

Marques de Melo guarda com afeição o troféu (vide fotografia) recebido por ocasião do Prêmio Wayne Danielson conferido como reconhecimento aos cientistas que se destacaram por trabalhos significativos no âmbito das ciências da comunicação.

Prêmio Comunicador da Paz

Crédito: Eduardo Gurgel

O Prêmio Comunicador da Paz instituído pela Organização Católica Latino-americana e Caribenha de Comunicação – OCLACC é em reconhecimento da história de vida em favor da promoção da paz, da justiça, da solidariedade, da democracia e da participação cidadã dos comunicadores latino-americanos.

Na edição de 2009, após deliberação do Conselho da OCLACC, José Marques de Melo foi agraciado com o Prêmio Comunicador de Paz. Neste ano haviam onze candidaturas oficialmente registradas e aptas para concorrer ao prêmio nas suas duas categorias: *homenagem trajetória de vida* e *homenagem póstuma*.

A decisão anunciada pelo Conselho da OCLACC, na manhã de terça-feira, 30 de junho, conferiu o Prêmio Comunicador da Paz aos comunicadores José Marques de Melo e Javier Darío Restrepo, laureados na categoria trajetória de vida.

Na categoria *homenagem póstuma* o Prêmio Comunicador da Paz 2009 contemplou Dom Leonidas Proaño, lembrado como o Bispo dos índios e monsenhor Oscar Arnulfo Romero, arcebispo de San Salvador.

O ato solene da entrega do Prêmio Comunicador da Paz 2009 aconteceu na noite de 14 de julho de 2009 dentro da programação do Mutirão Latino-americano e Caribenho de Comunicação, realizado na sede de Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

Impossibilitado de participar do evento por compromissos anteriormente assumidos, José Marques de Melo foi representado na ocasião pelo padre, sociólogo e comunicador Pedrinho Guareschi.

Porém, em entrevista a José Mármol y Asunta Montoya da OCLACC, José Marques de Melo demonstrou todo seu apreço ao prêmio recebido.

> Ao receber a notícia de ter sido designado como Comunicador da Paz pensei em todas as pessoas que se dedicaram à comunicação eclesial. Me senti muito emocionado pelo fato de que faz tempo que não estou nesta militância dos movimentos sociais que participei na minha juventude, na fase de início de minha vida intelectual, e não imaginava que tivera esse tipo de méritos; não sei se tenho os méritos para ganhar esse prêmio, mas se me outorgaram, creio que isso tem mais a ver com a trajetória que tenho desenvolvido, sobretudo na formação de pessoas que estão aí; eu formei várias dezenas de pessoas que se dedicam à comunicação eclesial, como doutores, mestres, jornalistas, produtores de rádio, pelo que creio que o prêmio deve ser para eles, porque são eles que fazem um trabalho de comunicação para a paz (MARQUES DE MELO, informação verbal[3]).

Prêmio Ibero-Americano Asicom-Universidad de Oviedo 2010

Em 2010, José Marques de Melo ganhou o Prêmio Ibero-americano ASICOM – Universidade de Oviedo, instituído por um consórcio internacional formado pela Universidade de Oviedo (Astúrias – Espanha), jornal *El Universal* (México) e *Asociación Iberoamericana de Comunicación* (ASICOM).

Crédito: Eduardo Gurgel 1

A curadoria do prêmio é de responsabilidade da Cátedra de Teoria da Comunicação da Universidade de Oviedo, com o patrocínio do jornal mexicano *El Universal* e administração da ASICOM. Ainda

3. Informações obtidas durante orientação na Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional em 23 de setembro de 2014.

conta com a supervisão de um comitê acadêmico integrado pelos professores Robert M. Krauss (Universidade de Columbia, EUA), Antonio Pasquali (Universidade Central da Venezuela), Manuel Martín Serrano (Universidade Complutense de Madrid), Enrique Bustamante (FUNDESCO) e Miguel de Moragas Spá, da Asociación Española de Investigación de la Comunicación (AE-IC).

Segundo Carlos Hernández Collado, presidente da ASICOM o prêmio é concedido a profissionais, acadêmicos e artistas que se destacaram em diversas disciplinas dentro do contexto ibero-americano, contribuindo com o seu trabalho para construir e reconstruir esta região histórica.

Neste contexto, os prêmios concedidos anualmente obedecem a uma temática regional. O tema principal do Prêmio Ibero-americano 2010 foi centrado na importância histórica que os bicentenários das Independências Latino-Americanas representam para a região.

No ano de 2010, além de José Marques de Melo, outras quatro personalidades foram laureadas com o prêmio: o jornalista mexicano Jacobo Zabludowsvy, o músico panamenho Danilo Pérez, o linguista espanhol Victor Garcia de la Concha, presidente da Real Academia Espanhola, e o empresário asturiano Graciano Garcia, fundador e presidente emérito da Fundação Príncipe de Astúrias.

A cerimônia de entrega do Prêmio Ibero-americano 2010 aconteceu na noite do dia 8 de outubro de 2010, no salão nobre da Universidade de Oviedo. Na ocasião, José Marques de Melo recebeu o prêmio, que é simbolizado por uma escultura do jovem artista espanhol Hugo Fontela, e elogios de autoridades das instituições que compõem o consórcio internacional que coordenam o evento.

Carlos Hernandez Collado, presidente da ASICOM, disse que os cinco premiados são "mestres com letra maiúscula que, ao longo de suas trajetórias de vida e profissionais têm plantado a semente da recuperação do sentido da Ibero-América" (TALLER, 2010, s.d. tradução nossa).

Definindo os cinco contemplados do prêmio, o diretor da Cátedra de Comunicação e presidente executivo e do Conselho de Administração do El Universal, Juan Francisco Ealy Ortiz, ressaltou que "os homens que estão nesta mesa estão cheios de bondade, a virtude que leva a fazer o bem e promover caminhos para que outros sejam melhores. Desses homens que digo: Sempre estão ao serviço de uma sociedade melhor" (PREMIO, 2010, [s.d], tradução nossa.).

"Aprendamos com a leitura do livro *Comunicação Social: Teoria e Investigação* uma obra de leitura obrigatória que Marques de Melo entregou ao mundo" (PREMIO, 2010, [s.d]. tradução nossa), complementou Ealy Ortiz em referência ao comunicólogo brasileiro.

Um dos fatores que possibilitaram o conhecimento da obra de José Marques de Melo na Europa e o ajudou a ganhar o prêmio da ASICOM foi também a

edição do livro *Entre el saber y el poder – pensamiento comunicacional latinoamericano*, publicado pelo *Comité Regional de Cooperación* com a UNESCO, no México, onde estão reunidas suas principais contribuições à teoria da comunicação. Com o sucesso alcançado, o livro foi reeditado na Espanha pela editora *Comunicación Social de Sevilha*, com o apoio do Ministério da Cultura. A bibliografia de José Marques de Melo é sistematicamente difundida pela enciclopédia digital Infoamérica[4], publicada pela Universidade de Málaga.

O Prêmio Ibero-americano ASICOM-Universidade de Oviedo se reveste de uma importância ainda maior para José Marques de Melo por ser ele o primeiro pesquisador a receber a honraria, já que nas edições passadas o prêmio foi concedido exclusivamente a profissionais e empresários.

Considerações

Além de reconhecimento, as premiações ensejam também compromisso com as entidades e área envolvidas. Desse modo, o famoso ato de recusa do Nobel por Jean-Paul Sartre, por exemplo, em 1964, deu-se não por desqualificação à academia sueca, mas porque Sartre não queria institucionalizar-se com o prêmio, no contexto da Guerra Fria. Num contraponto, nota-se que títulos, distinções e prêmios de Marques de Melo são aceitos e lembrados com orgulho pelo pesquisador, que agrupa com tais méritos as peças constituidoras das Ciências da Comunicação no Brasil.

Relação de premiações que Marques de Melo já recebeu

Anos 60

1960 – Prêmio no concurso de monografias da V Semana Nacional do Livro – promoção da Prefeitura Municipal de Santana do Ipanema, em Alagoas.

1963 – Prêmio Aníbal Fernandes, no concurso de reportagens da Universidade Católica de Pernambuco, em Recife.

1964 – Menção honrosa regional do Prêmio Esso de Jornalismo, em Recife.

1965 – Contemplado com a bolsa de pós-graduação da UNESCO, para pesquisa no Centro Internacional de Estudos Superiores da Comunicação para América Latina (Ciespal), em Quito, no Equador.

4. Para mais informações ver: www.infoamerica.org

Anos 70
1973 – Primeiro bolsista da Fapesp para pós-doutorado em Jornalismo no exterior, com pesquisa na Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos. O relatório só foi publicado no ano de 2012 pela INTERCOM, no livro bilíngue com o título *Journalism made in USA.*

Anos 80
1980 – Medalha de fundador do Centro de Pós-Graduação da Universidade Metodista de Ensino Superior de São Paulo (UMESP), em São Bernardo do Campo.
1988 – Bolsa de estudos de pesquisador sênior do CNPQ, junto à Universidade Complutense de Madri, Espanha.

Anos 90
1993 – Personalidade do Ano no Campo da Comunicação pela Fundação Rotary Club, de São Paulo.
1995 – Bolsa de estudos de pesquisador sênior, *Tinker Foundation*, *University of Texas*, *Austin*, *USA.*
1997 – Distinção no Prêmio Wayne Danielson pela contribuição na Comunicação (*Wayne Danielson Award for Distinguished Communication Scholarship)*, pela Universidade do Texas, em Austin, nos Estados Unidos.
1997 – Professor Honoris Causa pela Universidade Católica de Santos (SP).
1997 – Insígnia de membro honorário do Instituto Universitário de Ciências da Informação de Montevidéu, Uruguai.
1997 – Diploma de presidente de honra da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (INTERCOM).
1997 – Medalha de Dirigente Fundador da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), de São Bernardo do Campo.
1998 – Medalha Rui Barbosa do Ministério da Cultura
1999 – Distinção como visitante da Universidade de Cochabamba, pelo Conselho Municipal da Província de Cochabamba, na Bolívia.
1999 – Homenagem ao jornalista por 40 anos dedicados à integração entre teoria e a prática da Comunicação, pela Univesidade Metodista de São Paulo (UMESP).
1999 – Honra ao mérito concedido pela INTERCOM, pela orientação da tese de doutorado "Perfil Editorial do Telejornalismo Brasileiro", de autoria de Guilherme Jorge Rezende, finalista do Prêmio INTERCOM-99.
1999 – Placa de Prata concedida pela Curso de Doutorado em Comunicação Social (Famecos/PUC), Porto Alegre (RS).

1999 – Mérito Cultural concedido na abertura do ano letivo do curso de Comunicação Social, da Universidade Monte Serrat, Santos (SP).
1999 – Homenagem da UMESP que atribuiu o nome de José Marques de Melo ao Acervo do Pensamento Comunicacional Latino-americano da Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional

Anos 2000
2001 – Professor Emérito da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP).
2002 – Homenagem como pioneiro da pesquisa de telenovela no Brasil pelo Núcleo de Pesquisas de Telenovela da USP.
2002 – Patrono da terceira turma de jornalistas da Universidade de Tocantins.
2003 – Título de Cidadão Honorário da Cidade do Recife pela Câmara Municipal do Recife, que também concedeu a Medalha José Mariano, pelos serviços prestados à comunidade recifense.
2003 – Título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Alagoas.
2003 – Homenagem como pesquisador número 1 do jornalismo brasileiro, pela Assembleia de Fundação da Sociedade Brasileira dos Pesquisadores de Jornalismo, realizada na Universidade de Brasília (UNB), em 29/11/2003.
2003 – Diploma de Benemérito da Educação, pela Faculdade de Filosofia de Campos, Rio de Janeiro.
2005 – Título de Cidadão Pernambucano pela Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco
2005 – Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
2006 – Cidadão Adamantinense, pela Câmara Municipal de Adamantina (SP).
2008 – Doutor Honoris Causa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
2008 – Troféu Portal Maltanet – Santana do Ipanema – Alagoas
2009 – Prêmio Adelmo Genro Filho, Pesquisador Sênior, pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.
2009 – Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Maranhão.

Anos 2010
2010 – Prêmio Internacional de Comunicador da Paz, pelas Organizações Católicas de Comunicação na América Latina, Quito, Equador.
2011 – Doutor Honoris Causa pela Universidade Estadual da Paraíba.
2011 – Medalha de Mérito Universitário da Universidade Estadual de Ponta Grossa.
2011 – Homenagem da Câmara Municipal de São Paulo, nos 60 anos da Televisão no Brasil.

2011 – Mérito jornalístico pelo trabalho em prol da Comunicação no Maranhão, pelas empresas do Grupo Diários Associados (O Imparcial, Aqui-MA, O Imparcial Online)
2011 – Doutor Honoris Causa pela Universidade Católica de Pernambuco
2011 – Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Maranhã
2011 – Comenda Ordem dos Xucurús, pela Câmara Municipal de Vereadores de Palmeira dos Índios (AL)
2011 – Prêmio Personalidade da Comunicação 2011, pela Mega Brasil Comunicação
2011 – Prêmio Ibero-americano de Teoria da Comunicação, pela Universidade de Oviedo, Espanha. As principais ideias do pesquisador, difundidas em língua espanhola, estão reunidas no livro "*Entre el saber y el poder – pensamiento comunicacional latinoamericano*", publicado pela UNESCO no México e reeditado na Espanha, com apoio do Ministério da Cultura daquele país.
2012 – Comenda de Grão Mestre da Ordem dos Palmares, Maceió (AL)
2012 – Medalha Dênis Agra, pelo Sindicato dos Jornalistas de Alagoas
2013 – Prêmio Jabuti de melhor livro sobre Comunicação publicado no país, pela Câmara Brasileira do Livro, com a obra "História do Jornalismo".
2014 – Comenda da Federação Nacional dos Jornalistas, pela contribuição prestada à categoria.
2014 – Homenagem da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SPCOM), Braga, Minho, Portugal.

Títulos:
1964 – Bacharel em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco
1973 – Primeiro doutor em Jornalismo no Brasil, pela Universidade de São Paulo (USP)
1987 – Primeiro professor titular de Jornalismo na Universidade de São Paulo (USP)
1992 – Título de catedrático UNESCO de Comunicação, pela Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha.
2001 – Professor emérito da ECA-USP
2007 – Diretor titular da cátedra UNESCO/Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional.

Referências

GOBBI, Maria Cristina. (Org.). **Grandes nomes de comunicação**: José Marques de Melo. Recife: UNICAP, 2001.

TALLER de Periodismo Científico une dos continentes. In: El Universal: Noticias de México y el Mundo. México D.F., a 5 de octubre de 2014. Secciones Sociedad. Disponível em: http://www.eluniversal.com.mx/notas/714890.html. Acesso em 27/09/2014.

PREMIO a la trayectoria de Jacobo Zabludovsky. In: Noticias de México y el Mundo. México D.F., a 5 de octubre de 2014. Secciones Sociedad. Disponível em: http://www.eluniversal.com.mx/nacion/181074.html. Acesso em 27/09/2014.

Láureas Nacionais: legitimação do vanguardismo acadêmico-profissional

Marcia Furtado Avanza[1]

3.1
CAPÍTULO

A contribuição de José Marques de Melo ao campo das Ciências da Comunicação no país é inestimável. Seu nome se confunde com quase todas as ações na área, seja como articulador de projetos, seja como inspirador de pesquisas, seja como formador de mestres e doutores que, depois dele, assumiram a dianteira do ensino e da pesquisa nacionais. Ao longo de sua carreira profissional e acadêmica, ele foi capaz de aglutinar pessoas em torno de propostas em prol da comunicação e do jornalismo. Por sua liderança e competência,

1. Possui graduação em Comunicação Social pela Faculdade de Comunicação Social Hélio Alonso – FACHA-RJ (1979), com habilitação em Jornalismo. É especialista em Divulgação Científica pelo Núcleo José Reis (ECA-USP) mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Atualmente é repórter da Rádio USP e professora do FIAM-FAAM – Centro Universitário (São Paulo), onde atua como Diretora do Núcleo de Ciências Sociais Aplicadas, Humanas e das Artes e coordenadora do Curso de Jornalismo. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo, pesquisando particularmente as áreas de gestão do jornalismo, jornalismo científico, história e pedagogia do jornalismo. É pesquisadora do Grupo de Pesquisa de Jornalismo Popular e Alternativo da ECA-USP. É colaboradora do INEP-ME

multiplicaram-se as homenagens, legitimando a atuação do primeiro doutor em jornalismo do país.

O nome veio em homenagem ao avô materno, José Ceciliano. Após ficar viúva, a avó, Dona Eufrosina, quis reverenciar a memória do marido e cobrou que todos os netos recebessem o seu nome.

O primeiro prêmio veio no seu estado natal, Alagoas, onde nasceu em 15 de junho de 1943, na cidade de Palmeiras dos Índios, filho de Iveta e Leuzinger Melo. Ainda adolescente, venceu um concurso de monografia na V Semana Nacional do Livro da Prefeitura Municipal de Santana do Ipanema, cidade onde viveu a infância e parte da adolescência. A reportagem tratava da **História da Música Santanense**. Antes disso, ainda cursando o primário, já dava sinais de proximidade com as letras, conquistando o primeiro lugar em um concurso de redação, com o tema **Alagoas**. Depois, no período do ginásio, recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Biblioteca Pública Municipal, com um texto chamado **Progresso**.

Com bolsa do MEC, conquistada graças ao excelente desempenho acadêmico, Marques de Melo se mudou para Maceió para cursar o colegial. Nesse período, trabalhou na Gazeta de Alagoas e no Jornal de Alagoas, dos Diários Associados. Depois, em Recife, graduou-se em Jornalismo e em Direito na Universidade Católica de Pernambuco. Durante a faculdade, recebeu o Prêmio Aníbal Fernandes em um concurso de reportagem. Também participou do projeto do Última Hora – Nordeste e trabalhou como repórter no Diário da Noite e no Jornal do Commercio. Neste último, com a matéria "Revolução cassa no São Francisco Maria Fumaça", Marques de Melo recebeu Menção Honrosa em um dos principais prêmios de jornalismo, o Esso de Jornalismo. Esses prêmios locais eram prenúncio de uma vida laureada

Paralelamente ao trabalho de jornalista, Marques de Melo prestou concurso público para a SUDENE, Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, onde conviveu, em épocas distintas, com jornalistas de renome, como Milton Coelho Graça e Manuel Carlos Chaparro, que estruturou a Assessoria de Comunicação e Relações Públicas do órgão público.

Com 22 anos, Marques de Melo voltou-se para a vida acadêmica. Viajou para Quito, no Equador, em busca da especialização em Ciências da Informação Coletiva. O curso, oferecido no CIESPAL, Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo, era mantido pela UNESCO. Muito antes, no início da faculdade, ele já havia desenvolvido o primeiro projeto de iniciação científica em jornalismo, sob orientação de seu grande mestre Luiz Beltrão. Também levado pelas mãos de Beltrão, passou a atuar como pesquisador do ICINFORM, Instituto de Ciências da Informação da Universidade Católica de Pernambuco,

o primeiro centro de estudos midiáticos no país, e como monitor da disciplina Técnica e Prática Jornalística. Com a saída do mestre, convidado para dirigir a Universidade de Brasília, a indicação do pupilo para seu lugar foi natural.

Entretanto, a ida para São Paulo durante o período de férias e a oportunidade de prestar o concurso público da USP alteraram o caminho que parecia ser natural. Enquanto aguardava o início das aulas na ECA, passou a ministrar aulas na Faculdade Cásper Líbero, como professor responsável pelo Centro de Pesquisas da Comunicação Social. Mesmo permanecendo pouco tempo na instituição, Marques de Melo organizou um estudo exploratório de recepção das telenovelas na cidade de São Paulo.

José Marques de Melo criou, planejou e organizou muitos cursos de jornalismo no Brasil. No entanto, seu maior feito, sem dúvida, foi a instalação do Departamento de Jornalismo da então Escola de Comunicações Culturais da Universidade de São Paulo, primeiro nome recebido pela escola. Em 1966, com apenas 23 anos, prestou concurso para lecionar a disciplina Introdução ao Jornalismo, sendo contratado pela USP no ano seguinte. Pouco tempo depois, em 1968, o regente da cátedra Técnica e Prática de Jornal e Periódicos era escolhido diretor do Departamento de Jornalismo.

Não era uma tarefa simples. Os primeiros passos da criação de um dos principais cursos de jornalismo do país exigiam a superação de problemas estruturais, elaboração de programas, seleção de docentes e organização de pesquisas científicas balizadas por uma visão crítica. À frente do departamento entre 1968 e 1972, Marques de Melo reuniu jovens pesquisadores que dividiam suas inquietações sobre os fenômenos associados ao campo das Ciências da Comunicação. A primeira turma que se formou na ECA teve como professores, além do próprio Marques de Melo, Flávio Galvão, José Freitas Nobre, Francisco Morel, Gaudêncio Torquato, Thomas Farkas, Juarez Bahia, Antonio Costella, Gileno Marcelino, Hélcio Deslandes, Cremilda Medina e Alfredo Weissflog.

Maria do Socorro Nóbrega (2001), professora da ECA, assegura que

> o êxito dessa sua primeira gestão são marcas que balizam até hoje a história do Departamento de Jornalismo e Editoração. Na verdade, conforme atestam os arquivos e as publicações internas, a maior parte das primeiras atividades da instituição relacionava-se diretamente com as inquietações de sua personalidade, com sua liderança acadêmica[2].

2. Discurso de saudação de Maria do Socorro Nóbrega na outorga do título de Professor Emérito, em 13 de dezembro de 2001.

Enquanto dirigia o Departamento de Jornalismo, Marques de Melo desenvolvia sua tese de doutorado. Orientado por Rolando Morel Pinto, ele pesquisou os "Fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil". Em fevereiro de 1973, tornou-se o primeiro doutor em Jornalismo diplomado em uma universidade brasileira.

No entanto, em sua passagem pela ECA também enfrentou momentos difíceis. Em 1974, após um pós-doutorado nos Estados Unidos, Marques de Melo teve seu contrato rescindido, num período obscuro da histórica política brasileira. Naquele período, a ditadura militar afastou da universidade intelectuais considerados de esquerda. Somente no segundo semestre de 1979 seria reintegrado ao Departamento, juntamente com outros colegas afastados pela ditadura militar, os professores Jair Borin e Thomas Farkas e, depois, Sinval Medina e Freitas Nobre.

No mesmo ano de sua reintegração, Marques de Melo cria, com um grupo de professores, a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), que se tornaria o maior espaço nacional de debate científico na área, reunindo estudiosos e profissionais de todos os cantos do país.

Após sua volta à universidade, é eleito diretor novamente do Departamento de Jornalismo, em 1983, e reeleito em 1985 e 1987. Durante esse período, escreveu sua livre-docência (1984) e fez concurso para professor titular (1987). Em 1989, foi eleito diretor da Escola de Comunicações e Artes da USP. No quadriênio que esteve à frente da ECA, renovou os laboratórios, ampliou os acervos, estimulou os movimentos culturais dos estudantes, incentivou a titulação dos professores e a participação em projetos de pesquisa internacionais (GOBBI, 2001).

"Com o apoio dos órgãos colegiados, implantou novas diretrizes e estruturas de ensino, representadas pela conquista da autonomia curricular nos cursos de graduação, que começou a ser implantada a partir de 1993", lembrou Maria do Socorro Nóbrega, em sua saudação na entrega do título de Professor Emérito da ECA-ESP, em 2001. Maria do Socorro também destacou que mesmo não conseguindo mudar tudo o que gostaria, "empenhou-se a fundo para renovar, na Escola, o Programa de Pós-Graduação na área de Comunicação" e "viu a Escola incorporar parcialmente novos programas de formação científica", resultado de uma ação coletiva que teve à frente a personalidade empreendedora de Marques de Melo.

O título de Professor Emérito foi o reconhecimento por toda sua colaboração com a ECA, mas, principalmente, por seus feitos em prol do Campo da Comunicação Social Brasil afora. Na cerimônia, recebeu mensagens de diversas autoridades, como o presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, o vice-presidente, Marco Maciel, e o Cardeal Emérito de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arms.

Em 1993, José Marques de Melo se aposentou da USP. Não era um fim, mas um campo recheado de reinícios. Passou a lecionar no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, na Universidade Nacional Autônoma do México, na Universidade Autônoma de Barcelona e na Universidade do Texas, como professor visitante (MATOS, 2010). Dirigiu a Faculdade de Ciência da Comunicação da UMESP entre 1997 e 2000. E continuou, na própria ECA, a orientar mestrados e doutorados na área do Pensamento Comunicacional Brasileiro. De Norte a Sul, Marques de Melo organizou, liderou e implantou grupos e entidades de pesquisa e cursos de jornalismo. Por sua contribuição, recebeu título de Doutor Honoris causa da Universidade Federal do Maranhão e da Universidade Católica de Pernambuco.

O reconhecimento nacional chegou ao Ministério da Cultura. Por meio da Fundação Casa Rui Barbosa, foi agraciado, em 1998, com a medalha Rui Barbosa por sua contribuição à cultura brasileira. A medalha, entregue em 5 de novembro, data de aniversário do jurista, político, escritor e diplomata Rui Barbosa (1849-1923), e data em que é comemorado, no Brasil, o Dia da Cultura, homenageia personalidades que se destacaram na prestação de serviços em prol da cultura do país.

Em 2009, a homenagem veio da SBPJor, a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. O Prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo, criado em 2004, objetiva reconhecer a qualidade do trabalho acadêmico realizado nas universidades ou nos centros/institutos de pesquisa, valorizando a atuação individual dos pesquisadores. José Marques de Melo foi premiado na categoria Sênior, indicado pelos associados e referendado pelo Conselho Científico e pela Diretoria Executiva da SBPJor. A premiação reconhece os pesquisadores que apresentaram contribuições relevantes para o campo da pesquisa em jornalismo, auxiliando para a construção e consolidação da identidade do jornalismo como campo científico.

Marques de Melo também recebeu o prêmio Personalidade do ano Mega Brasil, de 2011. Criado em 1998, a premiação é concedida a profissionais que, ao longo de suas carreiras, deram comprovada e significativa contribuição ao desenvolvimento da comunicação no país. De acordo com os dirigentes da Mega Brasil, José Marques de Melo é, inquestionavelmente, uma das maiores autoridades do país na área da Comunicação Social. Seu nome figura entre outras importantes personalidades agraciadas com o prêmio, como Ruy Mesquita, Mino Carta e Roberto Civita.

Outra homenagem de destaque recebida por Marques de Melo foi a Comenda FENAJ. A Comenda de Honra da Federação Nacional dos Jornalistas, entregue a cada dois anos, é uma homenagem da FENAJ e seus Sindicatos filia-

dos aos profissionais que contribuíram para o desenvolvimento do jornalismo e para a organização da categoria.

A Comenda entregue durante o 36º Congresso Nacional de Jornalistas promovido pela entidade, em Maceió, em abril de 2014, homenageou sua dedicação ao ensino, à pesquisa e à formação de gerações de jornalistas e de pesquisadores, e, também, a participação que teve como presidente da Comissão de Especialistas do MEC que elaborou as atuais Diretrizes Curriculares para o curso de graduação em Jornalismo.

Falar de José Marques de Melo é falar do ensino, da pesquisa e da formação no Campo das Ciências da Comunicação no Brasil. Ao longo de sua história, essa foi sua missão. Maria do Socorro Nóbrega (2001), resumiu sua contribuição à área sob o ponto de vista da pesquisadora. "Como ninguém escolhe o papel histórico que deve representar, o de José Marques, a meu ver, consistiu em abrir caminho no Brasil para que se discutissem as complexas problemáticas da comunicação e dos media e para que se colocassem à prova seus instrumentos de descrição e análise". Para seus discípulos, ele foi aquele que orientou, apresentou novos caminhos e acolheu. Papel de quem tem a humildade de dividir conhecimento, herança maior que deixa para quem teve – e tem – a oportunidade de conviver e aprender com ele.

Referências

GOBBI, Maria Cristina (org.). **Grandes Nomes da Comunicação**: José Marques de Melo. Recife: Unicap/Centro de Estudos da Imprensa e da Cidadania, 2001.

JORNAL ANJ. **Entrevista com José Marques de Melo, 50 anos de profissão**. Brasília, n. 221, out. 2009. Disponível em http://www.anj.org.br/sala -de-imprensa/entrevistas/. Acesso em 28.set.2014.

MATTOS, Sérgio. **O guerreiro midiático**. Biografia de José Marques de Melo. São Paulo/Petrópolis: Intercom/Editora Vozes, 2010.

NÓBREGA, Maria do Socorro. **Discurso de saudação na outorga do título de Professor Emérito**. 13.dez.2001. PCLA – Vol. 3 – N. 2: jan./ fev./ mar. 2002. Disponível em http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista10/revista10.htm. Acesso em 02.out.2014.

José Marques de Melo: o ícone da diáspora caeté

Magnólia Rejane dos Santos

4.1
CAPÍTULO

A presente comunicação procura fazer um resgate da ampla contribuição do professor, jornalista e pesquisador alagoano José Marques de Melo no contexto contemporâneo da comunicação em Alagoas. Como ocorre em todo Brasil e América Latina, ele tem estado presente em todos os momentos fundamentais da comunicação local, interagindo tanto no mercado comunicacional nativo, quanto no âmbito acadêmico de formação dos jornalistas e comunicadores autóctones. Em sua longa trajetória de construção do conhecimento, ele tem obtido o reconhecimento dos seus conterrâneos, sendo inclusive agraciado com várias homenagens, que se reúnem às inúmeras que tem recebido no Brasil e em todo o mundo. Apresentaremos cinco dessas homenagens caetés mais significativas, procurando explicitar a relevância contextual das mesmas: o Título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal de Alagoas, Comenda da Ordem do Mérito dos Palmares, Medalha Denis Agra, Comenda da Ordem dos Xucurus e Patrono da IV Bienal Internacional do Livro de Alagoas.

José Marques de Melo saiu cedo de Alagoas para cursar os estudos superiores em Direito e Jornalismo em Pernambuco. De lá, foi para São Paulo onde estabeleceu-se definitivamente. Ele fez uma carreira precoce e brilhante, testemunhando os primeiros passos e a consolidação de uma nova área do

conhecimento, a comunicação social brasileira. Hoje, ele é um *scholar* genuíno, tendo reconhecimento internacional dos seus pares em todos os continentes. Porém, a pequena e aristocrática Alagoas sempre esteve viva, pulsando em seu coração cigano. O cordão umbilical nunca foi cortado e ele cultivou, a distância, a ligação com a intelectualidade alagoana e tem acompanhado os acontecimentos de sua terra natal, sempre procurando auxiliar no que for possível. Sua ida nunca foi um adeus e ele continua aqui e alhures. Com a maturidade e aposentadoria, os laços telúricos tornaram-se mais fortalecidos devido a maior disponibilidade de tempo, tornando mais frequentes as breves visitas e as despedidas com um até logo.

O ano de 2003 foi emblemático para José Marques de Melo no sentido de fortalecer a interação dessa volta sempre adiada. Em 26 fevereiro daquele ano comemorou-se os 30 anos de defesa de sua tese de doutorado, pioneira em Jornalismo no Brasil. Em Alagoas, essa efeméride não foi esquecida, tendo em vista que a Universidade Federal de Alagoas escolheu a mesma data para a realização do "Seminário Memória da Pesquisa no Nordeste: a contribuição de José Marques de Melo". O evento reuniu pesquisadores nordestinos, colegas, ex-alunos e/ou ex-orientandos do homenageado para um balanço dos diversos aspectos de sua liderança acadêmica na Região. Além disso, a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) lhe concedeu o título de Doutor *Honoris Causa* em reconhecimento ao seu papel patriarca da área de comunicação social, em geral, e de incentivador da criação do curso de Comunicação Social da Universidade, o primeiro do Estado.

Comenda da Ordem do Mérito dos Palmares

Em 2012, Alagoas reconhece oficialmente a contribuição cultural, política, histórica e comunicacional de um dos seus mais ilustres filhos, José Marques de Melo, ao conceder-lhe o grau de Oficial da Comenda Ordem do Mérito Palmares. Esta homenagem é uma referência à figura de Zumbi dos Palmares, herói nacional por sua luta contra a escravização do povo negro, que representa para o povo alagoano o resgate de uma saga histórica, a valorização de cultura genuína e uma possibilidade de desenvolvimento efetivo de Alagoas, a partir dos ideais de liberdade individual e compromisso com o social.

Segundo notícia da Gazetaweb.com[1], Marques de Melo, na oportunidade, desabafou que recebia a Comenda como representante da diáspora Caeté, da-

1. Link: http://gazetaweb.globo.com/noticia. php?c=314038&e=13 Acesso em 04/08/2014.

queles cidadãos que foram expulsos de Alagoas por questões de sobrevivência, motivos políticos e também pelos renegados. Essa declaração demonstra o grau de afeto e compromisso que o mesmo tem com sua terra e conterrâneos, sejam eles os que fincaram raízes no colo materno ou aqueles que se foram para outras plagas, provavelmente empurrados pelas circunstâncias da vida. Foi esse elo que o levou ao esforço de resgatar as histórias dessas pessoas e a contribuição de cada uma delas para o pensamento *glocal* alagoano. Assim, em várias de suas obras recentes se encontram tal propósito, em especial nos livros "O Pensamento Comunicacional Alagoano" (2003) e o "Dicionário Histórico Bio-Bibliográfico do Pensamento Comunicacional Alagoano" (2013).

A Ordem do Mérito dos Palmares foi instituída pelo Decreto n°5.619 de 09 de dezembro de 1983 pelo Governo do Estado de Alagoas. Ficou estabelecido que dia 20 de novembro, de cada ano, deve ser feita a entrega das insígnias aos agraciados em cerimônia pública, como parte das atividades comemorativas do Dia da Consciência Negra. A Ordem é constituída dos seguintes graus: Grã-Cruz; Grande Oficial; Comendador; Oficial e Cavaleiro e o Grão Mestre da Ordem, representado pelo Governador do Estado.

Medalha Denis Agra

Ainda em 2012, José Marques de Melo recebeu a mais importante honraria do jornalismo alagoano, a Medalha Denis Agra. Ela representa o reconhecimento dos seus conterrâneos da relevância de sua atuação profissional como jornalista, professor, pesquisador de comunicação e liderança acadêmica, que foi decisiva para a formação dos jornalistas brasileiros nesses últimos 50 anos, entre outras habilitações da área. Esta homenagem foi feita durante a 23ª edição do Prêmio Braskem de Jornalismo.

A indicação de Marques de Melo para receber a Medalha Denis Agra foi feita pelo Sindicato dos Jornalistas, com o apoio da Empresa Braskem, atual parceira patrocinadora. Criado sob os auspícios da antiga Empresa Salgema, o Prêmio já teve outros apoiadores importantes, a exemplo do Banco do Brasil e da Petrobras. Desde 2011, com a participação exclusiva da Braskem, tem ampliado o número de categorias de matérias concorrentes e incrementado a comissão julgadora, trazendo profissionais renomados de outros estados.

Em cada edição do Prêmio Braskem de Jornalismo é feita uma homenagem a uma personalidade escolhida para receber a Medalha Denis Agra. A honraria é concedida anualmente a um jornalista cuja competência profissional, conduta ética e empenho pessoal tenham resultado em contribuição à Imprensa

Alagoana. Militante comunista e líder sindicalista, Denis Agra (1950-1992) foi um dos heróis na luta contra a Ditadura Militar, além de ter tido uma atuação paradigmática no jornalismo local.

Ordem dos Xucurus

Embora tenha sido criado no sertão alagoano, na cidade de Santana do Ipanema, literalmente, José Marques de Melo nasceu em terra de índio, na cidade de Palmeira dos Índios, em 1943. Desde a infância, então, seu coração telúrico esteve dividido entre essas duas cidades natais, porém cada uma delas o reverencia como um filho legítimo. Selando esse reconhecimento e admiração, em 2010, a Câmara de Vereadores de Palmeira dos Índios o agraciou com a Comenda da Ordem dos Xucurus, em referência à tribo dos habitantes primitivos da região, descendentes da nação dos Caetés.

A entrega dessa solene da Comenda foi feita na solenidade de abertura do XIX Congresso Estadual de Jornalistas, realizado naquela cidade, nos dias 18 e 19 de junho de 2010. No seu discurso, Marques de Melo fez menção ao escritor e jornalista Graciliano Ramos, ex-prefeito desse município, onde não só fez uma gestão singular como também iniciou sua trajetória literária e jornalística, marcada pelo engajamento político e social.

A cidade, naquele dia em especial, parecia acometida pelo clima dramático da literatura. Infelizmente, nem o evento nem o homenageado foram a manchete do dia. A data fatídica foi marcada por uma terrível enchente, que atingiu a zona da mata de Alagoas e Pernambuco e se constituiu em uma das maiores tragédias naturais da região, com 26 cidades em estado de calamidade pública nos dois Estados. Embora esses fatos não tenham conexão direta, a cidade ficou isolada e os jornalistas sem mobilidade, presos pelo mal tempo. O que nos possibilitou não só uma reflexão, mas a vivência das consequências da má gestão pública e da falta de planejamento diante das forças da natureza.

Bienal Internacional do Livro de Alagoas

Além do carnaval, atualmente, o evento cultural de maior repercussão popular no Estado é a Bienal Internacional do Livro de Alagoas, iniciativa da Editora da Universidade Federal de Alagoas, juntamente com uma série de parceiros. Para se ter uma ideia do impacto da Bienal na sociedade alagoana, a última versão, em 2013, reuniu 33 mil títulos de 650 editoras, atingindo um público de 252 mil

pessoas, entre esses presentes 78 mil estudantes. Foram 4.533 pessoas capacitadas em 61 oficinas. Em um Estado com alto índice de analfabetismo é surpreendente a popularidade da Bienal, que se constitui em uma oportunidade das pessoas mais simples entrarem no fechado Centro de Convenções para usufruírem livre e gratuitamente de todas as atividades disponibilizadas: palestras, lançamentos, noite de autógrafos, oficinas, shows e há livros de todo preço e para todas as idades.

Em 2009, aconteceu a IV Bienal Internacional do Livro em Alagoas, tendo José Marques de Melo como Patrono do evento. Há cinco anos, a Bienal já era igualmente impactante, tendo atingido a marca de 158 mil visitantes, com 61 mil estudantes presentes. Foram capacitadas 2.218 pessoas em 102 oficinas. Foram disponibilizados 18 mil títulos de 300 editoras, com 285 lançamentos. Tais indicadores refletem um clima otimista em um contexto social, cultural e educacional desolador. Esses fatores cingem a homenagem de uma relevância singular porque o reconhecimento e a divulgação desses alagoanos iluminados podem influenciar positivamente as novas gerações, mostrando a elas que é possível fazer a diferença em um ambiente adverso.

Conclusão

Com mais de meio século de atuação profissional, José Marques de Melo provavelmente já amealhou as mais importantes homenagens que uma personalidade do seu quilate poderia conseguir. Todas as suas conquistas são frutos de sua luta incessante e da persistência diante das dificuldades e infortúnios. Nesse sentido, esse brasileiro sertanejo, descendente de europeus, é um guerreiro de luz, uma luz generosa que tem iluminado os caminhos de muitos de diversas gerações. Essa estrela das Alagoas brilha não para si próprio, mas para tornar visível o ser cognitivo da comunicação, isto é, para legitimar e consolidar o campo científico da comunicação em Alagoas, no Brasil e no mundo. A sobrevivência dessa nova área do conhecimento humano, de forma rica e plural, seria sua maior recompensa, mas o devir é o reino do imponderável.

Referências

ALAGOAS, Universidade Federal de. **Resultados obtidos/resumo técnico da IV Bienal Internacional do Livro de Alagoas.** Disponível em: http://www.edufal.com.br/bienal2009/?pag=resultados Acesso em 03/08/2014.

ALAGOAS, Universidade Federal de. **Resultados obtidos/resumo técnico da VI Bienal Internacional do Livro de Alagoas.** Disponível em: http://www.edufal.com.br/bienal2013/resultados Acesso em 03/08/2014.

GAZETAWEB. **Comenda de ordem do Mérito dos Palmares é entregue no Teatro Deodoro.** Maceió: 2012. Disponível em: http://gazetaweb.globo.com/noticia.php?c=314038&e=13 Acesso em 03/08/2014.

GOBBI, Maria Cristina. **Grandes nomes da Comunicação:** José Marques de Melo. Recife: Unicap/Centro de Estudos da Imprensa e da Cidadania, 2001.

GOMES, Tatiane. **Comemoradores da Ordem do Mérito dos Palmares de 2013 recebem insígnias.** Disponível em: http://edivaldojunior.com.br/2014/01/20/comendadores-da-ordem-do-merito-dos-palmares-de-2013--recebem-insignias/ Acesso em 05/08/2014.

MADEIRO, Carlos. **Dois anos após enchentes, AL e PE entregam só 7% das casas e têm reconstrução longe do fim**. Maceió e União dos Palmares: 2012. Disponível em: http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/17/dois-anos-apos-enchentes-al-e-pe-entregam-so-7-das-casas-e--tem-reconstrucao-longe-do-fim.htm Acesso em 03/08/2014.

MAJELLA, Geraldo. **Resistência à Ditadura em Alagoas.** Jornal da Besta Fubana. Disponível em: http://www.luizberto.com/pelas-ruas-que-andei-geraldo--de-majella/resistencia-a-ditadura-em-alagoas-x Acesso em 03/08/2014.

MALTANET. **Presidente de Honra da Intercom recebe a Comenda de Ordem dos Xucurus em Palmeira dos Índios.** Disponível em; http://www.maltanet.com.br/noticias/noticia.php?id=3877 Acesso em 03/08/2014.

MARQUES de Melo**,** José. **Alagoas na Idade Mídia.** Maceió: Editora Viva, 2013.

_____. **Vestígios da Travessia –** Da imprensa à internet – 50 anos de jornalismo. São Paulo: Paulus, 2009.

_____; GAIA, Rossana (Orgs). **Sertão Glocal:** um mar de ideias às margens do Ipanema. Maceió: Edufal, 2010.

MATTOS, Sérgio. **O Guerreiro Midiático** – biografia de José Marques de Melo. São Paulo/Petrópolis: Intercom/Editora Vozes, 2010.

MILIATTI, Mônica. **70 anos de José Marques de Melo.** Jornal Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: http://www.portalintercom.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4209:comemoracao-70-anos-de-jose-marques-de-melo&catid=131&Itemid=135 Acesso em 03/08/2014.

Signos caetés: representações afetivas dos laços tribais

Rossana Gaia

5.1
CAPÍTULO

O professor José Marques de Melo é o exemplo concreto do provérbio em latim *veni, vidi, vici* (vim, vi, venci), sendo, portanto, uma das referências mais dignificantes da sua pequena tribo Santana do Ipanema, distante da capital alagoana cerca de 3 horas. Suas memórias sobre a cidade que adotamos são inúmeras: nomes, lugares, eventos, jornais, manjares. Por trás de tantas informações, predomina o afeto que se consolida na memória. "Há que se ter muito cuidado com as lembranças dos velhos", disse-me este septuagenário, ao me alertar sobre a seleção de fatos ausentes de critérios que as emoções nos ofertam. No entanto, destaco que as lembranças gustativas são predominantes nos prelúdios das nossas conversas sobre jornalismo: doces, frutas, pratos típicos. No encontro que tivemos em abril de 2014 para um registro acerca da relevância do jornalista Danton Jobim [1906-1978], com o testemunho dos amigos Luis Jobim e Ricardo Moresi, o "prato" do dia foram os cágados, uma espécie de tartaruga que se constitui verdadeiro banquete para os santanenses, apesar de serem cozidos na mesma lógica que os índios caetés comeram Dom Pero Fernandes Sardinha: os animais são jogados em água fervente, ainda vivos. Lembramos a delícia da comida típica e, obviamente, rimos do susto dos presentes diante dessa peculiaridade tão tupiniquim, tão singela e tão nossa. O professor Marques demarca o seu território, historicamente, a partir

dos pequenos signos que traduzem a nossa suave posição guerreira. Esta marca simbólica, mais do que metáfora, é crucial se desejarmos entender sua carreira vitoriosa no campo da pesquisa em comunicação no Brasil e na América Latina.

Por mais que tenha se afastado da cidade onde construiu sua base de formação crítica e sua profissão de jornalista para ampliar sua carreira intelectual, inicialmente em Recife – onde se formou em Jornalismo e em Direito – e posteriormente em São Paulo, onde consolidou seu nome e seu legado na Universidade de São Paulo (USP) e também na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), bem como contribuiu para o fortalecimento da organização científica do campo comunicacional, José Marques de Melo, alagoano nascido em Palmeira dos Índios, em 1943, nunca esqueceu suas origens. Assim, desde que o conheci, em 1999, pudemos manter certa cumplicidade intelectual, com poucos pontos de vista eventualmente díspares, a partir de um diálogo permanente com a margem da saudade que só o Rio Ipanema e o Riacho da Camoxinga nos conferem.

Mesmo distante de Alagoas, o professor José Marques de Melo sempre desempenhou papel fundamental para o fortalecimento dos estudos na área da Comunicação. Foi assim em janeiro de 2007, quando organizamos o Seminário Centenário de Théo Brandão (com apoio da sua ex-orientanda de doutorado, professora Mirtes Torres e de Magnolia Rejane Andrade dos Santos, ambas da UFAL) no museu homônimo em Maceió. Como parte das atividades dos 30 anos de fundação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), que integra como presidente de honra, Marques de Melo (2007) produziu um artigo para a discussão no qual indicou detalhes sobre a importância do renomado folclorista para a Comunicação em Alagoas.

O evento teve dois painéis que tive o prazer de coordenar. No primeiro "Théo Brandão e a folkcomunicação", além do professor Marques participaram os professores Roberto Benjamin (1943-2013), Osvaldo Trigueiro (UFPB) e Leda Almeida (UFAL). No segundo painel, "Théo Brandão: Presença no jornalismo e destaque na cultura alagoana", participaram os professores Luis Antonio Barreto (1944-2012), Carmen Lúcia Dantas (UFAL), Bruno César Cavalcanti (UFAL) e Érico Abreu (UFAL e Sindicato dos Jornalistas de Alagoas). A relevância do seminário foi tanto lembrar aos alagoanos que Theo Brandão era mais do que o nome de um museu, quanto indicar novas pistas para a leitura (ou releitura) da sua obra, incluindo sua importância para criação do curso de Comunicação. Essa sempre foi uma das características mais marcantes deste mestre: registrar e ampliar o interesse por futuras pesquisas.

Quem observa sua trajetória identifica que o professor Marques constrói uma narrativa que sempre retoma debates anteriores. Nos distantes 1972, ocupado com a tese doutoral, ele recebeu um telefonema do gabinete do professor

Manuel Diégues Jr. (1912-1991, pai do cineasta Cacá Diegues) e que atuava, naquele período, no Ministério da Educação, solicitando uma audiência especial ao professor Théo Brandão (1907-1981), da UFAL. "Deduzi, pela estatura do mediador, que a missão por ele desempenhada era muito importante para Alagoas. No dia seguinte, recebi o visitante, que eu tanto admirava como leitor", registrou. Ainda que ocupasse o importante cargo de Diretor do Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicações Culturais da USP, Marques de Melo lança todo o seu foco ao grande pesquisador já renomado de Alagoas. Ao longo da conversa, Theo Brandão informou a necessidade de ter informações sobre como criar o curso de Comunicação na UFAL e recebeu uma aula de José Marques sobre as estratégias de ensino, infraestrutura de laboratórios, currículo etc. "Apesar do empenho de Theo Brandão, frustraram-se as expectativas no âmbito federal, naquele momento. O Curso de Comunicação da UFAL só veio a ser inaugurado em 1979, quando ele já estava aposentado" (MARQUES DE MELO, 2007, p. 4). Convém registrar que de 1974 a 1979 o professor Marques ficou afastado da USP, pois integrou a lista dos perseguidos políticos no regime militar (GAIA, 2003a).

Esse movimento da UFAL já era uma resposta ao que havia sido discutido em 1971 no I Seminário Nordestino de Comunicação, promovido pelo Sindicato dos Jornalistas, com apoio do Governo Estadual, pois em 1969 passou a ser obrigatório o diploma para o exercício do jornalismo. A ação dos sindicatos da categoria, conforme registrou o professor, tinha por meta impedir a invasão de jornalistas provisionados no mercado que tinha sua ação garantida já que não existia um centro formador. O retrocesso vivenciado pela categoria em 2009, quando o Supremo Tribunal Federal (STF) eliminou a exigência do diploma aos jornalistas não foi acompanhado de longe pelo professor. Na entrega da comenda da Federação Nacional dos jornalistas (FENAJ), em abril de 2014, sua militância e seu apoio à entidade foram recordados por muitos dos presentes.

Força Telúrica

O primeiro evento no qual vivenciei a força telúrica da sua alagoanidade foi a entrega do Título *Honoris Causa* da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), em 26 de fevereiro de 2003, resultado de um esforço coletivo dos professores do Curso de Comunicação Social, do qual sou egressa e no qual o professor desempenha papel protagonista. A homenagem foi aprovada pelo Conselho Universitário da UFAL em setembro de 2002 e a entrega foi confirmada para o ano seguinte, coincidente com a efeméride de 30 anos de doutorado do pro-

fessor em Jornalismo, na USP, tendo sido o primeiro do país a titular-se na área (GAIA, 2003).

Em 2003, o documento que foi a base da sua aula perante o público que assistiu a solenidade de outorga do título, transformou-se no pequeno (e inspirador) livro "Pensamento Comunicacional Alagoano", da Série Apontamentos, da Editora da UFAL (EDUFAL). Foi a semente do que mais tarde viria a ser o livro "História do Pensamento Comunicacional Alagoano" (EDUFAL, 2013), um projeto grandioso que reuniu 31 pesquisadores de São Paulo e de Alagoas e uma pesquisadora do Rio de Janeiro, no período de 2011 a 2013, e cuja publicação tornou-se viável com o apoio da empresa Braskem. A obra incluiu a pesquisa de 134 perfis de pessoas e instituições consideradas relevantes no processo de construção do pensamento comunicacional caeté.

No seu discurso, naquele dia de homenagens, destacou a importância de ter sido membro da Diáspora Caeté, uma vasta geração de grandes nomes que saíram de Alagoas em busca de desenvolvimento intelectual que o Estado não teria condições de ofertar: Octavio Brandão, Costa Rego, Raul Lima, Tadeu Rocha, José Augusto Guerra, Arnoldo Jambo, Ricardo Ramos, Reinaldo Santos, Audálio Dantas. O professor lembrou a sua luta em ambientes distantes, mas fez o registro sobre a importância de "voltar e ser reconhecido em Alagoas", o que para ele se configurou como uma contribuição para a sua vida intelectual individual e coletiva.

Desde então, de forma sistemática e contínua, o professor volta à sua terra e contribui na formação de jovens pesquisadores que atuam na área, seja através de publicações coletivas, seja em palestras para públicos ampliados ou restritos, nos lançamentos de livros e em eventos científicos ou profissionais como o da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), onde recebeu a comenda máxima da entidade, no 36º Congresso Nacional dos Jornalistas, em Maceió. A entrega se revestiu novamente de uma carga simbolicamente caeté, fortalecida pela sua forte emoção de estar novamente "em casa".

Troféu Maltanet

Em julho de 2008, o retorno deste pesquisador que é referência, para o seu mais importante ponto de referência, Santana do Ipanema, foi consolidado ao receber o Troféu MaltaNet. Naquele momento ele destacou o quanto sua tribo lhe ofertou: "Este prêmio é o mais importante da minha vida porque vem dos que contribuem para o progresso da minha terra". O que mais impressionou os seus conterrâneos foi ter registrado a importância de um prêmio aparentemente

simples, mesmo já tendo sido homenageado em vários locais, incluindo a cidade do Texas, nos Estados Unidos, em 1997, com o importante título do Prêmio Wayne Danielson, conferido a professores visitantes pelo *Institut for Latin American Studies* da Universidade de Texas, em Austin.

É necessário, a partir desse argumento, retomar a memória de 2001, quando, ao lado da amiga Magnolia Rejane Andrade dos Santos e de outros colegas da UFAL, aceitamos o desafio de organizar um evento da INTERCOM no prédio do Instituto Federal de Alagoas (IFAL). Na noite da conferência de abertura do então SIPEC Nordeste 2001 (simpósios que foram formato embrião dos atuais eventos regionais), o professor saudou o público lembrando Santana do Ipanema e informando que o aprendizado recebido lá, na adolescência, muitas vezes supera o conhecimento que verifica em alunos no mestrado e até no doutorado. Lembrou-se das suas aulas de Latim, do conhecimento geral dos professores, das aulas de Francês com a professora Wanda Azevedo (com quem tive o prazer de conviver). Foi um registro inesquecível, impactante, emocionante e surpreendente. Uma convocação imediata para olharmos mais para nós mesmos e menos para outros lugares. Sua conferência revestiu-se de enorme importância porque indicou elementos para entendermos que estávamos num momento diferente do que ele vivenciou em sua diáspora. Falava ali o nordestino que venceu como professor doutor, mas que não negava de onde vinha, que destacava o lugar de fala a partir do mais recôndito espaço sertanejo.

Anos depois, em 2010, foi entrevistado por Magnolia Rejane Andrade dos Santos para o artigo intitulado "Marques de Melo, homem plural, desbravador de novos horizontes" e novamente reforçou que embora tenha se tornado um andarilho, jamais perdeu sua identidade. Uma homenagem em sua pequena cidade, segundo o professor indicou, era "uma gratificação afetiva, um sentimento de que não desaparecemos do mapa da nossa aldeia" (MARQUES DE MELO apud SANTOS, 2010, p. 199).

Placa no Ginásio Santana, Troféu CNEG e Ano JMM 2013

Três homenagens singelas tocaram o renomado Professor Dr. José Marques de Melo nos últimos anos: uma placa afixada no Ginásio Santana, de onde saiu formado para o mundo, em 2010, o recebimento de um troféu da associação que congrega as escolas cenecistas, em 2011 e a efeméride do seu aniversário de 70 anos no calendário Oficial do Município Santana do Ipanema, em 2013. Em 2010, ao organizarmos juntos a obra "Sertão Glocal" consolidamos a parceria de uma década de aprendizados que mantivemos a despeito da distância e dos raros encontros

presenciais, pois também pude voltar o olhar à cidade da qual saí uma década após o professor. A opção pelo jornalismo e depois pela pesquisa me confirmou uma rota cujo principal mentor, na segunda etapa, foi o próprio José Marques de Melo, a partir do momento em que me ensinou os rumos da pesquisa científica em caráter de voluntariado e com autonomia, bem como a importância do rigor da ciência e depois, na maturidade plena, fez-me entender o valor de desaprender a escrita rigorosa e me ajudou a novamente lançar-me no sabor das palavras, degustando-as como se estivéssemos aproveitando quitutes raros ao fisgar leitores ávidos.

O primeiro exercício foi naquela obra, a partir das suas orientações básicas: "esqueça normas e siga a intuição". Foi este mesmo conselho que forneceu à professora Luitgard Barros que adiava a escrita de um artigo sobre a história de Santana, alegando que os documentos tinham sido queimados. O poético e instigante resultado pode ser lido nos textos que já são referência para compreensão do sertão alagoano e cuja edição esgotou rapidamente com a venda de 150 exemplares no dia do lançamento em Santana e o restante em janeiro de 2011. A organização do livro começou em 2009 e seu resultado traduziu o empenho de todos os colaboradores ao longo de praticamente dois anos de reuniões em contatos presenciais ou via Internet.

O lançamento deste livro se revestiu em um dos mais emblemáticos momentos vividos pelo professor, por várias razões. Inicialmente a equipe da Prefeitura Municipal informou que seria feita uma homenagem no prédio do Ginásio Cenecista de Santana do Ipanema, onde o professor estudou e que, naquele momento, servia de sede provisória para o campus da Universidade Federal de Alagoas. Este elo entre o conhecimento da sua época e o que se iniciava com o ensino superior federal e presencial era emblemático para o professor Marques. Partimos em comitiva, no dia 16 de setembro de 2010, depois de termos vivenciado na noite anterior o lançamento do livro em Maceió, com uma plateia formada por conterrâneos e também professores, alunos e ex-alunos do curso de Comunicação Social da UFAL.

Aguardávamos uma festa bonita em Santana do Ipanema, mas o que nos foi ofertado superou qualquer expectativa. Quando o professor entrou na área interna do Ginásio, fez um reconhecimento sentimental, lembrou-se da sua época, contou os causos que tanto gosta e começou a ser surpreendido com a chegada dos seus antigos colegas. Começou ali um dos eventos mais significativos da sua história: a colocação de uma placa em sua homenagem com a participação de todos os colegas de turma, após uma chamada feita por um ex-professor, o José Pinto. Foi uma cerimônia simples, mas que retomou o elo do professor com a cidade a partir do que considera mais vital em sua existência: o conhecimento civilizatório. Muitos populares foram conhecer de perto aquele doutor famoso.

Em seguida, foi feito o lançamento formal do livro na Câmara dos Vereadores, com todas as cadeiras ocupadas e uma grande parte da população em pé. Foi um dia de festa, como previu um dos seus grandes amigos, o sociólogo Sávio Almeida, ao indicar que o livro *Sertão Glocal* era o encontro da cidade com pessoas relevantes para a cidade. Pude presenciar anônimos e conhecidos que moram em Santana, mas também pessoas que vieram de vários municípios: Maceió, Olho d'Agua das Flores, Pão de Açúcar (cidade onde nasci), Palmeira dos Índios (cidade onde nasceu o prof. Marques), Arapiraca. A tribo toda reunida, como forma de reconhecimento ao doutor caeté. Momento de indicar que, de vez em quando, quem profetiza pode ser muito bem recebido na própria terra. Santana do Ipanema tem suas histórias...

O Troféu CNEG (Campanha Nacional de Educandários Gratuitos) foi outro prêmio que emocionou o professor por retomar mais uma vez o seu laço com o Ginásio Santana, instituição que preserva na memória e no coração. O Ginásio se reveste para ele do sinônimo de civilidade, do espaço de reflexão qualitativa possível através do afeto. A ideia do Sertão Glocal tinha uma meta: celebrar a efeméride dos 50 anos de fundação do Ginásio e o prêmio foi apenas o reconhecimento da cidade e dos que integram a Campanha, pelo seu esforço e empenho. Conforme registrei em *Sertão Glocal*, a CNEG, posteriormente denominada Rede Cenecista, foi um movimento nacional que objetivou "fundar e consolidar ginásios nas pequenas cidades e, desse modo, ampliar o acesso à educação pública" (GAIA, 2010, p. 144).

Ao completar 70 anos, em 2013, o professor mereceu constar no Calendário de Efemérides de Santana do Ipanema [2011-2025]. O calendário originalmente o excluía porque foi uma ideia sua para que a cidade não perdesse de vista os nomes que fizeram história e que ampliaram o conhecimento da coletividade. A decisão de inserir seu nome foi uma sugestão do José Malta, proprietário do portal Malta Net, à Câmara Municipal, que de pronto acatou a ideia. Na versão original, portanto, esta homenagem não estava prevista, pois a preocupação do professor foi fornecer os elementos necessários aos gestores municipais para que reforçassem a autoestima da população com eventos que destaquem a importância de intelectuais da comunidade até 2025, ano em que se comemora o Sesquicentenário de Santana do Ipanema, outorgada pelo poder legislativo estadual, conforme resolução 681 de 24 de abril de 1875 (MARQUES DE MELO, 2010). Outro registro relevante em sua saga caeté inclui o convite feito ao professor, que aceitou de imediato, para integrar a Academia Santanense de Letras, na qualidade de sócio benemérito (MALTA NETO, 2014).

Muitos em Alagoas ainda desconhecem o valor guerreiro deste pesquisador incansável e que desde o momento em que assumiu o título de Dr. Honoris Causa

da UFAL, passou a ofertar obras de valor e eventos significativos para a comunidade alagoana. É contra a falta de memória que o professor trabalha, daí a importância de sempre retomá-lo como referência que dignifica o coletivo. O maior legado que o professor Marques de Melo nos oferta cotidianamente é o seu espírito de questionamento, seja nos encontros presenciais, seja nos livros que produz.

Posso garantir que jamais encerrei uma pesquisa ao seu lado, muito pelo contrário: "concluir" um trabalho com o mestre sempre foi sinônimo de abrir espaço para novas picadas, perguntas, dúvidas, inquietações e problemas: desbravar novos horizontes, essa é a meta. Se for clichê, no sentido etimológico, imaginar que a curiosidade é o que move o ser humano em busca de novas descobertas, a vida de quem convive com o professor Marques traduz essa saudável e nobre repetição.

Referências

GAIA, Rossana V. Conquistas santaneses: o progresso cognitivo do ginásio à universidade. In: MARQUES DE MELO, José; GAIA, Rossana V. **Sertão Glocal**: Um mar de ideias brota às margens do Ipanema. Maceió: Edufal, 2010. p. 143-157.

_____. **Marques de Melo**: uma honra merecida. Tribuna. Opinião, p. 6. Maceió: Tribuna, 16.fev.2003.

_____. **Tudo começou em Palmeira dos Índios**. Tribuna. Universidade, p. 24 Maceió: Tribuna, 16.fev.2010a.

MALTA NETO, José. **Assembleia geral da ASLCA aprova estatutos, patrono e o primeiro acadêmico**. Disponível em: <http://www.santanaoxente.net/site/index.php/educacao/1149-assembleia-geral-da-aslca-aprova-estatuto-patronos--e-os-primeiros-academicos>. Acesso em 25.mai.2014.

MARQUES DE MELO, J. et al. (orgs.) **História do Pensamento Comunicacional Alagoano**: Dicionário Biobibliográfico. Maceió: Edufal, 2013.

_____. **Calendário Cultural Santanense**: 2011-2025.Especiais. 25.set.2010. Disponível em: <http://www.maltanet.com.br/noticias/noticia.php?id=4564>. Acesso em: 23.mai.2014.

_____. **Théo Brandão**: Percurso Comunicacional. Comunicação apresentada no "Seminário Centenário de Théo Brandão", promovido pela UFAL- Museu

Théo Brandão, no dia 6 de janeiro de 2007, como atividade integrante da programação comemorativa dos 30 anos de Fundação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM). 2007.

_____. **Pensamento Comunicacional Alagoano**. Série Apontamentos. Nº 49. Maceió: Edufal, 2003.

SANTOS, Magnolia Rejane Andrade dos. Marques de Melo, homem plural, desbravador de novos horizontes. In: MARQUES DE MELO, J.; GAIA, Rossana Viana (orgs.). **Sertão Glocal**: Um mar de ideias brota às margens do Ipanema. Maceió, Edufal, 2010. p. 193-206.

SEÇÃO II

BIOGRAFIAS

Personalidade inquieta, curiosa, empreendedora – JMM segundo Cristina Gobbi

Clarissa Josgrilberg Pereira[1]

1.2
CAPÍTULO

"Sempre acreditando que prática e teoria caminham juntas e que a academia é a base sólida para respaldar o conhecimento prático, o professor Marques de Melo prossegue em sua trajetória" (GOBBI, 2001, p.57).

"Grandes nomes da Comunicação: José Marques de Melo" é o título do livro que aqui apresentamos. Ele foi organizado por Maria Cristina Gobbi e publicado pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) em 2001. A obra, de certa forma, assim como a coleção **Fortuna Crítica de Marques de Melo** já buscava traçar um cenário sobre a militância docente, acadêmica e jornalística do professor que, em 2001, possuía 41 anos de trajetória.

A produção do livro faz parte do projeto "Grandes Nomes da Comunicação", realizado pelo Centro de Estudos da Imprensa e pela Universidade Católica de Pernambuco, que segundo

1. Doutoranda em comunicação social pela Universidade Metodista de São Paulo. Docente na Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista (FAIP) e na Unigran Net. Bolsista Capes. E-mail: clarissa_jpereira@hotmail.com

Gobbi (2000, p.7) "contém perfis de personalidades cuja trajetória intelectual esteja ligada a atividades na área da Comunicação Social".

O nome José Marques de Melo traz consigo a trajetória da criação e estruturação do campo comunicacional brasileiro e, portanto, já é por si só a motivação para a produção do livro. Contudo, somado a isso, no período de organização e publicação do livro Marques de Melo completava 40 anos de jornalismo e 30 anos do lançamento de sua primeira obra, intitulada "Comunicação Social: teoria e pesquisa", fatores esses que endossaram mais ainda a relevância da publicação.

Para a produção do material foram utilizadas "fontes bibliográficas, documentos inéditos, currículos, memoriais, trabalhos de alunos, entrevistas, além de depoimentos escritos" (GOBBI, 2000, p.7). O livro está organizado em quatro partes. A primeira "Formação e trajetória acadêmica", conta com 12 textos. A segunda, "Linhas de pesquisa", com 13. A terceira, "Entrevistas", possui dois textos e a quarta, intitulada "Depoimentos", apresenta 16 escritos. Ao final, ainda há anexos que mostram as capas dos livros e de coletâneas que Marques de Melo organizou e/ou produziu e que até então haviam sido publicados, bem como traz fotos do homenageado.

Com o intuito de contribuir linearmente com a elucidação das ideias contidas no livro aqui exposto, nosso texto seguirá estruturado conforme a divisão da obra. Portanto, apresentaremos a seguir as principais ideias contidas em cada uma das quatro partes do livro.

Formação e Trajetória Acadêmica

A primeira parte do livro é dedicada à contextualização da formação do professor Marques de Melo. Nascido em Palmeira dos Índios, aos 15 anos ele já trabalhava como assessor cultural da Prefeitura Municipal de Santana do Ipanema. A dupla formação que possui, Jornalismo e Direito, foi feita concomitantemente. Conforme consta no livro, o professor cursava Direito de manhã e Jornalismo à noite, a primeira formação era desejo de seu pai e a segunda sua paixão, tanto que foi a que ele realmente se dedicou ao longo dos anos. Contudo, a primeira opção de curso teve grande influência na formação de Marques de Melo, em especial pelas disciplinas humanísticas.

Desde quando cursava Jornalismo, Beltrão já exercia grande influência na vida de Marques de Melo. Seja no início do curso, quando ele era tímido demais para colocar suas opiniões e pensamentos em público e o fizera por estímulo de Beltrão – situação que quem o conhece hoje jamais imaginara que ele havia vivido – seja ao final do curso quando Melo foi monitor de Beltrão.

Na sequência são expostas praticamente todas as experiências que ele teve: o curso no CIESPAL, a conquista do prêmio Esso de Jornalismo, a atuação como coordenador do Departamento de Investigação Científica do ICINFORM (Instituto de Ciências da Informação), da Universidade Católica de Pernambuco, o desempenho como servidor na Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) entre outras atividades. A lista de vivências no Nordeste é interrompida quando aumenta a repressão política devido ao Golpe Militar, mesma época em que perde uma filha recém-nascida, ambas as frustrações o estimulam a buscar novos ares. Destino: São Paulo.

Marques de Melo acreditava que em São Paulo seria mais anônimo e sofreria menos repressão, bem como conseguiria mais opções de trabalho. Estava certo. Logo que chegou às terras paulistanas conseguiu uma vaga no Instituto de Estudos Sociais e Econômicos (INESE). Lá, conforme conta Marques de Melo (2001, p.27-28), "dirigi pesquisas que orientaram projetos editoriais da Editora Abril, Folha de S. Paulo, apoiando decisões estratégicas de anunciantes ou empresas publicitárias. Concomitantemente escrevia artigos para o jornal *A Gazeta* [...]".

A vida parecia que estava se ajeitando nas terras paulistas, sua esposa estava grávida novamente, não sofria mais com a repressão política e até o clima era mais ameno. Quando tudo parecia se ajeitar recebeu um convite de seu mestre Beltrão para ir trabalhar na Universidade de Brasília (UNB), a recusa rompeu o relacionamento de ambos, o qual só foi reestabelecido quando sua filha Silvana nasceu e amoleceu o coração de Beltrão, a qual ele veio a chamar de neta.

A intuição do professor estava certa, São Paulo virou sua nova terra. Vários foram os desafios profissionais que ele foi conquistando: professor da Cásper Líbero, ajuda a fundar a Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, ingressante nela como professor por meio de concurso público, o que o exige dedicação integral. Ou seja, nesse momento optou por trocar a prática profissional e arriscar-se por uma área acadêmica ainda instável, aliás, ele ainda não sabia, mas iria ajudá-la a criar raiz. "Eu passara a capitalizar a experiência acumulada na práxis, transformando-a em teoria. Tornava-me produtor de matéria-prima para formar as novas gerações" (MARQUES DE MELO apud GOBBI, 2001, p. 33).

Daí em diante a dedicação à vida acadêmica só aumentava, publicou o primeiro livro da área no país, o qual, segundo Gobbi (2001) virou um "best seller acadêmico". O sucesso o dá mais incentivo a publicar mais livros e a continuar o doutoramento na USP. A tese "Fatores sócio-culturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil" garantiu-lhe não só o título de doutor, mas também o de primeiro doutor em Jornalismo no país. O título significou,

portanto, não só uma conquista pessoal, mas também uma conquista para o pensar jornalístico do Brasil.

Com o auge da repressão do período ditatorial, Marques de Melo é afastado da USP e perseguido. Consegue, então, uma bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e vai cursar pós-doutorado na University of Wisconsin. Ao retornar ao Brasil ainda convive com a repressão, contudo, o mais importante desse período, é que, embora difícil, pode ver a quantidade de mãos amigas estendidas que recebeu. Em seu retorno o refúgio foi a Universidade Metodista, na época ainda Instituto. Como conta o professor no livro publicado pela pesquisadora e professora Roseméri Laurindo (2014, p. 19) "Ele [o reitor] mandou que se colocassem dali para fora, porque ali era uma casa de Deus, onde trabalhava quem ele queria".

Após a repressão, Marques volta para USP, onde é eleito Diretor de Comunicação e, após se aposentar, volta para a Metodista, mas dessa vez para coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e funda o Doutorado, instituição na qual permanece até hoje como docente e catedrático da Cátedra UNESCO de Comunicação. Toda a experiência vivida no período de repressão pode ser vista em "AI-5 na academia: o manual do lead usado pelos golpistas de 1964 para punir o ensino de jornalismo" (LAURINDO, 2014).

O fato é que Melo nunca se deixou abalar, sua perspicácia e astúcia sempre falaram mais alto. Após os anos de chumbo, conseguiu, aos poucos, ir retomando a vida e colocando-a no eixo. Manteve sempre os estudos, defendeu a tese de livre docência "Gêneros Opinativos no Jornalismo Brasileiro" e anos depois foi convidado a encabeçar a instalação de uma Cátedra de Comunicação no país, a qual é implantada na Metodista em 21 de maio de 1996. "Essa Cátedra é mais um reconhecimento pelo trabalho, muitas vezes pioneiro que vem realizando o professor Marques de Melo. Sempre preocupado na transmissão de conhecimentos, acreditando no talento e na força dos jovens, não para de investir seu saber midiático nas novas gerações" (GOBBI, 2001, p.64).

Linha de Pesquisa

Esta segunda parte do livro é pautada no texto produzido pela professora Juçara G. Brittes intitulado "José Marques de Melo e a construção de espaços para a pesquisa em Comunicação no Brasil", publicado na Revista Comunicação & Sociedade, o qual foi atualizado para o livro pela professora Cristina Gobbi.

Nele conta o primeiro desempenho do professor Marques de Melo de **diagnosticar as tendências da Pesquisa em Comunicação** do país, cujo resultado foi

publicado no livro "Comunicação Social: teoria e pesquisa". Para isso, o professor empenhou-se em registrar a memória da **história da comunicação**, por meio de perfis biográficos, histórias de vida e de instituições. Esse trabalho pode ser visto em livros como "Memórias das Ciências da Comunicação: o grupo de São Bernardo do Campo", entre vários outros, inclusive no próprio projeto Fortuna Crítica da INTERCOM. Melo também empenhou-se na compreensão dos **paradigmas da Escola Latino-Americana**, buscando compreender sua trajetória e os fluxos comunicacionais nos quais está envolta. **Identidades midiáticas brasileiras** e **processos midiáticos religiosos** também receberam o olhar atento do professor.

O segundo viés de pesquisa que ele percorre é o da **Comunicação Comparada,** à qual ele se dedica a estudar desde o início de sua carreira acadêmica, uma vez que fontes inspiradoras do mestre como Kayser e Beltrão também se dedicavam a esse tipo de estudo. Dentro desses estudos comparativos, Melo dedica especial atenção à compreensão do Jornalismo Brasileiro.

A terceira temática que o professor persegue é a da **Comunicação das classes subalternas**, aliás não é acaso que hoje uma das pesquisadoras brasileiras, referência internacional no estudo de comunicação e minorias, Cicilia Peruzzo, foi sua orientanda de mestrado. Na sequência, a quarta temática de interesse de pesquisa do professor é **Leitura: livro, jornal, escola.** Conforme Gobbi (2001, p.89), opta por "trabalhar com essa temática e com a estrutura educacional, codificação e fisionomia dos jornais, livros e revistas. Produz os textos Crise da leitura, Democratização da Leitura e presença do jornal e do livro na escola".

Histórias das Indústrias Culturais é a última linha de pesquisa apresentada no livro e a qual Marques de Melo se dedica. Na época em que a obra aqui apresentada foi publicada esta linha consistia

> No mais recente projeto de pesquisa desenvolvido por José Marques de Melo pela qual pretende elaborar um quadro evolutivo das indústrias culturais no Brasil até o presente momento, abordando aspectos fundamentais como estrutura, funcionamento, legislação, tendências e impactos sócio-econômicos que representam no contexto da economia nacional (BRITTES apud GOBBI, 2001, p.91).

Ao final desta parte do livro ainda é mencionado autores bases para a construção do pensamento de Marques de Melo (Beltrão, Paulo Freire, Darcy Ribeiro, Otto Groth, Joffre Dumazedier e Raymond Nixon), bem como as principais atividades docentes do professor, os principais livros e coletâneas publicados, sua participação enquanto professor visitante em instituições internacionais e, ainda, prêmios e títulos recebidos.

Entrevistas

A terceira parte do livro aqui apresentado traz duas entrevistas concedidas pelo professor Melo, uma à professora Cosette Castro e outra à Boanerges Lopes e Luciana Gomes.

Na primeira o professor conta toda sua trajetória pessoal e acadêmica, desde quando mudou-se para Pernambuco para se preparar para o ingresso no ensino superior até sua mudança e consolidação em São Paulo. Também relata sobre seus percursos intelectuais, sua produção acadêmica, o contexto da INTERCOM e sua visão sobre a COMPÓS. Fala, ainda, sobre o período ditatorial e sobre o sistema educacional.

Já a segunda entrevista apresenta inicialmente um perfil sobre o professor e depois segue o estilo pingue-pongue. Diferentemente da primeira entrevista em que são abordadas várias temáticas do campo comunicacional, a segunda tem como foco a discussão dos 40 anos do jornalismo. Nela, entram questões como a formação do jornalista, os pontos positivos e negativos do jornalismo brasileiro e o posicionamento de Melo sobre o jornalismo investigativo. São diversos aspectos que infelizmente não cabem ser aprofundados aqui, mas que felizmente estão disponíveis no livro aos que querem obter mais conhecimento sobre a trajetória da comunicação do país e sobre os posicionamentos e reflexões de um dos pioneiros dos estudos comunicacionais brasileiro.

Depoimentos

A quarta e última parte do livro traz, como mencionado anteriormente, 16 depoimentos, os quais, segundo Gobbi (2001, p. 163) são em "grande parte de natureza afetiva, mostrando o perfil do homem antes do professor/pesquisador, [que] são carregados de fatos e, em muito, enriqueceram esta publicação". Os relatos são de amigos e alunos de Marques e estão expostos seguindo a ordem cronológica da trajetória do professor.

O primeiro depoimento é de Tereza Lúcia Halliday que foi "caloura" de Melo na faculdade e assim como ele também era pupila de Beltrão. O segundo depoimento é de José Salvador Faro, que o conheceu quando passou para um concurso na Universidade de São Paulo (USP) e foi lotado no Departamento de Jornalismo, do qual Melo era responsável. Hoje ambos são docentes no Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo (Poscóm/UMESP).

Na sequência há um depoimento de Pedro Gilberto Gomes, que foi aluno do professor, assim como Ruth Vianna. Também estão presentes os depoimentos

de Adolpho Queiroz, Patrícia Monsão Mollo, Esmeralda Villegas, Sebastião Breguez, Manuel Parés, Benalva da Silva Vitorio, Ana Carolina Temer, Rosemary Mendes e Carlos Eduardo Lins da Silva. Os depoimentos retratam relações profissionais e de amizades ou, melhor dizendo, relações de amizades com profissionais. Se eu já não tivesse tido a honra de conhecê-lo e de conviver um pouco com o mestre, acharia espantoso as amizades que cultiva não em todos os locais do país, mas sim em todos os locais do mundo. E, ainda, talvez tivesse gerado estranheza ao ler relatos de um homem tão humano, tão justo, tão inteligente e competente em tudo que faz. Mas o conheço e sei: é tudo verdade. Melo é mesmo iluminado e privilégio tem quem pode ou pôde ter convivido com ele.

Referências

GOBBI, Maria Cristina. **Grandes nomes da comunicação:** José Marques de Melo. Recife: UNICAP, 2001.

LAURINDO, Roseméri. **AI-5 na academia:** o manual do lead usado pelos golpistas de 1964 para punir o ensino de jornalismo. Blumenau: Edifurb, 2014.

José Marques de Melo e a Igreja Católica: o comunicar libertador

Luís Erlin Gomes Gordo[1]

2.2
CAPÍTULO

O artigo "O Pensamento de José Marques de Melo sobre o Relacionamento da Igreja Católica com os Meios de Comunicação", publicado como Epílogo do livro "Comunicação Eclesial: Utopia e Realidade" é uma síntese da dissertação de Mestrado defendida por Stollmeier no *Instituto di Scienza della Comunicazione Sociale* da Universidade Salesiana de Roma.

O título da dissertação de Stollmeirer foi: "Comunicação Social e Sociedade Brasileira. O pensamento de José Marques de Melo". O Epílogo é a integra de um texto apresentado pelo autor no 19º Congresso Brasileiro de Comunicação, promovido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), na Universidade Estadual de Londrina.

Na apresentação do Epílogo o autor escreve:

> O presente trabalho pretende apresentar o professor e jornalista José Marques de Melo e, a partir de seus escritos sobre o fenômeno da comunicação na cami-

1. Sacerdote Claretiano, filósofo, teólogo e jornalista, mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, tendo como seu orientador o Professor José Marques de Melo.

> nhada da sociedade brasileira, o relacionamento da igreja Católica com os Meios de Comunicação (STOLLMEIER, 2005, p. 149).

O primeiro item do artigo é uma breve biografia de José Marques de Melo, em que o autor frisa a importância do percurso histórico como jornalista e pensador de Comunicação Social do professor Marques e a sua importância no processo comunicativo da Igreja no Brasil.

José Carlos Stollmeier termina os dados biográficos afirmando: "José Marques de Melo é um atento jornalista, professor e pesquisador da sociedade brasileira. Nos seus estudos e escritos tem um relacionamento contínuo com a Igreja Católica, e isso quero passar nestas poucas páginas" (2005, p. 150).

Assim como o autor, podemos perceber uma sintonia do pensamento de Marques de Melo com a forma de comunicar da Igreja Católica, sobretudo no período da efervescência da Teologia da Libertação, o livro "Comunicação e Libertação", escrito pelo professor Marques no ano de 1981, é um marco do pensar o papel do comunicador como agente de libertação de todas as amarras, na apresentação deste livro ele escreve:

> *Comunicação e Libertação* é um livro destinado principalmente aos educadores, compreende-se desde os pais e mães, aos professores primários e secundários, aos recreadores, aos orientadores educacionais e aos agentes de educação informal. **Pretende ainda ser útil ao trabalho pastoral de tantos leigos e religiosos que estão engajados na missão de conscientizar o nosso povo para a descoberta de seus direitos e para o reconhecimento de que a vida só vale a pena ser vivida plenamente quando da ação material e espiritual dos homens constitui um patrimônio coletivo repartido fraternalmente** (MARQUES DE MELO, 1981, p. 9 – grifo nosso).

No segundo ponto do artigo, Stollmeirer trabalha a "Comunicação e a Igreja Católica em José Marques de Melo", o autor elenca uma série de livros escritos pelo professor Marques em que há uma aproximação com o comunicar católico.

Elencamos alguns:

- "Comunicação/incomunicação no Brasil" – Editado pela Loyola no ano de 1976, Marques de Melo fez a compilação desse livro.
- "Comunicação e Libertação" – publicado pela editora Vozes, ano de 1980.
- "Igreja e comunicação" – capítulo do livro (Comunicação, Igreja e Estado na América Latina) – Paulinas, em 1985 (a partir da página 61).
- "Comunicação: Direito à Informação" de 1986.

Outro item tratado pelo autor neste artigo é a relação da Igreja com a Comunicação. O autor apresenta dois momentos dessa relação com base no pensamento de José Marques de Melo:

- No cristianismo primitivo, a Igreja não estava institucionalizada nem estruturada e sua prática era a participação de todos na interpretação da Palavra de Deus.

- Em um segundo momento, a Igreja se organizou em uma instituição eclesial e estabeleceu códigos para a leitura e interpretação do evangelho. Deixa de ser horizontal para estruturar-se verticalmente. Conserva sua originalidade não na estrutura global, mas apenas em pequenas comunidades. O modo de viver o cristianismo desce da hierarquia às bases.

Nesta descrição histórica da relação da Igreja com os meios, algumas constatações são importantes ressaltar:

- **censura e repressão** (de Inocêncio VIII até o século XIX) abrangendo, sobretudo o período doloroso da inquisição;

- **aceitação desconfiada** (pós-Vaticano II), a sociedade muda e a Igreja também deseja mudança;

- **maravilhosos instrumentos** (A Conferência Episcopal de Medellín em 1968, percebe e incentiva a utilização dos meios modernos de comunicação no serviço evangelizador);

- **avaliação crítica** (a Conferência de Puebla de 1979, a Igreja se reavalia, inclusive faz críticas sobre si mesma).

A Conferência de Puebla é o marco e o início da grande mudança no entendimento do uso das inovações tecnológicas. Sem esquecer a "opção preferencial pelos pobres", compromisso assumido ainda em Medellín, a Igreja com base no Documento de Puebla se preocupa em dar voz e vez aos que até então estavam "à margem" da sociedade.

Stollmeier, embasado no pensamento de Marques de Melo, salienta três indicadores dessa mudança conceitual e prática da Igreja com relação a comunicação:

> a) reinstauração do diálogo no culto, dando lugar à participação ativa dos fiéis. É o momento privilegiado da comunicação eclesial. A participação cria comunhão;
>
> b) leitura do Evangelho não como código dogmático, mas a partir de interpretação dos sinais da realidade. Faz-se uma leitura contemporânea, junto com os fiéis, contextualizada;
>
> c) adoção de mecanismos democráticos nos processos decisórios dentro da estrutura eclesial. Dá-se significação à participação dos leigos, reduzindo o poder da hierarquia não no sentido de autoridade episcopal ou ministerial,

> mas de neutralidade da arbitrariedade. A autoridade é interprete da voz do povo, das suas necessidades, das suas aspirações (2005, p. 153).

O autor trabalha em outro item desse artigo, uma breve síntese do livro "Comunicação e libertação" em que José Marques de Melo analisa o que foi escrito sobre os meios de comunicação nas duas Conferências Episcopais latino--americanas: Medellín (1968) e Puebla (1979):

> Se em Medellín se pensava na possibilidade de fazer um desenvolvimento a partir de presenças cristãs e humanitárias nos meios de comunicação, em Puebla se denuncia o monopólio exercido pelos centros de poder que manipulam esses meios, não em favor da justiça e do bem comum, mas por interesses próprios (2005, p. 154).

O autor termina o artigo tratando de **uma ambiguidade não resolvida**, nesta parte conclusiva do artigo são levantados alguns questionamentos do discurso e da prática da Igreja e que são destacados no pensamento de Marques de Melo:

> Embora a Igreja constate o caráter massificante dos grandes meios e proclame a prática da comunicação dialógica, horizontal e participativa, externamente ocupa espaços nas rádios, televisões, na imprensa, no cinema para difundir suas mensagens do Evangelho. José Marques de Melo coloca uma questão: se evangelizar quer significar traduzir a mensagem bíblica para o cotidiano do cristão a partir da realidade, como superar as contingências técnicas, étnicas e culturais dos meios de comunicação de massa? Como evitar o monopólio? (2005, p.155).

O autor termina dizendo que a Igreja sabe destas ambiguidades e tem dado passos decisivos na solução desses impasses, um deles foi a criação da "Associação Católica Latino-Americana" (UNDA-AL), e por meio dessa Associação foi possível absorver novos conceitos de comunicação que envolvem participação, democracia, liberdade, diálogo, mas sobretudo o compromisso de refletir sobre as suas práticas de comunicação.

Considerações Finais

A pesquisa de Mestrado de José Carlos Stollmeirer foi concluída em 1995, neste período a Igreja da América Latina ainda respirava ares de uma teologia

libertadora, neste sentido o pensamento de Marques de Melo foi bastante útil para entender a forma de se comunicar da Igreja neste contexto histórico. Porém, nos inícios dos anos 2000 a Igreja não evoluiu neste pensamento, muito pelo contrário, houve um saudosismo do período de cristandade (anterior ao concílio Vaticano II). A Igreja parece ter se fechado novamente em certo conservadorismo em suas práticas comunicacionais, fazendo imperar o verticalismo. A nova realidade eclesial e comunicacional mereceria uma nova pesquisa.

Referências

MARQUES DE MELO, José. **Comunicação e libertação**. Petrópolis: Vozes, 1981.

STOLLMEIER, José Carlos. **O Pensamento de José Marques de Melo sobre o Relacionamento da Igreja Católica com os Meios de Comunicação.** In: MARQUES DE MELO, José. Comunicação Eclesial: Utopia e Realidade. São Paulo: Paulinas, 2005.

Entre o saber e o poder

Monica Martinez[1]

3.2
CAPÍTULO

A quarta capa de "**Pensamiento comunicacional latino-americano –entre el saber y el poder –** JMM segundo Mário Nieves e Bernardo Nosty", não deixa dúvidas. Logo nas primeiras palavras, o texto informa, em tradução livre desta autora, que "o catedrático brasileiro José Marques de Melo – o mais prestigiado comunicólogo da América Latina – produz com este livro uma obra capital para o estudo do pensamento comunicacional latino-americano, fruto de décadas de investigação e de um detido exame da ação permanente do poder".

---

1. Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Realizou pós-doutorado em Narrativas Digitais pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo e estágio de pesquisa junto ao departamento de Rádio, Televisão e Cinema da Universidade do Texas. Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. É coautora de *Global Literary Journalism:* exploring the journalistic imagination (NY, Peter Lang, 2014) e autora de *Jornada do Herói*: estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo (Annablume/Fapesp, 2008), entre outros livros e artigos científicos.

É curioso. Por mais volumes que a série "**Fortuna Crítica Marques de Melo** tenha, parece que estes são insuficientes para registrar a importância deste pensador na estruturação do campo da Comunicação no país. Por ser uma comunidade científica que se consolidou nas últimas décadas, sua influência se reflete, como propõe esta obra, na comunidade latino-americana e, por extensão, ibero-americana, sobretudo nas mediações com a comunidade científica portuguesa e, talvez em menor medida, na espanhola. Neste sentido, a obra é meritória, pois propõe uma ponte entre a cultura comunicacional brasileira e espanhola.

"**Entre el saber y el poder"** foi publicado em 2009 na coleção **Periodística** da Comunicación Social, editora espanhola especializada em livros de comunicação, jornalismo e estudo da mídia. A quarta capa ainda informa que os textos que compõem a obra foram produzidos no período de 1967 a 2007, destacando a relevância da antologia ao dizer que: "Se trata de uma produção dispersa, fragmentada e de difícil acesso, talvez porque tenha sido divulgada em revistas científicas destinadas a públicos especializados ou porque foi disseminada em anais de congressos e simpósios, que circulam em comunidades acadêmicas fechadas ou círculos intelectuais restritos". De fato, um dos méritos da comunidade científica brasileira é o fato de que a totalidade das revistas científicas atualmente pode ser acessada virtual e livremente, sem custo, diferentemente da comunidade anglo-saxã, por exemplo. Ainda assim, pode ser difícil para um pesquisador internacional – como às vezes o é também para os nacionais – localizar a produção de um dado pesquisador, que fica dispersa em publicações diversas, caso não seja reunida em uma antologia como a presente.

Esta reflexão abordará três níveis de análise. O primeiro é a visão sobre a vida do autor. Ela primeiramente é registrada pelo autor do prólogo, o espanhol Bernardo Díaz Nosty, catedrático de jornalismo e fundador da *Facultad de Comunicación* (1992), sendo diretor do *Departamento de Periodismo* da mesma desde 2002. Esta visão é complementada pela apresentação da obra, feita pelo cubano Mário Nieves, docente do mestrado em Comunicação da *Universidad Regiomontana*, do México. O segundo nível de análise é a visão destes autores sobre a importância da obra no cenário comunicacional ibero-americano, incluindo aqui a reflexão sobre o conteúdo da obra propriamente dita, igualmente a partir destes dois textos selecionados. De antemão, parte-se da premissa que em tão poucas páginas é impossível esgotar a obra, contudo estas duas linhas de análise servem para dar uma ideia da relevância da mesma. Finalmente, a obra propriamente dita é apresentada, de forma sintética, para que o leitor deste texto possa melhor compreendê-la.

A Visão da Comunidade Científica Espanhola sobre Marques de Melo

Ao final de seu prólogo, Bernardo Díaz Nosty dedica praticamente uma página inteira para apresentar Marques de Melo. Em tradução livre desta autora, ele destaca: "A figura do professor Marques de Melo é amplamente conhecida na América Latina. Também nos âmbitos acadêmicos espanhóis. Durante muitos anos, Marques de Melo era praticamente a única referência em nosso país do pensamento brasileiro de comunicação e o principal artífice das iniciativas que se cristalizaram no estabelecimento de estruturas de relação entre os investigadores da Espanha e do Brasil" (NOSTY, 2009, p. 19).

Nosty faz um resumo muito bom da trajetória acadêmica de Marques de Melo, iniciando pela graduação na Universidade de Pernambuco e na atuação como jornalista em Alagoas e São Paulo. Em seguida, lembra que o pesquisador

> iniciou sua carreira acadêmica em 1966, no Instituto de Ciências da Informação da Universidade Católica de Pernambuco, onde trabalhou junto a Luiz Beltrão [1918-1986]. Em 1967, fundou o Centro de Pesquisas da Comunicação Social da Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, em São Paulo (NOSTY, 2009, p. 19).

No texto, Nosty recorda os leitores de que Melo foi "Fundador e docente da Escola de Comunicações de Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), [1966] onde se doutorou (1973), realizou estudos de pós-graduação e intercâmbios acadêmicos em universidades estadunidenses, latino-americanas e espanholas" (NOSTY, 2009, p. 19-20).

E segue: "Primeiro catedrático em jornalismo no Brasil, sua atividade foi interrompida durante a ditadura militar dos anos setenta. Diretor da ECA-USP (1989-1993) [...]" (NOSTY, 2009, p. 20). Entre outros itens importantes da trajetória do profissional, Nosty ainda aponta o ingresso de Marques de Melo na Universidade Metodista de São Paulo (1993-atual), onde é diretor da Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional desde 1996. Nosty registra outra contribuição essencial de Marques de Melo, que é a fundação em 1977 da INTERCOM, importante espaço para pesquisadores do país.

A Visão da Comunidade Científica Espanhola sobre a Importância da Obra

A quarta capa da obra, extraída do texto de Nieves, sintetiza a relevância da obra: "Não se publicou livro semelhante na hispano-américa. Visão holística e abrangente, dotada de uma extraordinária sensibilidade para registrar o peculiar, o fato surpreendente, a voz sem precedentes, recupera e sistematiza como nenhuma outra muito do que se há pensado sobre a comunicação e seus dilemas correspondentes na América hispano-lusitana".

Neste contexto, Nieves afirma que

> o mais reconhecido comunicólogo brasileiro, José Marques de Melo, produz uma obra capital para o estudo do pensamento comunicacional latino-americano, cuja textura se faz perceptível de baixo de luzes rasantes de um saber exaustivo, fruto de décadas de indagação e do exame penetrante da ação do poder (NIEVES, 2009, p. 21).

E completa: "Quarenta anos de saber se armazenam, mas não se limitam, nestas páginas" (NIEVES, 2009, p. 21). Para Nieves, Marques de Melo possuiu uma capacidade excepcional para as interações, para resgatar o saber construído por seus predecessores e contemporâneos ao largo de sucessivas gerações e, finalmente, o saber reconstruído através de um dedicado trabalho arqueológico que integra conhecimentos distintos e ilhados, com o qual propicia novas revelações. Para Nieves,

> não abundam notícias de autores em língua hispânica ou portuguesa que tenham manejado de maneira mais rigorosa, extensa, profunda e coerente tal coleta de informação sobre autores, textos, ideais, perspectivas e visões sobre o problema da investigação comunicacional na América Latina (NIEVES, 2009, p. 22).

Nosty ainda chama a atenção para outra característica da obra: "a da escassez de textos em espanhol e português que transcendam as fronteiras bibliográficas da região, ainda que a recepção de fontes externas seja muito fluida, sujeita, em boa medida, ao acaso da produção editorial e sua lógica comercial" (NOSTY, 2009, p. 17). Para Nosty, os processos de globalização criam o que ele chama de "continentes virtuais", isto é, "formas de agrupamentos espaciais de conhecimento, dos interesses, das afinidades [...]. Ao tempo, se descobrem soluções que buscam, através de agrupamentos estratégicos, um peso maior específico para as cartografias da informação e do conhecimento". (NOSTY, 2009, p. 17).

Em seu prólogo, Nosty afirma que *Entre el saber y el poder* é "um bom guia do pensamento latino-americano", sendo um texto completo que, à maneira de um caleidoscópio e a partir de uma ampla seleção de trabalhos acadêmicos (NOSTY, 2009, p. 19).

Breve Apresentação da Obra

Após o prólogo, escrito por Bernardo Dias Nosty e da apresentação, redigida por Mario Nieves, a edição espanhola inclui um prefácio e um prólogo, no qual são abordados a sociedade da informação como desafio democrático. Em seguida, o livro é dividido em duas partes. A primeira, chamada "A comunicação nas redes de poder", contém duas seções. A primeira, intitulada "A conjuntura da Guerra Fria", é composta de cinco subseções, a saber: Comunicação e modernização; Comunicação e democracia; Integração regional para as indústrias culturais; A utopia da nova ordem social; As telenovelas vão à luta. A segunda, intitulada "A conjuntura da globalização", é igualmente composta por cinco subseções: Paradigmas comparados; Política, a dimensão hegemônica; Entre os meios e às mediações ao conhecimento; O déficit democrático; Os Marginalizados na aldeia global.

A segunda parte, chamada "A comunicação no limiar do conhecimento", contém igualmente duas seções. Em "A educação para a comunicação", abordam-se cinco subseções: Universidade, cultura e comunicação; Expansão e dilemas pedagógicos; Humanismo equivocado ou tecnofobia?; Modernidade ou anacronismo; e O divórcio entre universidade-mercado. A quarta e última seção, intitulada "A pesquisa em comunicação ", consiste em cinco subseções: Antes de depois do Ciespal; Anos 1960: o desenvolvimentismo mestiço; Anos 1970: a persistência crítica; Anos 1980: radicalização alternativa; Anos 1990: legitimidade acadêmica; Para o século XXI: Pragmatismo utópico; Antes de depois da Alaic.

O desfecho da obra conta ainda com um epílogo, chamado "Superando o complexo do colonizado como desafio histórico" e com as referências nela empregadas.

Resumo Simplificado no Idioma Original da Publicação (Espanhol)

La Comunicación en las tramas del poder

Sección 1. La coyuntura de la Guerra Fria

1. Comunicación y modernización
2. Comunicación y democracia

3. Integración regional por las industrias culturales
4. La utopía del nuevo orden social
5. Las telenovelas van à la lucha

Sección II. La coyuntura de la globalización

6. Paradigmas comparados
7. Política, la dimensión hegemónica
8. De los medios y las mediaciones al conocimiento
9. El déficit democrático
10. Los marginalizados en la aldea global

SEGUNDA PARTE
La Comunicación en el umbral del saber

Sección III. La educación para la comunicación

11. Universidad, cultura y comunicación
12. Expansión y dilemas pedagógicos
13. ¿Humanismo equivocado o tecnofobia?
14. ¿Modernidad o anacronismo?
15. El divorcio universidad-industria

Sección IV. La investigación de la comunicación

16. Antes y después del Ciespal
17. Años sesenta: el desarrollismo mestizo
18. Años setenta: la persistencia crítica
19. Años ochenta: radicalización alternativa
20. Años noventa: legitimidad académica
21. Hacia el siglo XXI: pragmatismo utópico
22. Antes y después de la Alaic

Epílogo: Superar el complejo del colonizado como desafío histórico
Bibliografía general

Referências

NIEVES, Bernardo Díaz. *A manera de preámbulo.* In: MELO, José Marques de. **Pensamiento comunicacional latinoamericano:** entre el saber y el poder. Sevilla: Comunicación Social, 2009, p. 20-23.

NOSTY, Bernardo Díaz. *Prólogo à la edición espanhola.* In: MELO, José Marques de. **Pensamiento comunicacional latinoamericano:** entre el saber y el poder. Sevilla: Comunicación Social, 2009, p. 11-20.

MELO, José Marques de. **Pensamiento comunicacional latinoamericano:** entre el saber y el poder. Sevilla: Comunicación Social, 2009.

A vida de Marques de Melo

Eliane Mergulhão[1]

4.2
CAPÍTULO

Perfil do autor

Sérgio Augusto de Mattos, 66a, cearense de nascimento e baiano de coração, jornalista de profissão, professor e homem de letras, é autor de várias obras, entre produção científica, literária e artística, e detentor de vários prêmios, inclusive o Prêmio de Comunicação Luiz Beltrão na categoria maturidade Acadêmica (2000). A biografia de José Marques de Melo é uma de suas obras recentes.

Perfil do biografado

José Marques de Melo, 71a, alagoano de nascimento, residente em São Paulo, mas cidadão do mundo, é jornalista, professor universitário, pesquisador científico e consultor acadêmico, além de administrador na área da docência, principalmente junto aos cursos de Jornalismo. Tem muitas obras publicadas no campo da pesquisa da Comunicação e do Jornalismo, obras teóricas na área da metodologia da

1. Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo.

Comunicação e do Jornalismo, e suas vertentes, sendo inclusive um renovador da teoria da Folkcomunicação, postulada por Luiz Beltrão e por ele atualizada segundo os novos meios e objetos postos em circulação e uso pelas novas tecnologias da comunicação. Marques de Melo é detentor de muitos prêmios e tem seu nome ligado a acervos, bibliotecas e institutos de pesquisa, representando homenagens em reconhecimento ao seu talento e às suas efetivas contribuições neste campo de conhecimento.

A obra e seu contexto

A biografia de José Marques de Melo está contida num livro de mais de duzentas páginas, com texto do autor na contracapa e texto de Antonio Hohlfeldt nas orelhas. Traz bibliografia consultada pelo autor e 14 páginas de iconografia, com fotografias que documentam a vida do biografado desde os antepassados, perfazendo também momentos importantes da carreira de homem público e momentos de intimidade em família e entre amigos. Para acompanhar a trajetória da biografia, os 15 capítulos serão resumidos para que se possa passar aqui o essencial do texto, e ao mesmo tempo delinear resumidamente o perfil do professor, do jornalista, do escritor, do catedrático, do pai de família, do avô.

As Origens de Zé Marques: Nascimento e Meninice

Zé Marques, como carinhosamente é chamado, descende pelo lado paterno do sertanista luso-brasileiro Martinho Rodrigues Gaia, fundador da cidade de Santana do Ipanema, e pelo lado materno, de Gaspar van der Leiden, pecuarista de tradicional família holandesa, que chegara ao Brasil no Séc. XVII, durante a ocupação europeia àquela região.

Todos os antepassados, até três gerações, estão anotados na iconografia do livro, mas há um destaque para sua avó materna Eufrosina Marques, uma mulher especial para seu tempo, de quem Zé Marques tanto herdou o espírito combativo e destemido, quanto recebeu influência de seus ensinamentos.

Eufrosina, desobedecendo aos pais, casou-se com José Ceciliano dos Santos Marques, um oficial da Polícia de Pernambuco e advogado na região. Ele a "roubou" e levou-a para a cidade de Águas Belas, onde membros de sua família, os Wanderley (corruptela de Gaspar van der Leiden), os acolheram. Com José Feliciano sua avó materna teve 12 filhos, inclusive Iveta, a mãe de Zé Marques. Eufrosina, ao ficar viúva, mudou-se para a cidade de Santana do Ipanema onde

refez sua vida. Atribuindo a causa do infarto que matou seu marido a sua parentela, ela renunciou ao sobrenome Wanderley, obteve novos registros civis, tanto para si quanto para seus filhos, passando então a assinar somente o sobrenome Marques. Em culto a seu marido firmou o compromisso de que todo primeiro filho homem de cada ramo dos Marques seria batizado de José, em homenagem ao falecido José Ceciliano Marques. Assim, além de José Marques, de todos os primos homens, o primeiro nome é José. O único tio que não teve filho homem fez questão de batizar a primeira filha com o nome de Maria José, e uma de suas tias, que não teve filhos, adotou uma criança e batizou-a de José Clovis.

A avó de Zé Marques mantinha relações afetivas mais com as comadres negras quilombolas da Comunidade do Jorge, do que com os galegos de sua família que ela considerava escravizados pelas tradições batavas. As relações com a família paterna não eram tão amistosas quanto as que mantidas com a família materna. Por essa razão as lembranças de Zé Marques com os avós paternos são vagas.

Seus pais, Leuzinger Alves de Melo e Iveta Marques de Melo, moravam em Santana do Ipanema, mas Leuzinger trabalhava em Palmeira dos Índios, e foi aí nesta cidade que – pelas mãos da avó Eufrosina – José Marques chegou ao mundo, no dia 15 de junho de 1943, numa terça-feira, no raiar da manhã. Como os dois irmãos nascidos antes morreram, Zé Marques ficou sendo o primogênito, e até por essa razão recebeu muito carinho e atenção da avó Eufrosina. Em torno do nascimento de Zé Marques, por cuidado do pai, foram feitos vários vaticínios, estudos de numerologia e cartas astrológicas, para confirmarem o que a avó já pressentia desde seu nascimento. Estava ali um menino que nasceu predestinado a vencer, e a brilhar com luz própria. O Apóstolo Midiático, como disse Hohlfeldt, contrapondo a ideia do título de Mattos: O Guerreiro Midiático.

Como toda criança nascida no interior do Brasil, principalmente no Nordeste, na primeira metade do Séc. XX, onde não havia luz elétrica e crianças não tinham relação com aparatos eletrônicos (rádio, vitrolas, e TV nem existia ainda), o imaginário infantil era alimentado e excitado pelos cantadores de cordel nas feiras e nas festas, onde ouviam as histórias das lutas do cangaço, as preferidas de Zé Marques, e as pelejas dos repentistas. Tanto assim que Marques de Melo, quando adulto, tornou-se um colecionador de literatura de cordel, tendo recentemente doado seu precioso acervo ao Museu Casa da Xilogravura, fundado e dirigido pelo Prof. Antonio Costella, em Campos do Jordão (SP).

Portanto, em depoimento ao biógrafo, Marques de Melo relata que sua infância foi um tempo de inocência, fantasia e traquinagens. Essas últimas lhe renderam boas surras de dona Iveta. Mas muitas sovas foram poupadas pela proteção da avó Eufrosina que, contrária ao espancamento de crianças, escondia os netos e só os devolvia ao cuidado materno quando a raiva da filha houvesse passado.

Sua adolescência não teve grandes aventuras, mas desde cedo o garoto se mostrou inteligente e estudioso. Sem outros atrativos que não fossem as festas populares e o futebol, Zé Marques aproveitou ao máximo essa fase, indo ao cinema, participando das festas populares e jogando intermináveis peladas com os amigos da vizinhança e da escola.

A experiência adquirida na vivência da cultura nordestina veio servir de lastro mais tarde para seus estudos no campo do jornalismo, da cultura e sobretudo da Folkcomunicação.

Processo de Aprendizagem

Com 12 anos de idade teve a primeira experiência de trabalho remunerado no armazém de um primo, servindo como empacotador. O dinheiro que ganhava, que não era muito, usava na compra de gibis. Foi aí que descobriu que, para ganhar dinheiro, tinha que trabalhar. Ambicioso, bem apessoado e inteligente, os 15 anos iniciou a carreira jornalística, indo trabalhar como assessor cultural do Museu Histórico e de Artes recém-inaugurado, mantido pela Prefeitura de Santana do Ipanema. Nessa época era também correspondente da Gazeta de Alagoas, fazendo a cobertura dos acontecimentos da cidade de Santana do Ipanema, como repórter comunitário. Um primeiro emprego formal aconteceu somente em 1961, quando foi empossado Oficial Administrativo. E, posteriormente, quando passou a Supervisor Editorial na Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), onde esteve vinculado até 1966. O Professor Celso Furtado fora nomeado primeiro superintendente da Sudene, e com suas ideias e projetos de combate ao subdesenvolvimento da região nordeste atraiu jovens engajados e Zé Marques foi um deles.

O emprego na Sudene foi sua libertação, porque passou a não mais depender da família. Ainda no ginásio, já não dependia tanto do pai porque era bolsista do MEC, mas o pai ainda complementava o orçamento para os lanches. O salário era suficiente para pagar a mensalidade do curso de jornalismo na universidade católica e o aluguel do apartamento que compartilhava com primos e colegas. Tempos de pouco dinheiro, ele fazia as refeições no "bandejão" da Faculdade de Direito, e com o que sobrava do salário ele comprava livros, começando assim a formar sua própria biblioteca. Por muito tempo morou em pensão, dormitório coletivo e somente no final da faculdade é que foi morar em apartamento alugado e compartilhado. Nesses tempos, como todo jovem, teve seus namoricos, frequentou bailes e festas e aprendeu a dançar, mesmo alegando que nunca tenha sido um bom dançarino.

O ingresso na Sudene se deu por concurso público, estágio probatório e um curso de Administração da Fundação Getúlio Vargas. Esse vínculo de Zé Marques com a Sudene começou em 1961 e se estendeu até 1966, cujo cargo de Oficial de Administração era chefiado pelo próprio Celso Furtado. Da Sudene, foi requisitado pelo governo de Miguel Arraes.

Com seu talento natural para a organização e metodologia de processos e de assuntos de educação, foi empossado como chefe de gabinete do secretário de educação e em seguida passou a coordenador do projeto de consolidação do Movimento de Cultura Popular. Com 19 anos, seu professor de Economia Política, na Faculdade de Direito, foi nomeado Secretário de Educação e o convidou para ser chefe de gabinete. Nesta época, Zé Marques já despertava capacidade de liderança e organização. Tomava decisões por conta própria e voltava atrás quando cometia injustiça ou erro.

O despertar de Zé Marques para o mundo da informação foi por ele ouvir os programas das emissoras de rádio, e os noticiários transmitidos pelo serviço de autofalantes da cidade. Acompanhava os programas de auditório da Rádio Nacional e ouvia os cantores famosos da época, talvez já despertando seu talento para o que viria a fazer mais tarde, ou seja, a arqueologia das comunicações no Brasil, incluindo o jornalismo e a cultura como um todo. Mas, jovem curioso, tornou-se um cinéfilo e não perdia os seriados e filmes hollywoodianos, chanchadas nacionais, filmes italianos e franceses, exibidos no Cine Glória de Santana do Ipanema. Também lia muita revista em quadrinhos, gibis. Em seguida, tornou-se ávido leitor de literatura, lendo todos os autores clássicos, da poesia e do romance.

No Caminho da Maturidade

Rui Barbosa, segundo Zé Marques mesmo contou ao seu biógrafo, foi o autor que o catapultou para o jornalismo por meio da leitura de um artigo, lido na Biblioteca Pública de Santana do Ipanema: "A imprensa e o dever da verdade", quando ainda era bem mocinho. Assim, o belo jovem de olhos verdes estava irremediavelmente fisgado para o jornalismo. Indo estudar em Maceió, começou então a escrever dentro do chamado movimento estudantil, fazendo com que chamasse atenção sobre si e sendo convidado para atuar junto à Tribuna Secundarista de Alagoas. Depois de já ter atuado como repórter comunitário, ter sido assessor de comunicação do Museu e de ter tido – ainda no secundário – uma redação premiada num concurso, seguir para a faculdade de jornalismo era o caminho natural. E assim foi. Depois também formou-se em Direito.

Numa carreira sempre movimentada, sendo pioneiro em sempre que chegava para assumir uma tarefa, Marques de Melo completou os estudos em Recife (1966), e iniciou a carreira acadêmica como assistente do professor Luiz Beltrão, no Instituto de Ciências da Informação da Universidade Católica de Pernambuco. Por desajustes entre sua postura liberal e inovadora, logo desejou ir para a cidade grande para livrar-se do atavismo tradicional do interior. Não sem dificuldades, mas também com a ajuda de muitas pessoas amigas e da própria família, Zé Marques instalou-se em São Paulo. Nessa ocasião, foi convidado por Octávio da Costa Eduardo para trabalhar como diretor de pesquisas do Instituto de Estudos Sociais e Econômicos (INESE), onde começou a ganhar reputação como pesquisador comunicacional. Com seu talento para a pesquisa e organização, em 1967 fundou o Centro de Pesquisas da Comunicação Social da Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, então vinculada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Logo depois de sua chegada a São Paulo, Zé Marques leu a notícia no *Jornal da Tarde* de que a USP estava instalando a Escola das Comunicações Culturais e na relação de cursos estaria o de Jornalismo, e para tal estavam selecionando docentes. Prestou concurso e passou a integrar a primeira equipe de docentes fundadores da ECA/USP, inaugurando mais um caminho na sua movimentada e já precocemente vitoriosa carreira.

A Plena Realização Acadêmica

Pupilo de Luiz Beltrão, aprendeu com seu mestre as artes da comunicação natural e espontânea, embasada na responsabilidade ética de dizer a verdade. Suas aulas passaram a ser concorridas e foi necessário que se abrissem novas vagas para que o curso de jornalismo contemplasse a todos os pretendentes. O sucesso de Zé Marques com os alunos despertou algum ciúme naqueles que pouco faziam, provocando de vez em quando certos desentendimentos no âmbito administrativo.

Nesse interim, um seminário sobre o livro de Viollete Morin "Erotismo: um mito moderno" (1967), em que uma síntese sobre a obra, preparada por duas alunas como contribuição ao surgimento de novas análises e novas pesquisas sobre o erotismo nos meios de comunicação do país, culminou num clima de discórdia para Marques de Melo, na Faculdade Cásper Líbero. Ainda que ele tenha explicado suas razões e depois protestado contra a censura, não foi possível reverter a decisão da diretoria. Os conservadores consideraram a publicação como sendo pornográfica e os exemplares restantes foram sumariamente apreendidos

ainda no estoque. Essa desavença ocasionada pela diferença de visão político-educativa, para o jornalismo, levou-o a abandonar seu posto de professor na Cásper Líbero.

O Decreto de criação da ECA/USP (1967) foi assinado quando Marques de Melo completava seu 23º aniversário. Acabou sendo como um presente que a vida lhe reservou, pois passou a integrar o quadro da escola, sendo um dos docentes cofundadores. A ECA começou a funcionar somente no ano seguinte, mas no mesmo ano Zé Marques se matriculou no curso de doutorado na USP. O ano de 1968 foi marcado por protestos estudantis contra o autoritarismo do governo e também contra a política educacional adotada nas universidades. Nesse mesmo ano foi implantada a Reforma Universitária, com reflexos negativos diretamente sobre os cursos de Jornalismo. Um depoimento da Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Nóbrega traça o perfil de Marques de Melo à época: "Embora muito jovem, ele era considerado um especialista na área do Jornalismo, não só no que se refere ao professor, mas em tudo que sua expressão comporta de autoridade, confiança e respeito". Isso lhe rendeu ter de assumir o primeiro desafio de sua carreira: instalar um dos principais cursos de jornalismo, na maior universidade do país. Ali, depois Marques de Melo ocupou o cargo de diretor do Departamento de Jornalismo até 1972 quando foi indiciado num processo por atividades subversivas, baseado no Decreto-Lei 477, editado com a finalidade de enquadrar professores e estudantes considerados perniciosos ao Regime Militar (AI-5).

Do processo de subversão instalado logo após a realização da IV Semana de Estudos de Jornalismo Marques de Melo foi absolvido pelo Ministro da Educação, mas passou a ser *persona non grata* junto à cúpula da USP. O diretor da ECA na época, Prof. Dr. Antônio Guimaraes Ferri, candidato a reitor, não queria problemas para sua candidatura, e ponderou que Marques não ocupasse nenhum cargo de gestão acadêmica. Nesta ocasião Marques já havia implantado o Curso de Jornalismo e concluído a instalação do curso de Editoração.

Marques de Melo não se deu por vencido e concentrou sua energia na elaboração de sua tese de doutorado, intitulada "Fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil". Conquistou com louvor seu título de doutor (9,5), sendo pioneiro mais uma vez. Ainda assim foi demitido de seu cargo na ECA pelo Prof. Dr. Manuel Nunes Dias, um dos que participaram da banca examinadora de sua tese. Zé Marques, depois de "cassação branca", passou a ser evitado por pessoas que temiam comprometer-se pela simples saudação acadêmica. Ao se aposentar da USP, em 1993, contam seus amigos que ele "sempre ficou por perto". Após a aposentadoria passou a lecionar no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, e como professor-visitante na Universidade do Texas, nos Estados

Unidos, na Universidad Autónoma de México, e na Autónoma de Barcelona, na Espanha. Em 2001, recebeu o título de professor emérito.

Nesse período, narrado por seu biógrafo, Zé Marques obteve vitórias e derrotas, alegrias e tristezas, revoltas e ufanismo, mas nunca se deixou abater pelas dificuldades impostas pela vida. Um visionário, um agitador cultural, um libertário, criador de instituições e formador de gerações, a transformar o jornalismo em atividade da ciência. Assim, participou de praticamente todas as iniciativas acadêmicas do jornalismo e da área das comunicações, no Brasil, nas últimas décadas.

Zé Marques, ajudou criar e fundar escolas e cursos de Jornalismo, como também é responsável direta e indiretamente pela criação de várias instituições, tais como: União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC), Centro e Núcleo de Pesquisa (CNP); Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa de Comunicação (ABEPEC); Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LABJOR), Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM); Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação. Fundador da Revista Brasileira de Ciências da Comunicação e colunista das revistas Imprensa (SP) e Etcétera (México), é também o idealizador da Rede Alfredo de Carvalho para o Resgate da Memória e a Construção da História da Imprensa no Brasil. Atua ainda como inspirador intelectual de três redes internacionais – Colóquios Internacionais de Estudos sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação (CELACOM), Federação Lusófona de Ciências da Comunicação (LUSOCOM) e Comunicação para América Latina (MERCOMSUL) – e de três redes nacionais – Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional (REGIOCOM), Rede de Estudo e Pesquisa em Folkcomunicação (FOLKCOM) e Comunidade de Saúde, Desenvolvimento e Educação (COMSAÚDE).

Foi agraciado com muitas distinções honoríficas, dentre elas: *Prêmio Wayne Danielson de Ciências da Comunicação*, da Universidade do Texas (Austin, EUA); *Medalha Rui Barbosa*, do Ministério da Cultura (Rio de Janeiro); *Professor Honoris Causa* da Universidade Católica de Santos (São Paulo); *Presidente de Honra* da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, e *Professor Emérito* da ECA-USP. Sua obra publicada é extensa e não há espaço nesta resenha para listá-la.

Consideração e Crítica

O autor da Biografia de José Marques de Melo, o também jornalista e professor Sérgio Mattos, foi atencioso em apontar tanto o perfil individual quanto o perfil social e acadêmico do seu biografado. O perfil traçado é bastante fiel

à pessoa que conhecemos, e os depoimentos de amigos e colegas de trabalho enriqueceram o conteúdo da biografia de modo imprescindível.

Numa resenha de dimensões como esta não é possível comentar muitas das nuanças da biografia, mas pode-se afirmar que houve, por parte do biógrafo, uma pesquisa bastante ampliada e que muitos aspectos foram devidamente narrados.

Os depoimentos do próprio biografado, entretanto, esclarecem e dão credibilidade a certos aspectos da narrativa, como também inibem os avanços interrogativos do biógrafo em relação a algum fato de natureza íntima e particular.

A Iconografia que representa o 16º capítulo da obra ajuda o leitor a identificar fases de vida e pessoas do entorno da realidade do Professor José Marques de Melo. No entanto, talvez por falta de registros disponíveis, faltam imagens da família nuclear de Marques de Melo, por exemplo, fotos de seu casamento com dona Silvia, fotos dos filhos pequenos, ficando portanto um hiato iconográfico.

Do mesmo modo, não consta no livro uma cronologia do biografado, e tampouco sua bibliografia. Esperamos que o autor venha a nos brindar com uma segunda edição revisada e aumentada de modo a resolver estas questões.

Referências

MATTOS, Sérgio. O Guerreiro Midiático: biografia de José Marques de Melo. Petrópolis (RJ): Vozes: São Paulo: Intercom, 2010. 206p.

Em tempo de redes sociais – JMM segundo Marialva Barbosa e Osvando J. de Morais

Ariadne Freitas Bianchi de Oliveira[1]

5.2
CAPÍTULO

O livro "Comunicação em tempo de redes sociais*:* afetos, emoções*,* subjetividades" reuniu ensaios sobre o tema do maior evento da área no país*,* o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação *(*INTERCOM), de 2013. Atuais e relevantes, os textos mostram como as novas tecnologias influenciam na história da comunicação e como podem influenciar também nas relações humanas.

Na contemporaneidade, celulares, *laptops*, entre outros dispositivos que tenham conexão com a internet, fazem parte de um processo de mudança sociocultural, pois alteraram relações da mídia, como também de consumo, de mediação, bem como abriram o campo, as dimensões, consequências de um novo panorama, como, por exemplo, sensações, tatilidade e os comandos gestuais. O livro, teoricamente, questiona: temos a partir daí um novo tipo de relação social, uma relação também da comunicação com o sensível?

Para a análise dessas transformações, é necessário avaliar também a história. Como campo, a comunicação surge no Brasil nos anos de 1960, mas é legitimada apenas na década

1. Mestranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Participante do Núcleo de Estudos de Comunicação Comunitária e Local (COMUNI).

seguinte com a fundação do ICINFORM – Instituto de Ciências da Informação, em 1963, da ECA – Escola de Comunicações e Artes – USP, em 1966, da realização do Congresso Nacional de comunicação da ABI – Associação Brasileira de Imprensa, em 1971, da fundação da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, em 1977, e posteriores, da SOCICOM – Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação, em 2007, e da I Conferência Nacional de Comunicação convocada pela presidência em 2009.

O texto de José Marques de Melo "Ciências da Comunicação: Saga Brasileira" *(1963-2013)* é parte essencial para se entender o processo, já que faz uma retrospectiva do desenvolvimento da comunicação desde a década de 1960, a formação do campo, iniciativas acadêmicas, profissionais, empresariais, avanços e perspectivas, até o presente momento. Em resumo, Marques de Melo faz um balanço geral utilizando como referenciais pessoas e instituições.

Campo em Formação

Diante de um conturbado cenário político e de um golpe constitucional, Miguel Arraes, governador de Pernambuco, eleito pelo povo, tomou posse em 1963 quando também era diplomada a primeira turma de jornalismo da Universidade Católica daquele estado. Luiz Beltrão, coordenador do curso, foi influenciado, então, por questões políticas e eclesiais, a criar o primeiro núcleo do país destinado aos estudos da comunicação, com clímax de ideias daquele ano barradas no ano seguinte (1964) devido ao regime militar instaurado.

Beltrão, que tinha experiência internacional como líder trabalhista, usou de sua sensibilidade para projetos acadêmicos que tinham como tema, por exemplo, a greve dos gráficos que privou o estado de jornais por, pelo menos, 20 dias. Depois investigou o jornalismo policial da capital, analisou o lock out promovido pelas lideranças empresariais e, no final de 1963, fundou o ICINFORM, marco histórico para que a comunicação fosse considerada como campo de análise acadêmica, divisor de águas para considerá-la um campo científico. Raramente havia publicações da área pelas universidades que passam, então, a produzir conhecimento.

Para maior compreensão, Marques de Melo resgata fatos internacionais que mostram o panorama dos estudos de comunicação. Ele destaca a divulgação do livro que "fez a cabeça" da vanguarda na época, o emblemático "O processo da comunicação", de David Berlo, "A informação", de Fernand Terrou, e "Panorama da comunicação coletiva", de Wilbur Schramm, bem como no Brasil

o clássico "O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX", de Gilberto Freyre.

Ações nutridas ainda pelo *II* Concílio do Vaticano, convocado pelo Papa *João* XXIII, que por meio de dois documentos fortalecia a "terceira via" ideológica e diminuía as desconfianças relacionadas aos meios de comunicação que perduravam na Igreja Católica desde a inquisição. Além disso, Beltrão e Danton Jobim ministravam aulas pelo CIESPAL – *Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina*, em Quito, no Equador, que eram convertidas em livros que disseminam suas ideias pelo Brasil. Superação provada já que mesmo com 12 instituições com o curso de jornalismo no país, apenas em Recife as ideias prosperavam.

Academia

Apesar de Marques de Melo mostrar no texto uma aparente harmonia com relação aos avanços da comunicação, principalmente, pela ordem cronológica, o autor deixa claro que essa sensação não passa de aparência, em ritmo de guerra:

> Nesse sentido é que as novas áreas do conhecimento protagonizaram verdadeiras batalhas para existir, progredir, subsistir, dentro do campus. Conflito que se alastra para as agências de fomento acadêmico, cujos recursos ordinários alimentam os programas de ensino cujas dotações complementares nutrem os grupos de pesquisa. Nessas instâncias, quem monopoliza, corporativamente, as decisões "puxa a brasa para a própria sardinha...". O que impõe a permanente vigilância das áreas novas e dos segmentos emergentes, sob o risco de "morrer na praia" (MARQUES DE MELO, 2013, p. 206-207).

Para se ter uma base, a comunicação na área acadêmica no Brasil passa por um processo de quase um século e meio para ser reconhecida. Em 1971 no Brasil, seguindo os marcos cronológicos citados anteriormente, com a realização do Congresso da ABI, é feito o processo de integração com as disciplinas que integram a comunicação organicamente. Como consequência, em 1972, surge a ABEPEC – Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Comunicação. Aos poucos, no entanto, a Associação perde legitimidade e é fundada a INTERCOM, que passa a organizar a comunidade acadêmica brasileira. Marques de Melo (2013, p. 208) ressalta, porém, que a história do campo é também uma "batalha pela hegemonia internacional" que o Brasil ganha espaço somente em

1989 com a refundação da ALAIC – Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação. Só em 1992 o país dá um passo maior nesse cenário com a realização do XVII Congresso promovido pela IAMCR, que em outra edição, de 2008, marcou a ausência latina na programação e levou o Confibercom – Congresso Mundial de Comunicação Ibero-americana, em 2010, a proposta para realizar o I Congresso Mundial de Comunicação Ibero-Americana, que fomentaria o intercâmbio entre países dessa megarregião cultural.

Foi também em 1971, no Congresso da ABI, que representantes das áreas empresariais, sindicais, profissionais e acadêmicas se reuniram para debaterem ideias. Perante à sociedade e ao Estado, a demanda desse encontro foi a de "uma política nacional de comunicação no Brasil":

> Tornava-se evidente que a fragmentação da área causava prejuízo ao desenvolvimento dos processos socioculturais neles contidos, tendo em vista a forte tendência a concentração econômica no setor produtivo e o temor ante a escala autoritária no plano político, além da angústia que a imagem da "ideia global" trazia aos intelectuais progressistas (MARQUES DE MELO, 2013, p. 211).

Na década de 1970 as faculdades passaram a produzir, sistematizar e socializar, concomitantemente a modernidade e ao período do "milagre econômico", que gerou um novo processo simbólico na sociedade. No seguimento acadêmico, prevaleceram a Faculdade de Comunicação de Massa, a Faculdade dos Meios de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica, a Escola de Comunicações Culturais da Universidade de São Paulo, inclusive, a primeira a manter várias carreiras de comunicação.

Federação Nacional

Marques de Melo aponta 15 sociedades científicas e associações educacionais dividas em dois grupos: poli e monodisciplinares, entre elas a INTERCOM e a POLITICOM Associação Brasileira de Pesquisadores de Propaganda e Marketing Político.

O autor destaca os avanços da comunicação, mas chama a atenção pela falta de afinidade com o Estado, já que o desenvolvimento dos estudos não caminha em harmonia com as demandas sociais. Para ele, permaneceu o "complexo do colonizado" e a reprodução de teorias. Uma das metas seria superar essa dependência. Para fortalecer o campo do saber, então, foi fundada a SOCICOM, justamente para identificar esse tipo de questão, criando vínculo entre comunica-

ção e tecnologia. Embora ele aponte o crescimento do campo no país, também analisa, por exemplo, a necessidade de mais bolsas para iniciação científica ao mestrado e doutorado.

Próximos Passos

Primeiramente, superar o complexo de inferioridade, dado o primeiro passo no pacto entre Espanha, Portugal, Brasil, México, Argentina, Bolívia, Venezuela, entre outros, para preservar a identidade cultural e potencializar a presença ibero-americana na comunidade internacional. "O passo seguinte é sem dúvida a criação do observatório das políticas públicas, subsidiando o planejamento de ações transformadoras", segundo Marques de Melo (2013, p. 216).

Perspectivas

Fortalecer nossa autoestima e superar o paradigma da "ciência ocidental", não fomentando o isolamento, mas superando a subordinação, tendo como ponto de partida o estreitamento de laços culturais ao agir, por exemplo, estrategicamente, em fóruns internacionais.

Considerações Finais

O que se buscou, por meio dessas discussões, como no texto de Marques de Melo, foi preservar subjetividades que sustentam seres humanos, formas solidárias e humanizadoras, diante da imensidão do mundo e da modernidade. Como apontado por ele, ainda predomina uma subordinação ao ocidente que necessita ser superada e, para isso, não se propõe isolar a comunidade latina, ibero-americana, mas sim estreitar relações culturais dos países que formam essa megarregião, para terem mais visibilidade.

O INTERCOM de 2013, que teve como tema o título desse livro, foi realizado no Amazonas, estado com a maior população indígena do país. E em tempos dos mais diversos avanços tecnológicos, olhar para os que passam muitas vezes por "invisíveis", como no caso dos povos indígenas, que lutam diariamente para serem ouvidos, assim como olhar para a comunidade latino-americana no campo da comunicação, fortalece o espírito comunitário, participativo, a cidadania e a pluralidade da informação.

Referências

MARQUES DE MELO, J. **Ciências da Comunicação: Saga Brasileira (1963-2013**). In: Marialva Barbosa; Osvando J. de Morais (Org.). Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades. São Paulo-SP: INTERCOM, 2013.

Breve análise da relevância de José Marques de Melo ao pensamento comunicacional brasileiro e latino-americano

Júnior Pinheiro[1]

6.2
CAPÍTULO

Revisitar Marques de Melo: Um Desafio

Revisitar o pensamento teórico de determinado autor é um desafio instigante, dadas as possibilidades de conexões e releituras que podem advir de tal empreitada. A tarefa pode se tornar mais "arriscada" quando a análise é empreendida sabendo-se que contará com a posterior leitura e olhar atentos do mestre em questão.

No campo específico da Comunicação, a responsabilidade parece crescer em proporções geométricas quando o autor em questão é José Marques de Melo. Com cerca de 145 livros publicados, na condição de autor ou organizador, a produção acadêmica de Marques de Melo se confunde com a história da teoria e da pesquisa na área, e está diretamente vinculada à consolidação do pensamento comunicacional na América Latina. Revisitar, portanto, sua obra é revisar o próprio pensamento comunicacional brasileiro e latino-americano.

Numa busca superficial pelos ementários dos cursos de graduação e pós-graduação em Comunicação ou Jornalismo do

1. Jornalista; mestrando em Comunicação e Culturas Midiáticas (UFPB); Coordenador da TV UFPB; Pesquisador associado à ALAIC, à INTERCOM e à Rede FOLKCOM.

Brasil, identificamos facilmente o quão presente tem sido o trabalho de JMM na formação teórica de gerações de profissionais e pesquisadores. Não à toa, em 2009, foi convidado a coordenar uma comissão de especialistas incumbidos de pensar a reestruturação das grades curriculares das graduações em Jornalismo do País. A equipe, que ficou conhecida como Comissão Marques de Melo, sugeriu revisões e ajustes no ensino superior de Jornalismo, a fim de adequar antigas estruturas aos novos desafios e realidades contemporâneas, além de buscar a valorização do profissional jornalista, depois da queda da exigência do diploma.

A indicação de Marques de Melo certamente não se deu apenas pelo reconhecimento da sua posição de decano do ensino da Comunicação no Brasil ou homenagem ao seu pioneirismo. Livros como "Comunicação: Teoria e Política" (1985), "Teoria da Comunicação: Paradigmas Latino-Americanos" (1998), "História Social da Imprensa" (2003), "História do Pensamento Comunicacional" (2003), "Teoria do Jornalismo: Identidades Brasileiras" (2006) e o recém-lançado "Teoria e Metodologia da Comunicação: Tendências do Século XXI" (2014) são textos fundamentais para a compreensão dos processos históricos e das transformações vividas pelo campo comunicacional. Além disso, tornam-se obrigatórios para uma compreensão teórica contextualizada à realidade regional latino-americana. Quando se trata de estudos taxionômicos ou comparativos, Marques de Melo não se furta em promover o diálogo analítico entre os teóricos internacionais e autores nacionais, como Paulo Freire.

Todas estas características, por si, já são suficientes para explicar a importância desta expedição denominada "Fortuna Crítica de José Marques de Melo" – realizada por diversas mãos – muitas das quais foram, em suas primeiras linhas, incentivadas pelo próprio JMM, que consciente do seu papel enquanto professor, durante toda sua trajetória acadêmica tem se dedicado a incentivar outros à prática do pensamento crítico-investigativo, despertando, naqueles que dele se acercam, o prazer da pesquisa em Comunicação. Aliás, muito feliz foi o professor Antonio Hohlfeldt, quando o comparou ao apóstolo Paulo, tanto pela dedicação quase missionária de sua vida na propagação da mensagem comunicacional aos quatro cantos, quanto pela ação intrépida em diversas frentes e contextos.

É preciso acrescer à vocação paulina, o papel do catequista, capaz de fazer discípulos apaixonados por seu ministério, fiéis ao chamado e, ao mesmo tempo, livres para escreverem com sua própria pena. José Marques tem servido de inspiração e bússola a várias gerações de estudantes, não só com seus textos, mas também por meio da criação e manutenção de espaços acadêmicos destinados a quem está no início da jornada. Apesar do pensamento elitista e excludente de parte da academia brasileira, JMM reconhece o quão importante é ampliar os

espaços de debate e preparar novas gerações de investigadores. Por isso, empreende verdadeiras cruzadas para assegurar oportunidades aos juniores e à diversidade temática dos estudos comunicacionais, tanto em associações e encontros da área, quanto em publicações teóricas.

Um Cidadão Global de Coração Regional

No ano de 2003, diante do Conselho Universitário da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), José Marques de Melo, em discurso proferido durante a solenidade que lhe conferiu o título de Doutor Honoris Causa, reafirmou a necessidade do fortalecimento das identidades regionais, diante de um contexto sociocultural cada vez mais globalizado. Ditas por ele, estas palavras tomam um sentido e uma força especiais. Cidadão do mundo, antenado e comprometido com o espírito de seu tempo, Marques de Melo nunca relegou ao segundo plano sua nordestinidade. Antes, buscou aproveitar – ou criar – oportunidades para reafirmar suas raízes simbólicas, sua identidade Caeté, as tradições e a produção cultural e jornalística de sua Alagoas.

Compreender a comunicação enquanto ferramenta para o desenvolvimento e o fortalecimento da cultura regional tem se mostrado preocupação frequente na obra deste cidadão glocal. Não por acaso, ele tanto tem se empenhado em empreitadas para a consolidação dos estudos em Folkcomunicação – teoria desenvolvida na década de 1960, por seu mestre, Luiz Beltrão, de quem José Marques não só recebeu subsídios para sua formação teórica, como também herdou características marcantes em na trajetória acadêmica.

A paixão pelo regional e pela cultura popular – principalmente pelo cordel – despertada desde sua infância em Santana do Ipanema, encontrou em Beltrão o professor certo, sensível a ponto de valorizar e incentivar os estudos das tradições do povo e sua relação com a mídia. JMM se preocupou em levar adiante o que recebeu de Beltrão. Teve participação decisiva na criação da Rede FOLKCOM, de grupos de interesse em eventos nacionais e internacionais, além de ser grande incentivador das Conferências Brasileiras de Folkcomunicação.

Sua preocupação com a cultura e as tradições populares é visível também em seus livros, muitos dos quais têm tratado da temática, tendo dedicado importante espaço para o desenvolvimento de uma complexa e muito bem elaborada taxionomia acerca do assunto, apresentada em seu livro "Mídia e Cultura Popular: História, Taxionomia e Metodologia da Folkcomunicação" (2008). Vez por outra, convida outros pesquisadores a investigar com ele determinado aspecto do tema, em obras organizadas de grande valor científico. Toda esta

preocupação põe Marques de Melo não só ao lado de Beltrão, mas também em par com outros ícones das Ciências Sociais no Brasil, tais como Luís da Câmara Cascudo, Antonio Barreto e Roberto Benjamim. Coincidência, ou não, todos nordestinos.

Entre o Pensamento e a Prática

Ao iniciar o curso de Jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco, em 1961, o filho de Seu Leuzinger Alves de Melo e de Dona Iveta Marques de Melo, já contava com experiência no labor noticioso, desde os 15 anos de idade, tendo atuado na Gazeta de Alagoas e, posteriormente, no Jornal de Alagoas. Apesar do contragosto do pai, que desejava um filho engenheiro, a paixão pelo jornalismo falou mais alto na escolha profissional do jovem, que aplacou os conflitos domésticos ao cursar, concomitantemente, Direito na UFPE.

Já na capital pernambucana, enquanto se debruçava sobre obras como *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*, de Beltrão, JMM se aventurava nas redações dos jornais recifenses, tais como *Última Hora Nordeste* e *Jornal do Commercio*, sendo influenciado diretamente pelo próprio Beltrão, a quem se refere como alguém que teimava em incentivar profissionalmente seus alunos. Sua passagem anterior pelas redações, de algum modo se assemelha à trajetória do criador da Folkcomunicação que, antes de lecionar, seguiu percurso semelhante em jornais. Inclusive, foi de Beltrão que Marques de Melo herdou sua primeira vaga de professor, na Unicap, em 1966.

Ainda em 1966, JMM se mudou para São Paulo, onde participou da criação da ECA-USP, tornando-se o primeiro diretor do Departamento de Jornalismo, em 1967. Com o coração sempre dividido entre a universidade e as redações, passou a colaborar com vários periódicos da capital paulista, como *A Gazeta*, *Folha de São Paulo* e, décadas depois, com a *Revista Imprensa*, na qual até hoje é articulista.

Toda esta experiência, este transitar entre a sala de aula e as redações, certamente influenciou o ponto de vista de JMM acerca das relações entre academia e mercado. Aliás, assim como Beltrão, José Marques soube transitar, com desenvoltura, pelas estradas de cercas e muros existentes entre estes dois ambientes. Talvez por isto, sempre procurou o diálogo entre o pensar a comunicação e o fazer diário, o que sem dúvida sempre rendeu elogios e críticas, advindos de todos os lados.

Consciente do abismo entre a teoria e a prática da comunicação, muito do que Marques de Melo escreveu se deteve a esta questão. Por vezes, defendeu a importância da formação em jornalismo, combatendo o pensamento protecio-

nista – e desdenhoso – daqueles que empreenderam-se pelas redações sem ter frequentado as escolas de comunicação. Por outro lado, não poupou críticas aos acadêmicos elitistas, que renegam qualquer valor às atividades práticas, ao fazer cotidiano.

Sobre estes últimos, foi taxativo. Talvez porque parte dos professores acadêmicos sejam antitecnicistas, desenvolvendo análises teóricas sem conhecimento da sua efetividade prática, ou sem interesse por esta. Outros, ainda, profissionais frustrados, que não conseguiram se encontrar na prática profissional e buscaram refúgio nos campi, destilando descontentamento aos educandos, incentivando-os à desistência do mercado e nutrindo forte preconceito pelos produtos deste. Nos dois âmbitos, a negação da evidência de que a pesquisa em Ciência da Comunicação carece da existência de objetos para tal.

Alguns docentes incentivam seus alunos, desde a graduação, à carreira puramente acadêmica, nem sempre pelo prazer da investigação, mas pelo preconceito direcionado à atuação nos meios de comunicação fora da faculdade. Neste momento, JMM mostra equilíbrio no assunto. Grande descobridor e incentivador de potenciais pesquisadores, ele reconhece a importância da prática noticiosa, até mesmo para a formação dos futuros investigadores. Por isso, ao reestruturar os cursos de Jornalismo, não abriu mão dos espaços voltados ao estágio supervisionado, na compreensão de que prática e teoria devem ser complementares e não excludentes. Afinal, uma amplia o significado e a razão da outra.

Pioneirismo

José Marques de Melo, ao ser referir a Luiz Beltrão, o denomina ícone nacional da comunicação, espécie de reconhecimento pelo que ele chama de pioneirismo tríplice; afinal, Beltrão criou o primeiro instituto de pesquisa, a primeira revista científica e a primeira tese de doutorado na área. Também vanguardista, JMM avançou e expandiu o pensamento comunicacional em todos estes marcos.

Entre as características que poderiam ser apontadas na atividade acadêmica de José Marques de Melo, talvez a mais marcante seja o pioneirismo. Desbravador, nestes 50 anos de pesquisa, ele tem aberto verdadeiras picadas e pavimentado caminhos para os que se puserem em marcha *a posteriori*. Inaugurou estudos sobre os mais diversos objetos. Por isso mesmo, sua obra primaz, "Comunicação Social: Teoria e Pesquisa", mais de 40 anos depois de lançada, continua atual e obrigatória para os iniciantes da vida acadêmica. Ainda, outros livros importantes ampliam o debate proposto no livro de 1971, como "A Esfinge Midiática" (2004) e "Os Caminhos Cruzados da Comunicação" (2010).

Reconhecido por suas obras teóricas e comparativas sobre o Jornalismo, JMM é marco também em outros temas. Dotado de visão vanguardista, buscou deselitizar a universidade brasileira. Para tanto, ignorou o preconceito que certos objetos sofriam no meio, combatendo o patrulhamento ideológico que fazia distinções qualitativas entre o erudito e as culturas de massa e popular. Todo este trabalho lhe rendeu críticas severas, custou amizades e, em tempos de governo militar, acusações de subversão.

José Marques, além de incentivar as pesquisas no campo das culturas populares e do folclore, por meio da Folkcomunicação, inaugurou também os estudos nacionais sobre telenovela e montou importantes núcleos de estudos, tanto na Cásper Líbero, quanto na PUC-SP, dedicados a investigar os mais variados aspectos da produção televisual que viria a se tornar produto nacional de exportação.

É dele também a pedra fundamental dos estudos sobre quadrinhos no Brasil. Inspirado por Umberto Eco, não só pesquisou e inventariou a produção dos gibis no País, como organizou, no Museu da Imprensa, na USP, vasta coleção de revistas em quadrinho. Alvos da sanha de professores universitários vigilantes, durante o período da repressão, os gibis da USP quase arderam em fogo, sendo salvos, juntamente com a coleção de cordel do mesmo museu, por ação da sua ex-aluna Sonia Bibe Luyten e seu esposo Joseph Luyten. Anos mais tarde, em tempos de anistia, JMM, enquanto diretor da ECA, organizou a gibiteca da Universidade de São Paulo, dando a ela seu devido lugar.

O pensamento avançado de JMM não se dedicou apenas à compreensão de assuntos subversivos, contudo. Ao investigar o poder da comunicação – do tornar comum – como elemento religante vital às comunidades, por vezes, procurou entender a religiosidade popular e o poder das crenças, como também da comunicação eclesial, tanto advinda da igreja, quanto em mãos dos próprios grupos sociais, como importante instrumento mobilizador, não só voltado à religião, mas também às organizações e movimentos sociais. Além de artigos e livros organizados sobre o tema, publicou, em 2005, "Comunicação Eclesial: Utopia e Realidade", obra que tem servido de base para estudos acerca do tema.

Marques de Melo se dedicou também à criação de revistas científicas, grupos temáticos e redes de pesquisa voltados aos estudos em Folkcomunicação, Teoria da Comunicação, Comunicação eletrônica e de massa e Comunicação eclesial. Além de buscar parcerias com instituições sólidas, como o IPEA, a fim de fomentar a observação científica da comunicação, há quase vinte anos, participou da implantação da Cátedra UNESCO, na Universidade Metodista de São Paulo, a qual tem coordenado desde então. Preocupado com a ausência de uma sociedade científica que congregasse os pesquisadores da área e serviço de

fórum permanente para o debate e o compartilhamento de pesquisas e informações, fundou, em 1977, a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), hoje, uma das maiores sociedades do gênero na América Latina.

Por uma Academia mais Humana

José Marques de Melo é jornalista, professor e pesquisador. Cada uma destas vertentes em que tem atuado, sempre com afinco, por si só já seria suficiente para justificar um maior apuro analítico à sua obra. Em seus 50 anos de trabalho no campo comunicacional, se dedicou não somente à produção científica, mas à promoção do diálogo, incentivo de talentos, organização de projetos e entidades, valorização da história do jornalismo e da cultura popular no Brasil e na América Latina.

Seu pioneirismo e dedicação quase militantes o tornam presença constante em grande parte do que se refere ao universo da pesquisa e ao ensino da área no Brasil. Em muitos casos, sua influência e prestígio são tão grandes que o fazem uma espécie de oráculo, a ser consultado para dirimir entraves e disputas. É difícil encontrar, mesmo entre aqueles que discordem de suas posições, quem não fale dele com respeito. Quiçá, com carinho. Considerado uma espécie de padrinho, tem sempre um conselho, uma palavra para as situações – seja de incentivo, seja para conduzir à reflexão. Nem mesmo a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), quando errou, escapou de sua pena e de um puxão de orelhas, publicado em periódico nacional.

Apesar de se definir com um prosódico inveterado, há algo de poético nos textos de JMM, algo que torna conteúdos teóricos menos herméticos, facilitando sua assimilação, quer por graduandos, quer por doutores. Talvez por seu espírito não elitista ou por sua prática jornalística, Marques de Melo definitivamente escreve para a compreensão geral; atitude de quem quer se fazer entender a fim da difusão ampla do conhecimento.

A obra de José Marques merece leituras e releituras. Seu pensamento e trajetória precisam ser revisitados, estudados e difundidos, por conta do valor acadêmico inestimável, por sua condição histórica e pioneirismo. Conteúdos que podem ser complementados, mas dificilmente superados. De outro modo, é preciso também falar de JMM nas academias por seu exemplo de vida e dedicação. Numa época tão carente de referenciais, a luz de JMM serve para afrontar o individualismo e as crescentes disputas de ego na academia brasileira.

Atencioso, solícito, afetuoso, JMM torna a universidade mais humana.

Referências

BORELLI, Dário; FELICIANO, Fátima. Marques de Melo: A trajetória da INTERCOM. In: MARQUES DE MELO, José; MORAIS, Osvando J. (Orgs.). **Vozes da distensão e transição:** o debate político na sociedade. São Paulo: Intercom, 2011.

MARQUES DE MELO, José. **Comunicação Social:** Teoria e Pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. **Comunicação:** Teoria e Política. São Paulo: Summus, 1985.

_____. **Teoria da Comunicação:** Paradigmas Latino-Americanos. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **História do pensamento comunicacional.** São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **História social da imprensa.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

_____. **A esfinge midiática**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Comunicação Eclesial:** Utopia e Realidade. São Paulo: Edições Paulinas, 2005.

_____. **Teoria do Jornalismo:** Identidades Brasileiras. São Paulo: Ed Paulinas, 2006.

_____; TRIGUEIRO, Osvaldo Meira (Orgs.). **Luiz Beltrão:** Pioneiro das Ciências da Comunicação no Brasil. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.

_____. **Mídia e Cultura Popular:** História, Taxionomia e Metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. **Os caminhos cruzados da comunicação:** política, economia e cultura. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. **Cidadania glocal, identidade nordestina:** ética da comunicação na era da internet. Campina Grande: Latus, 2011.

_____. **Metamorfose da comunicação no século XXI:** panorama visto do campus. São Paulo: Intercom, 2011.

_____. **Teoria e metodologia da Comunicação:** Tendências do século XXI. São Paulo: Paulus, 2014.

MATTOS, Sérgio. **O Guerreiro midiático:** biografia de José Marques de Melo. São Paulo/Petrópolis: Intercom/Editora Vozes, 2010.

PEREIRA, Clarissa Josgrilberg et al. (Orgs.). **Fortuna Crítica de José Marque de Melo:** Comunicação, Universidade e Sociedade. São Paulo: Intercom, 2013.

A nordestinidade em "Cidadania glocal, identidade nordestina", de José Marques de Melo

Elizeu Correa Lira[1]

7.2
CAPÍTULO

O livro "Cidadania Glocal, identidade nordestina – Ética da comunicação na era da internet" (Campina Grande, editora Latus, 2011) do professor José Marques de Melo é uma obra em que podemos destacar as preocupações do nobre catedrático sobre fenômenos contemporâneos acerca da 'glocalização'. O livro tem como ponto geográfico reflexivo o Nordeste do Brasil, terra de nascimento, de muitos estudos e de fortíssimas contribuições do professor.

A obra é dividida em 12 partes (Apresentação; Preâmbulo; Construir a cidadania glocal nos confins da terra espinhosa; Entrar na idade mídia sem perder a identidade regional; Pensar alternativamente e agir solidariamente; Erradicar o mutismo do homem brasileiro; Participar soberanamente do mundo que se globaliza; Derrotar o imobilismo para sair da barbárie cultural; Valorizar o Brasil para servir à humanidade; Incluir as comunidades marginalizadas na sociedade digital; Fortalecer os pilares da sociedade democrática; Fincar a bandeira caeté na ágora mundializada). Ela reúne uma série de textos escritos pelo professor Marques de Melo em

1. Pastor evangélico da Associação Mineira-Central da IASD e mestrando em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo.

solenidades de recebimento de prêmio e, principalmente, de títulos de *doutor honoris causa* que recebeu.

A "Apresentação" da obra foi feita pelos professores Antônio Faustino da Costa, Cidoval Morais de Sousa e Luiz Custódio da Silva, todos da UEPB – Universidade Estadual da Paraíba (sediada em Campina Grande, agreste paraibano), pesquisadores compromissados com objetos comunicacionais da região nordestina brasileira. O livro inicia com a apresentação e na sequência apresenta a introdução intitulada "Pensar alternativamente e agir solidariamente: desafios da cidadania glocal" e enfatiza o quanto o professor José Marques de Melo contribuiu para os estudos comunicacionais do Brasil nas últimas quatro décadas. É um generoso resumo de uma parte da vida do nobre catedrático, principalmente sobre sua maneira positivamente incomodada de ver e vivenciar o mundo comunicacional brasileiro, tendo inúmeras contribuições para os estudos comunicacionais do nordeste do nosso país.

A segunda parte, "Preâmbulo", assim como o restante da obra, foi escrito pelo professor José Marques de Melo. Esta seção destaca-se pela generosidade e pelas reflexões do nobre catedrático alagoano em frisar os novos tons e desafios das pesquisas comunicacionais, inclusive apontando os redentorismos e novidades. Mais uma vez é uma reflexão fruto das vivências do dia do professor, que anualmente profere dezenas de palestras para socializar seu vastíssimo conhecimento científico.

A terceira parte, intitulada "Construir a cidadania glocal nos confins da terra espinhosa", trata sobre a valorização do local e, principalmente, sobre as novas tônicas trazidas das localidades, falando para ela mesma e sua importância de ser reconhecida.

O professor Marques de Melo destaca sobre o caso da cidade sertaneja alagoana de Santana do Ipanema e seus grandes nomes. É apresentado um percurso histórico, social, econômico e educacional da cidade, principalmente destacando suas potencialidades e evoluções. Um dos ápices de Santana do Ipanema, apontados pelo professor José Marques de Melo é justamente sua evolução como polo educacional, o que garante novos rumos naquela região do sertão alagoano, chamando esse ápice de revolução cultural.

Outro ponto singular no texto do professor José Marques de Melo sobre Santana do Ipanema é acerca de sua inserção no mundo global, via tecnologias comunicacionais, e o quanto isso tem representado para a ascensão do lugar, ao mesmo tempo valorizando o local. Para isso apresenta o termo *Sertão Glocal* que representa a reflexão dessa parte do livro, destacando as três gerações de sertanejos que evoluem o pensamento de Santana do Ipanema e que esse mesmo sertão é um espaço geocultural com raízes fincadas no árido solo calcinado pela falta de

água, mas nutrido pela têmpera dos renitentes povoadores com muita teimosia, confiança e perseverança.

Na quarta parte, intitulada "Entrar na idade mídia sem perder a identidade regional", faz parte de um dos momentos mais importantes da vida do professor José Marques de Melo, pois marca a entrega do título de cidadania de Pernambuco, estado em que ele estudou, constituiu família, deu seus primeiros passos acadêmicos.

No texto é destacado como o Brasil é um arquipélago cultural, cuja unidade geopolítica foi historicamente preservada por três instituições hegemônicas: a língua portuguesa, a religião católica e o sistema federativo (existente desde os tempos da monarquia).

O professor Marques de Melo tece uma série de elogios ao estado de Pernambuco, justa homenagem a um dos estados mais importantes e de maior destaque do País. É feito também um breve resgate histórico e cultural dessa unidade federativa, destacando seu protagonismo regional, principalmente relacionado ao Nordeste e sua influência histórica, cultural e política sobre quase todos os estados nordestinos. O resgate também traz tônicas com comentários via passagens históricas sobre os principais meios de comunicação dos pernambucanos, inclusive com trechos de momentos importantes.

Depois, o professor Marques de Melo faz uma explanação acerca do hino de Pernambuco trazendo estrofes que provam o que dissera anteriormente sobre as qualidades do estado e de seus momentos históricos. São destacados pontos da cultura, da culinária e das artes pernambucanas, não deixando escapar seus grandes ícones.

Na última parte deste capítulo, o professor se regozija do título de cidadão pernambucano e destaca a importância da honraria. Faz um resgate de sua vida e exílio de Pernambuco. Um ponto-chave é quando cita o mestre Luiz Beltrão, seu grande professor e grande incentivador para que pudesse entrar no Mundo da Comunicação.

A quinta parte, intitulada "Pensar alternativamente e agir solidariamente", parte também de um discurso de recebimento de honraria. Dessa vez pela outorga do título de *doutor honoris causa* da Universidade Estadual da Paraíba. O professor Marques de Melo começa o texto agradecendo a honraria e lembrando que ela coincide com os seus 50 anos de jornalista. Um dos pontos-fortes do texto é o espírito de compartilhamento que o nobre docente faz em relação ao curso de Comunicação Social da UEPB, destacando o percurso histórico, paradigmático e inovador desta instituição do agreste brasileiro.

Outro ponto crucial do discurso do professor Marques de Melo é a importância da regionalização e da 'glocalização'. Esse é o texto-mestre para o entendimento da obra em questão. Ele, dizendo-se um intelectual interiorano, nos brinda com essa elucidativa lição:

> Enganaram-se redondamente os que acreditavam numa sociedade unidimensional, matizada pelas cores da metrópole unipolar, cuja indústria cultural tenta dominar mercados, ameaçando as diferenças enraizadas em tradições seculares. Paradoxalmente, o suporte principal dessa sociedade que se pretende mundializada vem favorecendo os povos e as comunidades que não se renderam ao mimetismo, que resistiram à padronização simbólica. Esse cavalo de troia engendrado pela magia da eletrônica e refinado pelas malhas da carpintaria digital se chama internet. Nas suas entranhas, vem germinando uma nova realidade. Nela, desponta uma sociedade GLOCALIZADA, evidenciando que global e local podem coexistir dinamicamente (MARQUES DE MELO, 2011, p.35).

No mesmo discurso o professor José Marques de Melo ainda destacou as ligações e importância de Pernambuco para a comunicação glocal nordestina, mostrando a interligação entre Pernambuco e a Paraíba, comparando principalmente o desenvolvimento do Recife com o de Campina Grande, no interior da Paraíba, que sedia a Universidade Estadual paraibana.

Marques de Melo destaca sobre a importância da interlocução entre o popular, o regional e o tradicional, pensando alternativamente e agindo solidariamente, frisando também que há três grandes caminhos abertos: o da comunicação regional, o da divulgação científica e da cultura dos marginalizados.

Na sexta parte, intitulada "Erradicar o mutismo do homem brasileiro", é o discurso sobre a concessão do primeiro título de doutor *honoris causa* concedido pela Universidade Positivo, de Curitiba, Paraná. O professor Marques de Melo fez todo um percurso comentando os motivos do título e também da surpresa de recebê-lo, sendo que um dos pontos eram justamente os impactos dos seus livros nos últimos 40 anos. O professor recorda as obras de Marshall McLuhan e as lições sobre o poder do livro.

Marques de Melo lembra, ainda, que foi o primeiro autor de um *best seller* de Comunicação no País, com o livro "Comunicação Social: Teoria e Pesquisa" (Vozes, 1970). Outra lembrança é acerca do consumo de obras acadêmicas, muitas delas praticamente sem o devido reconhecimento, mesmo o Brasil tendo mais de mil cursos superiores nas áreas da Comunicação. O professor prossegue sobre a importância da leitura e também do leitor do Século XXI, destacando a necessidade do livro, mesmo que haja uma mudança de suporte.

Já na sétima parte, intitulada "Participar soberanamente do mundo que se globaliza", o professor José Marques de Melo faz um resgate de quando chegou ao estado de Pernambuco. Foi essa a terra escolhida por ele para fazer seu curso superior de Jornalismo e 50 anos depois foi homenageado com o título *doutor*

honoris causa justamente na universidade que se formara. O professor reconhecera que antes de tentar o curso superior já sabia fazer, mas faltava o saber, algo que somente a Academia podia dar-lhe.

O professor conta seu périplo de ingressar, décadas antes, no curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, inclusive o seu primeiro contato com o mestre Luiz Beltrão, culminado com sua formatura e depois ingresso na mesma universidade como pesquisador e também como professor universitário. José Marques de Melo também fala de passagens históricas e de sua relação com a universidade que proporcionou sua primeira formação superior em Comunicação.

Um dos pontos altos do texto é quando o nobre professor lamenta as questões da queda do diploma de Jornalismo para o exercício da profissão, faz alusão à luta na década de 1960 do professor Luiz Beltrão em montar um curso superior e o quanto isso é prejudicado hoje por causa da queda do diploma. O professor também lamenta a judicialização de algumas questões relacionadas à liberdade de expressão e de imprensa e o quanto isso tem prejudicado o trabalho dos jornalistas no atual século, mostrando que muito do que foi conquistado nas últimas décadas está em perigo para o lado da imprensa brasileira.

Neste capítulo, ele nos brinda com um tratado sobre a importância da formação do jornalista, principalmente em suas faces e interfaces voltadas para a ética e o conhecimento e do papel desse profissional de imprensa na atual conjuntura.

A oitava parte, intitulada "Derrotar o imobilismo para sair da barbárie cultural", trata da importância das pesquisas históricas e comunicacionais no Maranhão, justamente como lembrança da história do professor José Marques de Melo para com os maranhenses. Ele evoca as potencialidades culturais e históricas do lugar, além de agradecer a honraria concedida pela Universidade Federal do Maranhão, com quem tem longa parceria desde a década de 1970.

O professor Marques de Melo evoca a importância de se pensar em uma cultura local, respeitando as identidades e as interfaces do seu povo, principalmente levando em consideração as pós-graduações e de quem as fez fora do território brasileiro.

É também destacada no texto a importância da valorização do local e da importância da universidade nesse contexto.

A nona parte, intitulada "Valorizar o Brasil para servir à humanidade", destaca o papel da universidade enquanto protagonista de uma nova sociedade e também de como pode interatuar em um contexto de evolução. O professor José Marques de Melo evoca o nobre pensador potiguar Câmara Cascudo, principalmente no que este também ajudou a ser protagonista do pensamento de

uma nova universidade, tendo a missão de não só expedir diplomas e ministrar aulas, mas também promover congressos, publicações e ainda valorizar, defender e estudar a Civilização Brasileira.

Na décima seção, intitulada "Incluir as comunidades marginalizadas na sociedade digital", encontramos mais um trecho evocando a nordestinidade e a importância desse povo e dos estudos desse povo para com a ciência. O nobre intelectual nos traz uma reflexão sobre o Sertão, não em uma visão forânea, mas em uma visão de conhecedor, na prática e na teoria dessa região do País. Por isso, com tanto acuro fala dessa parte do Brasil.

Marques de Melo frisa como o Sertão vem mudando após a entrada na galáxia digital, que é o mundo de novidades trazidas pelas tecnologias atuais, robustecendo a utopia da comunicação glocal.

O professor faz uma alusão às questões indígenas, principalmente da localidade Águas Belas, em Alagoas, e depois faz analogia ao que está escrito pela professora Maria Salett Tauk dos Santos.

Já na décima primeira e penúltima parte, intitulada "Fortalecer os pilares da sociedade democrática", o professor José Marques de Melo conta um pouco de sua história, principalmente de sua diáspora do Nordeste, movida por perseguições políticas e do nascente Golpe Militar. O texto dele também faz um resgate sobre a importância do jornalismo e de sua vertente impressa, fazendo importante reflexão sobre a questão da leitura de produtos impressos. O nobre intelectual tenta responder os motivos dos impressos brasileiros chegarem tão pouco à população e dentre várias respostas uma delas é sobre o distanciamento das linguagens dos meios para com a maioria da população. A não leitura termina fortalecendo os veículos audiovisuais que enveredam por linguagens mais simples.

Também é refletido no texto o fato da universidade continuar a tomar o papel de vanguarda justamente para refletir esse status social e melhorá-lo.

"Somente o diálogo construtivo e permanente com a sociedade pode conduzir a universidade, em geral, e os cursos de comunicação, em particular, a novos patamares de organização acadêmica, evitando inclusive o perigo letal da sua rendição aos interesses corporativos", destaca o professor Marques de Melo (2011, p. 90).

E mais uma vez o professor Marques reflete sobre a judicialização dos casos envolvendo a imprensa e a importância da valorização do jornalismo.

A décima segunda e última parte da obra, intitulada "Fincar a bandeira caeté na ágora mundializada", fecha o percurso teórico destacando sobre as principais ideias do professor José Marques de Melo elencadas nos últimos anos, pondo em relevo uma preocupação pelo regional e também pelos marginalizados, fruto de ideias advindas de um dos seus grandes mestres, Luiz Beltrão.

No texto também é destacado o Pensamento Comunicacional Alagoano, resgatado pelo professor José Marques de Melo em várias de suas tendências e interfaces, principalmente no que denomina corrente telúrica e diáspora caeté.

O professor Marques de Melo ainda fala dos grandes nomes desse Pensamento Comunicacional Alagoano e dos desafios desse pensamento frente às novas mudanças e interlocuções comunicacionais.

A obra "Cidadania Glocal, identidade nordestina – Ética da comunicação na era da internet" pode ser considerada como emblemática para estudos da área comunicacional em diversas faces e interfaces do País. A nordestinidade é encontrada principalmente a partir do debate sobre o glocal. É nítida na obra uma visão do Nordeste, da terra do professor Marques de Melo e do quanto essa região do País tem a contribuir e a receber contribuições.

É mais uma obra não só com a assinatura de José Marques de Melo, mas também provando o quanto o nobre pesquisador tem um coração (em suas dimensões sentimental e acadêmica) voltado para o compartilhamento de ideias e ensinamentos. Em suma, traduz a sua vocação por excelência e o grande legado magisterial.

Referências

MARQUES DE MELO, José. Cidadania glocal, identidade nordestina: ética da comunicação na era da internet. Pernambuco: EDUEPB, 2011

A dinâmica do tempo nos "Vestígios da Travessia"

Rosangela Malachias[1]

8.2
CAPÍTULO

Por seres tão inventivo
e pareceres contínuo
tempo, tempo, tempo, tempo
és um dos deuses mais lindos.
(Caetano Veloso – Oração ao Tempo).

O tempo nos reserva surpresas. Fatos inesperados ocorrem e quando nos damos conta... Fizemos história. Escolhas bem sucedidas ou equivocadas comporão nossa trajetória e esta dinâmica imponderável não se limita a classificação maniqueísta de se fazer certo ou errado; de responder sim ou não. Os acontecimentos decorrentes da práxis impulsionam a história. Pessoas religiosas podem atribuir a Deus ou aos mistérios da vida, a imprevisibilidade da existência. Céticos e ou agnósticos optam pela materialidade dos fatos. A ciência e a lógica responderiam a tais mistérios. Segundos, minutos, horas, dias, meses, anos colocam-se entre o ato da escrita, agora transformada em leitura evidenciando a grandiosidade e poder do tempo.

---

1. Pós-doutoranda na Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional da Universidade Metodista de São Paulo. Fulbright Alumni do Philip Merril College of Journalism – University of Maryland – College Park e Ryoichi Sasakawa fellow.

E no momento em que vivencio 51 anos de existência ganho, da vida, a oportunidade de escrever sobre os "Vestígios da Travessia – 50 anos de jornalismo", de José Marques de Melo[2], meu professor. A imprevisibilidade do convite pega-me de surpresa. Redundância. Penso então que para cada ano do meu tempo em vida, José Marques de Melo (JMM) trabalhou tanto para a consolidação do Jornalismo como disciplina plural em gêneros, quanto para a concepção metodológica da história de um novo campo: as ciências da comunicação.

Discípula, tremo diante desta imensa responsabilidade. Todavia, nas primeiras páginas do livro deparo-me com outro nome cujo tempo jornalístico fez história: Audálio Dantas. Imediatamente o meu cérebro carrega-me ao passado, quando aos 17 anos, ingressante na faculdade de jornalismo, ouço este nome pela primeira vez e depois, passo a ouvi-lo repetidamente ao longo dos quatro anos da graduação, como exemplo profissional e ético. Dantas apresenta "passo a passo" o transcorrer de um caminhar. Cita o nascimento e infância de JMM em Palmeira dos Índios, Alagoas, e no seu estilo próprio, brinca com as palavras e com o tempo ao transitar do passado de seu prefaciado à contemporaneidade do trabalho na Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional na Universidade Metodista.

Duas décadas mais velho que seu personagem, Audálio Dantas constitui-se em lastro à obra e às referências à Alagoas. Seguindo a leitura, nos deparamos com outro autor, Antonio Sapucaia, que, como Marques de Melo, uniu o direito ao jornalismo [ou vice-versa]. Em seu prólogo também remete às memórias pessoais imprecisas sobre o seu primeiro encontro com JMM. Porém, como Dantas, constitui a dialética do tempo no espaço nordestino, no qual os três jornalistas nasceram, viveram e se conheceram. Juntos, ao contrário das pessoas que fogem às origens, expressam a sua nordestinidade, identidade que se somará a novas aventuras, no sudeste do país.

O sotaque parece então saltar às palavras impressas no início do livro e se traduz também nas memórias do biólogo e médico José Geraldo W. Marques que, no preâmbulo, aponta a convergência entre os campos folkcomunicação e a folk-ecologia indicando como o encontro com JMM ampliou seus horizontes reflexivos.

Os Vestígios da Travessia de JMM foram testemunhados por Dantas, Sapucaia e W. Marques em tempo e espaço diversos. Cada um, a seu modo, apresenta a coragem do menino, jovem e homem nordestino que, sem medo de colocar o "pé na estrada", demarcou o **Pioneirismo Caeté**. Foram com toda a certeza

2. São Paulo, Paulus, 2009 (Coleção Comunicação).

escolhidos pelo autor para evidenciar esta pluralidade de tempos e histórias que ainda assim evidenciam, vez por outra, as suas **Raízes Comuns.**

Sobre a Vida de JMM

Mais tranquila ao descobrir que José Marques de Melo foi um dia menino, a imagem do poder que o seu nome emana não se desfaz, mas transforma-se em possibilidade reflexiva sobre suas escolhas profissionais e acadêmicas, feitas ora pela conjuntura familiar – entenda-se condição socioeconômica – ora pela sagacidade e intuição. Sua biografia demonstra o quanto o menino e o jovem JMM externava uma curiosidade transformadora – manifestação posteriormente teorizada pela obra de Paulo Freire. "Meu interesse pela Comunicação Social é parte natural do processo de socialização vivenciado na infância, na adolescência, projetando-se na maturidade" (MARQUES DE MELO, 2009, p.34).

O substantivo **tempo**, assim como o verbo **transformar** e o substantivo **transformação** aparecem com frequência neste texto. Não se trata de vocabulário limitado, mas sim da impossibilidade de observar e analisar as escolhas de JMM, sem a constatação de como, para ele, o processo histórico foi o cerne de seu avanço profissional. A sua curiosidade, também mencionada antes, o fez buscar mais do que as perguntas-chave dos manuais de redação para a produção de uma matéria jornalística. JMM escrevia bem, narrava os fatos e vicissitudes regionais, mas como aluno de Luiz Beltrão (outro nordestino), pioneiro do campo da Folkcomunicação, foi com toda certeza contaminado pelo vírus da ciência, que provoca o pensar contínuo e a formulação incessante de hipóteses a serem testadas, pensadas, provadas.

O jornalismo técnico torna-se, na sua mente e mãos, científico. Foi sim pioneiro. Primeiro doutor[3] em jornalismo do Brasil e, por isso, legítimo pensador da área que passa, a partir das leituras e viagens internacionais, a dissecar a prática jornalística em gêneros. JMM atravessa as fronteiras para conhecer realidades das Américas do Sul, do Norte e Europa. Segue também para a França e na imersão em cursos, especializações, pós-doutorado vê-se brasileiro, nordestino e também um cidadão do mundo.

Por vaidade humana eu poderia me autoproclamar como autora onisciente da obra de JMM. Porém, o próprio biografado escreve sobre si com a propriedade

3. Tese de doutorado defendida na Escola de Comunicações Culturais da Universidade de São Paulo, intitulada "Fatores socioculturais que retardam a imprensa no Brasil" (1973).

dos fatos e tempo históricos e escolheu com inteligência e provavelmente afeto, os nomes de peso que compõem o prefácio, prólogo e o preâmbulo de sua obra.

Cabe-me então apresentar o olhar de quem, há três décadas, lê histórias sobre e de JMM, como aluna, leitora, aprendiz. O segundo olhar é questionador e crítico, como deve ser a interlocução com colegas de área. Em ambos os papéis, a humildade faz-se necessária como passo imprescindível ao aprendizado.

Nos oito capítulos subdivididos em 98 subtítulos mais o posfácio, JMM cita nomes de autores, professores, jornalistas que conheceu e com os quais aprendeu. Em alguns momentos, além de citar, reforça a sua alegria em conhecer e estudar com determinado cientista. Este procedimento reforça – ao contrário do que muitos possam pensar – que quem muito sabe não precisa exibir-se, mas deve eticamente referenciar fontes.

> Tive a oportunidade de ser aluno de professores jovens, recém titulados em universidades europeias, que nutriam a minha geração com ensinamentos extrajurídicos. Vamireh Chacon e Germano Coelho nos guiaram criticamente pelas sendas do marxismo […]. Colegas pertencentes a diferentes gerações, como Luís Costa Lima, João Alexandre Barbosa, Ana Mae Tavares Bastos, Walter Costa Porto, Marcos Vinícius Villaça, ajudaram-me a fazer opções cognitivas (MARQUES DE MELO, 2009, p.44-45).

JMM é ainda hoje um nome respeitado. No convívio espanto-me com sua forma de tratar o seu "companheiro" e "velho alemão" – "o Parkinson" – com bom humor. Planeja seu horário e atende seus orientandos na Cátedra UNESCO/UMESP narrando lembranças dialeticamente relacionadas às ciências da comunicação. É como se a fala de JMM, por mais corriqueira que seja, não pudesse ser proferida sem embasamento histórico e cultural. Muito provavelmente isto decorra da sua formação na Pontifícia Universidade Católica de Pernambuco onde ele inicia a construção do seu referencial teórico e metodológico sob a orientação de Luiz Beltrão.

Leitor de Anísio Teixeira e de Darcy Ribeiro, JMM vê como a complexidade da cultura influencia a comunicação. Com Manuel Correia de Andrade e Nelson Saltanha arrisca-se a pesquisar respectivamente espaços socioculturais, sob o viés interdisciplinar. Este percurso ousado para a época ocorre simultaneamente à leitura dos clássicos filosóficos como Aristóteles (Grécia), Diderot (França) e Dewey (EUA). Nas ciências sociais lê Karl Marx, Max Weber, Ruth Benedict, Fernand Braudel, Georges Gurdoff e na comunicação Mashall McLuhan, Wilbur Schramm, Danil Lerner, Robert Escarpit, Fernand Terrou, José Teríbio Medina e Carlos Rizzini.

> [...] Florestan Fernandes convenceu-me a adotar o método de interpretação funcionalista. Estribado em seus estudos antológicos sobre os processos de dominação social na organização tribal dos tupinambás, resgatei os ensinamentos de pesquisa social, enraizados em Durkheim, Malinowsky e Merton enriquecidos pelos procedimentos adotados por Otto Groth (discípulo de Weber) para discernir a natureza dos fenômenos jornalísticos nas sociedades modernas (MARQUES DE MELO, 2009, p.47-48).

Aldeia Global

Com toda a certeza, como pós-graduando da Universidade Central do Equador e do Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina (CIESPAL) mantido em convênio com a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e Organização dos Estados Americanos (OEA), JMM não poderia ainda prever que se tornaria – no futuro – responsável pela instalação da Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional na Universidade Metodista de São Paulo. Mais uma vez, a vida deste pensador da comunicação nos traz a ideia da (im)previsibilidade dos fatos decorrentes da ação humana na história propiciando mudança.

Se a identidade e orgulho nordestinos são evocados nas histórias alagoanas vividas em Palmeira dos Índios, Santana do Ipanema e depois, na juventude universitária em Recife, a consciência propulsora ao estabelecimento de redes de solidariedade profissional e acadêmica, caracteriza as incursões de JMM pela América Latina ampliando teorizações epistemológicas sobre os contextos local, regional e global. A cooperação passa a ser uma práxis metodológica do novo campo das ciências da comunicação.

Atualmente, o termo **glocalização** define a crescente estruturação tecnológica da ambiência local e global (SODRÉ, 2012, p. 13) cujo impacto nas culturas regionais é inegável. A ideia explica a forma como redes cooperativas e colaborativas compartilham conhecimento, bibliotecas, acervos de museus e instituições de ensino superior de nível internacional. Tamanha atualidade, possível em tempos de internet, já era vislumbrada por JMM e parceiros continentais considerados como "vanguarda da difusão das ideias da emergente Escola Latino-americana de Comunicação" (MARQUES DE MELO, 2009, p. 55), como o equatoriano Jorge Merino, o argentino Alberto Verga, o venezuelano Carlos Delgado, o uruguaio Manuel Olareaga e o colombiano Antonio Cacua Prada.

Vale a pena dar um salto no tempo, já que desde o início temos demonstrado a dinâmica histórica na vida de um homem, criativo e criador. Em 1977 exerce

o protagonismo de membro idealizador e fundador da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), para a qual atraiu colegas pensadores de diferentes países.

Retornando ao passado, em meados dos anos 1960, o pensamento global de JMM começa a ser irreversivelmente delineado pelas leituras feitas no amplo acervo da biblioteca da CIESPAL constituído por obras internacionais, traduzidas para o espanhol, como as produzidas pela Escola Francesa, formada por Jacques Kayser, Jacques Leauté e Joffre Dumazedier e pela Escola Norte-americana de pensadores da comunicação como Paul Lazarsfeld, Wilbur Schramm, Raymond Nixon, Wayne Danielson, David Berlo..

> Identifiquei as correntes emergentes em países europeus como Alemanha (através de Maletzke), Itália (através de Rovigati), Espanha (através de Beneyto) e Rússia (através de Kachaturov)... na América Latina (Jobim, Beltrão e Freire, no Brasil; Rangel, Mogica e Pasquali, na Venezuela; Bordenave, no Paraguai; Beltrán, na Bolívia; Verón, na Argentina)" (MARQUES DE MELO, 2009, p.56).

Três autores europeus são lembrados como fomentadores de ideias novas. Com Dumazedier desenvolve reflexões daquilo que viria a ser denominado como "leitura crítica da mídia"; as palestras do italiano Umberto Eco, na USP e no Mackenzie, inspiraram JMM a montar tanto um curso sobre teoria da comunicação, quanto uma série de pesquisas sobre cultura de massas, desenvolvidas a partir de 1967 na Faculdade Cásper Líbero. Um ano depois encontra-se com o francês Edgar Morin iniciando pesquisas sobre cinema, rádio e televisão (MARQUES DE MELO, 2009, p. 57-58).

Anos de Chumbo

O pós-doutorado na Universidade de Wisconsin, Estados Unidos, período de 1973 a 1974 "recarrega" as "baterias teóricas" de JMM que, um ano antes, havia sido incluído na lista de professores da USP cassados pelo regime militar. Nos EUA (re) lê Laswell, Lippmann, Gallup e uma dezena de autores que somente chegariam às bibliotecas brasileiras anos depois. Sobre esta fase, JMM ressalta a "generosidade" de Raymon Nixon, cujos diálogos o estimularam a buscar o estado da arte das "tendências do estudo de Jornalismo no Brasil". Cita o "caloroso acolhimento" recebido na S*chool of Jornalism and Mass Communication da Universidade de Wisconsin* e o "interesse e cordialidade" demonstrados pelos pares das universidades do meio-oeste.

O exílio foi profícuo.

De volta ao Brasil mobiliza e estrutura *networks* para a criação da INTERCOM, sediada na Universidade de São Paulo. Em sua fase inicial, a instituição atrai particularmente os pensadores identificados com a linha de pesquisa de ação contra-hegemônica, como Armand Mattelart (França), Emile McAnany (EUA), Giuseppi Richeri (Itália), Javier Esteinou Madri (México), Rafael Roncagliolo (Peru), Robert White (Inglaterra), Jesús Martín Barbero (Colômbia), José Benitez (Cuba), Washington Uranga (Argentina).

Porém, com o fim da ditadura militar, em 1985, a INTERCOM considera fundamental "estabelecer fluxos em dois sentidos, sem filtros seletivos" (MARQUES DE MELO, 2009, p.63). Colóquios binacionais são organizados e incrementados propiciando mediações com as pesquisas desenvolvidas na França, Itália, Espanha, Canadá e Estados Unidos. Consequentemente, a produção científica de JMM e de seus pares latino-americanos seguem uma nova e ampla agenda de fóruns da UNESCO, IAMCR, ICA, IBERCOM, ALAIC, FELAFACS etc. JMM argumenta: "As questões epistemológicas e metodológicas fazem parte da gênese do meu trabalho acadêmico no campo da comunicação" (MARQUES DE MELO, 2009, p. 67).

Por isso, revisita os escritos de Aristóteles e Quintiliano, "fontes seminais da epistemologia da comunicação" e faz a releitura de Robert Park para concluir que, de uma forma geral, "fora do tempo e do espaço", as ciências da comunicação "reproduzem procedimentos de segunda mão". Isto ocorre porque o campo ainda gira em torno das metodologias e técnicas desenvolvidas pela Sociologia e demais disciplinas das ciências sociais (MARQUES DE MELO, 2009, p.67).

Esta crítica é corajosa, na medida em que concebe como "estacionário e pouco avançado metodologicamente", o campo das ciências da comunicação, no qual ele próprio é autor referencial.

Com a aposentadoria e a conclusão de seu mandato como diretor da ECA-USP, JMM ainda é convidado a trilhar e deixar marcas em novos desafios, como a fundação do LABJOR (Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo) da UNICAMP e a implantação do curso de doutorado do Instituto Metodista de Ensino Superior.

Aprendiz, Repórter, Redator, Cidadão

Depois de 34 anos de docência e gestão na universidade pública e dos novos desafios assumidos pelo nosso personagem ao longo dos seus **50 anos de travessia**, os **vestígios** que surgem nas páginas do livro resgatam as suas referências ao

passado: o menino, o jovem aprendiz, o repórter, as matérias e opiniões que o fizeram cidadão do mundo, sem deixar Alagoas para trás. Aliás, o estado alagoano é personagem relevante, merecedor de capítulo histórico detalhado.

Seus textos jornalísticos publicados na *Gazeta de São Paulo*, *Jornal de Alagoas*, *Jornal O São Paulo*, *Diário do Grande ABC, Revista Imprensa, Folha de S. Paulo* [...] apresentam fatos históricos, datados e atuais. Um, em particular, "Poema da fome" causou-me emoção. Nele, JMM faz uma crítica sensível e contundente à realidade apresentada pelo livro "Quarto de Despejo, diário da favelada Carolina Maria de Jesus". Quando lemos um livro sem folheá-lo antes somos surpreendidos a cada página devorada. Na parte 3, os "Argumentos do Redator" apresentam a crítica de JMM, publicada em 09 de fevereiro de 1961, portanto, data anterior ao meu nascimento.

Emocionei-me com a comparação textual feita por JMM. Se a pesquisa e o academicismo fazem do autor um homem da ciência, a sua intimidade com as palavras o fazem cronista, escritor, jornalista. Se como cientista JMM prioriza a epistemologia, a reflexão, o estabelecimento de redes e a escuta qualificada de mestres; como articulista expressa o falar de terceiros, mesmo daqueles distantes de sua realidade de vida. Foi assim com a descrição da fome, um problema que mobiliza "inúmeros escritores e estudiosos", que não alcançaram em suas análises a "desenvoltura", "impetuosidade" e "espírito honesto" do texto de Carolina Maria de Jesus. "A ela sobrou o que àqueles faltou – o completo conhecimento de causa" (MARQUES DE MELO, 2009, p.155).

A prospecção do pensamento de José Marques de Melo se comprova nas suas escolhas passadas e atuais, na sua capacidade em identificar temas, conceitos, personagens predestinados a uma atualidade contemporânea ou a uma realidade do advir. Vale lembrar que Audálio Dantas, amigo e grande jornalista o antecede na descoberta de Carolina Maria de Jesus, em 1958. Ao ler os escritos daquela mulher negra, favelada, Dantas emociona-se com a força de suas palavras e escreve uma grande reportagem sobre ela, publicada na *Folha de São Paulo*.

Três anos depois, em 1961, o jovem JMM publica seu texto no *Jornal de Alagoas*.

> Carolina tinha em mente uma grande e nobre tarefa. A de mostrar a todos o que é verdadeiramente, sem botar, nem tirar, esse monstro tremendo, provocador da revolta, da indignação, do desalento, da desgraça, da indecorosidade – a fome. E eis então que ela assim a define com objetivismo: *a fome é a pior coisa do mundo* (MARQUES DE MELO, 2009, p. 156).

O pensamento prospectivo dos jornalistas Dantas e JMM também antecede o trabalho do historiador paulista José Carlos Sebe Bom Meihy e do cientista social norte-americano Robert M. Levine sobre a vida de Carolina. Juntos, escrevem:

> Ser negra num mundo dominado por brancos, ser mulher num espaço regido por homens, não conseguir fixar-se como pessoa de posses num território em que administrar o dinheiro é mais difícil do que ganhá-lo, publicar livros num ambiente intelectual de modelo refinado, tudo isto reunido fez da experiência de Carolina um turbilhão (MEIHY; LEVINE, 1995, p.63).

Com uma cronologia repleta de ações, José Marques de Melo vive intensamente o seu tempo histórico que é dinâmico. Em 1977, JMM e seus pares fundam a INTERCOM. Meses antes, a personagem do artigo "Poema da fome" – Carolina Maria de Jesus – morre, aos 62 anos. No seu enterro comparecem muitas pessoas simples e o jornalista Audálio Dantas, que a descobriu como escritora.

Enquanto teórico JMM é citado como aquele que traz para o campo das ciências da comunicação, a reflexão sobre a dialética entre teoria e a práxis.

Em tempo: 2015 marca o lançamento do volume 4 da coleção **Fortuna Crítica de JMM**, que reúne artigos sobre sua vida e obra. O ano também celebra o centenário do nascimento de Carolina Maria de Jesus, em 14 de março, na cidade mineira de Sacramento.

Referências

JESUS, CM. **Quarto de Despejo:** diário de uma favelada. São Paulo, Ática, 2005, 8ª ed.

LEVINE, R. M.; MEIHY, J. C. S. B. **The life and death of Carolina Maria de Jesus**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1995.

MARQUES DE MELO, J. **Vestígios da Travessia**. Da Imprensa à Internet – 50 anos de jornalismo. São Paulo, Paulus, 2009.

SODRÉ, M. **Reinventando a Educação. Diversidade, descolonização e redes.** Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2012.

SEÇÃO III

COLEÇÕES E CONTRIBUIÇÕES

Vozes de Petrópolis: projetando autores, descortinando temas e debatendo problemas

Aline Strelow[1]

1.3
CAPÍTULO

José Marques de Melo é múltiplo. Descortinar sua trajetória, um dos objetivos do projeto **Fortuna Crítica**, é fazer uma leitura atenta de suas tantas contribuições para o campo da Comunicação. Marques de Melo é professor, antes de tudo. Mas é também pesquisador, líder acadêmico, articulador político para os assuntos de interesse da área, pioneiro em uma série de estudos do campo, jornalista, autor e editor de livros. É sobre esta última faceta que iremos nos dedicar nesse capítulo, em especial às coleções **Meios de Comunicação Social (Séries Manuais, Pesquisa e Ensaios) e Estudos Brasileiros** – conjunto de 30 livros publicados ao longo da década de 1970 pela Editora Vozes.

Meios de Comunicação Social – Série Manuais

A primeira série da coleção **Meios de Comunicação Social** é dedicada à publicação de manuais. Em um campo ainda

1. Professora Adjunta da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Fabico/UFRGS). Realizou estágio pós-doutoral em Comunicação na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Doutora e Mestre em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

em formação e com escassa bibliografia nacional, as obras, de diferentes autores, começam a delinear os estudos de Comunicação nacionais, mostrando suas especificidades, objetos de pesquisa e principais contribuições até aquele momento.

O primeiro livro da série é "Comunicação Social: Teoria e Pesquisa" (1970), obra de estreia de Marques de Melo, que à época, contava apenas 27 anos. A obra, como lembra Kunsch (2000), foi lançada nacionalmente em Recife (PE), no auditório da Universidade Católica de Pernambuco, onde o autor, que já ocupava o cargo de diretor do Departamento de Jornalismo da Universidade de São Paulo (USP), iniciou sua carreira como docente. Rapidamente, a publicação passou a ser utilizada como texto didático pelas universidades brasileiras, com suas pesquisas pioneiras sobre quadrinhos, jornais, fotonovelas, telenovelas, rádio, etc.

O livro foi amplamente comentado pela imprensa brasileira e a primeira edição esgotou-se em menos de um ano. Marques de Melo realizou palestras e cursos em diversas cidades do país, disseminando os resultados dessas pesquisas pioneiras e fazendo circular o conhecimento sobre os estudos comunicacionais. Vivíamos, no Brasil, o período mais duro da repressão, durante o governo de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), quando, como lembra Mattos (2012), as coleções da Editora Vozes foram lançadas e mudaram a comunicação no Brasil. O autor salienta a importância da obra "O controle da informação no Brasil", de Antonio Fernando Costella, segundo livro da Série Manuais.

> A obra pioneira de Costella é, portanto, um trabalho no qual o autor procura encontrar as raízes históricas da liberdade de imprensa em nosso país, descrevendo todos os percalços do processo, com os avanços e recuos, conquistas de liberdade e derrotas frente a opressão e a censura impostas pelos governantes. Utilizando uma perspectiva histórico social, o livro, hoje um clássico, coloca a legislação brasileira como um dos mais fortes instrumentos de controle da liberdade de informação (MATTOS, 2012, online).

Também sob a tutela de Marques de Melo, seria produzido o pioneiro "Jornalismo audiovisual", de Walter Sampaio. O livro resultou das aulas ministradas por Sampaio no curso de Jornalismo da USP, sob a dupla condição de aluno e professor[2], e logo se tornou bibliografia obrigatória para as disciplinas de rádio e TV em cursos por todo o país.

---

2. Para mais informações sobre a trajetória do autor, ver entrevista disponível em http://www.mac.usp.br/mac/templates/exposicoes/exposicao_artejornalismo/expo_virtual/virtual11.htm.

No campo das Teorias da Comunicação, foram precursoras as obras "Teoria da Informação", de Marcelo Casado d'Azevedo, "Fundamentos Científicos da Comunicação", organizado por Adisia Sá, e "Sociologia e Comunicação", de Antonio Pasquali. Como um dos resultados das pesquisas pós-doutorais de Marques de Melo realizadas na Universidade de Wisconsin, entre 1973 e 1974, período em que peregrinou por bibliotecas norte-americanas, a obra "Comunicação, Modernização e Difusão de Inovações no Brasil" traz artigos escritos por brasileiros e *brazilianistas*, onde os postulados de Wilbur Schramm e seus discípulos (Berlo, Rogers, Kumata) "transparecem com nitidez" (MARQUES DE MELO, 2007, p. 19).

Ampliando a abrangência dos assuntos discutidos na **Série Manuais**, merece destaque "Deontologia da Comunicação" (1982), de Mário Erbolato, que permanece como referência para os estudos da área e traz uma rica discussão sobre as relações entre Jornalismo e Publicidade. Os estudos históricos também foram contemplados, com "História da Comunicação: Rádio e TV no Brasil" (1982), de Maria Elvira B. Federico.

No campo do Jornalismo, dois clássicos fizeram parte da coleção: "Técnicas de Codificação em Jornalismo" (1978), de Mário Erbolato, e "A opinião no Jornalismo Brasileiro", de José Marques de Melo (1985). O primeiro figurou como livro-texto de disciplinas voltadas à redação jornalística durante muitos anos. Bastante didática, a obra traz, além das teorias, exercícios a serem realizados pelos estudantes e materializam, de algum modo, o conhecimento construído pelo autor na relação entre os estudos acadêmicos e a experiência em redação de jornal. O segundo, "A opinião no Jornalismo Brasileiro", fruto da tese de livre-docência de Marques de Melo, é o primeiro estudo aprofundado do autor sobre gêneros jornalísticos, temática a qual se dedica ainda nos dias de hoje, permanecendo como principal referência nacional.

Meios de Comunicação Social – Série Pesquisa

Seis obras compõem a **Série Pesquisa** da coleção **Meios de Comunicação Social**. São, de um modo geral, trabalhos empíricos ou voltados a análises dos processos comunicacionais no cotidiano da sociedade na década de 1970, período em que circulam todos os títulos. A primeira obra da série é emblemática: "Cultura de massa e cultura popular: Leituras de operárias" (1972), de Ecléa Bosi. Através de entrevistas com dezenas de operárias, a autora discorre sobre a relação dessas mulheres com a leitura e com a literatura, em uma rica discussão sobre cultura de elite, cultura popular e cultura de massa.

O segundo é de autoria de Marques de Melo: "Sociologia da Imprensa Brasileira" (1973), considerado pelo próprio como uma de suas obras mais significativas do ponto de vista bibliográfico para os estudos de Jornalismo. O livro é resultado de sua tese doutoral e, em 2003, ganhou nova edição, sob o título "História Social da Imprensa". Trata-se de uma das mais importantes análises sobre os primórdios da imprensa no Brasil, com foco nos aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos que acarretaram no atraso para sua implantação no país.

A pesquisa em Relações Públicas é contemplada, em 1973, com a obra "Comunicação e Organização no Processo de Desenvolvimento", de Tereza Lucia Halliday, alentada contribuição nacional ao tema que, durante muito tempo, foi estudado, no país, através de traduções de originais estrangeiros[3]. A autora foi, inclusive, a tradutora da obra seguinte da série, "O império norte-americano das comunicações", de Herbert Schiller, que traz uma crítica de viés marxista. O autor é um dos fundadores da **economia política da comunicação** (LIMA, 2004).

Com o olhar voltado à apropriação que fazem os trabalhadores dos meios de comunicação de massa, são lançadas as obras "Televisão e Consciência de Classe" (1977), de Sarah Chucid da Viá, e "A imprensa operária no Brasil" (1978), de Maria Nazareth Ferreira. Viá tem como foco a influência da televisão sobre os valores sociais e culturais dos trabalhadores da indústria têxtil. Ferreira foi uma das primeiras pesquisadoras a se dedicar ao estudo da imprensa operária no Brasil – os veículos que constituíam essa imprensa, de acordo com a autora, funcionavam como um valioso instrumento de orientação coletiva.

Meios de Comunicação Social – Série Ensaios

As reflexões e críticas a respeito de assuntos centrais para o campo da Comunicação, como cultura, desenvolvimento e ideologia, tiveram espaço em sete livros da **Série Ensaios**. No primeiro lançamento, "Comunicação, opinião, desenvolvimento" (1971), José Marques de Melo discorre sobre a consolidação dos meios de comunicação e de uma indústria cultural no Brasil, mostrando o processo de dominação de classe pelas elites em solo nacional.

Na sequência, em 1972, é publicado "Sociedade de massa: comunicação & literatura", de Luiz Beltrão, mestre de Marques de Melo e seu grande incentivador. As relações entre Jornalismo e Literatura, que continuam a animar as pesquisas da área, têm nessa obra uma referência importante. Beltrão afirma que o

3. http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista16/perfis%2016-%203.htm

Jornalismo seria agente e provocador de todas as escolas e movimentos literários que se desenvolveram nos séculos XIX e XX. Também com a proposta de pensar a relação entre os produtos culturais e a Comunicação, aparece "Música Popular e Comunicação" (1973), de Carlos Alberto de Medina.

Com o objetivo de discorrer sobre os mecanismos da atividade informativa e seu lugar na realidade da época, tendo como pano de fundo a defesa da informação livre, é publicado "Informação e Sociedade" (1973), do espanhol Juan Beneyto. Também na linha de defesa e compreensão do interesse público, está a obra "Psico-Sociologia das Relações Públicas" (1975), de Candido Teobaldo, importante referência nacional na área. O livro, conforme explicita Silva (2011), analisa o poder psicossocial e sua importância, uma vez que esse poder é entendido como representação da opinião pública.

Em 1978, é lançado "Comunicação & Libertação", de José Marques de Melo, reflexão pioneira, em nível nacional, sobre a relação entre Comunicação e Igreja, tendo como foco a doutrina católica sobre os meios de comunicação. Sobre o assunto, ainda pouco explorado na academia, o autor permanece como importante referência – além de suas publicações sobre o tema, orientou boa parte da pesquisa realizada sobre o assunto no Brasil. A **Série Ensaios** encerra-se com a obra de inspiração frankfurtiana "Teoria da Comunicação: Ideologia e utopia" (1979), de Roberto Moreira.

Estudos Brasileiros

Com foco na realidade cultural e social do Brasil, Marques de Melo edita, também na década de 1970, a coleção **Ensaios Brasileiros**, que reúne seis livros de diferentes autores. O estudo do tema se dá a partir de olhares diversos, que vêm das Ciências Sociais, das Ciências Humanas, das Ciências da Saúde e das Ciências Sociais Aplicadas.

A série tem início com "Homem, cultura e sociedade no Brasil" (1972), do antropólogo Egon Schaden. Professor da disciplina "Antropologia da Comunicação" na ECA/USP, Schaden reúne, nesse livro, uma coletânea de artigos científicos que servem de base para as discussões do tema naquele momento. Com uma contribuição que parte da Medicina, o pediatra Aguinaldo Nepomuceno Marques lança "A infância no Brasil em transformação", na qual dialoga com as mudanças em curso no país e os impactos sobre as crianças e a educação.

Trazendo uma análise cultural da imigração japonesa, Hiroshi Saito organiza "Assimilação e integração dos japoneses no Brasil" (1973), publicação que discorre sobre diferentes grupos de origem nipônica e seus conflitos em solo nacional.

Em seu capítulo com Kumasaka, estuda grupos vitoristas como o Shindô Renmei, que inspiraria, décadas mais tarde, a obra "Corações Sujos", de Fernando Morais.

O cenário rural também aparece como objeto de estudo acadêmico, em "O campesinato brasileiro" (1973), de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Em uma investigação marcada pela preocupação com as questões políticas e sociais, a autora ressalta a relevância, na vida no campo, dos laços pessoais e da estrutura social tradicional. O livro constitui-se em uma interpretação clássica do pensamento social contemporâneo.

A série encerra-se com dois títulos direcionados aos estudos de Comunicação. São eles: "Subdesenvolvimento, Urbanização e Comunicação" (1976), de José Marques de Melo, e "O índio, um mito brasileiro" (1977), de Luiz Beltrão. O primeiro analisa e documenta o processo de "modernização sem desenvolvimento" que ocorreu no Brasil. O segundo traz uma contundente análise sobre a cobertura da imprensa sobre as questões indígenas – com experiência profissional na Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Beltrão lança mão do conhecimento construído a partir dessa atividade para propor suas reflexões.

Considerações Finais

Ao longo da década de 1970, o campo da Comunicação no país foi abastecido com um conjunto vasto e diversificado de livros, levados a público pela Editora Vozes e editados por José Marques de Melo. São obras que mostram riqueza e variedade temática e teórica – muitas delas, inclusive, permanecem como referências fundamentais para os estudos contemporâneos.

A atuação multifacetada de Marques de Melo à época e sua compreensão sobre as necessidades de um campo de pesquisa ainda em construção surpreendem o leitor contemporâneo, especialmente se lembrarmos que as primeiras publicações das duas coleções aqui estudadas saíram quando seu editor ainda estava na casa dos 20 anos. O vigor intelectual, pelo qual é reconhecido 50 anos depois, já aparece como uma marca nos primeiros anos de sua carreira acadêmica e uma evidência do protagonismo que irá exercer nas décadas seguintes.

Referências

KUNSCH, Waldermar Luiz. **Comunicação eclesial católica: Análise da produção acadêmica brasileira.** Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/2/24/Waldemar_Kunsch.pdf. Acesso em 15 de setembro de 2014.

LIMA, Venício de A. Breve nota em memória de Herbert I. Schiller. In: **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación** www.eptic.com.br, Vol. VI, n. 2, p. 78 a 81, Mayo – Ago. 2004.

MARQUES DE MELO, José. A recepção das ideias de Wilbur Schramm no Brasil. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, ano 4, n. 6, p. 12-21, jan./jun. 2007.

_____. **40 anos de Jornalismo – Entrevista a Boanerges Lopes e Luciana Gomes.** PCLS – Volume 1 – número 3: abril / maio/ junho de 2000.

MATTOS, Sérgio. **A contribuição de Antonio Costella ao campo da comunicação.** In Observatório da Imprensa, edição 719, 06/11/2012. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed719_a_contribuicao_de_antonio_costella_ao_campo_da_comunicacao. Acesso em 15/09/2014.

SILVA, Sandro Takeshi Munakata da. **Psicossociologia das Relações Públicas: Enfoque Teórico Comunicacional.** Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. Recife, 2011.

VASCONCELLOS, Dora Vianna. **O problema agrário em José de Souza Martins, Octávio Velho e Maria Isaura Pereira Queiroz.** Anais do Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades – ANINTER-SH/PPGSD-UFF, 03 a 06 de Setembro de 2012.

Clássicos do Jornalismo: diálogos com os fundadores do pensamento jornalístico brasileiro

Juliano Domingues-da-Silva[1]

2.3
CAPÍTULO

Escafandrista da Mídia

O professor e pesquisador José Marques de Melo é uma espécie de escafandrista da mídia. Ao longo da sua trajetória acadêmica, envolto em sólido arcabouço teórico, ele mergulhou profundamente na história da formação da identidade do Jornalismo no Brasil. Um dos célebres resultados desse empreendimento é a coleção Clássicos do Jornalismo Brasileiro, formada por seis obras indispensáveis para se compreender o nosso *ethos* jornalístico.

A preocupação com as raízes da prática do Jornalismo nos remete ao ano de 1973, quando Marques de Melo defendeu tese de doutorado intitulada "Fatores sócio-culturais que retardaram a implantação da Imprensa no Brasil". Revelava-se, naquele momento, um traço metodológico indelével da sua atividade de pesquisador: a ênfase à perspectiva histórica, amparada por elementos de natureza social, política e cultural. Sob o ponto de vista do próprio Marques de Melo (GOBBI, 2001), a integração dessas dimensões oferece ao pesquisador a possibilidade de se investigar de maneira integral o desenvolvimento do Jornalismo no Brasil.

---

1. Professor e coordenador do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap

Ao se dedicar ao estudo dessas raízes, seja como conteúdo de sala de aula ou como objeto de pesquisa, algo incomodou Marques de Melo: "Inquietava-se o fato de que ao ministrar conhecimentos teóricos sobre jornalismo na universidade, os alunos reclamavam a ausência de fontes capazes de explicitar o pensamento brasileiro"[2]. Da inquietação nasceu a coletânea de seis livros editados pela Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP) intitulada Clássicos do Jornalismo Brasileiro.

São eles:

- "A imprensa e o dever da verdade", de Rui Barbosa
- "A missão da imprensa", de Carlos Lacerda
- "Espírito do Jornalismo", de Danton Jobim
- "Iniciação à filosofia do Jornalismo", de Luiz Beltrão
- "O jornalismo como gênero literário", de Alceu Amoroso de Lima
- "O problema da imprensa", de Barbosa Lima Sobrinho

Sobre os autores acima listados, cabem duas observações de natureza biográfica a relacionar Marques de Melo aos clássicos editados. A primeira diz respeito a Rui Barbosa. Foi influenciado justamente pelo texto "A imprensa e o dever da verdade" (BARBOSA, 1990) que, na década de 1950, o então adolescente de Palmeira dos Índios decidiu se dedicar à prática jornalística – primeiramente em publicações estudantis, depois, na grande imprensa (GOBBI, 2001).

A segunda observação se refere a Luiz Beltrão, coordenador do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Foi com Beltrão, do qual se tornou o principal pupilo, que Marques de Melo iniciou seu percurso acadêmico no campo da comunicação. Além de aluno do autor de "Iniciação à filosofia do Jornalismo" (BELTRÃO, 1990), Marques de Melo foi integrante ativo do Instituto de Ciências da Informação. O ICINFORM, fundado em 1963 na UNICAP, entrou para a história como o primeiro centro de pesquisas de fenômenos comunicacionais do Brasil.

Certamente, para o professor e pesquisador José Marques de Melo, esses dois títulos possuem, além do valor histórico inquestionável, um peso emocional. Tratam-se de pilares fundantes da sua formação pessoal e profissional. Ao mesmo tempo, ao lado das demais obras editadas, eles apresentam as bases

2. Entrevista concedida por José Marques de Melo a Elaine Melo. Disponível em: <www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/entrevistas1_ahtm>. Acesso em 27 jun. 2014.

sobre as quais vêm se construindo a prática jornalística nacional. São, portanto, referenciais teóricos e práticos indispensáveis, sobretudo, para estudantes e profissionais da área.

A Coleção

O texto "A imprensa e o dever da verdade" (BARBOSA, 1990) foi editado pela primeira vez em 1920, com dois objetivos: destacar a importância dos meios de comunicação na sociedade e angariar recursos para a manutenção do Abrigo dos Filhos do Povo, localizado em Salvador. Questões de saúde impediram Rui Barbosa de ministrar a conferência, conforme havia programado. Entretanto, aspectos centrais da atividade jornalística ressaltados pelo autor no texto reverberam até hoje.

A ética é o elemento norteador da reflexão de Rui Barbosa. A partir dela, o autor chama a atenção da sociedade para a utilidade pública da imprensa e o dever do jornalista de informar, sem omissões. Ressalta-se, nesse sentido, o papel fiscalizador desse profissional, cujo dever é sobretudo expor os deslizes do poder público. A análise se volta, principalmente, para questões relacionadas à corrupção e ao seu impacto não apenas na atividade daquele que trabalha diretamente com a informação, mas também nas empresas de comunicação. A vítima das consequências indesejáveis dessa relação entre corrupção, governo e imprensa, por sua vez, é a própria sociedade e suas instituições, alerta.

É fundamentalmente Rui Barbosa quem influencia Carlos Lacerda em "A missão da imprensa" (LACERDA, 1990). No texto, originalmente proferido em palestra na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), o jornalista, empresário e político polêmico se refere a um dos patronos da sua formação em mais de um momento. Por meio de uma espécie de relato pessoal, Lacerda procura chamar atenção para temas já tratados por Rui Barbosa, dentre eles o papel social do jornalista, seu compromisso de servir o povo e, assim, defender os interesses da sociedade. Sua missão seria traduzir a complexidade dos fatos para, com isso, incentivar o leitor a participar da vida política do País.

O jornalismo é entendido, portanto, como ferramenta capaz de fomentar uma opinião pública bem informada e, consequentemente, vigilante e esclarecida. Para isso, defende Lacerda, a atividade jornalística deve ser motivada pelo atendimento ao bem comum, livre de oportunismos políticos ou motivações essencialmente financeiras. Preocupações dessa ordem são apontadas como necessárias para se evitar a desmoralização da imprensa e, por conseguinte, do próprio País. Ao apontar esses e outros problemas relacionados à imprensa, como o

sensacionalismo, o autor ressalva: não é sua intenção denegri-la, pelo contrário. Tais defeitos não são incuráveis, afirma Lacerda. Apontá-los seria o primeiro passo para corrigi-los. E isso se dá, recomenda o autor, por meio da decência, do respeito próprio e do respeito pelo leitor.

O livro "O problema da imprensa" (LIMA SOBRINHO, 1990), do jurista, literato, historiador, político e jornalista Barbosa Lima Sobrinho, também é marcado pela tônica de relato pessoal. Editada pela primeira vez em 1923, trata-se de uma obra pioneira sobre a atividade jornalística e as várias dimensões a ela relacionadas. Questões sobre a relação entre imprensa e sociedade são abordadas numa perspectiva histórica, com destaque para aspectos legais ligados à prática profissional, como direito de resposta. Por ocasião da publicação desse livro, Barbosa Lima Sobrinho pode ser considerado um dos pioneiros – ou o pioneiro – do estudo da comunicação no Brasil, mais especificamente do jornalismo (DE MELO, 1997).

Já em "Espírito do Jornalismo" (JOBIM, 1990), Danton Jobim aborda a atividade jornalística a partir das suas técnicas, das suas relações com a opinião pública e da sua importância no contexto das relações internacionais. O livro reúne textos inéditos de um dos principais nomes brasileiros não apenas da prática, mas, sobretudo, do ensino do jornalismo. Trata-se de uma coletânea de material inédito, boa parte resultado de aulas ministradas no exterior, em universidades de Paris (França) e do Texas (EUA). Destaca-se na obra o entusiasmo de Jobim em relação ao modelo de imprensa praticado nos EUA, tanto no que se refere ao estilo, simples e direto, quanto à estrutura de mercado, essencialmente empresarial.

Assim como Jobim, Luiz Beltrão é nome de referência tanto no ensino e pesquisa quanto na atividade diária das redações. O livro "Introdução à filosofia do Jornalismo" (BELTRÃO, 1990) é resultado, justamente, da tentativa de estabelecer e difundir o diálogo entre teoria e prática, com o objetivo de refletir, mais especificamente, sobre a formação do jornalista. Na publicação de 1960, Beltrão desenvolve sua reflexão sem abrir mão do rigor científico, facilmente perceptível na apresentação de conceitos claros e bem delimitados sobre a prática diária do jornalista.

Beltrão se propõe a mergulhar no mundo social do fazer jornalismo e, assim, apresenta uma interpretação do papel de cada um dos chamados "agentes do jornalismo". O público, o editor, o técnico e o jornalista estão presentes no arcabouço teórico delineado por Beltrão. Mas não se trata de mera descrição das atividades pertinentes a cada um dos agentes. Pelo contrário. Sobre eles, o autor lança, também, um olhar macro e, por isso, não perde de vista a interação entre os agentes e a estrutura. Nesse sentido, vêm à tona debates sobre o uso da tecnologia no jornalismo e suas consequências para o processo de produção da notícia.

Publicado originalmente em 1958, o livro "O jornalismo como gênero literário" (DE LIMA, 1990), de Alceu Amoroso de Lima, também conhecido pelo pseudônimo Tristão de Athayde, é outra referência a integrar esta coleção. No foco da reflexão desenvolvida pelo advogado, diplomata, professor, escritor e jornalista está a interface entre jornalismo e literatura. Para isso, o autor desenvolve um debate sobre os elementos caracterizadores daquilo que pode ser classificado como gênero literário. Em seguida, ele aborda a possibilidade de inserir nesse contexto conceitual o resultado da produção jornalística: uma prosa sobre os acontecimentos.

A Atualidade da Coleção

Independentemente do título da coleção, salta aos olhos a atualidade dos debates, desenvolvidos com apurado censo crítico e sofisticação narrativa. Entre os seis autores, percebe-se um fio condutor a guiar as reflexões empreendidas: o compromisso ético próprio da atividade jornalística é o horizonte.

Ao mesmo tempo, a coleção reflete, em grande medida, o perfil multifacetado do seu organizador. O conjunto de textos é plural e o cenário por eles apresentado, integral – conforme esperava o inquieto professor Marques de Melo. Com esse conteúdo imprescindível em mãos, o leitor tem acesso a pontos centrais relacionados à complexidade da atividade profissional diária, sem perder de vista aspectos teórico-metodológicos da investigação científica, passando, ainda, pelo ensino do Jornalismo.

Da rica literatura relacionada ao Jornalismo brasileiro, soube o escafandrista da mídia Marques de Melo pinçar o fundamental. A seleção de títulos beira ao indiscutível. Lamentavelmente, porém, a coleção se encontra, neste momento, fora de catálogo. Diante de tantas mudanças no campo da comunicação provocadas por recentes inovações tecnológicas, a discussão dos temas levantados pelos clássicos se mostra mais do que necessária. Pertinente, portanto, o título de Clássicos do Jornalismo. Tratam-se de obras que não envelhecem.

Referências

BARBOSA, Rui. **A imprensa e o dever da verdade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990 (Clássicos do Jornalismo Brasileiro).

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do Jornalismo**. São Paulo: Editora da

Universidade de São Paulo, 1990 (Clássicos do Jornalismo Brasileiro).

DE LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990 (Clássicos do Jornalismo Brasileiro).

DE MELO, José Marques. Barbosa Lima Sobrinho, o pioneiro da pesquisa sobre jornalismo. **INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. XX, no. 1, p. 151-152, 1997.

JOBIM, Danton. **Espírito do Jornalismo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990 (Clássicos do Jornalismo Brasileiro).

LACERDA, Carlos. **A missão da imprensa**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990 (Clássicos do Jornalismo Brasileiro).

LIMA SOBRINHO, Barbosa. **O problema da imprensa**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990 (Clássicos do Jornalismo Brasileiro).

GOBBI, Maria Cristina. **Grandes nomes da Comunicação**: José Marques de Melo. 1. ed. Recife: UNICAP, 2001. v. 1. 341p.

Pensamento Comunicacional Uspiano: uma epopeia de José Marques de Melo

Guilherme Moreira Fernandes[1]

3.3
CAPÍTULO

A coleção "Pensamento Comunicacional Uspiano" foi estruturada em duas partes. A primeira, dividida em três volumes, reúne textos das duas gerações de professores da Escola de Comunicação e Artes (antiga Escola de Comunicações Culturais) da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e textos de pesquisadores oriundos de outras universidades, os quais trouxeram ideias que impactaram, de certa forma, os estudos comunicacionais na USP. A segunda, dividida em dois volumes, foca o Programa de Pós-graduação em Comunicações Culturais (1967-1977), suas matrizes teóricas e as primeiras gerações de orientadores, doutores e mestres.

O primeiro volume, "Raízes Ibero-americanas da Escola de Comunicações Culturais (1966-1972)", reúne 21 textos e é dividido em três partes (O pensamento fundador; Ideias Atualizadoras; Anexos). Mais do que um simples registro

1. Doutorando em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Jornalista pela Faculdade de Comunicação da UFJF. Professor substituto da Facom-UFJF e convidado da especialização em "Televisão, Cinema e Mídias Digitais". Diretor Administrativo da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação.

histórico, as ideias ali refletidas se mostram atuais. O primeiro texto, inserido na seção "Plataforma Orteguiana", denominado "Aventura, risco e valentia", reproduz o discurso de posse do professor Julio García Morejón, na direção da Escola de Comunicações Culturais, em 13 de outubro de 1966. O discurso já evidenciava o caráter inovador, uma das principais características desta Escola. Apoiado em texto de Ortega y Gasset, Morejón (2011, p.17) afirma ser "preciso buscar caminhos próprios da nossa autenticidade universitária, que em nosso caso deve ser especificamente brasileira com dimensão universal. Que venha de fora a informação, mas não o modelo". À época, o professor Morejón recusava copiar ou adaptar modelos de instituições estrangeiras, preferindo criar um modelo que traduzisse as especificidades brasileiras.

Na sequência, temos a seção "sinergia humana", com textos de Marejón, Ronaldo Morel Pinto, Maria Scuderi, Lupe Cotrim Garaude, Virgílio Noya Pinto e José Freitas Nobre. Com exceção de Freitas Nobre, os demais profissionais não tiveram vivência na práxis da Comunicação Social; são oriundos das humanidades, em especial das áreas de Letras, História e Filosofia. É importante ressaltar que no período não existia um pensamento autônimo do campo epistemológico da Comunicação no Brasil. Embora já existissem algumas faculdades de Comunicação, muitas delas eram ligadas a departamentos das mais diversas áreas das Ciências Humanas. Textos comunicacionais das Escolas norte-americana e europeia ainda eram raros no contexto brasileiro. Na primeira metade da década de 1960, poucas foram as obras publicadas em português que buscavam refletir as Teorias da Comunicação. Destacam-se o manual "O Processo da Comunicação", de David Berlo, cuja primeira edição brasileira é de 1963, e a antologia "Panorama da Comunicação Coletiva", dirigida por Wilbur Scharamm, lançada no Brasil e em Portugal no ano de 1964.

Se entre as décadas de 1960 a 1980, estudantes e professores de Comunicação no Brasil estavam ávidos por textos que refletissem de forma *stricto* as Teorias da Comunicação, o limiar do século XXI, momento oportuno que Marques de Melo fez circular essas antologias, revela o retorno às contribuições das Ciências Humanas para a Comunicação. É o momento de revisitar as contribuições de pesquisadores de outras áreas, que tanto fizeram para a consolidação do campo da Comunicação no Brasil.

A sapiência de Marques de Melo em perceber esta ansiedade e carência pode ser verificada nas suas mais recentes publicações. Fui privilegiado de poder acompanhar de perto a construção de duas importantes obras. A primeira, "Metamorfose da Folkcomunicação" (2013), reúne em 1100 páginas a história e "pré-história" da primeira e única teoria da Comunicação desenvolvida no Brasil. Marques de Melo buscou em diversos estudos folclóricos, de matrizes

teóricas e empíricas, subsídios para que a nova geração de pesquisadores da Folkcomunicação pudesse se inspirar. Além da compilação de estudos folclóricos, o professor traçou um amplo mapa da Folkcomunicação, indo de sua gênese – com os estudos seminais de Luiz Beltrão – até chegar às configurações disciplinares contemporâneas e processos de institucionalização e sedimentação da disciplina criada por Beltrão. Graças aos esforços dos pesquisadores reunidos na Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede FOLKCOM), a teoria se mantém atual e em consonância com o novo espírito do tempo (FERNANDES; MARTINS, 2013).

A outra "epopeia" tem forte semelhança com o projeto "Pensamento Comunicacional Uspiano", contudo, sai dos muros da USP e busca resgatar um projeto brasileiro. Os três volumes da série "Pensamento Comunicacional Brasileiro: o legado das Ciências Humanas" proporcionam uma prazerosa leitura de textos provenientes de diversas áreas das humanidades, escritos por pesquisadores que no decorrer de suas vidas acadêmicas perpassaram pela Comunicação. O primeiro volume foi publicado em setembro de 2014. O segundo e terceiro estão no prelo, um com publicação prevista ainda para o ano de 2014 e o outro deverá circular no início de 2015.

Retornando ao primeiro volume do projeto ora refletido, o conjunto dos textos de Morejón, Morel Pinto, Scuderi, Cotrim Garaude, Noya Pinto e Nobre revelam esforços de sínteses disciplinares nas áreas de Letras, Estética, História e Direito que servem como referência, respectivamente, para pensarmos as técnicas de comunicação, a expansão da Língua Portuguesa, a estética barroca, a literatura de Lukács, a renovação científica da História e a problemática do Direito de Informação.

A seção "Diversidade convergente" com ensaios de Nelly de Camargo, Alfredo Mesquita, Rudá Andrade, Candido Teobaldo de Andrade, André Casquel Madrid e José Marques de Melo, revela a busca por sistematização da práxis comunicacional. Nesta seção, encontramos textos que buscam inserir a Comunicação no contexto das Ciências do Comportamento, passando pelas origens do teatro paulista; cultura cinematográfica no Brasil; conceito psicossociológico de público; história da televisão brasileira e diretrizes para um jornal-laboratório.

A segunda parte da obra, "As ideias atualizadoras", traz duas seções. A seção inicial, "Tempos Inquietos", apresenta quatro textos. O primeiro, de Egon Schaden, retrata aproximações entre a Antropologia e a Comunicação, sugerindo a criação da disciplina "Antropologia da Comunicação", debate ainda atual e sem conclusões, visto que são poucas as universidades que oferecem disciplinas que unem diretamente esses dois campos de saber. O texto de Paulo Emílio Salles Gomes apresenta a cultura cinematográfica latino-americana. A exemplo da

argumentação de Schaden, Gomes apresenta uma área ainda pouco explorada nos estudos em Comunicação. Na sequência, Monica Rector traz um estudo de Amado Nervo, focado na linguística e na educação. Por fim, Eduardo Peñuela Cañizal e Edward Lopes trabalham o realismo de Velázquez.

A última seção, "Tempos sombrios", oferece textos introdutórios com o objetivo de mapear o campo ainda em construção da Comunicação (por Juarez Bahia), da História da Comunicação (por Antonio Costella), da Publicidade e Propaganda (por Modesto Farina) e do Jornalismo (por Flávio Galvão). Os anexos contidos na obra detalham o perfil das instituições que assumiram a edição do livro (ECA/USP, SOCICOM, CONFIBERCOM e INTERCOM), o perfil intelectual dos autores e as fontes dos textos. Uma resenha mais detalhada dos textos que compõem este primeiro volume pode ser verificada no texto da professora Valquíria Kneipp (2013), publicado no segundo volume desta série de Fortuna Crítica.

O segundo volume, "Impasses mundializadores na Escola de Comunicação e Artes (1973-2011)", apresenta contribuições de renomados professores da ECA/USP, responsáveis pela consolidação e renovação do campo comunicacional. É também dividido em quatro partes, sendo a primeira "Tempo de Contestação". Esta condensa uma seção única, "Resistência e rebeldia", com escritos de Marques de Melo, Anamaria Fadul, Carlos Eduardo Lins da Silva e Jean-Claude Bernardet, quatro baluartes das Ciências da Comunicação no Brasil. O conjunto do texto revela preocupações de inspiração gramsciana, refletindo o poder, a hegemonia, a contracomunicação e a contrainformação.

A segunda parte, "Tempo de experimentação", contém duas seções. A primeira, "Alternativas Possíveis", relata a contribuição teórica de Luís Milanesi, Ciro Marcondes Filho, José Teixeira Coelho Netto e Anna Mae Tavares Bastos Barbosa. A proposta é de temas como a desordem, a contrainformação, a interdisciplinaridade e a experimentação. Já a segunda seção, recebe o título de "transição e mudança", com os escritos de Waldenyr Caldas, Ismail Xavier, Eduardo Peñuela e Elza Ajzenberg que refletem basicamente a questão da intervenção política na indústria cultural.

A terceira parte, também dividida em duas seções, traz reflexões mais contemporâneas sobre assuntos que ganharam a pauta acadêmica no limiar do século XXI, como a questão da interdisciplinaridade (em texto de Maria Immacolata Vassallo de Lopes), a recepção mediática (na abordagem de Mauro Wilton de Sousa), as relações entre comunicação, educação e consumo (em artigo de Maria Aparecida Baccega), a economia virtual e o jornalismo on-line (na reflexão de Bernardo Kucinski) e as narrativas da contemporaneidade (discutida por Cremilda Medina); textos estes reunidos na seção "Novos Olhares". Já a seção

"Revisões estratégicas" faz posicionamento sobre as diversas habilitações dos cursos de Comunicação Social, como o ensino de cinema e audiovisual (Maria Dora Genis Mourão), a propaganda (Victor Aquino), a educomunicação (Ismar de Oliveira Soares) e as relações públicas (Margarida Maria Kroling Kunsch). Assim como no volume anterior, o anexo traz os perfis institucionais, o currículo dos autores e a fonte dos textos reproduzidos. Aos que almejam mais detalhes sobre este volume, pode consultar o texto do professor Marcos Paulo da Silva (2013) no terceiro volume da coleção Fortuna Crítica de José Marques de Melo.

O terceiro volume do Pensamento Comunicacional Uspiano, que tem como subtítulo "Ideias que abalaram os alicerces da ECA-USP", privilegiou olhares de professores/pensadores externos à USP, mas que trouxeram várias contribuições teóricas/empíricas para o campo da Comunicação e direcionaram o olhar de professores da instituição. O livro apresenta vinte e seis textos, publicados entre 1967 e 1972. O ano da publicação foi utilizado como critério para a divisão dos capítulos.

O primeiro deles, intitulado "1967 – Descortinado os horizontes", traz texto do professor Luiz Beltrão, o primeiro doutor em Comunicação no Brasil, com tese defendida no referido ano na Universidade de Brasília (UNB). Embora Luiz Beltrão seja constantemente lembrado pela criação da única teoria da Comunicação genuinamente brasileira, a Folkcomunicação, o texto selecionado busca observar os avanços tecnológicos que potencializaram o jornalismo radiofônico e o televisivo.

Já "1968 – vislumbrando tempestades" apresenta visões sobre a comunicação de massa. O cineasta Glauber Rocha aborda o Cinema Novo no Brasil; Luis Pico Estrada, o cinema argentino; Juan Beneyto, a imprensa espanhola; e Edgar Morin, a relação da juventude com a comunicação de massa. Na seção "1969 – Vivenciando conflitos", temos as visões de Alberto Dines sobre o sensacionalismo nos processos de comunicação; a abordagem sobre os artífices da imprensa, por Darcy Arruda Miranda; a retomada da discussão sobre imprensa sensacionalista, por Paulo Evarismo; e a reflexão sobre o repórter de guerras, feita por José Hamilton Ribeiro.

"1970 – resistindo ao árbitro" descreve a censura à imprensa, em dizeres de Chaim Samuel Katz, Lygia Fagundes Telles, Danton Jobim e Júlio de Mesquita Neto. Além disso, promove reflexões sobre os poetas populares, em texto de Roberto Benjamin; a informação como fator decisivo para o desenvolvimento, no artigo de Manuel Calvo Hernando e, por fim, a visão de Gabriel Cohn sobre as categorias sociais na ciência da comunicação. Na seção seguinte, "1971 – explorando veredas", o foco é a imprensa por meio de textos de Barbosa Lima Sobrinho, Calazans Fernandes, Maria Isaura Pereira de Queiróz, Samuel Pfrom

Neto, Gonzalo Córdova e Raymond Nixon. O último ano tem como texto "1972 – Enfrentando mudanças", com abordagens sobre as relações públicas na visão de Hernani Donato e Ney Peixoto do Vale, e a literatura de cordel através da pesquisa de Raymond Cantel. O perfil institucional e as fontes dos textos fazem parte dos dois anexos. Informações específicas sobre o volume podem ser consultadas no texto da professora Sônia Jaconi (2013), presente no segundo volume da Fortuna Crítica de Marques de Melo.

Igualmente interessantes são os dois volumes dedicados ao Programa de Pós-graduação em Comunicações Culturais (1967-1977). O primeiro volume, "Matrizes Geradoras da Pós-graduação em Comunicações Culturais", é dividido em cinco partes e busca revisitar as principais referências teóricas debatidas no início do programa de pós-graduação.

A primeira parte, denominada "Matizes histórico-sociais" traz os seguintes textos e autores: Fernand Braudel (Cartografia do mundo atual), Sérgio Buarque de Holanda (À procura de um Humanismo), Fernando Azevedo (A ideia de progresso), João Cruz Costa (A filosofia a serviço da ação), Eduardo d`Oliveira França (A natureza cultural da História), Lineu de Camargo Schultzer (Vocação Pedagógica do Positivismo), José Ferreira Carrato (O pai da imprensa mineira e seu mundo). Na sequência, temos "Matrizes político-culturais" reunindo importantes pesquisas: Papai Noel Supliciado (Claude Lévi-Strauss), Isolamento, contato e conversação (Donald Pierson), Sociologia de folclore brasileiro (Roger Bastide), Opinião pública e imprensa (Emilio Willems), A comunicação entre os sociólogos e o grande público (Florestan Fernandes), O bumba-meu-boi, manifestação do teatro popular brasileiro (Maria Isaura Pereira de Queiroz), O negro e a comercialização da música popular brasileira (João Batista Borges Pereira), A arte Barroca brasileira (Gilda de Mello e Souza) e As artes plásticas em São Paulo (Flavio Mota).

A terceira parte, "Matrizes estético-literárias", engloba outros relevantes autores e textos. Fidelino de Figueiredo (A literatura e os gêneros literários), Antonio Soares Amora (Gêneros literários brasileiros), Antonio Candido de Mello e Souza (Dialética da malandragem), Julio Garcia Morejón (Dois humanistas ibéricos), Rolando Morel Pinto (A língua portuguesa e a unidade do Brasil), Décio de Almeida Prado (O mais belo drama do romantismo). Já a quarta seção, que tem como título "Matrizes psicopedagógicas", apresenta os ensaios: Psicologia do livro e da leitura (Samuel Pfromm Neto), O livro didático (Olga Molina) e Divulgação da cultura (Ecléa Bosi). Por fim, a última seção "Matrizes econômico-gerenciais" expõe escritos dos pesquisadores Antonio Guimarães Ferri (A força da comunicação), Gilberto Teixeira Weinberg (A educação do consumidor de alimentos), Otto Hugo Scherb (Lucro, propaganda e preço) e

Roberto Vicente Cobbe (Disponibilidade de meios na comunicação agrícola).

O volume seguinte reúne texto dos orientadores da primeira geração de Doutores e Mestres, denominados "precursores", sendo eles: Antonio Cândido de Mello e Souza, Egon Schaden, Gilda de Mello e Souza, Hiroshi Saito, José Ferreira Carrato, Julio Garcia Morejón e Rolando Morel Pinto. Também estão presentes pesquisas desenvolvidas pela primeira geração de doutores do programa, cunhados como "desbravadores": André Casquel Madrid, Cândido Teobaldo, Gaudêncio Torquato, José Marques de Melo, José Teixeira Coelho, Nelly de Camargo, Sarah Chucid da Viá, Paulo Emilio Salles Gomes e Virgilio Noya Pinto. Bem como os "continuadores", ou seja, a primeira geração de mestres do programa: Claudio de Cicco, Cremilda Medina, Luis Milanesi, Gisela S. Ortriwano, Maria Nazareth Ferreira e Wilson Bueno.

Em suma, a "epopeia", dividida em cinco volumes, revela a garra do professor Marques de Melo em resgatar a memória e dar subsídios para que as novas gerações de pesquisadores possam construir um caminho de conhecimento. Naturalmente, a coletânea não se destina apenas aos estudantes da ECA-USP, para que estes conheçam o trabalho das gerações passadas; mas seguramente a todos os pesquisadores de Comunicação, dos **juniores** aos **seniores**, numa proposta de degustação de textos escritos no tempo passado, mas que permanecem atuais, em consonância com nosso espírito de tempo.

Referências

BERLO, David K. **O processo de comunicação**. Rio de Janeiro; São Paulo; Lisboa: Fundo de Cultura, 1963.

FERNANDES, Guilherme Moreira; MARTINS, Júnia. Uma obra de fôlego para a Disciplina Folkcomunicação. In: PEREIRA, Clarissa Josgrilberg; ARAGÃO, Iury Parente; MORAIS, Osvando J.; JACONI, Sônia (orgs.). **Fortuna Crítica de José Marques de Melo**: Comunicação, Universidade e Sociedade. Vol. 3. São Paulo: Intercom, 2013. p. 199-209.

JACONI, Sônia. Vozes rebeldes nos anos de chumbo. In: ARAGÃO, Iury Parente; MORAIS, Osvando J; JACONI, Sônia (orgs.). **Fortuna Crítica de José Marques de Melo**: Teoria e Pedagogia da Comunicação. Vol. 2. São Paulo: Intercom, 2013. p. 495-500.

KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos. Pertinente, possível e oportuno. In: ARAGÃO, Iury Parente; MORAIS, Osvando J; JACONI, Sônia (orgs.). **Fortuna**

Crítica de José Marques de Melo: Teoria e Pedagogia da Comunicação. Vol. 2. São Paulo: Intercom, 2013. p. 473-493.

MARQUES DE MELO, José (org.). **Pensamento Comunicacional Uspiano**: raízes ibero-americanas da Escola de Comunicações Culturais (1966-1972). Vol. 1. São Paulo: ECA-USP; SOCICOM, 2011.

_____, (org.). **Pensamento Comunicacional Uspiano**: impasses mundializadores na Escola de Comunicações e Artes (1973-2011). Vol 2. São Paulo: ECA-USP; SOCICOM, 2011.

_____, (org.). **Pensamento Comunicacional Uspiano**: ideias que abalaram os alicerces da ECA-USP. Vol. 3. São Paulo: ECA-USP; SOCICOM, 2011.

_____, (org.). **Pensamento Comunicacional Uspiano**: Matrizes cognitivas da Pós-graduação em Ciências da Comunicação (1967-1977). São Paulo: ECA--USP; SOCICOM, 2014. (no prelo).

_____, (org.). **Pensamento Comunicacional Uspiano**: Matrizes geradoras da Pós-graduação em Comunicações Culturais. São Paulo: ECA-USP; SOCICOM, 2014. (no prelo).

_____; FERNANDES, Guilherme Moreira (orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

_____ (orgs.). **Pensamento Comunicacional Brasileiro**: o legado das Ciências Humanas. Vol. 1: História e Sociedade. São Paulo: Paulus, 2014.

SCHRAMM, Wilbur (org.). **Panorama da Comunicação Coletiva.** Rio de Janeiro; São Paulo; Lisboa: Fundo de Cultura, 1964.

SILVA, Marcos Paulo. Sobre liberdade, segurança, fragmentos e pluralidade. In: PEREIRA, Clarissa Josgrilberg; ARAGÃO, Iury Parente; MORAIS, Osvando J.; JACONI, Sônia (orgs.). **Fortuna Crítica de José Marques de Melo**: Comunicação, Universidade e Sociedade. Vol. 3. São Paulo: Intercom, 2013. p. 175-183.

Um fragmento do trajeto do pesquisador José Marques de Melo – homem de identidade nordestina e cidadania glocal

Ricardo José Oliveira Ferro[1]

4.3
CAPÍTULO

O caminho percorrido pelo jornalista, professor universitário, pesquisador e consultor acadêmico José Marques de Melo[2], ao longo dos últimos 50 anos, revela-nos a coragem e a pujança do homem nordestino. Ele é natural de Palmeira dos Índios, cidade conhecida como Princesa do Sertão, localizada a cerca de 130 km de Maceió, capital do Estado de Alagoas.

Marques de Melo deu seu primeiro brado de liberdade ao iniciar sua vida estudantil no antigo primeiro grau do Grupo

---

1. Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas (2004), é especialista em Processos Midiáticos e Novas Formas de Sociabilidade pela Ufal (2008), pesquisador assistente da Cátedra/UNESCO Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional desenvolvendo atividades no projeto PENSA-COM/BRASIL (Pensamento Comunicacional Brasileiro), membro da Comissão Estadual de Jornalistas em Assessoria de Imprensa de Alagoas (Cejai/AL), repórter na Assessoria de Comunicação da Secretaria de Estado da Educação e do Esporte de Alagoas (SEE/AL). E-mails: ricardomoresi@gmail.com e ricardomoresi@hotmail.com.

2. MARQUES DE MELO, José. **Cibermemorial Marques de Melo:** perfil. Disponível em: <http://www.marquesdemelo.pro.br/perfil.htm> Acesso em 16 de junho de 2014.

Escolar Padre Francisco Correia e no Ginásio Santana, ambos localizados na cidade de Santana do Ipanema, situada no sertão alagoano. Em seguida, cursou o segundo grau – hoje Ensino Médio – nos Colégios Batista Alagoano, em Maceió; e no Americano Batista, este último localizado na capital pernambucana.

Melo graduou-se em Jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) no início da década de 60 do século passado, mais precisamente em 1964; e, no ano seguinte, tornou-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Em seguida, partiu para uma pós-graduação em Quito, no Equador, no Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina, onde adquiriu o título em Ciências da Informação Coletiva. No ano de 1973 ele se tornou o primeiro Doutor em Jornalismo titulado por uma universidade brasileira.

O professor Marques exerceu a atividade de pesquisador/professor visitante em várias universidades estrangeiras; e já ministrou conferências em instituições educacionais da França, Espanha, Portugal, Estados Unidos, Austrália, Canadá, Hungria, Colômbia, México, Irlanda, Inglaterra, Argentina, Venezuela, Peru, Bolívia e Panamá, só para citar alguns países. Ao longo dessa longeva trajetória ele publicou, até agora, 128 artigos, 145 livros, 135 capítulos de livros e 211 textos em jornais de notícias e revistas.

Para os professores Luiz Custódio da Silva, Cidoval Morais de Sousa e Antonio Roberto Faustino da Costa, do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba (DECOM/UEPB), os estudos produzidos na área de comunicação no Brasil, nas últimas quatro décadas, confundem-se com o nome do professor José Marques de Melo. Segundo eles:

> Poucos pesquisadores detêm uma produção acadêmico-científica tão fértil e comprometida com um campo do conhecimento em busca de identidade. A extensão de sua obra é reconhecida mundialmente, com ênfase para as contribuições relacionadas às sociedades latino-americanas e, de modo especial, aos fenômenos comunicacionais brasileiros (2011, p.7).

O trabalho do pesquisador em evidência tem reverberado no Brasil, na América e na Europa; e essa pujante produção revela o quanto Marques de Melo tem contribuído para as direções do ensino, da pesquisa e da produção científica. Dentre essa vasta criação, uma obra chama atenção por abordar, especificamente, os rumos da mídia brasileira. Trata-se de um trabalho coletivo, organizado pelo professor Melo, intitulado "Imprensa Brasileira: personagens que fizeram história".

Marques de Melo (2005, online) explica, de forma precisa, os objetivos básicos dos quatro livros que compõem esse esforço de resguardar a reminiscência da imprensa nacional. Para ele:

> É importante ressalvar que esta série idealizada pela Rede Alfredo de Carvalho foi conscientemente prevista como ação de divulgação científica, destinada a difundir perfis biográficos e sumarizar ideias que marcaram a trajetória das indústrias midiáticas brasileiras, indicando fontes que podem servir de referência para os que desejam aprofundar conhecimentos. Nela está implícita também a ambição de motivar jovens pesquisadores para a retomada das hipóteses e roteiros aqui esboçados, dando continuidade ao plano fundamental. Ou seja, construir a História Midiática Brasileira, resgatando os dois séculos já palmilhados e ao mesmo tempo iluminando as ações a serem empreendidas nesta conjuntura em que alimentamos a utopia de fincar a bandeira nacional no novo mapa do mundo.

Os quatro volumes da obra em destaque evidenciam as biografias de 72 eminentes personalidades da imprensa brasileira; e, ao mesmo tempo, permitem-nos adentrar em um território ainda pouco estudado e disseminado. E é exatamente no trajeto dessa viagem que se percebe, mais uma vez, uma característica pulsante do professor Melo: ele mantém um forte laço com o seu lugar de origem. Ou seja, com Nordeste, com Alagoas, com suas raízes, com seu habitat.

Essa particularidade do mestre Marques de Melo pode ser constatada, por exemplo, no primeiro volume dessa obra quando se fez a opção de biografar **Adolpho Emile Bois Garin, vítima alagoana da perseguição à imprensa.** No texto a respeito desse personagem a professora Rossana Gaia – também alagoana – apresenta-nos, dentre tantas outras informações, um relato sobre o primeiro jornal do qual se tem registro em Alagoas; e como **Bois Garin** chegou ao Estado junto com as primeiras máquinas tipográficas exatamente para um resolver um problema chamado falta de mão de obra especializada.

Outro alagoano notável, que ganhou destaque no volume dois da obra, foi **Arnon de Mello, o repórter que se tornou empresário**. O texto construído a quatro mãos pelos educadores Rossana Gaia e Boanerges Lopes revela-nos aspectos da vida de um homem que se tornou precursor do livro reportagem e estabeleceu a profissionalização do jornalismo de empresas em Alagoas ao adquirir o jornal *Gazeta de Alagoas.* Com essa atitude, Arnon deu início ao que hoje se conhece como Organização Arnon de Mello (OAM) – maior conglomerado de comunicação de Alagoas – composto pelo jornal *Gazeta de Alagoas*, *Rádio Gazeta FM Maceió, Rádio Gazeta AM Maceió, Gazeta FM Arapiraca, Rádio Gazeta*

AM Pão de Açúcar, TV Gazeta de Alagoas, Instituto de Pesquisas Gape, Portal Gazetaweb.com, Instituto Arnon de Mello, portais G1/Alagoas e GE/Alagoas e a *TV Mar*, esta última transmite seu sinal em canal fechado.

Ao fazer uma imersão no universo do primeiro livro da coleção o leitor vai se deparar com traços da história de **Hipólito José da Costa** que, desde o ano 2000, é considerado o patrono da imprensa brasileira graças à honraria atribuída pelo Congresso Nacional por meio de uma lei ordinária; irá conhecer um pouco sobre o comerciante português **Manoel Antonio da Silva Serva,** primeiro empresário da imprensa a instalar uma tipografia na cidade de Salvador; ter uma ideia a respeito de **Cipriano José Barata de Almeida** – homem que defendia a liberdade de imprensa, a ideia de revolução – uma figura exponencial na fundação do Brasil e que foi transformado numa espécie de "Zé Ninguém" pela história hegemônica; vai ser possível conhecer sobre **Jerônimo Francisco Coelho** – o desbravador da imprensa catarinense que criou o jornal *O Catharinense*.

Ainda no percurso da primeira obra é possível conhecer o polemista maranhense chamado **João Francisco Lisboa**, um homem que nutria uma verdadeira paixão pela imprensa, mas que, ao mesmo tempo, não tinha receio em tecer críticas a ela quando percebia que seus companheiros de profissão estavam relegando a ética ao segundo plano; ao adentrar ainda mais no caminho até então percorrido é possível se deparar com a história de **Tavares Bastos** – precursor do jornalismo independente, que é considerado, em tese iconoclasta, defendida pelo jornalista Costa Rego, como o primeiro jornalista brasileiro; ao se apertar um pouco o passo chega-se ao relato sobre **José Carlos Rodrigues** que, segundo a professora Marialva Barbosa, foi uma das mais importantes figuras do início do século XX e era capaz, graças à ingerência política da recém proclamada República, de nomear não só os ministros, mas o próprio presidente da República.

Nesse mesmo trajeto também se conhece um pouco sobre **Rui Barbosa** – advogado, político e jornalista emblemático de tradição republicana – que foi deputado, vice-chefe do Governo Provisório, ministro da Fazenda e senador, além de defensor dos direitos dos indivíduos e da solidificação legal da jovem República; outro contemplado ainda na primeira obra é **Gustavo de Lacerda** – apresentado como um homem de imprensa, de opinião socialista, de perfil multifacetado, que desapareceu na "vala dos anônimos"; a professora Sonia Virginia Moreira apresenta-nos a trajetória de **Edgard Roquette Pinto** – considerado o pai do rádio brasileiro, homem que defendeu ao longo de sua vida os temas Brasil e educação; já o mestre Marques de Melo descreve com maestria a contribuição de **Assis Chateaubriand** – o visionário que fundou a nossa televisão e marcou definitivamente a face da moderna sociedade brasileira; no relato sobre **Barbosa Lima Sobrinho** é possível entender detalhes da vida daquele que é

considerado como pioneiro da reflexão crítica sobre o jornalismo; já **Cásper Líbero** é apresentado como o empresário que criou a primeira escola de jornalismo do Brasil; **Carlos Drummond de Andrade** – brilhante poeta brasileiro, mineiro de Itabira – é aduzido como aquele que promoveu a interação da poesia com o jornalismo e que produziu obras (tanto poéticas quanto jornalísticas) que zombavam da vida social dos poderosos; a paulista **Jenny Pimentel de Borba** aparece entre os biografados como a mulher que foi autora de uma façanha no mundo da imprensa ao lançar a revista *Wakyrias* e também protagonizar a saga das jornalistas empresárias; **Tarso de Castro**, gaúcho de Passo Fundo (RS), cronista, jornalista crítico, polemista e homem dos jornais alternativos, surge como "o pasquineiro vocacionado"; e, por fim, **Gilberto Freyre** – aquele que é considerado o modernizador precoce da imprensa brasileira – antes de se tornar pioneiro das Ciências Sociais brasileiras.

O segundo volume da série foi apresentado, à época, pelo então diretor/presidente da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Hubert Alquéres, e reuniu também a trajetória de 18 profissionais da imprensa, a saber: **Líbero Badaró, Samuel Wainer, Trajano Coelho Neto, Edmar Morel, Carlos Lacerda, Odylo Costa Filho, Otto Lara Resende, João Calmon, Luiz Beltrão, Mário Erbolato, Juarez Bahia, Alberto André, Herbert Levy, Monteiro Lobato, Arnon de Mello, Vitorino Prata Castelo Branco, Amaral Raposo e Roberto Landell de Moura** – nascido em Porto Alegre, formado em Teologia – considerado o brasileiro que inventou a radiodifusão.

O terceiro folhoso da coleção descreve o perfil de **Frei Caneca**, que é considerado por Marco Morel e Enio Moraes Junior como o lendário publicista pernambucano que se fez mártir da cidadania brasileira; conta-nos sobre **Xavier da Veiga**, que foi o precursor dos estudos jornalísticos mineiros; relata-nos os ideais republicanos na imprensa piauiense por meio da história de **David Moreira Caldas**; menciona **Costa Rego** – o jornalista que fez escola, usando a pedagogia da austeridade; narra um pouco da vida de **Auricélio de Oliveira Penteado** – jornalista que fundou o Ibope; relaciona a contribuição de **Jorge Antônio Salomão**, enquanto precursor do rádio em Dourados (MS); arrola o pioneirismo da investigação jornalística brasileira por meio de **Carlos Rizzini**; expõe o legado de **Alceu Amoroso Lima** – homem que contribuiu decisivamente para o humanismo e a cultura no jornalismo nacional; faz um relatório da contribuição de **Roberto Marinho**, enquanto jornalista e empresário; alude à **Danton Jobim** a característica de homem que inovou na profissão de jornalista em virtude de ter percorrido caminhos multifacetados na imprensa, na academia e na política; conta minúcias sobre **José Reis**, jornalista que foi um dos precursores da divulgação da ciência e tecnologia no Brasil através dos meios de comunicação

de massa como, por exemplo, revistas e jornais; detalha a história de **Vera Giangrande** – a mulher ombudsman, que simbolizou a defesa do consumidor e graças a ela jornais diários como a *Folha de S. Paulo* criaram canais de diálogo entre a redação e os seus leitores; faz referência a **Adalgisa Nery** – jornalista que revolucionou o comentário político; delineia um pouco da contribuição do gaúcho **Aparício Fernando de Brinkerhoff Torelly** – popularmente conhecido Barão de Itararé – figura intricada na história da imprensa brasileira; esboça a contribuição de **Josué de Castro** como divulgador científico que agendou a fome no mapa mundial; também está em evidência, na parte final do terceiro livro, **Pompeu de Sousa** – tido como o jornalista que transformou o jornalismo brasileiro; o permanente jornalista militante **Erico Veríssimo**; e o defensor do jornalismo público **Vladimir Herzog**.

A quarta e última parte dessa obra, também sob o bastão do maestro e mestre Marques de Melo, apresenta-nos mais 18 expressões vitais para formar a música chamada "imprensa brasileira". E nesse patamar da leitura é possível ter acesso a informações sobre **Alfredo de Carvalho** considerado pelo professor Melo como precursor do pensamento jornalístico brasileiro; conhecer um pouco sobre **Carlos Castelo Branco**, o jornalista político mais respeitado do país; ter uma ideia a respeito de **António Isidoro da Fonseca**, avaliado como um precursor na história do livro brasileiro; mergulhar no universo de **Antonio Callado**, que trabalhou o jornalismo em favor da cidadania plena dos brasileiros; adentrar na história de **Cosme de Farias** – filantropo e militante de diversos movimentos sociais e políticos em Salvador (BA); embrenhar-se na vida de **Joel Silveira** – correspondente de guerra, que fez cobertura jornalística durante a Segunda Guerra Mundial para os *Diários Associados*.

Além destes já citados é possível conhecer ainda um pouco da história de **Aluísio Azevedo, Roberto Mário Santini, Álvaro Moreira, Nabantino Ramos, Lauro Hagemann, Adoniran Barbosa, Nelson Rodrigues, Fortunato Losso Netto, Clóvis Noschang, Adelmo Genro Filho, João Saldanha e Daniel Herz.**

Exame Final

A referida obra em análise, organizada pelo veterano professor Marques de Melo, hoje com cinquenta anos de vida acadêmica, consegue sequenciar o trabalho de resgate da memória da imprensa nacional iniciado há mais de 100 anos pelo historiador pernambucano Alfredo de Carvalho. É destacável todo esforço empreendido por ele e pelos demais pesquisadores que o acompanham

nessa obra no sentido de contribuir para que as gerações futuras tenham acesso à história da imprensa verde e amarela.

Há um traço característico do professor Melo – observado nas demais obras organizadas por ele – e cito como exemplo o livro "História do Pensamento Comunicacional Alagoano: dicionário biobibliográfico". Nele, Marques de Melo faz com que pesquisadores com larga experiência em pesquisa trabalhem em harmonia com aqueles que, porventura, são neófitos nessa atividade fazendo com que todos contribuam, de forma voluntária, com a sistematização de um estudo que traz contribuições importantes para a memória da comunicação em Alagoas.

Existe também outra evidência muito forte na produção de José Marques de Melo que é o fato dele pertencer ao que o próprio denomina de Diáspora Caeté. Ou seja, como ele mesmo definiu no livro "Cidadania Glocal, identidade nordestina" (2011, p.100), trata-se de um "grupo de exilados, que não encontraram ambiente propício para crescer intelectualmente na terra natal, tendo que lutar pela sobrevivência em outros territórios da geografia nacional, sem perder a identidade caeté".

Referências

MARQUES DE MELO, José (Org.). **Imprensa Brasileira:** personagens que fizeram história. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, 2005. v.1.

_____. **História da imprensa**: os nomes e os feitos. São Paulo: Observatório da Imprensa, 2005. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/news/imprimir/27674. Acesso em 07 de outubro de 2014.

_____ et al. **História do Pensamento Comunicacional Alagoano:** dicionário biobibliográfico; Organizadores: José Marques de Melo et al.; colaboradores: Iury Parente Aragão, Lídia Ramires, Ricardo José Oliveira Ferro. Maceió: Edufal, 2013.

_____. **Cidadania Glocal, identidade nordestina:** ética da comunicação na era da internet. Campina Grande: Latus, 2011.

SILVA, Luiz Custódio da; SOUSA, C. M.; COSTA, A. R. F. Pensar alternativamente e agir solidariamente: desafios da cidadania glocal. In: MARQUES DE MELO, José. **Cidadania Glocal, identidade nordestina:** ética da comunicação na era da internet. Campina Grande: Latus, 2011.

Pensamento Folkcomunicacional: teses heterodoxas, autores mestiços

Cristina Schmidt[1]

5.3
CAPÍTULO

Quando nos referimos ao professor José Marques de Melo à frente de um campo da comunicação, temos a certeza de que é uma área demarcada com o envolvimento de muitos pesquisadores e sedimentada na constituição de entidades, eventos, publicações, moções, e honrarias; tudo isso articulando os "quatro cantos do mundo". Pois Marques de Melo instiga, provoca e compromete um número imenso de comunicólogos nacionais e internacionais para o fortalecimento da ciência da comunicação. Desbravando e delimitando vários motes na comunicação, Marques de Melo é incansável na construção de espaços acadêmicos para abrigar diferentes linhas e gêneses. Fundador ou colaborador na estruturação de escolas e cursos de comunicação e jornalismo, e também de várias entidades profissionais e de pesquisa, é considerado no meio acadêmico como "um visionário, construtor de instituições, formador de gerações, e responsável por transformar o jornalismo como atividade de ciência". (MATTOS, 2010, p.129)

Desse mesmo modo Marques de Melo atua intensamente em ações que envolvem o campo da folkcomunicação. Como

1. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) e professora no Mestrado em Políticas Públicas da UMC (Universidade de Mogi das Cruzes – SP).

aluno direto de Luiz Beltrão, foi introduzido ao mundo acadêmico pelo professor que abriu a ele a pesquisa e a atuação na docência e na gestão universitária. E, seu reconhecimento a essa iniciação faz com que tenha uma atuação profissional sempre referenciada ao mestre. Toma como uma de suas batalhas acadêmicas a difusão e fortalecimento da teoria da comunicação que destina-se a estudar "os meios de comunicação dos grupos marginalizados" e acompanha o impacto que causou e ainda provoca na academia, em diferentes centros de pesquisa e ensino.

A perspectiva da Folkcomunicação de Luiz Beltrão, como coloca Marques de Melo (2001),

> encontrou dupla resistência: a dos folcloristas conservadores (que pretendiam defender a cultura popular das investidas midiáticas modernizantes) e a dos comunicólogos libertadores (que pretendiam fazer da cultura popular o cavalo de Tróia das suas batalhas políticas em lugar de apreender nessas manifestações o limite da resistência possível de comunidades empobrecidas cuja meta é a superação da marginalidade social).

E é nessa teoria que o professor fomenta grupos a buscar uma atualidade em análises das interações entre o local e o global nos processos folkcomunicacionais, uma vez que Luiz Beltrão "reconheceu o universal que subsiste na produção simbólica dos grupos populares, percebendo ao mesmo tempo que os dois sistemas comunicacionais continuarão a se articular numa espécie de *feed-back* dialético, contínuo, criativo." (MELO, 2001)

O fortalecimento desse campo de estudo e os grupos institucionalizados nessa área estão sobremaneira relacionados à militância de José Marques de Melo que aproxima a primeira geração de estudiosos e discípulos de Beltrão como Roberto Benjamim, Osvaldo Meira Trigueiro, Severino Lucena, Sebastião Breguez e Joseph Luyten e, depois, a segunda geração com Samantha Castelo Branco, Rosa Nava, Maria Cristina Gobbi, Marlei Sigrist, Cristina Schmidt, Betânia Maciel, Fabio Corniani, Karina Janz Woitowicz, Sérgio Gadini. Essa aproximação em um mesmo campo de pesquisa fez com que esses pesquisadores levassem propostas para suas instituições, no sentido de criar grupos e projetos de pesquisa, eventos e publicações relacionados à folkcomunicação. E, agora, formar uma terceira geração com Guilherme Moreira Fernandes, Maria Isabel Amphilo, Eliana Mergulhão, Júnia Martins, Daira Martins Botelho, Yuji Gushiken, Lawrenberg Silva, entre outros.

Na biografia de Marques de Melo, "O guerreiro midiático", escrita por Sérgio Matos em 2010, apresenta essa característica reconhecidamente valiosa para

a área da comunicação, e para todos aqueles iniciados, estimulados e conduzidos por ele a essas entidades e movimentos científicos. Matos escreve um capítulo sobre a atuação do "Mestre" como "um visionário, construtor de instituições, formador de gerações, e responsável por transformar o jornalismo como atividade de ciência". (MATTOS, 2010, p.129). Demonstra todo o compromisso do professor com a comunicação, no sentido de criar mecanismos institucionalizados para fixar a área e formar profissionais também comprometidos.

Da União Cristã Brasileira de Comunicação – UCBC em 1969; Núcleo de Pesquisa, na fundação Cásper Líbero em 1967; Núcleo de Pesquisa da Telenovela – NPTN, USP em 1989; Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Comunicação – Abepec, em 1972; INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (1977), ABECOM – Associação Brasileira de Escolas de comunicação (1980) e Compós – (1990). E também participou da estruturação do Labjor – Laboratório de estudos avançados em jornalismo (1993). Atua em diversas outras como a ALAIC – Associação Latino Americana de Investigadores da Comunicação, AssIBERCOM – Associação Ibero-Americana de Comunicação, SBPJOR – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, AIERI – Association International des Études et Recherches sur l'Information, SOCICOM – Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação. Citando somente as entidades, pois também são inúmeras as publicações: revistas, livros, jornais, audiovisuais de que é responsável, colaborador ou o tema. Infindáveis palestras, visitas técnicas, cursos, eventos foram e são liderados por ele.

Em todas essas entidades, atividades e publicações sempre demarca as contribuições de Luiz Beltrão nas diferentes disciplinas da comunicação e, evidentemente, na folkcomunicação. E desse modo, cria espaços de reflexão para essa área. Na INTERCOM, por exemplo, instituiu o Prêmio Luiz Beltrão para entidades, grupos e pesquisadores em proeminência. E, do mesmo modo, estimulou o Grupo de Pesquisa em Folkcomunicação que está estabelecido e garante participação de pesquisadores brasileiros, latino-americanos, e europeus desde 1982. Esse GP foi capitaneado por Sebastião Breguez em parceria com pesquisadores da primeira geração durante uma década e meia. Depois, a segunda geração foi assumindo a liderança e se mantém num processo de atualização e demarcação de território. A história do GP, entretanto, tem sido de enfrentamento, críticas e dilemas metodológicos; mas mantém-se constante e cada ano mais fortalecido.

Na Cátedra UNESCO/UMESP em Comunicação para o Desenvolvimento Regional, sediada na Universidade Metodista de São Paulo em 1996, Marques de Melo assume a diretoria da entidade como Titular, e atua com uma política de aproximar ensino, pesquisa e mercado em projetos que fomentam o uso da

comunicação mais plena e regionalizada. Implanta uma ação permanente de estímulo e promoção de eventos e formação de redes de estudos e pesquisas internacionais e nacionais. Dentre elas a Rede FOLKCOM – Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas em Folkcomunicação. Para esta entidade, como nas demais, estimulou um grupo para liderar a institucionalização que foi Cristina Schmidt para presidir o processo, e depois assumiu a presidência da entidade por cinco anos, com a diretoria composta por Marlei Sigrist, Rosa Nava, Marcelo Oliveira e Alfredo D'Almeida. Essa organização, (oficializada em 2004) passa a ser referência para estudiosos e interessados na disciplina, que agrega mais de uma centena de pesquisadores e estimula a formulação e publicação de pesquisas.

Importante nesse processo de consolidação da Rede FOLKCOM foram as atividades que a Cátedra UNESCO/UMESP já vinha realizando, sob a supervisão do professor Marques de Melo como as Conferências Brasileiras de Folkcomunicação com a participação direta dos discípulos de Luiz Beltrão. E, também, todo material produzido sempre foi cuidadosamente organizado nos arquivos da instituição, e foi encaminhado para publicação em anais, no Anuário da Cátedra, e em livros editados em parcerias com outras instituições que sediaram os eventos que seguiram. Do mesmo modo como reúne toda a obra de Luiz Beltrão na bilbioteca digital para disponibilizá-la na íntegra aos profissionais e pesquisadores da comunicação.

No que se refere às contribuições teóricas e metodológicas do professor José Marques de Melo ao campo da folkcomunicação, são dezenas de artigos, capítulos e livros em que disserta sobre a temática. Soma-se a ele nessa produção acadêmica e na condução e sistematização de pesquisas, desde as décadas de 1960 e 1970, o professor Roberto Benjamin, recentemente falecido. Ambos se destacam como principais propagadores dos estudos folkcomunicacionais.

São várias as publicações consideradas importantes referências para a área e que foram estimuladas e/ou conduzidas por Marques de Melo, ora como autor, ora como organizador ou como apresentador da obra. A partir de 1998, destacamos a seguir algumas que marcam por serem pioneiras, ou constituírem definições metodológicas ou teóricas atualizadoras da disciplina. Como:

A. **De Belém a Bagé: imagens midiáticas do natal brasileiro**. São Bernardo do Campo: IMS, 1998. Sob organização de José MARQUES DE MELO e Waldemar KUNSCH. Faz um resgate das imagens natalinas projetadas pela mídia brasileira durante as celebrações de 1996. Uma pesquisa nacional que envolve pesquisadores de todas as regiões brasileiras, e constitui um estudo comparado.

B. **Mídia e Folclore**. Maringá: Faculdades Maringá, 2001. Obra com organização de José Marques de Melo, com textos dos estudiosos da primeira geração da folkcomunicação, trazendo atualizações da teoria e fazendo uma introdução aos textos originais de Luiz Beltrão que estão publicados neste livro, inclusive textos monográficos e artigos geradores da teoria. Textos que trazem a concepção teórica, metodológica e empírica do pioneiro dos estudos folkcomunicacionais no Brasil e seus seguidores.

C. **Folkcomunicação. Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação, de fatos e de expressão de ideias** (tese de doutorado). Brasília, 1967. Porto Alegre: EDIPUCRS/Famecos. Coleção Comunicações, n 12, 2001. Uma nova edição da tese de Luiz Beltrão coordenada por Antonio Hohlfeldt, e Juremir Machado. Tem introdução de Marques de Melo trazendo uma breve biografia fundamentada de Luiz Beltrão, e destacando a atualidade dessa tese.

D. **Folkcomunicação: Teoria e Metodologia.** BELTRÃO, Luiz. São Bernardo do Campo: Metodista, 2004. Publicação coordenada e prefaciada pelo professor Marques de Melo com coletânea de textos fundamentais da disciplina nas concepções metodológicas como forma de dar visibilidade às ideias de Luiz Beltrão e servir de referência para os estudiosos da área.

E. **Folkcom: do ex-voto à indústria dos milagres – a comunicação dos pagadores de promessas.** Teresina: Harley, 2006. Organizado por José Marques de Melo, Maria Cristina Gobbi e Jaqueline Dourado. Esse livro procura ampliar a reflexão sobre o texto originário da teoria da folkcomunicação: "o ex-voto como veículo jornalístico", de Luiz Beltrão com a divulgação das pesquisas sobre o tema apresentadas na Conferência Brasileira de Folkcom em 2005.

F. **Folkcomunicação na arena global**. Avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006. Organizado por Cristina Schmidt, na época presidente da Rede Folkcom, traz introdução do professor José Marques de Melo intitulada "De volta ao futuro: da folkcomunicação à folkmídia", onde traz todo o percurso metodológico que fundamenta os estudos de Luiz Beltrão na elaboração da teoria da folkcomunicação. A partir daí, a obra desenvolve os capítulos a fim de trazer atualização e delimitação do campo.

G. **Luiz Beltrão: pioneiro das ciências da comunicação no Brasil. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.** Obra organizada por Osvaldo Meira Trigueiro e o professor José Marques de Melo, com o objetivo de trazer um perfil de Luiz Beltrão por meio de reflexão sobre sua trajetória – vida, obra e teoria, apresentando as novas perspectivas metodológicas da folkcomunicação.

H. **Noções básicas de folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa/PR: Editora UEPG, 2007.** Livro organizado por Sérgio Gadini e Karina Janz Woitowicz, é apresentado por Marques de Melo que demonstra a importância de ter um "dicionário de termos" para sempre serem retomados os conceitos e fundamentos da área. E, mais ainda, a importância da Rede Folkcom como uma forte entidade para a disseminação da teoria beltraniana e palco para desenvolvimento de pesquisas contemporâneas.

I. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.** Importante obra de autoria de José Marques de Melo ganha penetração no meio acadêmico e faz refletir sobre a comunicação dos marginalizados. No livro, a partir do legado beltraniano, faz a classificação dos gêneros e formatos folkcomunicacionais; perfis biográficos; cronologia da Folkcomunicação; referenciais, debates e diálogos teóricos e metodológicos; além de um dicionário contextual com alguns tipos de manifestações culturais. Discute os fenômenos comunicacionais em suas relações entre a indústria da mídia e a cultura popular, ressalta aspectos históricos, ícones emblemáticos e elementos teóricos e metodológicos que configuram o pensamento folkcomunicacional.

J. **Folkcomunicação e ativismo midiático. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.** De autoria de Osvaldo Trigueiro, o professor Marques de Melo faz o prefácio destacando a coerência, perseverança e vanguardismo que faz destacar o autor dentre os demais discípulos de Luiz Beltrão. Na obra é desenvolvida uma reflexão sobre o papel dos ativistas midiáticos das redes folkcomunicacionais.

K. **Folkcomunicação no limiar do Século XXI. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2012.** Publicação organizada por Boanerges Balbino Lopes Filho, Guilherme Moreira Fernandes, Iluska Coutinho, Marise Pimentel Mendes, Maria José Oliveira, tem a introdução de Marques de Melo sob o

título "Ecos da rebeldia beltraniana: o artesanato como objeto de estudo folkcomunicacional". Nessa introdução o professor faz um preâmbulo onde demarca o olhar metodológico sobre o objeto, colocando para o entendimento do artesanato sua natureza taxionômica vinculando ao contexto cultural e como processo folkcomunicacional. A partir disso conceitua todos esses aspectos. O livro reúne artigos resultantes da XIV Conferência Brasileira de Folkcomunicação em 2011, que teve como tema "Folkcomunicação e artesanato".

L. **Metamorfose da Folkcomunicação: antologia brasileira.** São Paulo: Editae Cultural, 2013. Obra de fôlego organizada por José Marques de Melo e Guilherme Moreira Fernandes recupera textos que antecedem a constituição das teorias da comunicação e da folkcomunicação. Textos de sociologia, filosofia, antropologia elucidam a formulação das teorias da comunicação, em seu cinquentenário, e mais especificamente os fundamentos da folkcomunicação. São matrizes teóricas, empíricas, precursores e pioneiros, cartografia cultural e incursões emblemáticas que vão dar suporte para refletir sobre o processo histórico da folkcomunicação, as configurações que ramificam a partir da gênese e os processos cognitivos. E ainda, o registro e importância dos grupos de pesquisa, da Rede Folkcom e a sedimentação nas instituições acadêmicas e na ciência.

Procuramos trazer dois aspectos de sua contribuição para o campo da folkcomunicação – institucional e bibliográfico, mas são muitos outros. E, não tivemos o objetivo de apresentar suas reflexões, buscamos evidenciar sua incansável atuação para estimular uma infinidade de alunos, professores, pesquisadores, entidades e empresas a abrigarem uma área que ganha cada vez mais destaque no contexto contemporâneo, a folkcomunicação. As formas de comunicação dos grupos que atuam fora dos circuitos hegemônicos da mídia e da cultura crescem em visibilidade e atuação. Esses grupos têm se articulado em meios próprios à sua cultura e se apropriam das tecnologias para conquistar maior intensidade e comunicabilidade; por isso até, muitos se profissionalizam para valorizar suas manifestações e as transformam em patrimônios valiosos para si e para a humanidade.

Quando o professor José Marques de Melo insiste em fazermos atualizações da folkcomunicação ele está antevendo os protagonismos culturais. Ele está pautado nas identidades reveladas do cenário global. Está ciente dos territórios demarcados em uma realidade cada vez mais diversa e, ao mesmo tempo, com

grupos mais singulares. O professor nos impulsiona a aprimoramos esse campo que reflete teses heterodoxas, e revela autores que fazem parte desse contexto multicultural, folkcomunicacional, fazendo-os mestiços em sua formação pessoal e científica.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação:** Teoria e Metodologia. São Bernardo do Campo: Metodista, 2004.

_____. **Folkcomunicação.** Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação, de fatos e de expressão de ideias (tese de doutorado). Brasília, 1967. Porto Alegre: EDIPUCRS/Famecos. Coleção Comunicações, n 12, 2001.

BIBLIOTECA Digital. Disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/portalluiz/secao/biblioteca.htm. Acesso em 18.09.2014.

DOURADO, Jaqueline; José Marques de Melo e Maria Cristina Gobbi (org.) **Folkcom: do ex-voto à indústria dos milagres – a comunicação dos pagadores de promessas.** Teresina: Harley, 2006.

GADINI, Sérgio e WOITOWICZ, Karina Janz (orgs.). **Noções básicas de folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões.** Ponta Grossa/PR: Editora UEPG, 2007.

MELO, José Marques e FERNANDES, Guilherme Moreira. **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e cultura popular:** história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

_____ (org). **Mídia e Folclore.** Maringá: Faculdades Maringá, 2001.

_____ e KUNSCH, Waldemar. (orgs). **De Belém a Bagé:** imagens midiáticas do natal brasileiro. São Bernardo do Campo: IMS, 1998.

MATTOS, Sérgio. **O guerreiro midiático**: biografia de José Marques de Melo. São Paulo/Petrópolis: Intercom/Editora Vozes, 2010.

PRÊMIO Luiz Beltrão. Disponível em http://www2.metodista.br/unesco/portalluiz/secao/premio.htm. Acesso em 18.09.2014.

SCHMIDT, Cristina. (org.) **Folkcomunicação na arena global**. Avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006.

TRIGUEIRO, Osvaldo M.; Marques de Melo, José. **Luiz Beltrão: pioneiro das ciências da comunicação no Brasil.** João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2007.

José Marques de Melo e o universo feminino

Maria Érica de Oliveira Lima[1]

6.3
CAPÍTULO

Introdução

Em 1995 cursando Jornalismo na PUC-Campinas tomei conhecimento de algumas bibliografias e autores dos mais importantes do Brasil e também do espaço ibero-americano. Muitos dos professores[2] indicavam obras de José Marques de Melo, Cremilda Medina, Alberto Diners, Carlos Eduardo Lins da Silva, Manuel Chaparro e tantos outros. Essas leituras foram fundamentais para o conhecimento e formação da base do jornalismo brasileiro e também para compor não

1. Jornalista pela PUC-Campinas. Professora Associada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM). Presidente da Rede Folkcom.

2. De 1994 a 1997, época da minha graduação, a geração de professores de Jornalismo da PUC-Campinas (Graça Caldas, Ivete Cardoso Roldão, Carlos Alberto Zanotti, Celso Falaschi, Celso Bodstein, Ciça Toledo, Amarildo Carnicel, Marcel Cheida, Bruno Fuser, Claudia Lahni, Luiz Roberto Saviani), foi e ainda é referência na área no interior paulista. Muitos desses professores foram alunos de Mario Erbolato, importante jornalista e professor. Na época, o curso de Jornalismo da PUC foi considerado um dos melhores do país, segundo Guia do Estudante.

somente o referencial teórico-prático como também a identidade da área. Foi nesse âmbito que pela primeira vez soube da vasta obra e aporte do professor doutor José Marques de Melo, na época, professor da ECA/USP. Muitos dos professores da PUC nos atualizavam a partir das obras de JMM, além de nos aproximar e reforçar o pensamento jornalístico da Escola Paulista de Comunicação, por assim dizer. Portanto, nessa trajetória da graduação o alicerce foi constituído a partir das pesquisas e estudos em âmbito paulista que percorreu, de certo modo, também o cenário nacional.

Em 1998 ingressando no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (PÓSCOM/UMESP), São Bernardo do Campo, tive o grande privilégio de conhecer, pessoalmente, muitos dos autores que estudara na graduação. Dentre deles, a maior satisfação e orgulho foi encontrar com o professor José Marques de Melo, na época coordenador do Programa de Pós. Por indicação da professora Graça Caldas, que era também professora do PÓSCOM/UMESP e tinha sido minha professora na PUC-Campinas, pude saber e concorrer ao processo seletivo do Programa, dando assim continuidade aos estudos em comunicação na esfera da pós-graduação. Neste âmbito outros professores completaram a lista de importantes referências: Anamaria Fadul, Isaac Epstein, Gino Giacomini Filho, Wilson Bueno, J.S Faro, Sebastião Squirra, Sandra Reimão, e tantos outros.

O ambiente da Pós-graduação em Comunicação da UMESP era o dos melhores: intensas aulas expositivas e dialógicas, conteúdos atualizados, professores cultos e animados, programação de seminários, encontros, colóquios, produção de material informativo, lançamento de livros, apoio a congressos nacionais, frutífera relação com o Programa de Ciências da Religião, cujo professor doutor, saudoso Jaci Maraschin (*in memoriam*) muito contribuiu para o PÓSCOM. A efervescência do campo e a diversidade cultural do corpo discente tomavam conta do PÓSCOM. O professor José Marques de Melo brilhantemente conduzia aulas, pesquisas, orientação, gestão, parcerias, projetos[3], produção e lançamento de livros, organização de eventos, congressos e colóquios, participação em mesas redondas, entrevistas, aulas magnas, etc, etc. Professor José Marques sempre foi muito trabalhador, desbravador e acima de tudo, um realizador!

3. Durante esse período JMM lançou vários projetos com apoio da CÁTEDRA UNESCO Metodista que até hoje continuam em forma de Congressos e Grupos de Pesquisa: Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom), Regionalização da Mídia (REGIOCOM), Escola Latino-americana de Comunicação (Colóquio Internacional CELACOM), Comunicação e Religião (ECLESIOCOM), e tantos outros.

Além de gostar muito do que faz, até hoje, JMM procura, assertivamente, agregar conhecimentos, pessoas, instituições, projetos, pensamentos, dando assim, o reforço ao campo da comunicação no Brasil e direcionamento para além das fronteiras. Tenho certeza que de muitos nomes brasileiros citados no estrangeiro, e não temos tantos nomes assim, José Marques de Melo é uma das poucas referências que transita no cenário lusófono incluindo a África e a Galícia, hispânico, latino-americano, norte-americano, francófono, e porque não dizer, até China quando liderou uma jornada intelectual e cultural *in loco* com mais de 30 pesquisadores visitando a terra de Mao Tsé-Tung.

Neste sentido, apresentamos, a seguir, algumas contribuições de JMM ao pensamento comunicacional sob o ponto de vista do universo feminino. Professor José Marques de Melo sempre foi muito amigo e colaborador das pesquisadoras mulheres. Sempre apoiou suas alunas[4] e orientandas transmitindo assim conhecimento, confiança, lançando-as para novas ideias e desafios, apostando na capacidade intelectual e de gestão de muitas profissionais que estão espalhadas por esse país imenso e que hoje integram não somente o campo da comunicação, mas também lecionam e dirigem faculdades de jornalismo; publicidade; rádio, televisão e internet; relações públicas, entidades científicas, etc.

JMM e os Projetos para Registrar as Mulheres da Academia

No livro "Comunicação latino-americana: o protagonismo feminino" de 2003, José Marques de Melo e os colaboradores Maria Cristina Gobbi e Sérgio Barbosa apresentaram uma obra que se destaca até hoje. A participação

4. Durante o mestrado em comunicação (1998-2000), a orientação de dissertação foi do Professor José Marques de Melo. Lembro-me que muitas das reuniões eram em conjunto com outros orientandos. JMM sempre foi e, ainda continua, com pensamento rápido, um dicionário, uma enciclopédia ambulante. Numa simples conversa ele indicava autores, bibliografias, sistematizava o objeto de pesquisa, organizava a metodologia, apontava congressos da área, pois sempre teve o calendário de eventos em dia, estimulava leituras e escrita de artigos científicos. Também direcionava pesquisas em grupo, apresentava revistas científicas e chamadas de publicação. Além de tudo nessas orientações possuía um humor ímpar, alegre, descontraído e inteligente. Das dificuldades e das adversidades, apresentava sugestões e soluções. Como ninguém sabe nomear títulos, subtítulos, capítulos de dissertações e teses. Títulos de livros e artigos. Construía objeto de pesquisa numa facilidade jamais vista. E gostava de dizer as suas orientadas: "não sou padre, nem psicólogo, e nem namorado", o que já demonstrava de cara sua habilidade, bom humor e profissionalismo.

da mulher na pesquisa comunicacional latino-americana foi o grande desafio, da época, a sistematizar pensamentos, pesquisadoras, atividades, gestão, etc. O livro que abordou sob várias perspectivas desde pesquisas e pesquisadoras, instituições nacionais e internacionais dirigidas por mulheres, além do espaço da mulher na mídia e suas atividades profissionais, também foi fruto da grande capacidade que JMM teve de organizar e agregar no contexto latino-americano, o universo feminino demarcado, muitas vezes, por uma academia masculinizada e que faz questão de separar discursos e intenções. O livro não era sobre o feminismo na academia ou no campo da comunicação. E nem tão pouco uma obra feminina, pois configurava no seu conteúdo nomes importantes do cenário masculino. Pensar a "mulher na comunicação", organizar essas contribuições e sistematizar pensamentos e produções, revelou o avançar e o reconhecimento daquelas que também fizeram e fazem, até hoje, história.

Na obra "Valquírias Midiáticas – Saga de 7 Amazonas, ícones da vanguarda brasileira no campo acadêmico da comunicação", organizada por José Marques de Melo e Francisco de Assis, e cujo livro possuiu depoimentos de Adisia Sá, Anamaria Fadul, Cremilda Medina, Lucia Santaella, Maria Immacolata V. Lopes, Sonia Virginia Moreira e Zélia Leal Adghirni, organizados pelos coautores André Mazini, Francisco de Assis, Lidiane Diniz, Marcelo Volpato, Maria Isabel Amphilo e Walter de Luca, demonstrou não só o reconhecimento dessas pesquisadoras como também a sacada geracional, valorização por parte da ideia original de José Marques de Melo. Em forma de biografias de sete personalidades na área acadêmica dos estudos de jornalismo e da comunicação no Brasil, as mulheres pesquisadoras representaram as "valquírias mitológicas", cujos perfis e importância refletiram a história e o pensamento da comunicação. Há muita qualidade nas pesquisas que foram travadas por essas 'valquírias' que fizeram brilhar o profissionalismo, a coragem, a ousadia, a partir do fazer feminino, da comunicação, do jornalismo e da mídia.

Essas obras possuem o legado já trilhado e registrado por parte de JMM. Não é comum, na academia brasileira, em situações de apontamento pensar a contribuição da mulher ou das mulheres, ainda mais as da geração primeira, que ainda em ativa participação, demarcaram e demonstraram personalidade às pesquisas no Brasil. Se não tivermos, portanto, uma provocação, um desafio, um chamado do professor José Marques de Melo, o tempo passaria, a história não seria escrita e as novas gerações não teriam identidade, referência. Numa academia cada vez mais imediatista, produtivista, competitiva, e muitas vezes, de qualidade duvidosa, termos obras que resgatem o passado presente representa a capacidade de analisar nossa própria academia e nossa história.

Deste modo, uma das mais importantes entidades científicas na área de comunicação do Brasil e também do estrangeiro, a Sociedade Brasileira de Estudos

Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM – diferentemente de muitas outras instituições no país já foi presidida por cinco mulheres, sendo a sexta atualmente empossada, professora doutora Marialva Barbosa (UFRJ).

Desde os primeiros anos da fundação da entidade (1977) e tendo como seu primeiro presidente o professor José Marques de Melo, a INTERCOM logo reconheceu seu desenvolvimento junto as mulheres. Depois das gestões de JMM que esteve durante três mandatos (1979-1981 | 1981-1983 | 2005-2008), a primeira presidente mulher foi a professora doutora Anamaria Fadul (1983-1985).

Dos 12 presidentes eleitos da INTERCOM, seis foram mulheres e certamente todas essas gestoras tiveram o apoio e incentivo de JMM. Depois da presença feminina na INTERCOM iniciada pela doutora Anamaria Fadul, tivemos a professora Margarida Kunsch (1987-1989 | 1991-1993) que foi escolhida duas vezes, Maria Immacolata Vassallo de Lopes (1995-1997), Cicília Maria Krohling Peruzzo (1999-2002), Sonia Virgínia Moreira (2002-2005) e agora Marialva Barbosa (2014-2017).

Segundo a primeira mulher eleita presidente da INTERCOM, professora Anamaria Fadul (JORNAL INTERCOM, 2012), os anos setenta já demonstravam potencialidade das mulheres para cargos de direção e, "além disso, penso que minha ativa participação na instituição, desde seu início, de certa forma, permitiu que os membros da primeira diretoria se acostumassem com a ideia de uma mulher na presidência. Posteriormente, a eleição de outras mulheres foi muito natural".

> [...] os contatos com professores, pesquisadores e instituições internacionais de pesquisa se tornaram mais constantes, legitimando a Intercom como importante interlocutor no Brasil. Pode-se dizer que as sementes plantadas pelo Prof. Marques de Melo frutificaram em minha gestão (JORNAL INTERCOM, 2012).

Na mesma lógica a professora Margarida Kunsch (JORNAL INTERCOM, 2012) comentou que:

> a Intercom desde seu início adotou como política sempre alternar a presidência entre mulheres e homens. A exceção ocorreu nos dois últimos mandatos. Avalio como uma política muito positiva na medida em que há um tratamento de igualdade entre os gêneros e uma valorização dos princípios democráticos de direitos

Não obstante, toda essa atuação feminina na Comunicação foi tema do livro "Valquírias Midiáticas". JMM sabiamente conseguiu não somente potencializar

a contribuição das presidentes mulheres, pois entre as sete **Valquírias**, estão as ex-presidentes Anamaria Fadul, Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Sonia Virgínia Moreira, como também soube dar importante reconhecimento a mulher na pesquisa em comunicação e mídia. Para a professora Anamaria Fadul (JORNAL DA INTERCOM, 2012) a efetiva participação da mulher na pesquisa brasileira de Comunicação e na Universidade foi um pouco tardia em relação a outras áreas das ciências humanas. O fato dos cursos de graduação e, principalmente de pós-graduação, ter nascido tardiamente no país colaborou para esse distanciamento.

Contudo, quando pensamos na fundação da Sociedade Brasileira dos Estudos Interdisciplinares da Comunicação, e pensamos no nome de José Marques de Melo, já tinham sido criadas as condições para uma intensa participação e cooperação da ala feminina da academia, da pesquisa e da possibilidade de gestão. Certamente, com a visão e incentivo de JMM o fato da INTERCOM abrir-se para tantas presidentes mulheres não causou nenhum tipo de estranheza ou incômodo. O processo foi natural, pois desde o seu nascedouro as mulheres pesquisadoras sempre foram importantes parceiras para o desenvolvimento da entidade.

Outro exemplo muito bem ilustrativo da participação das mulheres em gestão no campo da comunicação é a Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação – SOCICOM. A entidade tem o objetivo de desenvolver ações na consolidação da comunicação atuando diretamente com as instituições científicas[5] representando-as. Também atua junto a órgãos público e privado que são responsáveis pelas políticas públicas das ciências e tecnologia, órgãos reguladores e avaliadores de ensino superior e, portanto, dessa maneira, acaba por cumprir uma função representativa de modo a articular os interesses das respectivas entidades afiliadas. A SOCICOM teve como seu primeiro presidente o professor José Marques de Melo. Novamente, percebemos na figura de JMM a abertura da entidade para a gestão feminina. De modo não muito diferente da INTERCOM, a SOCICOM possui atualmente uma diretoria[6] somente composta por mulheres, o que sem dúvida, tem a chancela e incentivo de muitos pesquisadores, mas, principalmente, do professor José Marques.

---

5. Hoje as associações filiadas são: ABCiber, ABES, ABP2, Abracorp, ABJC, Alcar, FNPJ, Folkcom, Forcine, INTERCOM, POLITICOM, SBPJor, Socine e Ulepicc-Brasil

6. Margarida Maria Krohling Kunsch (Presidente), Maria Berenice da Costa Machado (vice-presidente), Maria Cristina Gobbi (diretora administrativa), Dione Oliveira Moura (diretora de relações nacionais), Maria Dora G. Mourão (diretora de relações internacionais)

Considerações Finais

Quando recebi o convite para escrever um ensaio acerca da contribuição do professor José Marques de Melo buscando mesclar dados biográficos com inspiração de suas obras referente às mulheres da academia, procurei não fazer uma resenha dos livros publicados, até porque isso já existe, mas destacar um pouco da minha convivência durante os seis anos como aluna de pós-graduação na Universidade Metodista de São Paulo, em que vivenciei da companhia de JMM enquanto orientador, coordenador do Programa, professor, pesquisador e idealizador de muitos projetos.

Também, não obstante, pensei, com limitação por conta da geração, em quantas e tantas possíveis amizades e parcerias que JMM tivera com as mulheres na academia: as colegas de departamento, as secretárias, as pesquisadoras, as alunas, as orientandas, enfim, esse universo que muito ajudou a formação e a consolidação da área da comunicação no Brasil.

Todavia, três nomes habitaram meu pensamento quando refletia sobre JMM e sua capacidade de agregar e valorizar pessoas, independente de serem homens ou mulheres. Contudo, esses nomes foram três mulheres que muito cooperaram com sua trajetória: a secretária do Programa de Pós-graduação PÓSCOM da UMESP em que JMM foi coordenador de curso, a saudosa e competente Janidair (*in memoriam*) – uma paraibana muito séria, competente e fiel escudeira do professor JMM. Janidair era uma máquina e fortaleza para trabalhar. O PÓSCOM sob seu secretariado era organizado, funcional e da parte do corpo discente ela não deixava escapar nada. Também me lembrei da professora cearense Adísia Sá – até hoje nome de referência no jornalismo local –, amiga de longa data de JMM, uma das principais parceiras e também fundadora do curso de Jornalismo da UFC que teve orientação acadêmica e política de José Marques de Melo. E por último gostaria de mencionar a professora e pesquisadora Luitgarde Cavalcanti Barros, alagoana como JMM, professora aposentada da UERJ, e muito colaboradora dos Congressos INTERCOM e da Rede FOLKCOM. José Marques apresentou a professora Luitgarde às novas gerações e foi um bálsamo à mesmice que muitas vezes nos acostumamos no mundo acadêmico.

Por fim, pensar em escrever para o quarto volume do 'Fortuna Crítica Marques de Melo' é sem sombra de dúvida uma grande honra, mas também uma congratulação por tudo que aprendi com seus livros desde a graduação e durante minha formação e consolidação da carreira acadêmica. Com tranquilidade e sem demasia ou excesso, posso afirmar que José Marques de Melo é uma pessoa e acadêmico extraordinário. Ele está na galeria dos célebres e notáveis, tenho certeza!

Referências

JORNAL DA INTERCOM. Especial 35 anos – Mulheres ocupam a presidência da Intercom desde os primeiros anos. Ano 8, nº. 221 – 05 de novembro de 2012. Disponível em: http://www.portalintercom.org.br/ Acessado: 17 de setembro de 2014.

MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina; BARBOSA, Sérgio (orgs.). **Comunicação latino-americana:** o protagonismo feminino. São Bernardo do Campo: UMESP; Adamantina: FAI, 2003.

MARQUES DE MELO, José: ASSIS, Francisco de. "Valquírias Midiáticas – Saga de 7 Amazonas, ícones da vanguarda brasileira no campo acadêmico da comunicação". São Paulo: Editora: A&C / Arte & Ciência, 2010

As múltiplas vozes no discurso comunicacional crítico brasileiro

Rose Mara Vidal de Souza[1]
Caroline Pinna de Oliveira[2]

7.3
CAPÍTULO

A coleção Memórias, com subtítulo "Vozes da Resistência", organizado pelos professores e pesquisadores José Marques de Melo e Osvando J. de Morais, publicada em quatro volumes nos anos de 2010 e 2011, tem como proposta fazer um resgate da memória do pensamento comunicacional brasileiro. Le Goff já dizia é que um dos fenômenos mais trágicos das sociedades pós-modernas é a ausência (ou perda) da memória, seja ela individual ou coletiva. É preciso salvar o passado para servir o presente e o futuro.

As publicações "Vozes da resistência", idealizada pela INTERCOM resgatam o pensamento de pesquisadores, principalmente brasileiros e alguns latino-americanos sobre os diversos textos que têm marcado a trajetória da entidade desde sua fundação, em 1977. Os dois primeiros volumes da série reúnem artigos publicados entre 1978-1989, cobrindo

1. Doutoranda e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Bolsista do CNPq, diretora de Cultura do Politicom, Membro Renoi, Pesquisadora Assistente da Cátedra da Unesco-UMESP, Pesquisadora do Observatório da Mídia-UFES.

2. Graduanda em jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Pesquisadora do Observatório da Mídia-UFES.

um momento particular da história do Brasil: o regime militar. Estas obras cumprem a tarefa delicada de refletir também sobre a palavra comunicação e como esta reflete no momento vivido e aspectos sociais do nosso país. Então é de suma importância resgatar e registrar a contribuição das pesquisas nacionais no século XX.

O primeiro volume tem por finalidade iniciar um processo de recuperação de memória, através da reunião dos textos feitos por pesquisadores sobre o pensamento comunicacional brasileiro. Nele, são abordados alguns dos principais pesquisadores de comunicação de forma inicial, isto é, mostra como esses pesquisadores chegaram às suas principais teorias, contribuindo para os estudos acadêmicos. É possível presenciar os processos de construção do conhecimento e seu amadurecimento.

Acompanhamos o rumo da investigação desde fins do século XX até a atualidade. Aborda-se o conceito de comunicação e como as pesquisas contribuíram para o campo, por meio da teoria que os pesquisadores deixaram para a academia. É relevante lembrar que cada autor tratou do tema de maneira diferente, principalmente por causa de suas habilidades profissionais. Porém, não podemos de deixar de dar a devida atenção no que eles tinham a dizer. Além disso, há problemas no campo da comunicação que ainda permanecem sem resolução.

Não podemos esquecer a discussão acerca do diploma jornalístico, que foi derrubado legalmente na década de 1970. A impressão de tempos atrás (e ainda agora) é de que os pesquisadores são capazes de levantar somente este tipo de discussão: currículos e diplomas de jornalismo.

Segundo Carlos Eduardo Lins da Silva, em livro escrito há mais de 30 anos, o ensino de comunicação se encontrava em crise. E atualmente ele defende que ainda existem alguns sintomas, entre eles a insatisfação por todos os envolvidos (sejam alunos, professores, organizações empresariais etc.), a demonstração dessa insatisfação (por meio de greves, por exemplo), a dependência da educação que temos de outros países (isso melhorou com a ajuda da INTERCOM e do crescimento do número de mestres e doutores na área da comunicação do Brasil), as constantes mudanças curriculares e, por último, a manipulação das escolas pelos empresários de ensino (pessoas que trazem para si um poder autoritário).

Não podemos esquecer que nas universidades públicas as condições de trabalho e o salário médio dos professores do curso de comunicação não condizem com o ideal, olhando para o lado da quantidade de conhecimento que se é produzido, apesar de o salário ser aceitável comparado ao mercado. Contudo, as estruturas dos cursos são, em geral, muito ruins.

As pesquisas envolvem a produção jornalística (estudos de mercado, de audiência), estudos críticos sobre o cinema, a televisão e a imprensa, utilizando

trabalho teórico e empírico. Com a nova realidade cultural, é preciso reavaliar o que temos e o que queremos em relação à comunicação, assim como é necessário repensar a cultura de massas com um olhar sobre, segundo Osvaldo J. de Morais, "a revolução digital".

A introdução feita por José Marques de Melo dá um panorama geral de como eram os encontros da SPBC em tempos de ditadura e posteriormente, a fundação da INTERCOM. Além disso, é exposto as fases pelas quais a INTERCOM passou, até o seu fortalecimento como sociedade científica da área da comunicação.

Em meados dos anos 1970 é fundada a INTERCOM. Com a impossibilidade de a reunião da SPBC acontecer devido à dificuldade do governo federal em repassar recursos públicos para o evento, foi preciso fazer a reunião na PUC de São Paulo. Alunos e professores da universidade hospedavam os pesquisadores em suas casas. Já que o evento foi realizado em território eclesiástico, os professores "cassados" tiveram acesso irrestrito. O primeiro Congresso realizado a nível nacional contou com grande participação, com o objetivo e o interesse de mostrar o conhecimento produzido e o resultado das pesquisas. Hoje, a INTERCOM, como sociedade científica, defende o pluralismo de ideias e a tolerância nas relações humanas.

O segundo volume, "Teoria da Comunicação: Antologia de Pensadores Brasileiros" está ligado à Luiz Beltrão, isto é, apresenta o legado deixado por ele no que se refere à teoria e práxis na Comunicação. O livro reúne textos de influência de Beltrão. Além disso, esse segundo volume completa o quadro histórico, resgatando as vozes da sociedade que influíram decisivamente na transição democrática.

No terceiro volume, o professor José Marques de Melo documenta o diálogo que a INTERCOM vem mantendo com protagonistas da vida acadêmica nacional e internacional, usufruindo o clima de liberdade de pensamento que é produto genuíno da Constituição Cidadã de 1988. Além disso, faz questionamentos importantes sobre os efeitos da Ditadura Militar sobre os meios de comunicação no país, mostrando como se deram as relações midiáticas e a atuação da censura no Brasil. É importante para quem quer entender o momento histórico em que o país esteve inserido.

No livro, presenciamos pensamentos dos mais diversos, desde o pragmatismo cínico ao marxismo, sempre abordando um pouco da história brasileira e sua transição política. Há também recortes de entrevistas de jornais e boletins, o que dá voz a políticos, autoridades e aos pensadores, a exemplo da famosa fala de João Batista Figueiredo na "Folha", em 1978: "A opinião pública não existe, vocês (jornalistas) é que a formam. Se vocês quiserem, vocês mudam a opinião pública" e a sua indagação, no mesmo veículo: "... eu gostaria de saber o que é

um intelectual. Um artista de rádio é intelectual? E um artista de teatro? E um artista plástico? Então, eu acabo perguntando: por que um artista de teatro, que não faz maiores estudos sobre ciência política tem autoridade para ditar regras e conceitos sobre política? Às vezes, eu acho que eles pensam que têm mais autoridade que os militares".

Também temos exposto o pensamento de Caio Prado Júnior: uma revisão do modelo político vigente durante o período ditatorial, a partir de uma remodelação do sistema de classes. Para ele "é preciso transformar os interesses de classes – que são muito diferentes dos interesses individuais – num pensamento político, econômico e social". Ele ainda afirma que há um baixo nível cultural brasileiro, no jornal "O Estado de São Paulo", em 1978: "O problema é que se coloca o Brasil em quadros europeus e americanos que não tem a ver conosco. Copiamos esses quadros".

Assim como João Batista Figueiredo e Caio Prado Júnior, Gilberto Freyre também teve um de seus artigos que foram publicados na "Folha de São Paulo" recuperados. Nesse artigo, Freyre atribui certo valor à crônica social no Brasil, já que esse tipo de crônica ainda é muito consumida, seja no interior ou nos grandes jornais metropolitanos, apesar de estar em decadência. Ele investiga a possível causa desse acontecimento.

Entre esses nomes citados, temos também de outros pesquisadores, assim como produtores cinematográficos (como Luis Carlos Barreto, o "Barretão"), jornalistas, historiadores etc. que tiveram seus textos reproduzidos na obra.

O caminho percorrido pelo professor e pesquisador José Marques de Melo encontra-se repleto de realizações importantes e se fossemos enumerar todos os seus feitos ao longo de sua vida acadêmica, seria impossível reuni-los em uma pequena síntese cabível nesse espaço.

Referências

MARQUES DE MELO, José; MORAIS, Osvando. **Vozes da resistência: o legado crítico da comunidade acadêmica.** vol. 1. São Paulo: Intercom, 2010-2011.

_____. **Vozes da distensão e transição- O debate político na sociedade.** vol. 3. São Paulo: Intercom, 2010-2011.

_____. **Vozes da democratização e cidadania- a polêmica global-local.** vol. 4. São Paulo: Intercom, 2010-2011.

Gêneros jornalísticos: antologia sincrônica[1]

Francisco de Assis[2]

8.3
CAPÍTULO

Nota explicativa, a modo de introdução

Uma introdução a explicar (ou justificar) a inclusão de um capítulo dedicado aos gêneros jornalísticos nesta seção, voltada essencialmente às "coleções" engendradas por José Marques de Melo, se mostra pertinente. Necessária, aliás. A vasta "obra marquesmeliana" – e assim nos atrevemos a chamá-la, dada a identidade própria e singular que adquiriu ao longo

1. Este capítulo atualiza e altera parcialmente o original Gêneros e formatos jornalísticos: critérios e escolhas na obra de José Marques de Melo (ASSIS, 2012), apresentado no dia 10 de novembro de 2012, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), em Curitiba (PR), durante o 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, evento promovido pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).

2. Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Vice-coordenador do grupo temático (GT) *Estudios sobre Periodismo*, mantido pela Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (Alaic), e professor do curso de graduação em Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM).

de cinco décadas[3] – é marcada, de modo muito significativo, por séries de livros a respeito de temas diversos do campo comunicacional, tal como os ensaios que nos antecedem se põem a ilustrar. Nenhuma, porém – até agora, pelo menos –, tem os gêneros como mote.

Por que, então, incluir tal temática nesta parte? Deixemos que o próprio autor nos dê a resposta. Em entrevista concedida a Mariluce Moura, diretora de redação da revista *Pesquisa Fapesp*, ele assim se pronunciou:

> Aquilo a que venho me dedicando há quase 50 anos, com muita atenção, são os gêneros jornalísticos. Tenho uma proposta de classificação dos gêneros no país em cinco vertentes: informativo, opinativo, interpretativo, utilitário ou de serviços e o diversional [...]. É uma tarefa hercúlea, fiz só 30% e precisaria agora parar para pesquisar. Eu quero partir de Hipólito da Costa e chegar ao jornalismo de hoje. Quero passar pela imprensa do século XIX, quando ela começa a se tornar empresarial à imprensa do século XX, já industrial, e chegar à imprensa de hoje (MARQUES DE MELO, 2012a, p. 33).

Tarefa hercúlea, adjetiva o professor. Trabalho de Sísifo, diríamos nós. É afazer que nunca termina, que sempre retorna ao ponto de partida. E assim tem sido o percurso de Marques de Melo por essa vereda. Autor brasileiro cuja obra a propósito dos gêneros jornalísticos é considerada a "mais importante" do país (CHAPARRO, 2008, p. 108) – por resolver questões, levantar hipóteses e ser a mais difundida entre pesquisadores, professores, alunos e alguns profissionais –, ele se dedica ao assunto desde sua graduação em jornalismo, concluída em 1964, tendo avançado mais significativamente nessa problemática à época do concurso de livre-docência prestado na ECA-USP, em 1983, e em estudos posteriores.

De lá para cá, vem permanentemente organizando sua classificação, submetendo-se a críticas e a autocríticas, reorganizando sua proposta e identificando demandas e tendências do fazer jornalístico (MARQUES DE MELO, 2010a, p. 25). E o faz, principalmente, com o auxílio de alunos de pós-graduação, muitos dos quais seus orientandos, que aprofundam ou redirecionam debates – gerais e

3. A primeira publicação acadêmica assinada pelo autor é de 1965, como se verá no próximo tópico: um artigo publicado na revista *Comunicação & Problemas*, editada no Recife (PE), onde concluiu a graduação em jornalismo. Seu primeiro livro – publicado artesanalmente e sem respaldo do mercado editorial – é de três anos depois, quando já era professor na capital paulista (MARQUES DE MELO, 1968).

setoriais –, ao elaborarem dissertações de mestrado e teses de doutorado, inserindo novos elementos em sua taxionomia original.

Concordando ou não com suas exposições, adotando-as como parâmetro ou propondo mudanças, aceitando-as ou refutando-as, toda uma geração – possivelmente mais de uma – de estudiosos interessados pelos gêneros jornalísticos reconhece nos textos de Marques de Melo um referencial. Podemos até afirmar que, no Brasil, a pesquisa e o estudo sobre esse assunto – especialmente os desenvolvidos nos limites do campo da Comunicação – passam necessariamente pelos pressupostos que esboçou.

Suas investidas nesse particular, principalmente as resultantes em livros (MARQUES DE MELO, 1985; 1992; 1994; 2003; MARQUES DE MELO & ASSIS, 2010) – aos quais vamos especialmente nos deter –, mas também em textos avulsos, como *papers* incluídos em anais de congressos (MARQUES DE MELO, 1998; 2010b), capítulos de coletâneas (MARQUES DE MELO, 2002; MARQUES DE MELO & ASSIS, 2013) e entrevistas concedidas a jornalistas e/ou pesquisadores (MARQUES DE MELO, 2003c; 2008[4]), compõem, de fato, uma **antologia sincrônica**, que estabelece diálogos entre suas várias unidades e revela avanços, quando observada cronologicamente. Por isso mesmo, é preciso, muitas vezes, perceber seu aspecto evolutivo, a sequência das articulações, seus desdobramentos, tal como as publicações em série – e aí voltamos à ideia lançada no início deste texto – possibilitam fazer.

Em face do que se expôs, vamos, aqui, elaborar um panorama histórico dessas iniciativas – tocantes a uma "organização" das classes textuais praticadas pela imprensa brasileira –, as quais são tão caras a quem esta coletânea homenageia.

Aspectos caracterizadores do percurso

A dedicação de José Marques de Melo aos gêneros jornalísticos tem se mostrado uma tarefa cumprida em três estágios sequenciais: 1) extensa revisão bibliográfica, a qual confere especial destaque aos autores ibero-americanos (MARQUES DE MELO, 2003b, p. 194) – principalmente os que também fazem classificações, sejam elas científicas ou de ordem prática (manuais, por exemplo) –; 2) observação atenta dos materiais produzidos pela imprensa

4. Vale considerar, também, a conversa que teve com José Anderson Sandes (2011a; 2011b), publicada no *Diário do Nordeste*, na qual, dentre outras questões sobre o jornalismo, reforçou sua visão acerca dos gêneros.

nacional – o que inclui aspectos textuais, estilísticos, estruturais e, ainda, possíveis finalidades –; e 3) ordenação que procura somar os pressupostos consultados às análises empíricas.

Suas principais contribuições para aquilo que podemos chamar de **sistematização brasileira dos gêneros jornalísticos** – comumente apontada como sendo a "classificação Marques de Melo", em reconhecimento a seu autor – foram dadas a partir da tese de livre-docência "Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro" – defendida na ECA-USP, em 1983, como aludimos anteriormente – e dos trabalhos desenvolvidos em parceria com mestrandos e doutorandos da própria Universidade de São Paulo e, também, da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), instituição localizada em São Bernardo do Campo, no ABC Paulista, que se tornou, nos últimos anos, um dos principais centros de reflexão sobre o assunto no país.

Antes disso, no entanto, ele havia adentrado no terreno dos gêneros superficialmente, em discussões mais amplas, sobre aspectos gerais do jornalismo. O ponto de partida foi a pesquisa de iniciação científica sobre a crônica policial na imprensa do Recife, capital pernambucana, realizada em 1963, no âmbito da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), sob orientação do professor Luiz Beltrão, na qual identificou as características do noticiário apresentado nas editorias de polícia mantidas por três jornais editados na capital pernambucana: *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Commercio* e *Última Hora*[5]. Sua conclusão, dentre outros aspectos, foi a de que "os fatos policiais nos matutinos do Recife são divulgados através de: a) notícias; b) registros; c) comentários", sendo as duas primeiras as formas preferenciais (MARQUES DE MELO, 2003a, p. 147).

---

5. O trabalho *A crônica policial na imprensa do Recife* foi publicado originalmente em 1965, na segunda edição de *Comunicações & Problemas* – primeiro periódico científico da área de Comunicação do Brasil, editado pelo Instituto de Ciências da Informação (Icinform) –, e republicado em 2003, no terceiro número de *Idade Mídia*, publicação do Centro Universitário Fiam-Faam. No editorial da revista editada na década de 1960, lê-se o seguinte: "Ainda nesta edição, oferecemos, em primeira mão, o estudo morfológico de conteúdo e de repercussão social do noticiário de fatos policiais, durante uma semana (1 a 7 de setembro de 1963), na imprensa pernambucana. Este trabalho de investigação científica foi realizado pelos alunos do Curso de Jornalismo da Universidade Católica, liderados pelo hoje bacharel em Jornalismo José Marques de Melo (coordenador e relator da matéria), sob a orientação do prof. Luiz Beltrão. Na parte de estatística, recebeu a colaboração técnica do prof. Carolino Gonçalves, do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, ao qual mais uma vez manifestamos o nosso reconhecimento".

Em seguida, e também antes de realizar estudos avançados, o jovem pesquisador incluiu os "gêneros de notícia" como categoria de análise numa pesquisa realizada em 1966, período em que cursava pós-graduação no Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina (Ciespal), sediado na cidade de Quito, capital do Equador. O enfoque, desta vez, recaiu sobre o *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro), o *Jornal do Commercio* (Recife) e o *Correio da Paraíba* (João Pessoa). Os resultados, publicados em seu livro de estreia no mercado editorial – "Comunicação social: teoria e pesquisa" (MARQUES DE MELO, 1970, p. 146) –, apontaram para a vigência de três classes textuais nos referidos diários: 1) noticiário informativo (predominante); 2) noticiário interpretativo (mais usual no *JB*, emergente no *JC* e residual no *CP*); e 3) noticiário opinativo (que aparecia em menor escala, em todos os componentes da amostra).

Nesses primeiros momentos, justamente por não situar os gêneros como tônica de suas investidas, o autor não faz revisões sobre tal assunto e tampouco se aprofunda na leitura do dado empírico. Isso é o que irá fazer posteriormente, nas investigações realizadas, individual ou coletivamente, na USP e na Metodista, os dois espaços que se ofereceram para ele e para seus discípulos se acercarem do objeto aqui posto em pauta. Por isso mesmo, para melhor entendermos esse itinerário, é conveniente separá-lo em dois períodos sequenciais.

Primeiros avanços

A tese elaborada para concorrer ao título de livre-docente é, sem dúvida, o mais importante dentre seus trabalhos relacionados aos gêneros jornalísticos. Se não apenas em razão das defesas expostas – haja vista que algumas delas foram atualizadas ou modificadas –, assim o é pelo fato de ter sido o texto em torno da questão mais difundido no país – já dito – e o mais citado, consequentemente. Foi duas vezes publicado pela Editora Vozes, sob o título "A opinião no jornalismo brasileiro" (MARQUES DE MELO, 1985; 1994), e uma terceira vez pela Editora Mantiqueira, com o nome "Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro", sendo revisto e adaptado para fins didáticos (MARQUES DE MELO, 2003b).

Há de se destacar que ali estão diluídas pistas para a compreensão dos gêneros, como a ideia de que estudá-los é exercício que ajuda a visualizar "a identidade do jornalismo" (MARQUES DE MELO, 2003b, p. 11) e que, por isso mesmo, deve levar em conta aspectos culturais, geográficos, ideológicos, etc. Em razão disso, Marques de Melo "sustenta que os gêneros jornalísticos são

manifestações específicas do campo do jornalismo que, no Brasil, conjugam influências externas com particularidades autóctones", como avalia Jorge Pedro Sousa (2010, p. 55).

O próprio autor afirmou, em livro posterior, que

> compreender os gêneros jornalísticos significa, portanto, estabelecer comparações, buscar identidades, indagar procedências. Daí a necessidade de encontrar na bibliografia internacional aquelas referências capazes de elucidar certas nuanças características do jornalismo que praticamos no Brasil contemporâneo. [...] Nosso jornalismo é contemporaneamente o resultado cultural desse conjunto de motivações forâneas, sem que isso queira significar a existência de uma fisionomia amorfa, produzida pelo entrecruzamento dos padrões estrangeiros (MARQUES DE MELO, 2006c, p. 68-69).

Por isso mesmo, o professor, naquele começo dos anos 1980, elaborou – antes de sugerir sua taxionomia – um panorama das classificações que haviam sido propostas nos Estados Unidos, na Europa e, principalmente, na América Latina. Em seu mapeamento, constam os nomes de 12 autores[6] que se dedicaram a encontrar parâmetros para a definição dos conteúdos publicados na mídia impressa. Cada um deles observa a divisão dos gêneros de forma distinta: Emil Dovifat, por exemplo, entende-os como "formas de expressão jornalística" que "se definem pelo estilo e assumem expressão própria pela obrigação de tornar a leitura interessante e motivadora"; Joseph Folliet, por outro lado, diz que os "os gêneros surgem da correspondência de textos que os jornalistas escrevem em relação às inclinações e aos gostos do público" (MARQUES DE MELO, 2003b, p. 43); outros, contudo, não oferecem grandes explicações sobre os critérios que os levaram a dadas listagens, dedicando-se exclusivamente a dizer quais características marcam cada um dos gêneros indicados.

No exercício de avaliação dessas possibilidades, Marques de Melo (2003b, p. 43) percebeu embates nos conceitos e no tratamento conferido às observações sobre os gêneros. É o que evidencia ao afirmar que "a literatura norte-americana sobre jornalismo demonstra reduzida atenção a [...] questões

6. São eles: Joseph Folliet e Jacques Kayser (França); Fraser Bond (EUA); Emil Dovifat (Alemanha); Domenico De Gregorio (Itália); Martín Vivaldi e Martínez Albertos (Espanha); Juan Gargurevich (Peru); Eugenio Castelli (Argentina); Raul Rivadeneira Prada (Bolívia); Julio Cabello (Venezuela); e Luiz Beltrão (Brasil).

epistemológicas ou taxionômicas, revelando interesse mais pragmático pela descrição ou interpretação dos processos jornalísticos ou buscando aprender suas tendências concretas".

Da lista de autores, Luiz Beltrão é assumidamente sua principal fonte de referência, tanto pelo fato de ter sido "o pioneiro dos **estudos brasileiros** sobre gêneros jornalísticos" (MARQUES DE MELO, 2010a, p. 25, grifo nosso) – proximidade geográfica – quanto pela metodologia adotada. Ambos são adeptos da empiria como estratégia de pesquisa – afinidade metodológica – e da noção do jornalismo como referencial que contempla variáveis comuns ao próprio objeto, sendo necessário percebê-las para compreender o contexto (SOUSA, 2010, p. 47).

As percepções de Beltrão sobre as diferentes formas do jornalismo se encontram numa trilogia produzida para atender aos cursos de formação universitária da área[7]. Atento ao mercado, o mestre de Marques de Melo reproduziu, em seu trabalho, as mesmas definições do senso comum estabelecido entre profissionais de sua época, não obstante buscando ancoragem em bibliografia nacional e estrangeira.

Já os critérios que orientam Marques de Melo (2003b, p. 64) se apresentam em duas frentes. Primeiro, na **intenção da empresa jornalística** ao transmitir determinado acontecimento: a maneira como a instituição quer difundir os fatos é o que determina, por exemplo, se ele será relatado sem qualquer juízo de valor ou, então, se será impresso com alguma carga analítica. Já o segundo aspecto destacado, referente à **estrutura**, não diz respeito somente às características textuais – que configuram seu estilo –, mas denota "a articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela sociedade (leitura)".

Embora se guie por Beltrão, o autor questiona os critérios classificatórios de seu antecessor, os quais tomaram por base o que era comumente aceito por jornalistas da época. Ao criticar tal proposta, acaba banindo algumas separações, como a divisão entre "reportagem" e "reportagem em profundidade" – por considerar que não há atributos suficientes para serem entendidas como gêneros separados –, e contesta a autonomia da fotografia e dos demais recursos visuais, defendendo que se tratam apenas de códigos utilizados para o registro e para a documentação dos acontecimentos.

Marques de Melo (2003b, p. 61) também coloca em xeque a independência que Beltrão atribui à história de interesse humano, afirmando que, "na prática,

7. A imprensa informativa: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário (1969), Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica (1976) e Jornalismo opinativo (1980).

o que ocorre é a sua distinção como 'matéria fria' (de atualidade permanente), permitindo-se o jornalista que a escreve recorrer ao arsenal narrativo peculiar ao universo da ficção". Tempos depois, como veremos, tal postura foi repensada.

Com base no quadro teórico aqui resumido e observando a realidade da imprensa no período indicado, Marques de Melo (2003b, p. 65) propôs, nessa primeira fase de seu trabalho, a classificação dos gêneros do jornalismo brasileiro em conformidade com duas classes (informação e opinião), as quais correlacionam os critérios **intencionalidade** e **natureza estrutural** dos relatos. Sua divisão, portanto, apresentava-se assim:

a) **Jornalismo informativo**[8] (nota, notícia, reportagem, entrevista).

b) **Jornalismo opinativo** (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta).

É interessante notar, aqui, uma mudança de posicionamento – que irá se acentuar nas décadas seguintes – relacionada aos agrupamentos dos textos jornalísticos. Na tese de livre-docência, o professor percebe fragilidades nas "tendências rotuladas como *jornalismo interpretativo* e *jornalismo diversional*", afirmando que ambas não encontram "ancoragem na práxis jornalística observada no país" (MARQUES DE MELO, 2003b, p. 64). Sua ideia, à época, era a de que "interpretação" e "diversão" são recursos adotados, vez ou outra, pelo **jornalismo informativo**, muito embora, na pesquisa realizada no CIESPAL, tenha dado autonomia aos "noticiários interpretativos".

Dando continuidade às observações empíricas, ainda desenvolveu pesquisa, em 1985, com um grupo de alunos de mestrado e doutorado da ECA-USP – matriculados na disciplina "Gêneros opinativos na imprensa diária" –, os quais se dedicaram a analisar a *Folha de S.Paulo*, à época o jornal de maior tiragem no país. Foram estudados seis gêneros opinativos (artigo, caricatura, carta, comentário, crônica e editorial) e um único gênero informativo (entrevista). A fotografia

8. Na classificação proposta em sua livre-docência, Marques de Melo (2003b, p. 62) definiu *jornalismo informativo* e *jornalismo opinativo* como "categorias que correspondem à intencionalidade determinante dos relatos através de que se configuram". Portanto, não foram, ali, entendidos como gêneros. Os demais itens (nota, notícia, reportagem, entrevista, editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta) é que se configuraram como tal. Nos trabalhos posteriores, porém, outra dinâmica se apresentou: o que era *categoria* passou a ser definido como *gênero*, e o que *gênero* começou a ser chamado de *formato*. Voltaremos a essa questão no próximo tópico.

também fez parte desse rol, muito embora o autor não a considere um gênero, mas, sim, um "código utilizado para registrar fatos ou documentá-los" (MARQUES DE MELO, 1992, p. 12), sendo seu argumento o de que um código não é suficiente para categorizar qualquer gênero jornalístico.

A relevância do esforço apresentado em "Gêneros jornalísticos na Folha de S.Paulo", livro resultante da análise acima mencionada, se evidencia em duas particularidades: no teste de alguns gêneros legitimados pelo orientador e nas conclusões alcançadas, principalmente a que revela ser esse tipo de estudo exigente de repetição. Em texto de apresentação daquele volume, assim é exposto:

> É importante explicitar que o exercício feito conjuntamente com os meus alunos para analisar a relação teoria-prática dos gêneros jornalísticos num diário paulistano trouxe muitos elementos para confirmar tendências encontradas na bibliografia científica do Jornalismo. No entanto, os resultados coligados não permitem fazer generalizações para o jornal *Folha de S.Paulo* como um todo. Eles refletem o comportamento do veículo naquela semana estudada ou, quando muito, naquela conjuntura. Um perfil mais duradouro dos gêneros jornalísticos nessa publicação exigiria uma vasta pesquisa, captando amostras de diferentes momentos históricos (MARQUES DE MELO, 1992, p. 13).

Somente no final dos anos 1990, contudo, é que despontaria a segunda era das ideias do autor sobre o objeto aqui discutido, com a revisão do que fora defendido até a década anterior e a com ampliação da lista dos gêneros por ele reconhecidos.

Rumo a uma nova classificação

A segunda etapa das investidas de Marques de Melo na temática dos gêneros teve origem em sala de aula. Agora, no programa de pós-graduação da Metodista, no âmbito do qual ofereceu, até 2013, em semestres alternados, disciplinas voltadas para os gêneros da comunicação de massa ou, especificamente, para os gêneros jornalísticos. É como docente dessa outra instituição que sugere uma nova classificação, indo, desta vez, além das fronteiras entre informação e opinião.

Sua segunda proposta foi desenvolvida com base em revisão de literatura e em análise de jornais e revistas que circularam em 1997. Buscando novas bibliografias acerca do assunto e vigilante às mudanças ocorridas no jornalismo brasileiro, na primeira década após a redemocratização do país, o autor reconheceu

que outras categorias passaram a figurar na imprensa, adquirindo autonomia ou sendo mais bem exploradas.

O primeiro registro da nova classificação encontra-se documentado nos anais do 21º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), em setembro de 1998, no Recife. No *paper* que recebeu o título "Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal *Folha de S.Paulo* e da revista *Veja*[9]", estão projetadas novas reflexões, com a afirmação de que os veículos nacionais produzem cinco gêneros, os quais são desdobrados em formatos:

a) **Gênero informativo** (nota, notícia, reportagem, entrevista).

b) **Gênero interpretativo** (análise, perfil, enquete, cronologia)[10].

c) **Gênero opinativo** (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta).

d) **Gênero diversional** (história de interesse humano, história colorida).

e) **Gênero utilitário** (indicador, cotação, roteiro, chamada, obituário)[11].

Os critérios de classificação continuaram a ser, basicamente, os mesmos de outrora: a conjugação da intencionalidade com o aspecto estrutural. Entretanto, como já foi dito, nessa segunda fase há uma separação entre **gênero** (classe) e **formato** (forma), sendo o segundo um desdobramento do primeiro. A terminologia – que remete aos contornos dos textos jornalísticos – foi emprestada dos estudos

---

9. O *paper* foi assinado pelos pesquisadores Paulo da Rocha Dias, Rosemary Bars Mendez, Daniella Crespin Villalta e Gláubio Batista, sob coordenação do professor José Marques de Melo. Os autores eram, à ocasião, mestrandos e doutorandos da Universidade Metodista de São Paulo, e realizaram o estudo exploratório em torno do jornal *Folha de S.Paulo* e da revista *Veja* (MARQUES DE MELO, 1998).

10. Nos trabalhos mais recentes, o autor incluiu, na lista do gênero interpretativo, o formato "dossiê" (MARQUES DE MELO, 2009, p. 36).

11. É necessário explicar que, em 1998, a classificação sugeria que o gênero utilitário incorporava os formatos "chamada" – o qual orienta os leitores sobre o conteúdo de uma edição – e "obituário" – dados sobre falecimentos. Todavia, em trabalhos elaborados posteriormente, Marques de Melo (2006a; 2006b; 2009) deixou de considerar tais conteúdos como formatos, substituindo-os pela forma genérica denominada "serviço".

midiáticos, que hegemonicamente o adotam em categorizações voltadas à produção midiática, nas suas mais diversas manifestações (MCQUAIL, 2003, p. 339).

No que concerne ao circuito teórico a que sua proposta se vincula, é importante anotar outra tentativa de articulação entre mais de um elemento. No material didático que tem disponibilizado aos alunos, o professor Marques de Melo considera que sua categorização está alicerçada sobre duas correntes que, de modo aparente, se opõem: o funcionalismo e a teoria crítica. Como já apontamos em outra reflexão, além da finalidade dos textos – característica da primeira frente teórica a que nos referimos –, os gêneros também são definidos em consonância com "o estereótipo encravado nas normas que regem o trabalho dos jornalistas de redação" (ASSIS, 2011, p. 216), ou seja, também devem ser pensados a partir de hipóteses frankfurtianas, de acordo com o olhar do autor aqui estudado.

A nova "classificação Marques de Melo" ainda não está disponível, de modo aprofundado, em livro individual, muito embora tenha o autor demonstrado, em alguns de seus textos e em alocuções, interesse em fazê-lo. Ainda assim, algumas obras que publicou recentemente (MARQUES DE MELO, 2009; 2010b; 2012b) oferecem breves abordagens conceituais e esquemas a respeito de muitos dos aspectos discutidos nestas linhas. A elas, soma-se a coletânea que tivemos a oportunidade de organizar em conjunto – **Gêneros jornalísticos no Brasil** –, reunindo textos, seus e de seus alunos e/ou ex-alunos, que balizam a proposta classificatória e/ou ajudam a entender opções e direcionamentos que o levaram ao panorama exposto há pouco (MARQUES DE MELO & ASSIS, 2010).

Um aspecto singular a ser salientado diz respeito ao lugar que ocupam os gêneros jornalísticos. Na contramão do que pressupõem as Ciências da Linguagem, que entendem o jornalismo como gênero do discurso (BENETTI, 2007), Marques de Melo situa os gêneros dentro do universo processual da comunicação, relacionando-os diretamente à comunicação de massa. Critério apresentado inicialmente em forma de diagrama, no trabalho empírico desenvolvido com os alunos da Metodista, no final da década de 1990 (MARQUES DE MELO, 1998, p. 3), foi posteriormente organizado nesses termos:

> O *campo* da comunicação é constituído por *conjuntos* processuais, entre eles a comunicação *massiva*, organizada em *modalidades* significativas, inclusive a comunicação *periodística* (jornal/revista). Esta é estruturada, por sua vez, em *categorias* funcionais, como é o caso do jornalismo, cujas unidades de mensagem se agrupam em *classes*, mais conhecidas como *gêneros*, extensão que se divide em outras, denominadas *formatos*, os quais, em relação à primeira, são desdobrados em espécies, chamadas *tipos* (MARQUES DE MELO, 2009, p. 35).

Nessa perspectiva, **gêneros jornalísticos** são classes que agrupam formas de expressão jornalística, organizadas conforme determinado propósito (informar, interpretar, opinar, divertir, ser útil, segundo a classificação em relevo). Os **formatos**, por conseguinte, são as mensagens jornalísticas estruturadas com certos caracteres, sendo estes os responsáveis por sua identidade (por exemplo, notícia, coluna, roteiro, etc.). Finalmente, os *tipos* são os desdobramentos dessas formas, cujas características são capazes de diferenciar unidades dentro de um conjunto (grande reportagem, coluna de miscelânea, etc.). Em linhas gerais, seria esta a hierarquia de organização dos trabalhos da imprensa, conforme os parâmetros estabelecidos pelo autor, os quais o auxiliamos a compartilhar com a comunidade acadêmica, mais recentemente (MARQUES DE MELO & ASSIS, 2013).

Por fim, vale dizer que essa classificação é a que tem guiado boa parte das pesquisas sobre o assunto realizadas na Universidade Metodista de São Paulo, em níveis de mestrado e doutorado. À medida que os pesquisadores avançam em suas discussões setoriais, também oferecem contribuições ao orientador, que em alguns casos chega a acrescentar ou a excluir itens de sua taxionomia[12].

Entre a teoria e a prática

"É preciso produzir teoria estribada na práxis e não reflexões ancoradas apenas na bibliografia importada". Quem disse isso foi o próprio Marques de Melo (2003c, p. 14), em entrevista a Tatiana Teixeira, cujo teor está publicado na edição nº 5 da revista "Pauta Geral", a qual tem o "núcleo temático" dedicado à questão dos gêneros. Acreditamos que esse pensamento resume bem os interesses e as ideias do autor, primeiro por deixar claro que a teoria do jornalismo na qual acredita é aquela que busca no cotidiano da imprensa elementos para se sustentar; depois, por valorizar os referenciais próximos – não somente em termos geográficos, mas culturais, principalmente –, entendendo serem também eles definidores da identidade do jornalismo.

Muito embora não se apresente como uma "teoria dos gêneros jornalísticos", assumindo-se como proposta classificatória, a obra de José Marques de Melo – e aqui incluímos os livros originados da livre-docência, as coletâneas que organizou e os textos dispersos em anais de congresso e em outras plataformas – ambi-

12. Um exemplo: os resultados do trabalho de Lailton Alves da Costa (2008) levaram o orientador a cogitar que a "história de viagem" pode ser tida como formato específico, a ser submetido ao gênero diversional (MARQUES DE MELO, 2010a, p. 34).

ciona problematizar os gêneros jornalísticos estabelecendo rupturas entre o "objeto real ou concreto" e o "objeto científico", ao mesmo tempo em que o constrói como sendo esse último, fato característico da "instância epistemológica" na qual se origina todo o processo de produção do conhecimento na esfera da ciência (LOPES, 2005, p. 121). Isso significa reconhecer que suas reflexões contribuem para a formação de bases teóricas – caso não a teoria em si – ou, como diz o próprio autor, servem de "referencial para a pesquisa empírica", a ser utilizada como estratégia para mais adequadamente pensar o jornalismo, marcado pela "efemeridade" e pela "caducidade precoce" (MARQUES DE MELO, 2003b, p. 181).

Também devemos pensar que, embora alguns considerem estudar os gêneros um "passatempo anacrônico" (TODOROV, 1981, p. 45), o professor sempre defendeu a necessidade de discutir os padrões estabelecidos pela imprensa. Não por acaso, a finalidade didática de seu livro é destacada logo na apresentação, quando se afirma "obra tanto para estudantes quanto para professores de jornalismo, bem como outros educadores e cidadãos interessados em conhecer os bastidores da produção jornalística" (MARQUES DE MELO, 2003b, p. 11). Desse modo, ambiciona atingir os cursos específicos – afinal, é onde começa a práxis –, mas não se inibe em colocar-se à disposição de outra parcela da sociedade, constituída por leitores críticos da imprensa.

Esses interesses se tornaram, mais recentemente, objetivos do grupo de pesquisa (GP) que Marques de Melo fundou, em 2009, na estrutura da Intercom, cujo intento maior é sistematizar as reflexões nacionais sobre o objeto em questão. Coordenado até 2012 por seu fundador – tendo em nós a vice-coordenação, no biênio 2011-2012 –, o GP Gêneros Jornalísticos, subordinado à Divisão Temática de Jornalismo, espera alcançar as seguintes metas, a curto e médio prazo: 1) "revisar criticamente o conhecimento acumulado sobre gêneros jornalísticos, elaborando relatos periódicos sobre o estado da arte"; 2) "observar sistematicamente a natureza dos gêneros jornalísticos cultivados pela mídia brasileira, disseminando estudos que possam suscitar o diálogo com os seus produtores e usuários"; 3) "elaborar material didático sobre gêneros jornalísticos para uso nas universidades e escolas de segundo grau de todo o país"; e 4) "manter permanente diálogo com os membros da comunidade acadêmica mundial que se dedicam ao estudo desse objeto" (MARQUES DE MELO, 2010a, p. 36).

Dentre as muitas considerações que têm sido feitas pelos pesquisadores, nas reuniões anuais do GP, realizadas durante os congressos nacionais da Intercom, a mais significativa é aquela que reforça a necessidade da elaboração de investigações avançadas e constantes sobre esse panorama, principalmente em razão das mudanças provocadas pelas novas tecnologias nos processos jornalísticos. É isso o que José Marques de Melo, seus discípulos e outros pesquisadores, ligados

direta ou indiretamente a ele, têm procurado fazer, ainda que alguns se submetam a matrizes teóricas que não as desse autor.

Importa colocar, ainda, que não negamos nem desconhecemos que a obra em foco seja passível de questionamentos e que apresente algumas fragilidades e lacunas, possivelmente resultado das muitas alterações feitas ao longo dos anos. Todavia, reconhecer isso não é renegá-la. Ao contrário, ajuda-nos a fazer uso de suas considerações como base para novas investidas, mesmo que, em alguns casos, seja necessário regressar ao ponto inicial.

Referências

ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: critérios e escolhas na obra de José Marques de Melo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 10., Curitiba, 2012. **Anais eletrônicos**... Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, SBPJor, 2012.

_____. Contribuições do funcionalismo e da teoria crítica para os estudos sobre gêneros jornalísticos. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 215-233, 2º sem. 2011.

BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 5., Aracaju, 2007. **Anais eletrônicos**... Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, SBPJor, 2007.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar**: travessias para uma nova teoria dos gêneros jornalísticos. São Paulo: Summus, 2008.

COSTA, Lailton Alves da. **Teoria e prática dos gêneros jornalísticos**: estudo empírico dos principais diários das cinco macro-regiões brasileiras. 2008. 197 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MARQUES DE MELO, José. A prima pobre das ciências sociais. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, n. 201, p. 26-33, nov. 2012a. Entrevista concedida a Mariluce Moura.

_____. **História do jornalismo**: itinerário crítico, mosaico contextual. São Paulo: Paulus, 2012b.

_____. Gêneros jornalísticos: conhecimento brasileiro. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010a. p. 23-41.

_____. Panorama diacrônico dos gêneros jornalísticos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., Caxias do Sul, 2010. **Anais eletrônicos**... São Paulo: Intercom, 2010b.

_____. **Jornalismo**: compreensão e reinvenção. São Paulo: Saraiva, 2009.

_____. O que é jornalismo? É possível entender através dos gêneros. **Gêneros Jornalísticos**, Salvador, 07 maio 2008. Entrevista concedida a Lia Seixas. Disponível em: <http://generos-jornalisticos.blogspot.com.br/2008/05/o-que--jornalismo-possvel-entender.html>. Acesso em: 24 out. 2014.

_____. **Formatos jornalísticos**: evidências brasileiras. Pesquisa realizada no jornal "Folha de S. Paulo", 28/03/2005. 2006a. (Original do autor).

_____. **Gêneros da comunicação de massa**: análise dos gêneros e formatos jornalísticos. 2006b. (Original do autor).

_____. **Teoria do jornalismo**: identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006c.

_____. A crônica policial na imprensa do Recife. **Idade Mídia**, São Paulo, ano 2, n. 3, p. 144-156, jun. 2003a.

_____. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003b.

_____. O desafio do estudo dos gêneros. **Pauta Geral**, Salvador, n. 5, p. 11-20, 2003c. Entrevista concedida a Tatiana Teixeira.

_____. A crônica. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 139-154.

_____. (Coord.). Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal "Folha de S. Paulo" e da revista "Veja". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 21., 1998, Recife. **Anais eletrônicos**... São Paulo: Intercom, 1998.

_____. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. (Org.). **Gêneros jornalísticos na Folha de S.Paulo**. São Paulo: FTD, 1992.

_____. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Comunicação social**: teoria e pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. **A pesquisa em comunicação**. São Paulo: [s.n.], 1968.

_____.; ASSIS, Francisco de. A natureza dos gêneros e dos formatos jornalísticos. In: SEIXAS, Lia; PINHEIRO, Najara Ferrari (Orgs.). **Gêneros**: um diálogo entre Comunicação e Linguística. Florianópolis: Insular, 2013. p. 19-38.

_____.; _____. (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MCQUAIL, Denis. **Teoria da comunicação de massas**. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 2003.

SANDES, José Anderson. Reinvenções do jornalismo: um dos principais teóricos do jornalismo no Brasil, José Marques de Melo refuta a ideia do fim do jornal impresso e defende uma mudança na forma de pensar a atividade no País. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 1º ago. 2011a. Caderno 3.

_____. Resistência dos gêneros: o pesquisador José Marques de Melo fala dos desafios do jornalismo impresso, frente às novas demandas e formas de comunicar. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, p. 6, 1º ago. 2011b. Caderno 3.

SOUSA, Jorge Pedro. José Marques de Melo: teórico do jornalismo. In: HOHLFELDT, Antonio (Org.). **José Marques de Melo, construtor de utopias**. São Paulo: Intercom, 2010. p. 43-58.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. Lisboa: Edições 70, 1981.

SEÇÃO IV

ORIENTADOR ACADÊMICO

Marques de Melo e a iniciação científica: prática e teoria em um só movimento

Alfredo Dias D'Almeida[1]
Marcos Corrêa[2]

1.4
CAPÍTULO

Despertar nos graduandos o interesse pela pesquisa científica é fundamental para a consolidação de qualquer área do conhecimento. Se é verdade que isso vale para todas as áreas, é especialmente verdade que se aplica à da Comunicação, a qual, no entender de José Marques de Melo, não se configura como área autônoma de pesquisa, pois incorpora contribuições das demais ciências sociais aplicadas, das exatas e das humanas. A Iniciação Científica (IC) torna-se ainda mais importante porque, como ele afirma numa apresentação da Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação Social (INICIACOM), "são esses jovens pesquisadores que, num futuro não muito longínquo, passarão a ocupar outros espaços das universidades brasileiras,

1. Doutor em Integração da América Latina (Comunicação e Cultura) pelo Prolam/USP, mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), especialista em projetos educacionais do Lar Fabiano de Cristo (LFC), pesquisador da área de Comunicação Social.

2. Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Pós-Com/UMESP), Mestre em Multimeios pela UNICAMP, professor da Faculdade do Povo (FAPSP).

nas diferentes etapas da pesquisa, da pós-graduação e da docência" (MARQUES DE MELO, 2010).

Como veremos a seguir, a própria trajetória acadêmica de Marques de Melo é um exemplo desse processo. Ele mesmo, tributário de Luiz Beltrão nos seus primeiros passos como pesquisador, ainda na condição de estudante de jornalismo em Recife, e posteriormente, como um dos mais importantes pesquisadores brasileiros da área de Comunicação Social, nunca deixou de promover e valorizar a iniciação científica de estudantes.

A Iniciação Científica de Marques de Melo

Durante seu bacharelado em jornalismo em Recife, iniciado em 1960 na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), José Marques de Melo participa do que pode ser considerado o primeiro trabalho de IC de Comunicação no Brasil, sob orientação de Luiz Beltrão, para a "cátedra" Técnica de Jornal, que ele "regia", como se dizia à época (FELICIANO, 2003, p.141; MARQUES DE MELO, 2014). Marques de Melo foi indicado por Beltrão para liderar os estudantes em um estudo morfológico e de conteúdo da crônica policial publicada durante uma semana em três jornais de Recife, para investigar "as preferências do leitor e a repercussão do noticiário de fatos policiais" e as "influências do noticiário policial na circulação e tiragem do jornal" (MARQUES DE MELO, [1965] 2003, p.144). Além de analisar o conteúdo dos matutinos *Diário de Pernambuco (DP)*, *Jornal do Commercio (JC)* e *Última Hora (UH)*, o grupo de estudantes entrevistou jornalistas das editorias policiais das três empresas jornalísticas e realizou uma pesquisa de opinião pública com 670 recifenses, de todos os grupos sociais.

Luiz Beltrão institucionalizou a pesquisa sistemática em Comunicação no Brasil. Deu início a esse processo no dia a dia da sala de aula, conclamando os alunos a participarem de pesquisas empíricas com base científica, vinculando a teoria e a prática. Sua preocupação fundamental era despertar nos alunos o interesse pela pesquisa científica, mas, como destaca Maria Luiza Nóbrega, "naquele momento, mais que o puro rigor metodológico, importava estimular o espírito investigativo" (2000, p. 161). Isso numa época em que os cursos de Jornalismo tinham duração de três anos e eram voltados essencialmente para a prática profissional. As atividades de pesquisa de Beltrão se ampliam quando ele cria o Instituto de Ciências da Informação (INCIFORM), em dezembro de 1963, iniciativa pioneira na área. O Instituto lançou a revista *Comunicações & Problemas*, a primeira revista acadêmica de Comunicação do Brasil. Essa publicação tornou-se uma referência para os cursos de jornalismo que começavam a surgir no país.

Mais um exemplo do interesse de Beltrão na formação científica dos graduandos, é uma pesquisa realizada anteriormente por ele e seus alunos, incluindo Marques de Melo, que teve grande repercussão na mídia local (FELICIANO, 2003, p.140), ao comprovar que o jornal impresso superava o rádio e a televisão na preferência dos recifenses. Publicado pelo jornal *Última Hora* (21.04.63) e comentado pelos demais diários da capital pernambucana, esse estudo tinha por objetivo identificar os reflexos da ausência dos jornais entre os recifenses durante a greve dos gráficos, que durou de 21 de março a 9 de abril de 1963. A revista *Comunicações & Problemas* (v.1. n.1, mar. 1965) traz notas sobre essa pesquisa.

Discípulo de Beltrão, Marques de Melo daria um passo importante em sua trajetória ao mesclar a prática profissional com a pesquisa em comunicação. Mesmo cursando duas graduações — Jornalismo e Ciências Jurídicas e Sociais, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde se graduou em 1965 —, Marques de Melo arranjava tempo para atuar como jornalista. Foi na condição de profissional atuante, trabalhando na chefia do serviço de editoração da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), que planejou e coordenou uma sondagem de opinião sobre a Associação dos Servidores do órgão. Realizada com a equipe de estudantes vinculada ao INCIFORM, ela é tida pela revista *Comunicações & Problemas* (v.2, n.2, jul. de 1966) como a primeira pesquisa de opinião com base científica feita pelo Instituto. Nela foi aplicado o método comparativo concebido pelo francês Jacques Kayser, base da primeira obra de referência para a pesquisa em jornalismo já publicada no Brasil, método esse que viria a ser retomado por Marques de Melo (1972) no livro "Estudos de Jornalismo Comparado"[3].

Tão logo se formou em jornalismo, em 1964[4], ele foi convidado por Beltrão para coordenar um departamento que não existia, o de Investigação Científica.

> No dia seguinte à minha formatura, Beltrão me procurou e disse que eu seria coordenador do Departamento de Investigação Científica. Eu perguntei como poderia coordenar algo que não existia na Unicap e a reposta dele foi curta: "Então, crie!" (MARQUES DE MELO, 2014).

3. Para uma avaliação sobre a importância dessa obra, ver Machado (2010).

4. Marques de Melo (2014) atribui o fato de ter se formado somente em 1964 e não em 1963 ao seu envolvimento na política. Um de seus professores de Direito fora designado Secretário da Educação e o convidou para assumir a chefia de seu gabinete, cargo que exerceu por certo período.

Ele assume a diretoria do Departamento de Investigação Científica da UNICAP em 1965, quando também tem início a sua longeva e profícua carreira acadêmica. Nesse mesmo ano, Luiz Beltrão, a convite do presidente Castelo Branco, assume a direção da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UNB). Marques de Melo então assume as turmas de Técnica de Jornal de seu mentor, criando ainda a disciplina Investigação Científica em Comunicação, à qual passa a ficar vinculada a área de pesquisa da UNICAP. Esse esquema de trabalho, que inclui a participação de estudantes de graduação, mesmo sem o apoio das instituições de fomento, vai perdurar até fins da década de 1970, quando os primeiros cursos de pós-graduação stricto-sensu da área se consolidam. E Marques de Melo terá um papel importante nesse processo.

Marques de Melo e a Iniciação Científica

Marques de Melo muda-se para São Paulo. Depois de uma passagem pelo Instituto de Estudos Sociais e Econômico (INESE), o terceiro instituto de pesquisa a ser instalado no Brasil[5], em 1966, onde aprimorou seus conhecimentos em análise estatística, ele leva a experiência obtida em Recife para as instituições de ensino paulistas nas quais passa a atuar.

Enquanto aguardava a nomeação para lecionar na Universidade de São Paulo (USP), para a qual havia prestado concurso, foi dar aulas na Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero. Lá, assumiu a recém-criada disciplina Teorias da Comunicação e propôs a criação de um Centro de Estudos Sociais, que ele passaria a coordenar.

> [nesse período] na Cásper Líbero, orientei cinco ou seis projetos de pesquisa com minha turma de estudantes. Realizamos pesquisas sobre história em quadrinhos no Brasil, sobre audiência de telenovelas, sobre audiência de rádio, sobre imigrantes estrangeiros. Alguns deles foram publicados em jornais da época, pois havia interesse por parte da imprensa nesses temas, o que incentivava sua realização. Um deles causou polêmica na academia, o que tinha por objeto as telenovelas, consideradas, então, "lixo cultural". Acredito que tenha sido o primeiro estudo de recepção

5. O Inese foi fundado em 1955. Os dois outros eram o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), de 1942, e o Instituto de Pesquisa de Opinião e Mercado (Ipom), de 1952.

> feito no Brasil, e descobrimos que o principal público de novelas eram homens. Foi um escândalo, pois assistir à telenovela era considerado coisa de mulher (MARQUES DE MELO, 2014).

Em 1967, pediu afastamento da Cásper Líbero e assumiu sua cadeira na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), que iniciava suas atividades, de onde seria afastado pelo governo militar em 1974. De 1975 a 1979, dirigiu, por um curto período, o curso de Turismo da Faculdade Ibero-Americana, atual Centro Universitário Anhanguera de São Paulo, retornando depois à Cásper Líbero, para ministrar aulas na graduação e na pós-graduação, em jornalismo; na sequência, foi professor da graduação e coordenador da pós-graduação em comunicação do Instituto Metodista de Ensino Superior, atual Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Com a anistia, em 1979, reassume sua cadeira na USP e, em 1989, é nomeado diretor da ECA, cargo que exerce até 1993, quando decide aposentar-se da instituição. Retorna para a pós-graduação da Metodista em 1995; em 1996, assume paralelamente a Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional; já no triênio 1997/2000, seria o diretor da Faculdade de Ciências da Comunicação da Metodista.

No primeiro período em que esteve na ECA, fundou e dirigiu o Departamento de Jornalismo e Editoração. Ali mesmo defendeu seu doutorado, em 1973, o primeiro em comunicação do Brasil. Lá, manteve a prática de incentivar jovens à iniciação científica. Uma das primeiras estudantes a ser orientada por ele foi Alice Mitika Koshiyama, hoje professora aposentada pela USP, que fez uma pesquisa sobre valores religiosos na literatura de cordel, publicada pela universidade em 1972, sob o título "Análise de conteúdo da literatura de cordel". Entre os muitos outros jovens que estiveram sob a tutela de Marques de Melo na ECA há Wilson da Costa Bueno, atualmente professor da pós-graduação da UMESP, e Walter Sampaio Smolka, jornalista e professor da ECA, já falecido (MARQUES DE MELO, 2014). Sob a sua orientação, Sampaio escreveu o primeiro manual brasileiro de telejornalismo, intitulado Jornalismo e Audiovisual, publicado em 1971, por meio de um convênio entre as editoras da USP e Vozes.

Esse tipo de orientação individual continuou até sua saída da USP, mantendo-se durante as passagens pela Cásper e pela UMESP. Depois de seu retorno à USP, entre 1984 e 1986, Marques de Melo reúne um grupo de alunos e professores do departamento de jornalismo da ECA em torno de uma pesquisa de maior fôlego sobre o tratamento dado pela mídia à notícia científica, denominada "Quando a Ciência é notícia", publicado pela USP em 1986, e que veio a gerar desdobramentos até quase duas décadas seguintes, em pesquisa realizada

pelo Laboratório de Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em 2000 e 2001.

À frente da Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, com sede na UMESP, continua seu trabalho de formar pesquisadores. Provenientes de diferentes universidades, os estudantes que lá estagiam acabam participando de pesquisas de abrangência nacional, capitaneadas por Marques de Melo.

Dois desses projetos realizados para a UNESCO contaram com a colaboração voluntária de professores e estudantes de graduação e pós-graduação das 25 instituições acadêmicas que formam a Rede Nacional de Pesquisa Comparada (RNPC/N). O primeiro, denominado "Imagens Midiáticas do Natal", cujos resultados foram publicados em livro organizado por Marques de Melo e Waldemar Luiz Kunsch (1998), tinha por objetivo:

> desenvolver estudos sobre os impactos globais nas identidades regionais da cultura brasileira, através da observação de jornais editados nos pólos nacionais, nos macro-regionais, nos pólos meso-regionais e micro-regionais, além de contar com colaboradores que observaram como a televisão, o rádio, a imprensa feminina, a imprensa católica, e a imprensa evangélica tratam o assunto (GOBBI, 2002).

O outro, "Imagens Midiáticas do Carnaval Brasileiro: a celebração popular dos 500 anos do Brasil", coordenado por José Marques de Melo, Joseph Luyten (falecido em 2006) e Samantha Castelo Branco, realizado em 2000, envolveu 90 professores pesquisadores, tanto brasileiros quanto de outros países, além de seus orientandos. Os objetivos eram semelhantes, mas com escopo ampliado para a mídia de outros 13 países. Os resultados integram os Anais da III Conferência Brasileira de Folkcomunicação (João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 2001[6]).

O incentivo de Marques de Melo à formação de novos pesquisadores não se limitou à academia. Alcançou também as entidades e eventos criados ou estimulados por ele. Dentre tantas crias, talvez a de maior destaque e visibilidade seja a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), com seu encontro nacional de pesquisadores. A entidade foi fundada em dezembro de 1977, por iniciativa de Marques de Melo, em reunião realizada na Cásper Líbero, que contou com a presença de profissionais da comunicação,

6. Para uma visão parcial da pesquisa, ver José Marques de Melo; Joseph Luyten; Samantha Castelo Branco, 2002.

entre os quais estavam Carlos Eduardo Lins da Silva, Carlos Alberto Di Franco, Francisco Morel, José Salvador Faro e Francisco Gaudêncio Torquato do Rego.

Os primeiros encontros da INTERCOM, presidida por Marques de Melo por três gestões seguidas (1977-1979; 1979-1981 e 1981-1983), foram de consolidação científica e, ao mesmo tempo, política, pois viviam-se os estertores do regime militar. Em 1981, o evento ganharia uma fisionomia internacional, com a participação de pesquisadores de outros países.

Nos primeiros encontros promovidos ainda não havia a participação de estudantes. No início da década de 1980, a convite de Marques de Melo, alguns estudantes começaram a participar na condição de ouvintes. Essa presença, somada ao processo de amadurecimento do campo da comunicação nas práticas de pesquisa e investigação, demandava novos espaços para abrigar os jovens pesquisadores da graduação e da pós-graduação. Dois deles surgiram a partir de sugestões de Marques de Melo, que, embora ausente da presidência da entidade, continuou participando ativamente da organização. Um desses espaços foi a Jornada de Iniciação Científica em Comunicação (INICIACOM), que surgiu como evento paralelo ao Congresso INTERCOM 1991, com o objetivo de premiar os melhores trabalhos produzidos por alunos de graduação em comunicação social, incluindo produtos de IC e artigos gerados no âmbito das disciplinas. Outro é a Exposição Universitária da Pesquisa Experimental em Comunicação (EXPOCOM), criada no INTERCOM de 1993, com o propósito de permitir a apresentação de produtos comunicacionais resultantes de projetos experimentais desenvolvidos na graduação. Devido ao crescente número de trabalhos inscritos, em 2001, a EXPOCOM passou a ser dividida em áreas taxonômicas e, no congresso nacional, passou a apresentar somente trabalhos pré-selecionados pelos encontros regionais.

A participação de estudantes de graduação em eventos dessa magnitude seria favorecida pelos encontros regionais da INTERCOM, visto que são poucos os graduandos que recebem ajuda financeira para o deslocamento para outras cidades, mesmo quando seus trabalhos estão aprovados para apresentação. O congresso criou encontros regionais, primeiro no sudeste, em 1995, depois no centro-oeste e no nordeste, em 1998, e finalmente, no norte, em 2001.

Em 2004, Marques de Melo é eleito novamente presidente da INTERCOM, para o triênio 2005-2008. Entre as metas estratégicas de seu mandato estava o incentivo à pesquisa ainda na graduação:

> Fortalecer a participação das novas gerações de pesquisadores da comunicação na vida da nossa comunidade acadêmica. Nesse sentido, devemos ampliar os espaços destinados à difusão dos trabalhos de iniciação cien-

> tífica, bem como daqueles projetos que contêm alternativas de produção simbólica, oriundos dos cursos de graduação, aperfeiçoamento e especialização (MARQUES DE MELO, 2007, p.19).

Como fruto dessa política de incentivo à participação de estudantes nos encontros, foi criada, em 2006, a Rede INTERCOM Júnior. No mesmo ano surge a Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação (INICIACOM), de periodicidade semestral. A INICIACOM preencheria o hiato deixado pela descontinuidade do Anuário INTERCOM de Iniciação Científica em Comunicação, publicado em 1997 e 1998, quando os eventos da entidade tinham o apoio do Grupo Pão de Açúcar. Infelizmente, depois do lançamento do segundo número, a publicação da INICIACOM também seria interrompida, para voltar a circular semestralmente em 2010, agora aceitando, além de artigos, dossiês, resenhas e entrevistas de autoria de estudantes, desde que elaborados sob a orientação de um professor e aprovados por pareceristas.

Em 2010, a participação dos alunos de graduação no congresso já estava consolidada. Por iniciativa de Fernando Ferreira de Almeida, com o apoio de Marques de Melo, a Jornada de Iniciação Científica em Comunicação Social foi reestruturada nos moldes do congresso da INTERCOM, com divisões temáticas semelhantes. Surge a INTERCOM Júnior, que só naquele ano recebeu 636 submissões de artigos, o que representou 33% de todas as comunicações inscritas no congresso. Na opinião de Almeida (2014), que coordenou o primeiro encontro, "eventos como a Intercom Jr., ao valorizar a presença de estudantes e a troca de experiências entre eles e com orientadores de outras instituições, são imprescindíveis para incentivar a pesquisa na graduação". Opinião essa compartilhada por José Carlos Marques, coordenador de 2011 a 2014. Segundo este,

> Os resultados dessas iniciativas [Revista Iniciacom e Intercom Jr.] são bastante positivos, haja vista o incremento da participação de alunos de graduação nos congressos da Intercom. E, para além da abertura de espaços para a graduação, o mais relevante é o caráter pedagógico e didático que tais atividades passaram a desempenhar na formação desses jovens que começam a lançar-se nas atividades de pesquisa e investigação acadêmica. Não demorará muito tempo para que se perceba que uma das principais consequências de tudo isto será a presença, na direção e na coordenação dos Grupos de Pesquisa da Intercom, de ex-alunos de graduação que, agora já doutores, tiveram sua iniciação na pesquisa sobre a comunicação justamente nos fóruns de participação criados pela própria Intercom (MARQUES, 2014)

Na INTERCOM Júnior, presente tanto no congresso nacional como nos regionais, os estudantes da área de comunicação social encontram um espaço precioso para a divulgação de seus trabalhos. Atualmente, somam-se a esse outros eventos, como o Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJor), paralelo ao Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo, criado em 2012 no Espaço de Iniciação Científica do Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas e organizado pela Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas (ABRAPCORP), bem como os congressos de iniciação científica promovidos nas próprias universidades.

Considerações Finais

O exemplo de Marques de Melo revela as vantagens de se incentivar a pesquisa ainda na sala de aula, durante o curso da graduação, reiterando o incentivo ao longo dos anos. Com o cuidado de não fazer da iniciação científica, nas palavras do mestre, uma "atividade burocrática" (MARQUES DE MELO, 2014), com o professor privilegiando a forma, a receita, em detrimento do conteúdo, da produção cooperativa.

As bolsas oferecidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), criado em 1988, pelas agências estaduais de fomento e por algumas universidades, notadamente as públicas, podem colaborar para que os estudantes se interessem pela pesquisa, mas não são o único fator de estímulo para o aprendizado de técnicas e métodos científicos.

O que se nota imediatamente numa análise, ainda que breve e superficial dos projetos desenvolvidos por Marques de Melo, é o alto nível de envolvimento e a constância do estímulo aos projetos experimentais, integrando o trabalho didático e o ensino laboratorial, a teoria e a prática, de forma a deixar a iniciação científica o mais longe possível de uma atividade meramente burocrática.

Orientando de IC de Beltrão, com quem teve grande aprendizado, como orientador, Marques de Melo segue os passos daquele que o iniciou na pesquisa, buscando aproximar a academia do dia a dia dos produtos comunicacionais gerados na sociedade. É nesse caminho, construído por gerações de orientandos que se tornam orientadores, inspirados e inspiradores, que se amplia o interesse pela pesquisa, e, par e passo, a produção científica vai se tornando cada vez melhor e mais interessante.

Referências

ALMEIDA Fernando Ferreira de. **Depoimento concedido a Alfredo Dias D'Almeida.** São Paulo, 22 set. 2014.

GOBBI, Maria Cristina. **Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação:** memória do primeiro qüinqüênio Brasil, 1996-2000. PCLA, v3, n.3, abr. / maio / jun. 2002. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista11/documentos%2011-1.htm>. Acesso em: 14 set 2014.

FELICIANO, Fátima. **Iniciação científica em jornalismo:** o trabalho pioneiro de Marques de Melo. Idade Mídia, São Paulo, ano II, n. 3, jun. 2003, p. 137-143. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/mem_137-143_im3.pdf.pdf>. Acesso em: 14 set. 2014.

MACHADO, Elias. **Metodologias de pesquisa em jornalismo:** uma revisão histórica e perspectivas para a produção de manuais de orientação. Brazilian journalism research, vol. 6, n. 1, p. 10-28, 2010.

MARQUES, José Carlos. **Depoimento concedido a Alfredo Dias D'Almeida.** São Paulo, 30 set. 2014.

MARQUES DE MELO, José. **Entrevista concedida a Marcos Corrêa.** São Paulo, 18 set 2014.

_____. **Iniciacom**, vol. 2, n.1, Apresentação, 2010. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/iniciacom/article/view/710/643>. Acesso em: 20 set. 2014

_____. **A crônica policial na imprensa do Recife [1965].** Idade Mídia, São Paulo, ano II, n. 3, jun. 2003, p.144-156. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/mem_144-156_im3.pdf>. Acesso em: 12 set. 2014.

_____. **Estudos de Jornalismo Comparado.** São Paulo: Pioneira, 1972.

_____; LUYTEN, Joseph; BRANCO, Samantha Castelo. Imagens norte-sul do carnaval: estudo de um fenômeno brasileiro de folkmídia. **Comunicação & Sociedade.** São Bernardo do Campo: PÓSCOM-UMESP, v. 1, n. 37, p. 61-104, 1º. sem. 2002.

_____; KUNSCH, Waldemar Luiz (org.). **De Belém a Bagé: imagens midiáticas do Natal brasileiro.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista

de São Paulo; Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1998.

_____. **Marcas registradas da Intercom:** pluralismo, liberdade, solidariedade. São Paulo: Intercom, 2007. Disponível em: file:///D:/Downloads/107-259-1-PB.pdf. Acesso em: 07 de outubro de 2014.

NÓBREGA, Maria Luiza. **Icinform: uma experiência pioneira.** In: Gênese do pensamento comunicacional Latino-Americano. O protagonismo das instituições pioneiras: Ciespal, Icinform, Ininco. São Bernardo do Campo: UMESP, 2000.

Um mentor na odisseia da pesquisa

Marli dos Santos[1]

2.4
CAPÍTULO

"O homem que mordeu o cão: um estudo da linguagem sensacionalista do telejornal Aqui Agora" (1999). A penúltima versão da minha dissertação tinha sido entregue no segundo semestre de 1998 ao meu orientador. Ele leu, fez observações essenciais para a finalização do trabalho, mas não sinalizou mudanças no título. Julguei naquele momento não ser tão adequada a máxima do jornalismo na capa do trabalho, mas o professor Marques de Melo achou que era a melhor frase para identificar o tema da pesquisa. E assim permaneceu. E todo aqueles que fazem referência a minha dissertação mencionam o título como um fator de atração do trabalho.

Dar nomes ou perceber o potencial de um título, produzir frases exemplares, contar causos, fazer piadas às vezes dos próprios descaminhos é uma característica de JMM, como ele assina seus e-mails. E é impossível deixar de apreciar e de admirar o raciocínio rápido, a sagacidade, a presença de espírito em situações boas ou ruins. Mais do que isso, não dá para deixar de mencionar a impressionante memória que

1. Jornalista e doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo.

tem, além da sua erudição. Não há assunto o qual não possa dissertar: de jornalismo a novela, de Luiz Beltrão a Rui Barbosa.

Por ser um dos mais importantes desbravadores da pesquisa em comunicação também não há biblioteca que se preze sem um título de autoria de José Marques de Melo. A sua produção bibliográfica é intensa e relevante para o campo, sua consolidação e seu avanço. Em "Uma travessia, uma obra e os vestígios de suas circunstâncias" (2013), artigo publicado na coleção "Fortuna Crítica – JMM", vol. 1, livro editado pela INTERCOM, há uma análise do livro "Vestígios da Travessia – da imprensa à internet, 50 anos de jornalismo" (2009), de autoria do professor Melo. Àquela altura já era ressaltado:

> O professor Marques de Melo é um homem assim, que deixa vestígios: da sua própria travessia e na de muitos outros profissionais de mercado e acadêmicos. Difícil conhecer alguém na área da Comunicação que não tenha cruzado com ele nessa travessia e, de alguma maneira, partilhado ideias, aprendido lições e até ensinado outras tantas ao jornalista-professor-pesquisador (SANTOS, 2013, p.176).

Portanto, este texto é um depoimento-reflexão sobre a experiência como orientanda de José Marques de Melo no mestrado, apontando as contribuições intelectuais do professor na minha formação.

Relação Orientanda e Orientador

A relação orientando (a) e orientador (a) é um dos desafios para se alcançar a excelência na qualidade dos estudos de pós-graduação *stricto sensu*. Alguns estudos sobre o tema têm levado pesquisadores a concluir que essa relação é fundamental para os resultados almejados por cursos de mestrado e doutorado, objetivo da CAPES – Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, ligado ao Ministério da Educação.

Conforme Leite Filho e Martins (2006), nem todos os docentes habilitados para a orientação nos programas *stricto sensu* são de fato orientadores, ou seja, não é o título de doutor que faz de um professor um orientador. Estudos apontam que a empatia, a autonomia do aluno, a disponibilidade do orientador são pontos importantes para esse relacionamento. Além, é claro, do conhecimento que o docente deve ter sobre o tema de orientação, pressuposto dos profissionais que compõem os programas de pós-graduação.

De acordo com Ferreira et al (2009), o orientador é o "aconselhador do pensamento". Os autores explicam o significado da palavra, "juntando a origem

grega – aconselhar, e a raiz Indo-europeia – pensar. Em inglês a palavra mentor quer dizer orientador e *mentee*, orientando (FERREIRA et al, 2009, p. 170). Os dois termos, mentor e *mentee* têm origem na Odisseia de Homero".

Conta Ferreira et al,

> Durante a Guerra de Tróia, Ulisses deixou seu filho Telêmaco aos cuidados de seu melhor amigo, Mentor. Passados muitos anos após a Guerra de Tróia, Ulisses não havia regressado e Telêmaco foi em busca de notícia de seu pai. Durante a viagem, Atena, deusa da sabedoria, inteligência e invenção, assumia a forma de Mentor para orientar e encorajar Telêmaco. As vicissitudes dessa viagem ofereceram muitas dificuldades e situações que possibilitaram essa relação orientador-orientando, permitindo o crescimento e o amadurecimento de Telêmaco (FERREIRA et al, 2009, p. 170).

Assim, é possível extrair dessa passagem da Odisseia de Homero algumas lições que devem orientar o relacionamento e o papel do orientador na vida de seus orientandos (as).

Melo também nos ensina que o estudo sobre os fenômenos da comunicação começaram com os gregos, como Aristóteles (século III, AC), e os romanos, como Quintiliano (Século I, DC).

> Entretanto, só no Século XVII configura-se um campo específico do conhecimento humano sobre os atos da comunicação mediada por suportes tecnológicos. Em sua vanguarda empírico-cognitiva encontra-se Tobias Peucer (Leipzig, Alemanha, 1690) e em sua trincheira epistemológico-taxionômica atuam com desenvoltura e criatividade os enciclopedistas Diderot, D`Alembert e Francis Bacon (Paris, França, 1751) (MARQUES DE MELO, 2014, p. 10)

E continua na lição:

> Esse novo campo teria ainda que percorrer longo itinerário até ser reconhecido pela sociedade. Data do século XX sua inclusão na universidade, sendo valorizado pelo sistema produtivo e conquistando finalmente a confiança e o apoio do Estado. Trata-se de processo histórico cujo espaço de maior fertilidade esteve localizado cronologicamente nos Estados Unidos da América, sob a liderança de Walter Lippman (New York), Wilbur Schramm (Washington) e Robert Park (Chicago). A constituição de uma comunidade acadêmica mundial das ciências da comunicação

> emerge no período posterior à Segunda Guerra Mundial, contaminando-se naturalmente pela dinâmica da "guerra fria". A tensão entre pesquisa básica e pesquisa aplicada e o conflito entre os saberes profissionais e a reflexão crítica dos processos mediáticos ficaram explícitos durante a fundação da Internacional Association for Media and Communication Research – (Paris, 1957) (MARQUES DE MELO, 2014, p. 10-11).

Óbvio que em uma relação não basta apenas um orientador que nos ensine lições. Ele deve reunir as qualidades do personagem Mentor, da Odisseia de Homero. De outro lado, o orientando também deve estar disposto a atingir seus objetivos, no caminho de sua evolução. Para isso, é preciso ter concentração, disciplina, disponibilidade para ouvir o outro, respeito mútuo e autonomia: uma relação marcada pela horizontalidade.

Viana (2008, p. 96-97) destaca a horizontalidade como essencial na relação, porém, nem sempre "significa a existência de um vínculo de compartilhamento na produção acadêmica e, principalmente entre os orientadores". A autora reforça que ambos, orientador (a) e orientando (a) devem estar comprometidos "com um objetivo comum, qual seja, a construção solidária da produção acadêmica".

Primeiros Desafios

Na trajetória do mestrado que realizei sob a orientação de meu Mentor Marques de Melo, a vivência anterior na graduação foi motivadora. A memória desse período, no final dos anos 1970, prevaleceu na hora de indicar o orientador. Meu primeiro contato com o professor, que ministrava a disciplina Teoria da Comunicação, foi emblemático para minha formação. Apesar de a classe reunir mais de cem alunos, a capacidade de liderar a turma e de mesclar conhecimento com bom humor nas suas aulas era notável. As dinâmicas pedagógicas também chamavam a atenção. Os trabalhos apresentados pelos grupos eram ricos, estimulados sempre pela inventividade do mestre. Experiências bem-sucedidas de aprendizagem.

Quase vinte anos depois daquele primeiro ano na graduação, o retorno à Universidade Metodista de São Paulo se centrava em algumas certezas e um desejo: primeiramente a certeza de que era necessário aprofundar minhas reflexões sobre o campo comunicacional, especialmente o jornalismo. Segunda certeza, a seriedade e qualidade do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Metodista, referência no ensino e pesquisa em Comunicação; terceira, a certeza de reencontrar JMM, por fim, o desejo de tê-lo como orientador.

Assim, o primeiro desafio naquele momento era mostrar a experiência como profissional de comunicação e o desejo de avançar nos estudos da comunicação como pesquisadora. Aprovada, vivenciei duros seis meses iniciais, em que pude aprender na relação orientanda e orientador os desafios de um estudo em nível de pós-graduação.

Melo sempre conduziu orientandos para ter autonomia. Por isso, nas suas orientações desafiava os alunos a encontrarem seus próprios caminhos. Ao mesmo tempo em que acolhia, exigia empenho na pesquisa, atendimento aos prazos, participação nas atividades do Programa, na reflexão teórica. Lembro-me de sua preocupação em reforçar a bibliografia da área, produzida por pesquisadores da comunicação – autores clássicos e novas gerações, formada inclusive por egressos do Programa. Sugeria revisão bibliográfica que contemplasse esses autores.

Os dois desafios iniciais foram superados, ao ingressar no PÓSCOM e a cumprir os primeiros créditos das disciplinas. Porém, a confiança plena ocorreu quando entreguei meu relatório de qualificação. Pude definir meu objeto de estudo, meu problema de pesquisa, a metodologia, com bastante autonomia. A vivência com professores e colegas de programa também colaboraram para essa evolução. Outro aspecto importante foram os seminários e cursos oferecidos no Programa, muitos por iniciativa de JMM. Essas atividades acadêmicas enriqueceram o conhecimento, possibilitaram o compartilhamento de dúvidas e o encontro de caminhos para seguir em frente na pesquisa.

JMM e a Pós-Graduação

Antes de prosseguir sobre os desafios seguintes na relação entre orientador e orientanda, é preciso observar que José Marques de Melo, além de docente do PÓSCOM da Universidade Metodista de São Paulo, foi um dos responsáveis pela criação do Programa, conduzindo-o por vários anos, implementado também o doutorado no Programa.

O PÓSCOM foi criado em 1978, em plena ditadura militar, inserido em um contexto regional vigoroso, ativo politicamente (berço do Novo Sindicalismo), e culturalmente rico.

> O PósCom caracteriza-se de início como um Programa essencialmente preocupado com os fenômenos que florescem entre as minorias sociais e os grupos contra hegemônicos da comunicação na sociedade brasileira, em fase de desenvolvimento. Esse movimento ocorreu naturalmente, influenciado pelo universo geográfico, social, cultural e político no qual

> o Programa estava inserido, como também por estar ligado a uma organização educacional ligada à Igreja Metodista, cujos princípios são pautados pelo compromisso social, por uma educação emancipadora, pela vocação comunitária e confessional (RELATÓRIO CAPES, 2014, online).

Em 1995, ano em que realizei o processo seletivo para ingresso no PÓSCOM, fazia um ano que o Programa iniciara o curso de doutorado, resultado do esforço coletivo de docentes, discentes e Universidade, capitaneado por JMM. Foi um dos primeiros programas no Brasil a oferecer doutorado.

Em meados da década de 1990, as tendências do ensino de comunicação haviam se ampliado em relação àquele primeiro momento, e as exigências dos órgãos governamentais e das agências de fomento mostravam alguns caminhos a seguir. Melo analisa:

> O processo de implantação do doutorado requereu também sintonia fina com as tendências esboçadas pela comunidade acadêmica. [...] Tornava-se indispensável repensar a identidade do curso, em vista dessa moldura inovadora, dos personagens diversificados e também em função das demandas da 'própria sociedade. Ao iniciar o processo de mudança, reconhecíamos que a estrutura do curso permanecia de certo modo atrelada a indicadores que já haviam sido superados pela conjuntura histórica e pelo avanço percorrido no âmbito das instituições que ofereciam programas semelhantes. O resultado foi a organização de uma estratégia transicional entre o velho e o novo. Buscamos aglutinar nossos pesquisadores em torno de duas linhas de pesquisa, embora permitindo-lhes certa liberdade temática sem comprometer o núcleo matricial (MARQUES DE MELO, 2014, p. 129-130).

No início dos anos 1990 foram criadas as linhas de pesquisa ligadas à área de concentração Processos Comunicacionais, em 1995 o doutorado e, em 1996, JMM cria a Cátedra UNESCO/Metodista de Comunicação para o desenvolvimento regional, que tem como missão estimular a "comunicação pelo desenvolvimento regional, pela igualdade social, pela democratização da informação, pela conquista da cidadania" (RONIA et al, 2011, online).

Seguindo em frente

Paralelamente à criação da Cátedra e à implementação do doutorado no PÓSCOM, JMM não perdia de vista seus alunos e orientados. Ao ser aprovada

pelos avaliadores na banca de qualificação, composta pelos convidados Antonio Carlos Ruótulo e José Salvador Faro, o professor seguia em frente, com o mesmo rigor.

Nesse momento, ser bolsista da CAPES e poder me dedicar exclusivamente ao mestrado ajudou no envolvimento ainda maior com a pesquisa e com o Programa. Meu orientador exigia, mas igualmente incentivava a produzir meus primeiros *papers* para os congressos da área. Era também generoso, porque não só a mim era oferecido espaços de aprendizagem e de participação como a todos que por ventura se engajassem na causa da pesquisa.

Depois da entrega da primeira versão de minha dissertação, havia que ainda aprofundar na metodologia, nas conceituações sobre o telejornalismo. Autores como Umberto Eco, Décio Pignatari fizeram parte das recomendações. No contexto da dissertação a publicação "Semana de Estudos sobre o jornalismo sensacionalista", em 1971, resultado de evento promovido pelo pesquisador na ECA/USP, foi seminal para as discussões que se seguiram na revisão sobre o tema. Avancei no estudo da linguagem sensacionalista do telejornal *Aqui Agora*, com Rosa Nívea Pedroso, Danilo Angrimani, Alberto Dines, entre outros. As críticas do colunista e pesquisador Manuel Carlos Chaparro, no jornal *Diário Popular*, também ajudaram a reconstituir uma cronologia do telejornal.

Correções e ajustes, finalizei minha dissertação, cumpri as formalidades exigidas e obtive meu título de mestre. Logo depois comecei a lecionar a disciplina Teorias da Comunicação, na graduação em Jornalismo e no curso de Rádio e Televisão da Metodista, a convite de JMM. O professor era então o diretor da Faculdade de Comunicação da Universidade. Ao fazer o convite foi logo dizendo: "como minha aluna e orientanda, espero que você tenha aprendido bem as teorias da comunicação, não é mesmo?" Respondi que sim e fui em frente.

Referências

FERREIRA et al. **Relação orientador-orientando. O conhecimento multiplicador**. ACTA CIRÚRGICA BRASILEIRA. Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento da Pesquisa em Cirurgia, São Paulo. Artigo Especial. Vol 24 (3), 2009, p. 170-172. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102--86502009000300001&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 01 de out de 2013.

http://seer.bce.unb.br/index.php/linhascriticas/article/viewArticle/1550. Acesso em 01 de out. 2013.

MARQUES DE MELO, José. **Pragmatismo utópico na república de São Bernardo.** São Bernardo do Campo, SP: Editora UMESP, 2014.

RELATÓRIO CAPES. Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo. Histórico e contextualização do programa. São Bernardo do Campo, 2014.

RONIA et al. **15 anos de Cátedra UNESCO/METODISTA**. JBCC, novembro de 2011. Disponível em http://www.metodista.br/unesco/jbcc/editorias/especiais/15-anos-de-catedra-unesco-metodista. Acesso em 20 de setembro de 2014.

SANTOS, Marli. **A generosidade intelectual de Manuel Carlos Chaparro**. In: Manuel Carlos Chaparro: 70 anos na estrada do texto. São Paulo: Editora INTERCOM, 2014.

_____. **Uma travessia, uma obra e os vestígios de suas circunstâncias.** In: ARAGÃO, Iury Parente; MORAIS, Osvando J. de; JACONI, Sonia. Coleção Fortuna Crítica, JMM – Jornalismo e midiologia. Vol. 1, 2013.

VIANA, C.M. **A relação orientador-orientando na pós-graduação stricto sensu**. LINHAS CRÍTICAS. UNB, Brasília. V. 14, n. 26, 2008.

Um passeio lúdico pelos estudos sobre Comunicação e Jornalismo Marques de Melo e sua inspiração nos estudos sobre jornalismo

Ana Carolina Rocha Pessôa Temer[1]

3.4
CAPÍTULO

Desenvolver o trabalho de Doutorado a partir da orientação do mais conhecido teórico lusófono das Ciências da Comunicação, José Marques de Melo, envolveu uma grande responsabilidade, mas também multiplicidade de escolhas. Isso significou, desde a elaboração do projeto inicial de doutorado, uma amplitude de opções, mas também a certeza de que encontraria apoio nas minhas opções. Marques de Melo, pesquisador e pensador comunicacional da contemporaneidade de enorme destaque na América Latina, tem sido um orientador quase compulsivo, sendo numerosos os pesquisadores que passaram por sua supervisão em algum momento nas suas respectivas carreiras.

Em parte, essa relação é explicada pela sua longa carreira como professor e pesquisador, cujo início se dá mesmo antes de sua atuação no espaço comunicacional, por meio

1. Professora e Coordenadora do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Informação e Comunicação – FIC, da Universidade Federal de Goiás. Doutora e mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo, Especialista em Sociologia pela Universidade Federal de Uberlândia e Bacharel em jornalismo pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

do ingresso no curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), através de sua atuação nos jornais, "Gazeta de Alagoas", "Jornal de Alagoas", "Jornal do Comércio" e o "Última Hora", mas principalmente em função de seu interesse na pesquisa e na docência, impulsionado ainda jovem por seu mestre, Luiz Beltrão. De fato, o início precoce como profissional de comunicação foi rapidamente sobreposto pela sua contratação pela Escola de Comunicações Culturais, primeira designação da ECA, na Universidade de São Paulo, quando possuía apenas 23 anos. Em parte também se dá pela permanente busca por avançar, por meio das suas pesquisas, estudos, contribuições desenvolvidas em parceria com colegas e alunos, à Comunicação e à formação profissional de profissionais ligados à comunicação, em ações que dimensionam seu pioneirismo na definição da existência de uma escola comunicacional latino-americana.

Durante este percurso de pesquisa, no entanto, um elemento sempre se destacou: José Marques de Melo manteve entre os diferentes focos como pesquisador (e aqui incluo, apenas para citar aquelas com as quais tive maior contato, a História da Mídia e as Teorias da Comunicação) especial atenção para o Jornalismo, buscando consolidá-lo enquanto campo científico e campo técnico-profissional específico. Sua formação como profissional de imprensa, as bases de seu desenvolvimento como jornalista, cristalizou-se como devoção à causa do Jornalismo como objeto de estudo científico e campo específico da Comunicação, mas também como atividade técnica e profissional, passível de ser ensinada e aprendida.

Evidentemente, a somatória desta experiência/paixão interferiu com suas escolhas e abordagem metodológicas. Mesmo nos seus primeiros anos como pesquisador Marques de Melo apontava que a produção do conhecimento deve ser impulsionada pela relação teoria e prática, a pesquisa empírica caminhando junto à teoria e a teoria valorizando/absorvendo a prática.

Ressalto este aspecto porque, ainda que a obra de Marques de Melo seja vasta, nosso encontro – eu enquanto orientanda e jornalista, e ele jornalista e experiente pesquisador –, se deu a partir dessa relação: na compreensão do jornalismo enquanto teoria e prática, atividade profissional e espaço para reflexão e compreensão da sociedade. Neste sentido também, fazemos aqui uma reflexão particular sobre alguns aspectos deste diálogo, em especial no que diz respeito às questões dedicadas as bases teóricas que fundamentam os estudos sobre a Comunicação na América Latina e ao pensamento jornalístico formulado pelo autor ou, mais especificamente, as ideias que o autor apresenta sobre os fenômenos jornalísticos num quadro de recuperação das contribuições brasileiras ao pensamento jornalístico universal e em particular, as questões que dizem respeito aos Estudos sobre gêneros jornalísticos.

Perspectivas sobre os Estudos sobre o Campo e o Objeto da Comunicação na América Latina

Marques de Melo teve um papel definidor na constituição dos Estudos sobre a Comunicação no Brasil. No entanto, sua influência decisiva vai além: hoje se é possível entender a comunicação como campo de Estudo no Brasil e na América Latina é em função de sua força como pesquisador que, indo além dos registros acadêmicos, trabalhou na articulação entre os pesquisadores para a construção dialogada de um Pensamento Comunicacional que fosse além dos modelos importados, para o desenvolvimento de uma perspectiva ao mesmo tempo original e autêntica no Brasil e na América Latina.

Neste sentido, é necessário lembrar que ainda que tenha despertado a atenção dos estudiosos desde a Grécia clássica, o estudo da comunicação desde logo apontaram questões complexas, sobretudo ligadas aos seus aspectos materiais e imateriais: uma ação nasce da percepção humana, da capacidade imaterial de articular signos, mas que só se concretiza por meio de um suporte material, seja a própria fala, seja um suporte tecnologicamente complexo como a televisão, a internet o rádio e muitos outros. Comunicação, atividade sensorial e nervosa que se desenvolve a partir da coleta de informações de diferentes partes do ambiente e diferentes partes do corpo, o restabelecimento desta informação na forma de representações que possam ser percebidas no mundo físico de outro/outros indivíduos, que reprocessam/ressignificam a informação e, a partir daí, reagem intelectualmente ou fisicamente a essa informação. A comunicação muda a capacidade que possuímos de compreender os objetos – e a partir daí muda a própria compreensão da realidade (e consequentemente, as ideias, ideais e ideologias). Desta forma a comunicação não é uma ação sobre as coisas, é uma ação sobre o outro – aquele que apreende, que compreende.

Essa relação adquire aspectos específicos no espaço Latino Americano (mais do que uma região, menos que um continente), onde as mudanças estruturais trazidas pelos meios técnicos e, posteriormente, eletroeletrônicos adentraram em uma situação na qual governos autoritários e grandes desníveis sociais criavam situações peculiares. Desta forma, embora tenham raízes filosóficas e modernamente estejam ligados a sociologia, e tenham ligações conceituais e metodológica com a Antropologia e a Psicologia, no Brasil e em grande parte dos países latino-americanos os Estudos sobre a Comunicação surgem ancorados na reflexão sobre o jornalismo e as preocupações das elites com as consequências da democratização do acesso a informação.

Uma vez que está ao mesmo tempo no mundo das ideias e no mundo físico, delimitar os limites do conhecimento sobre a comunicação – ou delimitar

a própria Ciência da Comunicação – como um espaço social e politicamente reconhecido, envolveu um grande esforço dos pesquisadores desta área. Capitaneados por Marques de Melo e cientes de que a construção de um campo é permeada por interesses – da sociedade, da academia, do Estado, os pesquisadores da Comunicação trabalharam alicerçados no conceito de ciência que envolve a observação cuidadosa, a possibilidade de propor novas ações e adoção de um método ou métodos que permitam novas pesquisas. Neste sentido, foi à influência fundamental de Marques de Melo que se fundamentou o Estudo da Comunicação como um campo de conhecimento que ia além dos aspectos estanques da constituição limitada de um objeto, campo de saber ou mesmo de um método de estudo, a Comunicação como estudo multi, inter e transdisciplinar é constituída a partir do olhar do seu principal pesquisador.

A definição da comunicação como um novo campo do saber no Brasil emerge, portanto, como algo maior do que uma questão de natureza administrativa necessária para a formatação dos estudos acadêmicos voltados para a formação profissional: nasce da reflexão dos pesquisadores que, trazendo consigo a opção de valorizar as práticas profissionais que se inserem nas relações de comunicação buscam, sobretudo, uma reflexão sobre a sociedade e suas práticas compartilhadas.

Podemos inferir, portanto, que a interferência fundamental de Marques de Melo e do grupo que caminhou com ele, delimitou os limites que marcam o campo de pesquisa da comunicação a partir do reconhecimento de que o estudo da comunicação deve desenvolver-se a partir da ação de comunicação, de que a ação dos profissionais da comunicação que muitas vezes se desdobra em uma parceria homem-tecnologia (ou homem máquina-tecnológica) que desdobra suas possibilidades, mas também no estudo dos seus produtos e consequências na sociedade.

Desta forma, a constituição do campo da comunicação no Brasil dá-se na medida em que os estudos sobre comunicação (e por extensão, sobre o jornalismo) respondem a questões pertinentes a sua prática, obtendo assim o reconhecimento daqueles que igualmente se debruçam sobre estas questões (espaço social = reconhecimento acadêmico). A consolidação desta relação se dá também pela consolidação de uma estrutura de saber inteligível e distinta de outros campos, o que inclui um linguajar característico e autorreferenciador.

Também no mesmo sentido, o trabalho de Marques de Melo e dos estudiosos com os quais contribuiu de forma evidente na formação – como principalmente como orientador, mas também dialogando como pesquisador, professor e supervisor – buscam a constante compreensão das novas possibilidades advindas dos processos de comunicação midiatizados, que por sua vez fazem emergir novos usos para comunicação, transformando os processos de produção de informações e da sua comunicação, em processos produtivos industrializados.

Portas que se Abrem: Os Caminhos para o Conhecimento

Embora fundamentais para o avanço das pesquisas, as considerações sobre o Campo e os Estudos sobre a Comunicação nem sempre são perceptíveis para os pesquisadores que, jovens ou nem tanto, adentram a este campo. Quase sempre os caminhos para chegar a essa reflexão são pavimentados por questões mais práticas. No meu caso particular, envolveu aspectos específicos da História da Comunicação, ou mais claramente como o surgimento e a implantação de uma emissora de Televisão na região do Triângulo Mineiro[2], afetou a história da cidade de Uberlândia e da região ao seu redor.

Este trabalho, também orientado por Marques de Melo, desenvolveu-se seguindo um caminho desbravado por Alfredo de Carvalho, um historiador do jornalismo, coordenador de uma história do jornalismo brasileiro no primeiro século da sua existência, pesquisador que surge do campo no jornalismo reflete sobre a sua história, foram abertas indagações sobre a importância do jornalismo, sua delimitação/definição e sua relação com as técnicas e tecnologias produtivas.

Mas envolveu também a busca de conhecimentos específicos sobre as Teorias da Comunicação. Essa busca, que se iniciou a partir de trabalhos teóricos desenvolvidos dentro das disciplinas ministradas pelo prof. Marques de Melo, ganhou forma a partir de um trabalho sobre a Taxionomia das Ciências da Comunicação, que mais tarde foi alongado e adaptado para o formato de livro, e publicado com o título **Para entender as Teorias da Comunicação[3],** obra que já está em sua segunda edição revista e ampliada.

Instigada e inspirada por estas relações, busquei continuar os estudos de doutorado também a partir de uma perspectiva brasileira-latino-americana, e que envolvia entender o jornalismo a partir de sua organização interna, ou seja, a partir de seus aspectos construtivos e organizadores. Na prática, isto implicou em conviver e dialogar com uma tradição brasileira nos estudos sobre jornalismo: a questão dos gêneros jornalísticos.

De fato, no Brasil a questão dos gêneros jornalísticos tem despertado a atenção dos pesquisadores desde que Luiz Beltrão, que desenvolveu a trilogia **Imprensa Informativa** (1969), **Jornalismo Interpretativo** (1976) e **Jornalismo**

---

2. TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **Colhendo notícias, plantando imagens** – a reconstrução da história da TV Triângulo a partir da memória dos agentes de seu telejornalismo. São Bernardo do Campo: UMESP (Dissertação, Mestrado), 1998.

3. Em parceria com a profa. Vanda Cunha Albieri Nery.

Opinativo (1980). Marques de Melo, discípulo de Beltrão e leitor atento de Martinez Albertos, prossegue estes estudos no livro **Opinião no Jornalismo Brasileiro** (1985), dando início a uma vasta produção acadêmica, em grande parte orientada por ele ou sob a inspiração dos seus trabalhos.

Com base nesta reflexão, mas querendo propor alternativas a ela, o trabalho de doutorado por mim desenvolvido, e que se consolidou na tese intitulada **Notícias e serviços – um estudo sobre o conteúdo dos telejornais da rede globo**[4]**,** envolve uma proposta de tipologia do material jornalístico, que se aproxima da leitura mais recente elaborada por Marques de Melo, mas com reflexões específicas sobre a questão do Jornalismo de serviço e como ele se desenvolve dentro do conjunto do material jornalístico.

Neste sentido, é necessário explicar que enquanto atividade ordinariamente voltada para a divulgação de informações ou notícias, o jornalismo é facilmente compreendido como um serviço à comunidade. E, de fato, o jornalismo tem como parte intrínseca do seu caráter um papel de serviço público[5], ou de serviço ao público, que deve sempre ser considerado nas análises científicas que buscam melhor compreender esta atividade. No entanto, o termo jornalismo de serviço remete a delimitações especificas. Eventualmente chamado de Jornalismo Utilitário ou Jornalismo de Utilidade Pública, o jornalismo de serviço trata de conteúdos não factuais[6], que fornecem informações úteis para o receptor em diversos assuntos ou temas, tais como horários de espetáculos, empregos, concursos públicos, imóveis e mercado imobiliário, além de informações sobre setores públicos que lidam diretamente no atendimento as necessidades da população.

Uma vez que os estudos sobre gêneros jornalísticos, a partir da influência decisiva de Marques de Melo e toda uma formatação de estudos e pesquisas que envolvem o que se convencionou chamar de jornalismo comparado, seguem tendo espaço também no processo de formação dos profissionais de jornalismo, a reflexão sobre o jornalismo de serviço e meu diálogo constante com Marques de Melo envolveu e envolve também um aspecto prático, a própria definição do que é notícia, ou seja, das bases que fundamentam o jornalismo.

---

4. Posteriormente adaptada no livro TEMER, Ana Carolina R. P. **Notícias & Serviços nos telejornais da Rede Globo**. Editora Sotese, Rio de Janeiro, 2002.

5. Ainda que as empresas de jornalismo façam a leitura não de serviço público, mas de prestação de serviço, o que afeta a própria concepção ética do jornalismo.

6. Muito embora matérias factuais possam abrir espaço para matérias de serviço, funcionando como "gancho" que introduzem temas, assuntos ou abordagens.

Ambos os estudos apontam que o debate sobre o jornalismo e os gêneros jornalísticos, e particularmente na questão dos conteúdos voltados para a prestação de serviço, se apresenta muito maior a frente em relação ao que já foi percorrido. A questão igualmente analisa e digladia-se com o próprio caráter efêmero da atividade jornalística e ao característico descompasso com a produção científica que busca analisá-la (MARQUES DE MELO, 2003). O desenvolvimento destes estudos, sempre sob a inspiração das análises e questões propostas por Marques de Melo, inclui observações que, entre outros aspectos, envolvem análises sobre um acelerado hibridismo entre o jornalismo e outros conteúdos midiáticos que tem exigido atualizações constantes nos quadros sobre gêneros elaborados pelos autores clássicos. Como fruto destas reflexões sobre os gêneros, mas também a partir de amizades fundamentadas pelas lições de Marques de Melo sobre a importância do desenvolvimento de pesquisas empíricas mais amplas e do trabalho em parceria, dois trabalhos foram efetivamente publicados: **A televisão em busca da interatividade – uma análise dos gêneros não ficcionais**[7] *(*2009) e **Mulheres do Sol e da Lua A televisão e a Mulher no Trabalho**[8] (2012).

Os Estudos sobre Gêneros Jornalísticos no Brasil: Uma Teorização Possível

A tradição dos estudos sobre gêneros jornalísticos no Brasil, que cria raízes nos trabalhos desenvolvidos por Marques de Melo e se entrelaçam de forma definitiva à produção acadêmica sobre comunicação e jornalismo no país e na América Latina, tornam-se a base para pensar questões relativas ao acesso à informação e as relações que existem entre o jornalismo como serviço público e cidadania e, por extensão, a relação entre o Jornalismo e o Estado enquanto prestador de serviços. Este trabalho, cujo reflexo está na produção mais atual, ligada à linha de pesquisa Mídia e Cidadania do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás, reflete-se também na produção de um trabalho de Pós-Doutorado, realizado na UFRJ sob a supervisão do prof. Muniz Sodré, e cristalizado no livro **Flertando com o Caos – Comunicação, Jornalismo e Televisão** (2014).

7. Em parceria com a profa. Márcia Tondato.

8. Em parceria com as profas. Márcia Tondato e Simone Tuzzo.

Como é característico da percepção latina, este estudo está envolto nas contradições que refletem as suas múltiplas origens e influências e nas múltiplas leituras que Marques de Melo faz sobre esses estudos. Desta forma, a percepção de Beltrão calcada na prática profissional[9], é atravessada pela visão funcionalista apresentada por Kayser nos estudos desenvolvidos pelo Ciespal, sem deixar de lado a perspectiva da crítica que igualmente caracteriza as análises acadêmicas sobre a produção mediática e jornalística no Brasil.

Sobretudo, trata-se de estudos que envolvem elementos que são caros ao seu mestre definidor, o prof. Marques de Melo: ou seja, a concepção socrática da natureza dialógica da verdade e do pensamento humano: o texto/enunciado é produzido num contexto social no qual o emissor "preocupa-se" com o(s) destinatário(s), e elabora suas mensagens a em um processo contínuo de análise das respostas e adaptação às exigências do(s) receptor(es). (BAKHTIN apud ROJO, 2002). Neste contexto, entende-se igualmente jornalismo, essa relação é ainda mais complexa uma vez que o jornalista nem sempre tem dados concretos sobre o receptor e trabalha a partir de "médias" ou imagens mentais que idealizam o receptor.

Trabalhar com a riqueza dos dados oferecidos pela análise dos gêneros jornalísticos abre espaço para indagar se esta relação pode ser construtiva de uma teoria para os estudos sobre comunicação/jornalismo, mas também para visitar e revisitar constantemente o trabalho do grande mestre Marques de Melo e de buscar nele elementos que permitam a melhor compreensão do próprio jornalismo e, por extensão, a sociedade. Seguindo em diálogo com pesquisadores que prosseguem sobre o tema, compreendo também que o levantamento teórico da questão dos gêneros no Brasil, que nasceu sob a égide de Luiz Beltrão e consolida-se a partir dos trabalhos desenvolvidos por Marques de Melo, são caminhos únicos, de identidade diferenciada e característica dos pesquisadores brasileiros, mas, sobretudo, um viés de fundamental importância para a compreensão para os estudos dos meios de comunicação massivos e particularmente do jornalismo.

Como ponto final – ou ponto inicial – desta reflexão, fica o permanente respeito pelo grande trabalho desenvolvido por Marques de Melo, aqui contemplado em apenas um pequeno aspecto, mas que sendo apenas um recorte, remete a grandiosidade que envolve sua produção.

---

9. Luiz Beltrão de Andrade de Lima nasceu em Olinda, Pernambuco, em 1918, e graduou-se em Ciência Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco. Sua vida profissional foi dedicada ao jornalismo, ao ensino e a pesquisa da Comunicação, tendo atuação decisiva na criação dos cursos de jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco e da Universidade de Brasília.

Referências

MARQUES DE MELO, José & ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UMESO, 2010.

MARQUES DE MELO, José. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Estudos de jornalismo comparado**. São Paulo: Pioneira, 1972.

_____. Indústria Cultural, jornalismo e jornalistas. In: INTERCOM – **Revista Brasileira de Comunicação.** São Paulo: Ano XIV, nº. 65. jul./dez.1991.

_____. **Jornalismo Brasileiro**. Porto Alegre: Sulina, 2003. 239p.

_____. **Jornalismo Opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MARTINEZ ALBERTOS, Jose Luís. ***Curso general de Redacción Periodística.*** Barcelona: Paraninfo, 1983.

ROJO, R. H. R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA – ROTH, Désirée (org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates.** São Paulo: Parábola, 2005.

TEMER, Ana Carolina R. P. **Notícias & Serviços nos telejornais da Rede Globo**. Editora Sotese, Rio de Janeiro, 2002.

_____. **Notícias e serviços- um estudo sobre o conteúdo dos telejornais da Rede Globo**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002. (Tese, Doutorado).

_____. **Colhendo notícias, plantando imagens** – a reconstrução da história da TV Triângulo a partir da memória dos agentes de seu telejornalismo. São Bernardo do Campo: UMESP (Dissertação, Mestrado), 1998.

_____. **Flertando com o caos – Comunicação, Jornalismo e Televisão.** Goiânia: FIC/UFG, 2014.

_____ & NERY, Vanda Cunha Albieri. **Para entender as teorias da Comunicação.** 2ed. Revista e Atualizada. Uberlândia (MG): Edufu, 2009.

_____, TONDATO, Márcia Perencin e TUZZO, Simone Antoniaci. **Mulheres do Sol e da Lua: A televisão e a Mulher no Trabalho** Goiânia: E**ditora** da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2012.

_____, TONDATO, Márcia Perencin **A televisão em busca da interatividade – uma análise dos gêneros não ficcionais.** Brasília: Casa das Musas, 2009.

SEÇÃO V

GESTÃO

A gestão de Marques de Melo na USP: tempos difíceis, feitos memoráveis

Eduardo Amaral Gurgel[1]

1.5
CAPÍTULO

"José Marques de Melo adotou o critério segundo o qual nós nunca fazemos o suficiente por mais que façamos, e por isso é preciso fazer cada vez mais. Fazer o melhor e compartilhar".
Maria do Socorro Nóbrega

Traçar algum comentário sobre a gestão de José Marques de Melo à frente da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA-USP –, primeiro como diretor do Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE:

1. Doutorando e Mestre em Comunicação Social – Universidade Metodista de São Paulo (2012) sob a orientação do Professor Doutor José Marques de Melo. Especialização em Comunicação Empresarial – Unitoledo Araçatuba (2011) e graduação em Comunicação Social – Jornalismo – Faculdades Adamantinenses Integradas (2007). Integra o Grupo de Pesquisa Pensa-Com/Brasil da Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Revisor da RBCC (Revista Brasileira de Ciências da Comunicação– INTERCOM). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Tem mais de 17 anos de experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo – jornal impresso e revistas.

1967/1974) e, depois, como Diretor da Escola de Comunicações e Artes (ECA: 1980/1993), requer, a priori, uma contextualização que dê conta da amplitude dos fatos ocorridos nos dois momentos distintos de sua vida.

Em uma tentativa de síntese, pode-se dizer que tal respaldo vem sendo construído desde a paixão de Marques de Melo pela leitura – "como ele mesmo afirma, seu interesse pelo jornalismo vem de sua paixão pela leitura" (GOBBI, 2008, p.3), – passando por jornais estudantis, desembocando em periódicos diários e, finalmente, o encontro entre a teoria e a prática no Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP – que, no ano de 1961, iniciava sua primeira turma.

Feita de maneira assim bem sucinta, tal síntese parece até desdenhar do montante de conhecimento adquirido e da prática desempenhada. Então, cabe esclarecer que este é o momento mais importante da formação de José Marques de Melo.

O encontro com o mestre Luiz Beltrão e outros mestres lhe daria o cabedal necessário para, num futuro próximo, desempenhar suas funções na ECA/USP. "Aí completei a formação profissional, guiado por jornalistas competentes como Luiz Beltrão, Costa Porto e Sanelva de Vasconcelos. Aprofundei bastante meu acervo humanístico, orientado por mestres eruditos: entre eles, Amaro Quintas, Manuel Correia de Andrade, João Alexandre Barbosa, Padre Mosca de Carvalho" (GOBBI, 2008, p.4).

Mesmo antes de se formar no ano de 1964, com apenas 21 anos, Marques de Melo já atuava junto ao mestre Luiz Beltrão como monitor de sua cadeira na UNICAP iniciando assim sua experiência com a docência. Também é bom lembrar que logo a seguir, termina o bacharelado em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco.

Logo após a sua formação como jornalista, assume a chefia do Serviço de Editoração e Divulgação da SUDENE. Atividades que ajudaram na sua formação administrativa e foram importantes para os seus trabalhos futuros.

Marques de Melo também trabalhou como chefe do gabinete da Secretaria de Educação do Governo Miguel Arraes, como diretor-administrativo do movimento da Cultura Popular, como coordenador-executivo do programa da implantação do método Paulo Freire para a alfabetização de adultos no Estado de Pernambuco.

Na área da pesquisa, o referencial também vem do mestre Luiz Beltrão com a fundação do ICINFORM – Instituto de Ciências da Informação, primeiro centro nacional de pesquisas universitárias na área, em Recife, em 1963. Já ambientado na pesquisa, Marques de Melo passa o ano seguinte de sua formação em Jornalismo desenvolvendo atividades no ICINFORM.

É também pelas mãos de Beltrão que Marques de Melo consegue uma bolsa de estudos para de participar do VI Curso Internacional de Aperfeiçoamento em Ciências da Informação Coletiva, promovido pelo Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para América Latina (CIESPAL), órgão

ligado à Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura – UNESCO – em Quito, Equador, no período de agosto a outubro de 1965. Como resultado desta incursão, Marques de Melo recebe o título de pós-graduado em Ciências da Informação Coletiva.

Além de auxiliar nos primeiros passos, Luiz Beltrão esteve sempre ao lado de Marques de Melo. "Luiz Beltrão desempenhou um papel importante na minha formação intelectual. Tenho reiterado essa dívida em vários livros, artigos e depoimentos", enfatiza José Marques de Melo (1997, p.14) em reconhecimento.

Esta profusão de atividades não escapou aos olhos atentos da pesquisadora Maria do Socorro Nóbrega (2010, p.2) quando notou que "tomando a simultaneidade e o ritmo intenso dessas atividades, já se pode reter o suficiente para captar o sentido dessas primeiras experiências, sentido que prefigurava o futuro intelectual e que apontava para o advento de todos os níveis de conhecimentos e de atuação que marcam a trajetória de Marques de Melo".

Já em 1966, sob pressão da ditadura militar e outros acontecimentos de ordem pessoal, José Marques de Melo opta por deixar o Nordeste e seguir para São Paulo onde chegou em meados do mês de junho daquele ano.

Na capital paulista "foi convidado por Octávio da Costa Eduardo para trabalhar como Diretor de Pesquisas do INESE – Instituto de Estudos Sociais e Econômicos, onde começou a ganhar reputação como pesquisador comunicacional" (PB:Jr, 2014, online)

"Os tempos eram favoráveis para trabalhar na área acadêmica porque a necessidade de profissionais formados crescia extensivamente, principalmente em São Paulo". Assim, José Marques de Melo trabalhou na Fundação Cásper Líbero onde fundou, em 1967, o Centro de Pesquisas da Comunicação Social. Por estar vinculada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, "Marques de Melo lecionou Técnica de Jornal e Periódico na Cásper Líbero e, na PUC, Metodologia da Pesquisa em Comunicação" (MUSEU UNIVERSITÁRIO USP, 2014, online).

Este é o José Marques de Melo que no ano de 1967, aos 23 anos de idade, se apresenta para escrever a história da ECA-USP.

ECA/USP – 1ª FASE – 1967/1974

Como José Marques de Melo se apresentou à USP já é sabido, mas, como a USP se apresenta a Marques de Melo?

Marques de Melo se depara com a USP dois anos após o golpe militar que instaurou a ditadura, imersa em um clima de desconfiança. Pairam no ar as

ideias que desembocarão na Reforma Universitária do ano de 1968. Os anos de chumbo começam quentes com a edição do AI-5. Ele próprio atesta que "desde sua criação, a ECA tem se caracterizado como uma instituição em crise" (MARQUES DE MELO, 1989, p.9).

Optamos aqui por não mencionar os entraves, burocráticos, políticos e ideológicos que foram muitos na estruturação do curso de jornalismo da ECA/USP. Mas, apesar de todas as adversidades, Marques de Melo conseguiu superar todos os obstáculos que se interpôs à sua ação e concretizar seu projeto.

O encontro de José Marques de Melo com a Universidade de São Paulo (USP) foi em meados de 1966 em um concurso público para lecionar a disciplina "Introdução ao Jornalismo". Aprovado, somente iniciou o trabalho no ano de 1967 sendo docente-fundador da então Escola de Comunicações Culturais que, com a reforma universitária, passa a se chamar Escola de Comunicações e Artes – ECA –, a partir de 1970.

Com o incentivo do professor Júlio Garcia Morejón, no ano de 1968, com apenas 25 anos, Marques de Melo assume o cargo de regente da Cátedra Técnica e Prática de Jornal e Periódicos e é escolhido Diretor do Departamento de Jornalismo, como professor mais novo entre seus colegas. Para cumprir com todos esses compromissos, teve que atender ao requisito de dedicação integral à USP.

A partir daí, José Marques de Melo parte para a missão de planejar o Jornal-Laboratório, criar e implantar o Departamento de Jornalismo e Editoração – CJE – e instalar um dos principais cursos de jornalismo no país, lançando bases para outras universidades. "Logo depois fui encarregado de estudar a reforma do próprio Curso de Jornalismo, cujas diretrizes iniciais mostravam-se defasadas em relação às demandas do mercado de trabalho e exigiam adaptação às normas baixadas pelo Ministério da Educação e Cultura" (MARQUES DE MELO, 1991, p.130).

Para tal empreitada, Marques de Melo segue o *modus operandi* de Luiz Beltrão, inicialmente arregimentando ao seu lado uma equipe de professores que mesclavam um perfil profissional-acadêmico com um suporte humanístico. Desta feita Marques de Melo forma a primeira geração dos pensadores do ensino do jornalismo brasileiro.

Todas as atividades desenvolvidas por José Marques de Melo e sua equipe nesta primeira fase na ECA/USP estão amplamente registradas nos documentos oficiais denominados "Relatórios de Atividades do Departamento" elaborados nos anos de 1968, 1969, 1970, 1971 e 1972 primeiramente pelos docentes e, depois, pelo Diretor do CJE, Marques de Melo.

Como "uma das principais preocupações dos criadores era a implantação de veículos próprios para experimentação" (BRUDER, 2014, online), a ECA/USP

teve o cuidado de dotar a nossa Escola dos veículos próprios para a experimentação, privilegiando assim um ensino prático da comunicação. Assim, o primeiro passo de Marques de Melo foi planejar e instalar o Jornal-Laboratório. O sucesso e desdobramento dessa empreitada foram perpetuados através do *Jornal do Campus*, fruto direto das iniciativas de Marques de Melo no Jornal-Laboratório.

Porém, um dos grandes contributos de José Marques de Melo, não só para a ECA/USP, mas para a sedimentação do ensino do jornalismo no Brasil, foi a estruturação do Projeto Político-Pedagógico – PPP – do Curso de Jornalismo da USP.

O Projeto Pedagógico engendrado por Marques de Melo em conjunto com sua equipe foi baseado em uma relação dialética entre teoria e prática. Corpo docente eficiente, grades curriculares multidisciplinares junto com veículo próprio para a experimentação (Jornal-Laboratório e oficinas) garantiram bom aprendizado e sucesso ao programa. A Pesquisadora Ruth Penha Alves Vianna (2005, p.11) retrata o "projeto pedagógico proposto e aceito pelo Conselho Universitário da ECC – USP, ao que diz respeito a sua estrutura básica que era: Ensino, Pesquisa, Experimentação e Extensão Cultural".

Sob esses quatro pilares, a estrutura departamental do curso de jornalismo da ECA/USP sob o comando e dinamismo de José Marques de Melo, desenvolveu uma série de atividades que privilegiaram uma "formação superior adequada e completa e ao mesmo tempo criativa e crítica" (VIANNA, 2005, p. 9).

Desde o início era clara a preocupação de José Marques de Melo com a Pedagogia do Jornalismo. Quando lhe foi proposta a reformulação do curso da ECA/USP, ele já trazia o conhecimento de matrizes forâneas do Ensino de Jornalismo (europeias e norte-americanas), e as experiências brasileiras na Cásper Líbero, na Universidade de Brasília – UNB – e na UNICAP com o modelo inédito de Luiz Beltrão.

Com todo esse cabedal, Marques de Melo ainda foi procurar um alinhamento com as demandas do mercado de trabalho. Com esse intuito, "Melo destaca, além da reformulação do currículo, um intenso diálogo com as empresas jornalísticas e cita *O Estado de São Paulo*, *Jornal do Brasil* e a Editora Abril, entre outras. O resultado deste diálogo refletia diretamente na reformulação do curso de jornalismo" (MARQUES DE MELO apud BRUDER, 2014, online).

Como resultado de sua observância, estudo e sistematização, a proposta pedagógica de Marques de Melo para o curso de jornalismo foi coroada de êxito, servindo de modelo para os demais cursos de jornalismo no País e na América Latina.

Com a experiência anteriormente adquirida no Instituto de Ciências da Informação – ICINFORM –, desde a implantação de seu projeto pedagógico, Marques de Melo já em 1967 planejava a elaboração de pesquisas que foram amplamente desenvolvidas ao longo do curso de jornalismo da ECA/USP.

A valorização da pesquisa científica nos projetos de Marques de Melo é evidenciada, sendo que "as atividades programadas para 1968 estiveram diretamente relacionadas com a implantação dos seguintes órgãos complementares: Centro de Pesquisa de Jornalismo Comparado; Museu de Imprensa; Hemeroteca e Arquivo de Documentação Jornalística" (VIANNA, 2005, p. 9).

O Museu, a Hemeroteca e o Arquivo de Documentação Jornalística angariaram através de doações e aquisições um vasto material que se constituiu em riquíssima base de pesquisa. O Centro de Pesquisa de Jornalismo Comparado implantado no ano de 1970 deu sequência às atividades dos anos anteriores e foi responsável por um sem número de pesquisas na área do jornalismo.

Como já dissemos, no quesito Experimentação, o Jornal-laboratório permitiu a união da teoria e da prática na confecção de um periódico próprio. Outra forma de experimentação foi a implementação da Agência Universitária de Notícias (AUN), órgão que se destina a preparar e distribuir material noticioso à imprensa em geral.

No que tange à Extensão Cultural, nos primeiros tempos Marques de Melo arquitetou intensa troca de conhecimentos por meio de intercâmbios sistemáticos com entidades congêneres do país e do exterior. Como resultado dessas incursões houve palestras, conferências, assessoramento, publicações em parceria e outras atividades acadêmicas. Com toda essa movimentação, Marques de Melo garantiu grande visibilidade ao ensino de jornalismo na USP.

Outro fator extremamente importante para a ECA/USP desenvolvido e impulsionado por Marques de Melo diz respeito à sedimentação do conhecimento na área comunicacional por meio de ampla produção acadêmico-científica sistematizada primeiramente nas Apostilas, Revistas e Boletins do Departamento de Jornalismo e, posteriormente, Cadernos de Jornalismo e Editoração, nos ensaios, artigos e livros. Enfim, José Marques de Melo conseguiu "fazer funcionar um verdadeiro centro de estudo, pesquisa e produção do saber jornalístico, bem como da divulgação do mesmo" (VIANNA, 2005. P.14).

Com espírito realizador aguçado, o jovem Marques de Melo promoveu toda a sorte de eventos acadêmicos que movimentou o campo da comunicação não só na ECA/USP, mas em todo o Brasil e no exterior.

À época foram realizados diversos congressos, simpósios, conferências, colóquios, cursos, mesas-redondas, entre outros eventos que demandaram estudos e alimentaram a produção concorrendo para a sedimentação do conhecimento na área.

Entre os eventos mais importantes destacam-se as Semanas de Estudo do Jornalismo da ECA/USP, sendo a primeira versão realizada no ano de 1969, sob o tema Jornalismo Sensacionalista.

O sucesso do primeiro evento foi fundamental para a continuidade e, assim, foram realizadas as semanas subsequentes: II Semana de Estudo do Jornalismo

(1970) sobre o tema Censura e liberdade de Imprensa, III Semana (1971) com o tema Imprensa e Desenvolvimento e IV Semana debatendo questões sobre o Ensino do Jornalismo em 1972.

Os anos de 1970, 1971 e 1972 foram de igual ou maior intensidade de ações e realizações no CJE da ECA/USP.

Marques de Melo permaneceria até setembro de 1972, data em que foi afastado de suas funções de diretor do Departamento de Jornalismo e impedido burocraticamente de lecionar por obra da perseguição do regime político-militar.

Com o impedimento, José Marques de Melo concluiu e defendeu sua tese de doutorado "Fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil" em 1972, tornando-se o primeiro doutor em jornalismo no Brasil, recebendo seu diploma no ano de 1973.

Como o quadro político brasileiro se agravava, Marques de Melo ganha uma "bolsa de pós-doutorado da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) para realizar estudos avançados de comunicação nos Estados Unidos, onde contou com o respaldo acadêmico do MUCIA (Consórcio Universitário do Meio-Oeste, integrado pelas universidades de Wisconsin, Minnesota, Indiana, Illinois e Michigan) durante o ano acadêmico 1973-1974" (PJ:BR, online).

Em seu regresso ao Brasil no ano de 1974 foi surpreendido com o veto da Reitoria da USP à renovação de seu contrato de trabalho. O processo que foi iniciado contra ele em 1972 volta à cena e seus méritos acadêmicos são cassados, ficando impedido de lecionar em Universidades Públicas durante cinco anos. "A cassação de Marques de Melo e de outros professores significa um retardamento na produtividade da ECA-USP até os anos oitenta" (USP, 2014, *online*).

Não obstante todas as adversidades, José Marques de Melo conseguiu efetivamente implantar, estruturar e reformar o curso de jornalismo da USP.

Vale ressaltar que o relato das ações de Marques de Melo na ECA/USP é uma síntese sendo justo e sensato citar o trabalho "Pra não dizer que não falei das flores: a modernidade do projeto pedagógico fundador do curso de jornalismo da ECA e seu impacto nacional" elaborado pela pesquisadora Ruth Penha Alves Vianna que traz detalhadamente todas as ações do Curso de Jornalismo da ECA/USP nesta fase de José Marques de Melo.

ECA/USP – 2ª FASE – 1980/1993

O retorno de José Marques de Melo à USP se deu após a anistia política em 1979, sendo ele reintegrado ao Departamento somente no segundo semestre de 1979 junto com os professores Jair Borin e Thomas Farkas também afastados pela ditadura militar.

Embora respaldado pela lei, o processo da anistia estava complicado, ocasião em que Marques de Melo contou com a ajuda da professora Maria do Socorro de Nóbrega, uma das principais protagonistas por sua volta à USP.

Longe de guardar mágoas ou rancores, em sua nova fase na ECA/USP, Marques de Melo respondeu a tudo e a todos com mais trabalho e mais dedicação.

Com esse espírito reassume sua Cátedra na USP, exercendo-a em regime de dedicação exclusiva ao ensino e à pesquisa.

Incentivado pelos colegas, Marques de Melo prestou concurso e reassumiu seu cargo de Diretor do Departamento em 1983, sendo reeleito em 1985 e em 1987, permanecendo no seu exercício até 1988.

No mesmo ano de sua volta à direção do CJE, 1983, Marques de Melo defende a pesquisa "Gêneros Opinativos na Imprensa Brasileira", conquistando assim o título de Livre-Docente em Jornalismo, pela ECA/USP.

A década de 1980 foi particularmente profícua para Marques de Melo que também conquistou o título de Professor Titular em Jornalismo da ECA-USP no ano de 1987.

Já no ano de 1988, convidado pelo Reitor José Goldemberg para candidatar-se a Diretor de Comunicações e Artes da USP, lançou sua candidatura no final de 1988. O resultado da eleição destacou a preferência majoritária da comunidade especialmente dos professores e estudantes e do primeiro lugar na lista tríplice indicada pelo colégio eleitoral, sendo confirmado imediatamente pela Reitoria.

Sua plataforma de campanha foi detalhada no Documento Oficial da ECA/USP denominado "Reconstruir a ECA-USP 89". Segundo a pesquisadora Maria do Socorro Nóbrega (2014, online), "o que chama a atenção nesse programa é uma visão de universidade pública quase utópica, formulada em princípios de compromisso social, de competências específicas e de representação".

Marques de Melo cumpriu o prometido com o aumento da produtividade acadêmica, intensificação do diálogo com todas as correntes da Escola para acelerar as reformas internas e abertura internacional. Assim, com o beneplácito dos órgãos colegiados, Marques de Melo implantou novas diretrizes e estruturas de ensino representadas pela conquista da autonomia curricular nos cursos de graduação, que começou a ser implantada a partir de 1993.

Todas as conquistas efetivadas por José Marques de Melo como Diretor da ECA/USP estão sistematizadas em outro Documento Oficial publicado sob o título "Balanço de uma Gestão – ECA-USP 1989-1992".

Desta forma, José Marques de Melo escreveu importante página da história da ECA-USP contribuindo para sedimentar o campo da comunicação e do jornalismo no Brasil.

Em reconhecimento aos seus feitos, na noite de 13 de dezembro de 2001, a Congregação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo outorgou o título de Professor Emérito a José Marques de Melo.

Referências

BRUDER, Carsten. **Forças e esforços**: a criação do Departamento de jornalismo na ECA-USP. IN: Cibermemorial Marques de Melo. Disponível em: http://www.marquesdemelo.pro.br/referencias/midiaticas/ref_mid_04.htm – Acesso em: 13/09/2014.

GOBBI, Maria Cristina. **José Marques de Melo**: o mestre de todos nós. Trabalho Apresentado no GT de Midiologia do VI Congresso Nacional de História da Mídia da Rede Alfredo de Carvalho, ocorrido na Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – 13 a 16 de maio de 2008. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/Jose%20Marques%20de%20Melo.pdf – Acesso em: 21/09/2014.

MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina (Orgs.). **Grandes nomes da comunicação**: José Marques de Melo. Recife: UNICAP: Centro de Estudos da Imprensa e da Cidadania, 2001.

MARQUES DE MELO, José. **Nos tempos da gloriosa**. INTERCOM – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Vol. XX, nº 2, págs. 13-27, jul./dez, São Paulo: INTERCOM, 1997.

_____. **Comunicação e modernidade**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

_____. **Reconstruir a ECA-USP 89**. Documento Oficial do CJE-ECA/USP. 1989.

NÓBREGA, Maria do Socorro. **A contribuição de José Marques de Melo para os estudos comunicacionais na Universidade de São Paulo**. Alocução proferida na outorga do título de Professor Emérito a José Marques de Melo em 13/12/2001. Disponível em http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista10/perfis%2010-1.htm – Acesso em 15/09/2014.

VIANNA, Ruth Penha Alves. **Pra não dizer que não falei das flores**: a modernidade do projeto pedagógico fundador do curso de jornalismo da ECA e seu impacto nacional. Trabalho apresentado no GT de História da Midiologia

do III Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Novo Hamburgo, RS – 2005. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/3o--encontro-2005-1?b_start:int=100 – Acesso em: 10/09/2014.

Eletrônicos

Museu Universitário da USP – Disponível em http://www.mac.usp.br/mac/templates/exposicoes/exposicao_artejornalismo/expo_virtual/virtual13.htm – Acesso em 19/09/2014

Revista Eletrônica PJ:Br – Jornalismo Brasileiro – Edição 02 – 2º Semestre 2003 – ECA/USP – Disponível em: http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/editorial2.htm – Acesso em 12/09/2014.

Histórias da vida de um professor que construiu os caminhos da pesquisa e do ensino em comunicação no Brasil e foi cassado por culpa de Doris Day

Juçara Brittes[1]

2.5
CAPÍTULO

A primeira palmeira da cidade que viu nascer Marques de Melo brotou do corpo de Tixiliá[2], a mais bela da tribo dos Xurucu-Kariri, em cujas terras assentou-se, em 1835, a vila Palmeira dos Índios, no agreste alagoano. Pouco mais de um século, na noite de 15 de junho de 1943, o casal Ivetta e Leuzinguer apara José, o primeiro de seus quatro filhos. A simplicidade da família que começavam a formar talvez não

1. Este artigo toma por base um texto que publiquei na revista *Comunicação & Sociedade*, em 1996, o qual, por sua vez, surgiu de inúmeras conversas com Marques de Melo, em seu apartamento, em São Paulo, onde fui recebida inúmeras vezes por D. Sílvia, para bate-papos divertidos, sempre obsequiada com saborosas refeições. Outras prosas foram em Campos do Jordão, onde o casal passava os finais de semana, e tiveram a gentileza de me convidar. Foi enriquecido com entrevistas mais recentes e pesquisas em publicações assinadas por outros autores, devidamente citados.

2. Conta a lenda que Tixiliá era prometida ao cacique da tribo, que de fato ocupava aquelas terras, chamado Etafé. Mas quis o destino que se apaixonasse, em amor correspondido, pelo primo Tilixí, quem, inadvertidamente rouba-lhe um beijo. O cacique o condena à morte por inanição. A bela Tilixá, ao visitar o amado, tem o coração trespassado por uma flecha certeira de Etafé. De seus restos nasce a primeira palmeira, entre centenas, dando nome à cidade.

permitisse imaginar que o primogênito viria a figurar entre os ilustres[3] daquela terra, ao lado de Graciliano Ramos, Aurélio Buarque de Hollanda, Zumbi dos Palmares e Nise da Silveira. Mas os sinais aparecem logo na infância. Desde menino, apaixonado pela leitura, costumava ser surpreendido pelo pai ao amanhecer, morto de sono, com as narinas tisnadas pela picumã do candeeiro que lhe acompanhava quase todas as noites em suas incursões pelo universo das letras. Fora dos horários de aula, aproveitava a luz do dia para ler, à sombra das palmas que enfeitam e dão nome à sua cidade natal. Marques de Melo, de lá para cá, construiu uma carreira brilhante, colecionando centenas de publicações, canalizando vertentes de pesquisa importantes para a comunicação e para o jornalismo. Quis o destino que muitos anos depois recebesse naquele mesmo lugar uma das inúmeras homenagens que vem colecionando em seu currículo acadêmico e de cidadão: a Comenda Ordem dos Xurucus[4].

Começa a trabalhar na adolescência, em Sant´Ana do Ipanema, para onde a família se desloca na década de 1950, a 74 km de distância da "Princesa do Agreste"[5]. Com apenas 15 anos atua como assessor cultural da prefeitura do município, acumulando com os estudos ginasiais, a função de correspondente do *Jornal de Alagoas* e da *Gazeta de Alagoas*, ambos da capital do estado. Aos 20 anos, já vivendo em Pernambuco, foi chefe de gabinete do Secretário de Educação do governo Miguel Arraes, depois diretor administrativo do Movimento da Cultura Popular, em Recife. Foi uma experiência que marcaria a vida profissional de Marques de Melo, capacitando-o para ser gestor de instituições de ensino do porte da Escola de Comunicação e Artes da USP, e da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Miguel Arraes contratou a Fundação Getúlio Vargas para formar sua equipe em administração pública, conta o professor[6], o mesmo grupo incumbido de treinar profissionais para montar a estrutura burocrática de Cuba, a convite de Fidel Castro, acrescenta. Estes conhecimentos o prepararam para coordenar o Serviço de Divulgação e Editoração da Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), trabalho a que se dedica entre 1964 e 1966.

---

3. http://www.conhecaalagoas.com/alagoanos-ilustres/

4. A entrega solene da comenda foi feita pelo Prefeito de Palmeira dos Índios, James Ribeiro, durante o XIX Congresso Estadual de Jornalistas, realizado naquela cidade, nos dias 18 e19 de junho de 2010.

5. Palmeira dos Índios é conhecida como Princesa do Agreste

6. Em entrevista à autora, em outubro de 2014.

Em Recife inicia sua carreira docente, logo após obter o título de bacharel em Jornalismo, como professor assistente de Técnica de Jornal e Periódico. O concurso é realizado depois de ter aceito o desafio, lançado por Luiz Beltrão, no dia de sua formatura: fundar o Instituto de Informação da Universidade Católica de Pernambuco (ICINFORM), que atualmente está em fase de reestruturação.

As atividades do ICINFORM levam-no a buscar embasamento teórico e metodológico no Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina – CIESPAL, em Quito, Equador. A convivência com Joffre Dumazedier, Jacques Leaute, Wayne Danielson, Malcon MacLean, Bruce Westley, Antonio Gracia e Jorge Fernandez foram enriquecedoras para o jovem Marques de Melo. Trouxe para o campo da comunicação brasileira a perspectiva continental, o que articula nas pesquisas que liderava no INCIFORM.

Começava uma época difícil no Brasil. A dedicação do pesquisador à cultura e aos movimentos populares; suas ideias em defesa de políticas públicas para a comunicação, seu alinhamento às teses de Paulo Freire irritavam os militares. Sem paz para continuar trabalhando no Recife, onde frequentemente era chamado para depor; as ameaças veladas ou explícitas, provocam sua mudança para São Paulo. Na capital paulista solidifica não só sua vida acadêmica, mas o lugar da comunicação na academia.

Na Faculdade de Jornalismo da Cásper Libero ensina Teoria da Informação e Metodologia da Pesquisa em Comunicação além de fundar o Centro de Pesquisa na área. Permanece no primeiro curso de jornalismo brasileiro entre 1967 e 1968. Não bastasse a perseguição da ditadura, aí convive com o preconceito dos alunos, em grande parte mais velhos que ele, muitos já consagrados no jornalismo, mas que voltavam aos bancos escolares obedecendo à legislação da época, que exigia diploma superior para exercer a profissão. Havia também o sotaque nordestino a incomodar os estudantes da Avenida Paulista.

Em paralelo, mantinha atividades de consultoria, dando continuidade aos projetos do Instituto de Estudos Sociais e Econômicos (INESE), realizando pesquisas para empresas jornalísticas, agências de propaganda e instituições governamentais. Acompanha, então, o lançamento da *Revista Realidade* e a modernização da *Folha de S. Paulo*, que acaba de comprar sua primeira impressora offset. Escreve, ainda, para jornais e revistas, fiel a sua paixão pelo jornalismo, ao qual não se dedica com exclusividade por circunstâncias da vida.

Aos 25 anos passa a dedicar-se a estruturar o Departamento de Jornalismo, na então Escola de Comunicações Culturais da Universidade de São Paulo, a partir do convite para lecionar Técnica de Jornal e Periódico na instituição. Antes de ser demitido da USP por exigência do regime ditatorial, tem seu esforço

gratificado pelo crescimento do curso, que encampa a área de editoração, valoriza a pesquisa no segmento do jornalismo e torna-se o mais respeitado núcleo de ensino e pesquisa do país, em sua linha de atuação.

Trinta anos depois de seu afastamento da USP, Marques de Melo lembra que o reitor, à época, tentou aplicar-lhe o Ato Institucional 477, sem conseguir, acusando-o de organizar a Semana de Estudos Jornalísticos sobre Censura e Liberdade de Imprensa, evento que reuniu milhares de estudantes de diversos estados brasileiros. Hoje credita a culpa a Doris Day. Conta, com o bom humor que lhe caracteriza, que assistiu ao filme *Um Amor de Professora*, no qual o personagem da atriz norte-americana ensinava jornalismo. Achou o método excelente e passou a adotá-lo. Revela que a gota d´água para sua demissão foram suas aulas sobre *lead*[7].

> [...] Eu pegava os jornais do dia e eles identificavam os tipos de leads. Todos os alunos de um modo geral recortavam os jornais, colocavam no papel e faziam uma espécie de apostila, que circulou muito na universidade. Teve várias edições e chegou até mesmo a circular fora, na Organização Internacional do Jornalista, que difundia e publicava em francês, russo, árabe... Eu não sabia de nada disso. Mas os órgãos de repressão mapearam tudo e me acusaram de ser agente da construção da imagem negativa do Brasil no exterior. Fui condenado como subversivo.

A USP perdeu com a decisão do Reitor, pois Marques de Melo havia estudado a trajetória dos cursos de pós-graduação em jornalismo nos Estados Unidos, com o propósito de alavancar este nível de estudos na instituição. Mas a contribuição foi abraçada pela Universidade Metodista de São Paulo, na época Instituto Metodista de Ensino Superior, de São Bernardo do Campo. Na USP, na condição de diretor do Departamento de Jornalismo, formou professores nesta área que começava a se consolidar no Brasil e no mundo, como campo de conhecimento. Equipou os laboratórios, fomentou a pesquisa e quando foi demitido, o curso estava entre os primeiros no ranking latino-americano no ensino da comunicação. Na Metodista fundou o Programa de Pós-graduação em Comunicação (POSCOM), mestrado e doutorado, promoveu a divulgação do

7. O trecho citado foi publicado pela *Sertões*, Revista Eletrônica de História, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, a qual reproduz trechos da entrevista que Marques de Melo concedeu a Thomas Tufte, em 2012. A história foi confirmada pelo professor à autora, em entrevista recente.

conhecimento, como exemplifica a criação da revista "Comunicação & Sociedade", em 1970, a mais antiga em seu gênero no país, publicada até os dias de hoje. Foi responsável, ainda, pela implantação da Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional.

Antes de ingressar na Metodista, desempregado, bateu em todas as portas procurando um cargo de professor, mas estas se fechavam para ele e outros tantos que estavam na lista dos subversivos – contrários ao regime militar. Aceitou o convite, sem antes advertir ao diretor-geral do IMS, Benedito de Paula Bittencourt[8], que era considerado *persona non grata* pela ditadura, para que não houvesse surpresas mais adiante. Progressista e defensor da democracia, Bittencourt insistiu em sua contratação.

> Poucos meses depois apareceram uns senhores estranhos na direção-geral do IMS, me denunciando como subversivo. Na sequência, fui convocado pelo diretor, que me relatou a visita. Levei a ele os livros que havia escrito, pedi que desse uma olhada e que se sentisse livre para decidir. Bittencourt me chamou dias depois e me disse para continuar o trabalho. A proposta implantar um programa de pós-graduação em jornalismo. Mas havia poucos doutores nesta área de conhecimentos. Seria preciso ir buscar fora, e conseguimos trazer exilados e professores desempregados por conta da ditadura. O propósito não era este, mas instalou-se ali um lugar de acolhida para os rejeitados. Todos eles de excelente formação, permitindo sermos avaliados como o melhor programa de pós-graduação do país, em sua área de conhecimento, já na primeira avaliação da CAPES[9].

Entre os convidados banidos estavam Fernando Perroni, exilado primeiro no Chile e posteriormente em Paris, onde estudava com Roland Barthes, e Onésimo de Oliveira Cardoso, que vivia na Alemanha, onde era aluno de Jürgen Habermas.

Marques de Melo lembra ter enfrentado dificuldades para dar continuidade aos projetos. "Certa vez, logo no início do curso, convidamos Paulo Freire para conferencista em um simpósio onde seria debatida a comunicação na pedagogia de Freire. O governo não autorizou a vinda do sociólogo", rememora Marques de Melo. "A atividade foi realizada com Roberto Romano, outro perseguido pela ditadura."

---

8. O prof. dr. Benedito de Paula Bittencourt foi o primeiro diretor-geral do IMS, permanecendo no cargo de 1970 a 1983. Faleceu em outubro de 2008.

9. Entrevista à autora em outubro de 2014.

As viagens diárias de São Paulo a São Bernardo do Campo, enfrentando um trânsito complicado, a renúncia à aposentadoria reivindicada pela família, o abandono de projetos pessoais eram compensados pelo clima saudável daquele espaço. Marques de Melo conta que Egon Schaden, um dos nomes importantes atraídos para a equipe do IMS, só dava aulas aos sábados. Ao final das aulas, o antropólogo, convidava para uma "feijoada acadêmica" na casa dele. Os cozinheiros eram figuras ilustres da academia, como Florestan Fernandes e outros recém anistiados que voltavam ao Brasil.

Na verdade, o sonho de Marques de Melo não era exatamente ser gestor. Teria preferido continuar pesquisando e praticando o jornalismo. Como escreve o pesquisador lusitano Pedro Jorge Sousa (2010, p. 44), em que pesem todas as suas incursões no espaço lato da comunicação, José Marques de Melo sempre manteve o jornalismo no seu horizonte de pesquisa. Jornalismo é, em última instância, o seu *métier*.

> Para ele os órgãos jornalísticos não só devem ser considerados [...] um objecto de pesquisa socialmente relevante, fértil e de extraordinário valor [...] mas também fonte para pesquisas de outras disciplinas, como a história, a sociologia, a psicologia social, a antropologia, a ciência política, a geografia humana e a linguística (SOUSA, 2010, p. 44).

Seu aprendizado dos tempos da SUDENE, se lhe trouxe perseguições, rendeu para as instituições onde pode aplicar os conhecimentos de administração pública – tanto na USP, quanto na Metodista.

Ainda no tempo do IMS, Zé Marques, como é carinhosamente chamado em família, foi convidado por Alexandro Alfonso, Conselheiro Regional de Comunicação para a América Latina, da UNESCO, para instalar uma das quatro cátedras de comunicação vislumbradas para o continente.

> Os maiores argumentos para o convite foram: a experiência acadêmica de José Marques como Catedrático Unesco, em 91/92, na primeira cátedra implantada em Barcelona, na Espanha; a boa performance universitária do IMS no campo da Comunicação Social, mantendo cursos de graduação e pós-graduação entre os mais reputados da América Latina (LOPES, 2000).

No histórico publicado no site da Cátedra[10], Marques de Melo escreve que a decisão final foi tomada pelos órgãos do Itamaraty, em 18 de janeiro de 1996, e

10. http://www2.metodista.br/unesco/catedra.htm

comunicada ao diretor geral da UNESCO pelo secretário-executivo do Instituto Brasileiro para Educação Ciência e Cultura (IBECC), entidade que preenche as funções da Comissão Nacional da Unesco no Brasil.

A Cátedra tem como objetivo disseminar o conhecimento produzido na América Latina nas universidades brasileiras. Para tanto, conta com o Acervo do Pensamento Comunicacional Latino-Americano, considerado uma das maiores coleções midiáticas latino-americana, composto por pesquisas, teses, dissertações e periódicos. Promove eventos voltados para pesquisadores da área para incentivar, debater e valorizar o ensino de comunicação, no cruzamento entre a comunicação e outras áreas e práticas profissionais, como a saúde, conhecimentos eclesiásticos e, principalmente, a Escola Latino Americana de Ciências da Comunicação.[11]

Reconhecer, divulgar e fortalecer essa vertente dos estudos comunicacionais está entre os trabalhos mais notáveis de Marques de Melo. Destaca dois traços diferenciadores das demais linhas de pensamento no âmbito das Ciências da Comunicação: a superação da dicotomia metodológica combinando procedimentos qualitativos e quantitativos e a interatividade entre reflexão e ação. Tal característica foi denominada, pelo Grupo de Pesquisa Políticas e Estratégias da Comunicação "saber militante". Entre seus objetivos está o de ajudar os pesquisadores do continente a superar o complexo de inferioridade em relação às demais escolas de pensamento voltados para a comunicação, cujas referências são escassas nas bibliografias recomendadas pela maioria das instituições de ensino no segmento.

O fundador da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação marcou sua identidade visual com um largo sorriso e inseparáveis suspensórios. Os jovens estudantes, ao se depararem com sua figura simpática, presente aos 37 congressos já realizados pela INTERCOM, não fazem ideia do que ele significa para a comunicação. Sem nomear todas as linhas de pesquisa que inaugurou no país, de modo geral ligadas a fenômenos comunicacionais emergentes, foi responsável por dois importantes momentos das Diretrizes Curriculares para o ensino da comunicação no país, nos dois casos convocado pelo Ministério da Educação.

No início dos anos 1980, o ministro da Educação, Marco Maciel, o convida para repensar as diretrizes curriculares, pois até aquele momento havia uma única matriz didático-pedagógica a ser aplicada no país, independente da região onde estivesse. A princípio Marques de Melo recusou, argumentando que colocava-

11. Informações extraídas do endereço http://www2.metodista.br/unesco/index.htm

-se em posição ideológica oposta a do ministro. Exatamente por isso é que lhe convido, responde Maciel, encarregando-o de planejar a distribuição de recursos para equipar as Instituições de Ensino Superior da área. Durante os dois anos na presidência da Comissão Nacional de Ensino da Comunicação, providenciou um diagnóstico das escolas e produziu um manual para aplicação de recursos, dirigido unicamente para as IES que tivessem projetos para aplicá-los. Confessa que as diretrizes foram, na verdade, políticas para o ensino da comunicação.

Ao ser convidado pelo ministro Paulo Haddad, em 2009, para presidir a comissão de especialistas para formular as Diretrizes Nacionais para os Cursos de Jornalismo, Marques de Melo reagiu de modo semelhante. Diz que foi difícil porque não tem afinidade com estruturas partidárias. Diante do apelo de Haddad só concordou mediante a condição de trabalhar com ampla liberdade, sem qualquer pressão. Acentua que não imprimiu vontade própria na construção das novas diretrizes. Explica que o processo envolveu três audiências públicas, realizadas em Recife, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Incluiu uma consulta pública pelo site do MEC, disponível para sugestões durante todo o processo de elaboração das diretrizes.

Nem o Mal de Parkinson, contra o qual luta, diminuiu seu ritmo de trabalho ou afetou seu bom-humor. "Como geminiano que sou, espero todo ano que acabe meu inferno astral. Acredito em horóscopo, sim, pode escrever!".

Decidiu, quando foi diagnosticado com a doença, que continuaria a levar a vida do mesmo modo: publica pelo menos dois livros por ano, escreve para revistas, coordena pesquisas e participa de eventos acadêmicos. Não parou de trabalhar em consultorias e continua a inventar moda. No momento dedica-se com maior afinco ao memorialismo, porque "vale à pena deixar para as novas gerações um acervo das produções, para que possam informar-se e seguir adiante". Mas não se contenta com um tema. Vai lembrando-se de outros projetos em andamento, como uma grande pesquisa para repertoriar a produção em Folkcomunicação, que comemora 50 anos no país. Tem mais. "Continuo trabalhando com jornalismo, gêneros e formatos e, por contingência, com pedagogia da comunicação. Conservo, ainda, um tema que me é caro: política científica da comunicação"[12].

Entre a fisioterapia diária, a ingestão de medicamentos de três em três horas, acha tempo para ouvir boa música, de qualquer gênero (do baião ao erudito)

12. Este artigo não pretende repertoriar todas as contribuições de José Marques de Melo, mas recontar episódios de sua vida pessoal e acadêmica, em narrativa impregnada pela informalidade que o personagem inspira.

assistir novelas, que adora, e curtir a família, com dedicação especial para os três netos: Gabriel, Beatriz e Arthur.

Referências

LOPES, Boanerges; GOMES, Luciana. **CÁTEDRA UNESCO/METODISTA – Histórico.** In PCLA – Volume 1 – número 3: abril / maio / junho 2000. MARQUES DE MELO. Disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/catedra.htm. Acesso em: 20/10/2014.

No Labjor/UNICAMP, o jornalismo científico e no curso da Fiam a Cátedra Otávio Frias de Oliveira

Graça Caldas[1]

3.5
CAPÍTULO

São poucos os cursos de Jornalismo no Brasil que não tiveram a influência do prof. José Marques de Melo em suas concepções. Seu conhecimento na área de Comunicação (história e prática) e sua capacidade sempre renovada de novos projetos, bem como suas características de agregador e a disposição de formação de equipes fez com que estivesse sempre à frente de projetos pioneiros. Um deles, certamente foi a criação do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor/Unicamp), em Campinas, em 1994. Foi também responsável pela reestruturação do curso de Jornalismo das Faculdades Integradas Alcântara Machado (Fiam, em São Paulo), em 2002, que ganhou novo vigor com sua presença.

No Labjor, ao lado do linguista e poeta Carlos Vogt, ex-reitor da Unicamp e do jornalista Alberto Dines, criou os alicerces do precursor curso de Jornalismo Científico (*Lato Sensu*), voltado para a formação de jornalistas e cientistas, lado a lado. Na Fiam, criou a Cátedra Otávio Frias de Oliveira, em parceria com a *Folha de S. Paulo,* com a realização de ciclos de debates da área que marcaram a época, além do dinamismo que empreendeu ao projeto do Curso.

1. Graça Caldas é jornalista e pesquisadora do Labjor/Unicamp.

Mix bem Temperado da Academia com a Práxis

Ao reunir, no Labjor, os jornalistas e professores José Marques de Melo e Alberto Dines, o prof. Vogt tinha os ingredientes ideais para a formulação do projeto original do Labjor/Unicamp, que contou ainda com a participação dos jornalistas Mauro Malin, Graça Caldas e Mônica Macedo em sua estruturação inicial. Reunir dois expoentes do mundo acadêmico e do jornalismo era a garantia para o sucesso do projeto. Decorridas duas décadas de sua criação, o Labjor continua sendo o lócus principal de formação de jornalistas e cientistas na área de Divulgação Científica, seja no curso *Lato* ou no *Strico Sensu*.

Da formulação inicial do Seminário "Imprensa em Questão", que virou livro, dos cursos de Extensão que antecederam a criação do Curso de Especialização *Lato Sensu* em Jornalismo Científico, passando pela concepção do Observatório da Imprensa ou ainda da revista eletrônica *ComCiência*, vários projetos ajudaram a transformar o Labjor em espaço respeitado na área. Desde seu nascedouro até a implantação do Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural, não foram poucos os profissionais da imprensa, jovens recém-formados em Jornalismo e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento que passaram pelo Labjor.

"A presença do Marques foi fundamental", para o sucesso do projeto, garante Carlos Vogt, face à longa trajetória e variada experiência acadêmica de Marques, em inúmeros cursos de Jornalismo do país. Vogt destacou a atuação de Marques na Escola de Comunicação e Artes ECA/USP, onde foi diretor ou ainda na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), onde anteriormente implantou o Programa de Pós-Graduação em Comunicação com a não menos pioneira linha de pesquisa em Comunicação Científica e Tecnológica.

Para a profa. Vera Regina Toledo Camargo, também do Labjor, ex-orientanda de doutorado de Marques, com quem teve a oportunidade de "conhecer, conviver e respeitar, nos anos 90", incentivador de várias áreas, entre elas Jornalismo Esportivo, "sua influência foi marcante e decisiva no Labjor". Vera participou de várias pesquisas sobre mídia, com Marques, entre elas um diagnóstico fundamental para o campo, em 2000, "Quando a ciência é notícia", quando traçaram um retrato da cobertura da ciência na mídia impressa, no Brasil.

Revitalizando o Jornalismo na Fiam

Por onde passa Marques de Melo deixa sua marca de criatividade, de incentivador de novos projetos e formação de equipe. Não foi diferente na Fiam.

Ao ser convidado para revigorar o curso de Jornalismo da então Faculdade, no início dos anos 2000, reestruturou completamente o curso de Jornalismo. Sua confiança nos jovens valores levou à Fiam a jornalista Rosemary Bars, sua ex-orientada de doutorado, que coordenou o Curso e o jornalista Valdir Gomes, professor do Curso e editor-responsável da revista *Idade Mídia*, uma de suas muitas propostas bem sucedidas. Hoje, Rosemary é professora da PUC-Campinas e Valdir editor técnico da revista *Educação & Sociedade*.

O professor Marques de Melo fez uma reformulação importante na UniFiam ao promover o fortalecimento dos cursos de comunicação e garantir que se transformasse num espaço acadêmico moderno e dinâmico", afirmou a profa. Rose, que ingressou na instituição em 2002. Segundo ela, havia "uma efervescência singular pelo ritmo do professor Marques, que organizava projetos significativos que garantiam projeção para a instituição. Um deles, lembra, foi a organização da 'Cátedra de Jornalismo Otávio Frias de Oliveira', em parceria com a *Folha de S. Paulo* para a realização de ciclos de seminários sobre jornalismo, com a participação de jornalistas renomados da área.

"Percebia-se uma agitação intelectual nos corredores da UniFiam pelas palestras na Cátedra de Jornalismo, com a publicação do jornal *Momento UniFiam,* com o funcionamento das agências de jornalismo, de publicidade e propaganda e de relações públicas; além da publicação na revista Idade Mídia", afirmou Rose.

A revista Idade Mídia foi editada por Valdir Gomes, que nutria grande admiração pelo professor Marques, de quem foi aluno da Universidade Metodista, onde fez seu mestrado. "Foi muito gratificante para mim, naquele momento, o estreitamento entre a obra e a figura do mestre e intelectual pelo qual tinha desenvolvido uma grande admiração", observou.

Nas palavras de Valdir:

> O aprendizado era constante e a liberdade de experimento para o saber e o fazer sempre construíam uma atmosfera agradável e rica para o trabalho em equipe... humildade no percurso de aquisição do conhecimento, ponderação, liberdade de expressão e laboratório de ideias e sonhos... Muito aprendi e compreendi durante este rico trajeto. Hoje sinto muito orgulho e uma grande satisfação em olhar para um momento muito importante da minha vida. Quando me lembro da figura do prof. Marques de Melo, apenas uma frase me vem à cabeça: ainda temos muito a aprender e a compreender... e com ele continuamos aprendendo que esta ainda é uma das grandes alegrias da vida.

A contribuição de Marques para a área de Comunicação e de Jornalismo, em particular, fica evidente na sua trajetória ao longo dos anos, com a singularidade dos projetos do Labjor e Fiam. No depoimento de seus ex-colegas e colaboradores o reconhecimento por sua competência, seja na formação de equipes ou na elaboração de projetos arrojados. Sem dúvida, para além das ideias, da criatividade dos projetos, um realizador. Eu mesma, em longos anos de convivência com Marques, seja como ex-aluna no Mestrado da Metodista ou como colega, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Metodista, posso testemunhar sua competência e generosidade de quem compartilha continuamente seu conhecimento e projetos.

INTERCOM: a menina dos olhos, da dedicação e do entusiasmo de José Marques de Melo

Tyciane Cronemberger Viana Vaz[1]

4.5
CAPÍTULO

O adjetivo entusiasta talvez seja o que melhor se aplica ao professor José Marques de Melo sobre sua atuação na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação – INTERCOM. Marques de Melo teve e continua tendo papel fundamental para a instituição: da idealização ao nascimento de uma sociedade científica com finalidade de congregar pesquisadores da área da comunicação; da concretização dos planos ao reconhecimento nacional e internacional; e ainda na realização dos primeiros eventos e pioneiras publicações até os projetos mais recentes.

O atual presidente de honra e presidente do conselho curador, José Marques de Melo já ocupou diversas funções dentro da entidade, entre elas, sócio-fundador e presidente de dois mandatos 1977-1983 e 2005-2008. Entre todos os papéis, o maior deles, é, sem dúvidas, o de entusiasta, pois acredita e faz os projetos darem certo.

Desde os primórdios da INTERCOM, José Marques de Melo não só tem ideias, como planeja cada passo dos projetos e trata de agregar muitas pessoas para que seja possível a execução das tarefas. Quem acompanha de perto tem a impressão de

1. Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo.

que o professor Marques não para. É uma verdadeira máquina de pensar, criar, planejar e pôr em prática diversas vertentes que mantêm a instituição viva, atuante e reconhecida no campo comunicacional brasileiro e estrangeiro.

Empenho na Idealização e no Nascimento

Antes da fundação da INTERCOM, oficialmente em 12 de dezembro de 1977, Marques de Melo já articulava com outros pesquisadores a criação de uma entidade científica da área da comunicação. As primeiras movimentações datam de julho daquele mesmo ano, em São Paulo, durante a Reunião Anual da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência). Lá, Marques de Melo percebeu que outras áreas de conhecimento já estavam organizadas, estimulavam a pesquisa e o avanço científico. Enquanto na área da comunicação não havia essa articulação.

Em entrevista aos pesquisadores Dario Borelli e Fátima Feliciano publicada na *Revista Brasileira de Comunicação* (v.58, 1988, p. 6), José Marques de Melo afirma que a partir da reunião da SBPC começou a motivar pesquisadores, colegas e estudantes de pós-graduação para fazer surgir uma sociedade científica nos moldes de outras entidades que já existiam em outras áreas como Física, Antropologia, História e Sociologia.

O momento político do país não era favorável para o surgimento de uma aglutinação de pesquisadores. A Ditadura Militar, que dominou o país entre os anos de 1964 e 1989, em meados da década de 1970 já dava sinais de menor repressão. Mas ainda assim eventos eram inviabilizados, como a Reunião Anual da SBPC que foi transferida para a PUC-SP devido a uma decisão do governo. A previsão inicial era que fosse realizada na Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza.

O próprio professor José Marques estava afastado do serviço público, por ato discricionário do reitor da Universidade de São Paulo, estando impedido de participar de atividades acadêmicas em universidades estatais. "Só decidi comparecer à reunião anual da SBPC, porque o evento foi realizado em território eclesiástico. Ali, os professores 'cassados' tiveram acesso irrestrito" (MARQUES DE MELO, 2010, p.28).

A INTERCOM, então, nasceu em meio ao regime autoritário pelo qual passava o país e que, de certa forma, impedia a independência científica dentro dos ambientes das universidades. Segundo Marques de Melo (2010, p.29), a meta principal era manifestar resistência ao poder estabelecido, aspirando encontrar brechas capazes de restaurar o entendimento, a participação e autonomia científica.

> A INTERCOM foi criada como sociedade científica e tem se mantido coerente até agora. O fato de ter sido fundada no auge do regime militar pos-64 não interferiu na sua finalidade precípua. O que houve na esfera política foi determinada pela conjuntura. Nesse sentido a INTERCOM não fugiu ao padrão de conduta adotado pelas entidades congêneres, inclusive a SBPC. Não se pode esquecer que o primeiro congresso da INTERCOM foi marcado pela desobediência civil. (MARQUES DE MELO, 2014) [mensagem pessoal]

A entidade foi estabelecida oficialmente em uma reunião na Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero em dezembro de 1977. Marques de Melo faz questão de dizer que não fundou e construiu a INTERCOM sozinho. Teve papel importante na fundação e assumiu a função de primeiro presidente, dedicando trabalho para a solidificação da entidade, mas atribui o mérito também a outros colegas.

> Não quero incorrer em falsa modéstia, dizendo que não tive participação decisiva para a construção da INTERCOM. Efetivamente, eu me dediquei, durante todos esses 10 anos, à solidificação da entidade, mas não concordo plenamente que ela tenha dependido apenas da pessoa de seu fundador e primeiro Presidente. Se eu não tivesse contado com a colaboração, o apoio, a participação e o entusiasmo de muitos outros colegas, a INTERCOM não seria o que é hoje. Todo o trabalho realizado se fez, basicamente, em equipe, tivemos desde o início, um caráter coletivo, as decisões na INTERCOM são tomadas colegiadamente. (REVISTA BRASILEIRA CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, v. 58, 1988, p. 8).

A primeira diretoria foi composta pelos primeiros sócios: José Marques de Melo (presidente), José Salvador Faro (secretário), Francisco Gaudêncio Torquato, Carlos Alberto Di Franco, Francisco Morel, Carlos Eduardo Lins da Silva e José Manoel Costas Morán. A comissão estaria responsável por dirigir a sociedade (BOLETIM INTERCOM, n. 1., 1978). Além desses nomes, pode-se destacar a professora Anamaria Fadul, lembrada pelo próprio Marques de Melo, como peça fundamental na primeira fase da sociedade, apesar de não ter participado das primeiras reuniões e ter entrado para a equipe apenas meses depois. Os pesquisadores tinham uma relação próxima, apesar de suas independências e até discordâncias de pensamentos.

Faro (1992), na obra – "Universidade fora de si: a INTERCOM e a organização dos estudos de Comunicação no Brasil", afirma que o nascimento da

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação refletiu os esforços de um segmento da intelectualidade e dos cientistas ligados aos estudos da Comunicação em romper com o quadro da dispersão e de isolamento que a crise da universidade provocava.

No Quintal de Casa

Os locais que abrigaram a INTERCOM como sedes tiveram influência do seu primeiro presidente. As primeiras reuniões foram realizadas na Faculdade de Comunicação da Cásper Líbero, onde Marques de Melo atuava como professor, período em que havia sido punido pela ditadura militar e afastado das suas atividades na USP.

Depois a primeira diretoria da instituição passou a atuar na sede da Associação Brasileira de Imprensa. Localizada na rua Augusta, em São Paulo, a ABI abrigou os primeiros colóquios acadêmicos sobre comunicação, organizados pela INTERCOM. Ainda nos primeiros anos, a entidade começou a ser apoiada também pelo Instituto Metodista de Ensino Superior, hoje Universidade Metodista de São Paulo, onde Marques de Melo lecionava e tornou-se o coordenador da Pós-Graduação.

Com seu retorno à Universidade de São Paulo, na década de 1980, no período da abertura política, José Marques de Melo conquistou o direito de retornar ao serviço público e levou a INTERCOM para ser sediada na instituição, na Escola de Comunicações e Artes (ECA).

A sede própria da INTERCOM veio como uma grande conquista. Houve então a transferência da Secretaria da Cidade Universitária para o bairro de Pinheiros. Ali, o professor Marques de Melo estava praticamente no quintal da sua casa, devido à proximidade dos endereços.

Essa conquista da entidade, ele atribui a três pessoas principalmente: a Anamaria Fadul, que nos anos 80 quis instalar a INTERCOM em imóvel alugado, ao Manuel Carlos Chaparro, que faz campanha de poupança para aquisição da sede própria, e a Cicília Peruzzo, que deu início à formação do patrimônio imobiliário.

Além da sede na Rua Joaquim Antunes, em Pinheiros e na Brigadeiro Luís Antônio, a INTERCOM conta desde junho de 2012 com o Centro Cultural, que recebeu o nome de José Marques de Melo. Essa foi uma homenagem da diretoria a aquele que desde o início dedica tempo, atenção e empenho em realizar projetos em nome da instituição.

Consolidação e Reconhecimento

A INTERCOM é uma entidade reconhecida internacionalmente e nisso o professor José Marques de Melo também teve papel fundamental, principalmente por ser participante de entidades internacionais e pela vivência em instituições de ensino superior em diversos países. Já desde os primeiros anos da entidade, houve uma preocupação de inseri-la no cenário internacional.

> Da mesma forma como consolidou sua atuação junto às universidades brasileiras, a Intercom é reconhecida por instituições congêneres em vários países do mundo. Sua inserção como sociedade científica brasileira ao lado de associações internacionais é bastante antiga. Desde os seus primeiros anos, a sociedade mantém fortes laços com associações similares, tanto de países latino-americanos como de países europeus (PERUZZO; MOREIRA, p.51, 2002).

Marques de Melo (2014, mensagem pessoal) afirma que os marcos para o firmamento da INTERCOM como uma sociedade sólida no campo comunicacional brasileiro e internacional foram os congressos de 1982: "quando começamos a dialogar com o Estado e a comunidade acadêmica internacional". Também dá destaque para o ano de 1992, no congresso da IAMCR (Internacional Association for Media and Communication Research), entidade que congrega sociedades e pesquisadores de vários países do mundo.

A projeção internacional da INTERCOM também se dá pelas relações mantidas com sociedades como ALAIC (Associación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación), entidade regional que passou integrar oficialmente em 1982; além da UNESCO e do CIESPAL (Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para America Latina.

Sobre o mérito de colaboração no processo de projetar a INTERCOM para outros países, José Marques menciona também Carlos Eduardo Lins da Silva, Anamaria Fadul, Maria Immacolata Vassallo de Lopes e César Bolaño.

Eventos, Publicações, Projetos e As Novas Expectativas

Desde o início, a INTERCOM se mantém atuante por meio das diversas publicações e eventos que realiza. Quem acompanha a dinâmica da entidade, sabe que sempre há um projeto para ser lançado ou até vários ao mesmo tempo. Marques de Melo está envolvido em muitos desses projetos.

Nos congressos nacionais da INTERCOM, José Marques de Melo vem participando ativamente durante todos os anos. O primeiro deles, realizado na cidade de Santos (SP), em 1978, reuniu cerca de 50 participantes e teve como tema principal "Estratégias do Ensino em Comunicação. A princípio os eventos eram denominados de Ciclo de Estudos Interdisciplinares, e depois passaram a ser chamados de Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

A cada ano, o congresso apresenta um tema principal. Em 1979: "Comunicação e as classes subalternas"; em 1980 "Estado, populismo e comunicação", e em 2014, em sua 37ª edição, a discussão do congresso ficou em torno do tema "Comunicação: Guerra & Paz", reunindo cerca de 3 mil professores, estudantes e profissionais do campo da comunicação no Brasil, além de representantes de diversos países, na cidade de Foz do Iguaçu (PR).

O congresso cresceu e se consolidou, adquiriu respeito acadêmico e densidade intelectual, como o próprio professor José Marques reconhece. Os participantes são associados e representantes tanto do meio acadêmico científico como profissional, relacionados às áreas de interesse comum da comunicação. Além do congresso nacional, realizado anualmente, também existem os congressos regionais, sendo promovidos por universidades nas cinco regiões do país.

Quanto às publicações, ainda na primeira diretoria da INTERCOM houve uma preocupação com veículos que servissem de meios de comunicação entre os sócios e a comunidade acadêmica. Então desde os primeiros anos, a entidade preocupou-se em publicar o Boletim INTERCOM, que posteriormente virou Revista.

> O Boletim da INTERCOM deve ser o produto da colaboração de todos os sócios, dentro do espírito que marcou o surgimento da sociedade: o intercâmbio de experiências e o compartilhamento de conhecimentos. Assim sendo, pede-se que as colaborações sob forma de notícias, comentário, registros, referências bibliográficas, etc, sejam enviadas até a primeira sexta-feira de cada mês, data de fechamento do boletim (BOLETIM INTERCOM, n. 1., 1978).

Nos anos 80, o Boletim já passou a ser chamado de *Revista Brasileira de Comunicação*, "o principal instrumento que dispõe a INTERCOM de se comunicar com seus sócios, a comunidade científica e mostrar publicamente os avanços que ocorrem em nossa área". (BORELLI; FELICIANO, 1988, p.10).

Depois, já conhecida como *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* (RBCC), e com 34 anos de veiculação foi aceita na Scientific Eletronic Library Online (SciELO Brasil).

Ainda existem outras formas de publicação da INTERCOM, como por exemplo, a Coleção Memórias e Coleção Verde-Amarela. São obras que preocupam-se em difundir o pensamento comunicacional brasileiro. Também destacam-se as publicações na internet, como a REVCOM (Revistas Eletrônicas de Ciências da Comunicação), que abriga as revistas: *Iniciacom, Inovcom, Bibliocom* e ainda a versão online da *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*; e o PORTCOM, espaço online onde estão reunidos diversos trabalhos acadêmicos, livros, capítulos de livros, e-books e enciclopédias.

Uma das preocupações da INTERCOM, que inclui ser também uma preocupação do professor José Marques de Melo, é o resgate da história da entidade. Para preencher essa lacuna, além de publicações impressas constantes que tratam sobre a entidade e seus presidentes e diretores, existe o Projeto Memória, um espaço online destinado ao registro e divulgação do histórico da instituição.

Por iniciativa de José Marques e também da diretoria e sócios, a INTERCOM desde o fim da década de 1970 vem sendo marcante no sentido de contribuir para o desenvolvimento da produção científica, cultural e educativa nas áreas de interesse das Ciências da Comunicação. No Centro Cultural são realizados eventos como cursos de férias, seminários e o Café INTERCOM, que são oportunidades de debates entre pesquisadores e a sociedade.

Quanto aos novos projetos da INTERCOM, o sempre entusiasta José Marques de Melo afirma: "creio que vivemos um momento de expectativas. Eu sempre sou otimista" (2014, mensagem pessoal).

Referências

BOLETIM INTERCOM. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação. n. 1. São Paulo, maio 1978.

BORELLI, Dario Luis; FELICIANO, Fátima A. **Entrevista.** A Trajetória da INTERCOM. Revista Brasileira de Comunicação. São Paulo: INTERCOM, ano XI, n. 58 jan/jun. 1988. p.05-20.

FARO, José Salvador. A **Universidade fora de si**: a INTERCOM e a organização dos estudos de Comunicação no Brasil. São Paulo: INTERCOM, 1992.

MARQUES DE MELO, José. **INTRODUÇÃO.** In: MARQUES DE MELO, José; MORAIS, Osvando J. de. Vozes da resistência e combate: o legado crítico da comunidade acadêmica. São Paulo: INTERCOM, 2010.

_____. **JMM e INTERCOM.** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <tycianevaz@gmail.com>. 16 maio, 2014.

PERUZZO, Cicília; MOREIRA, Virgínia (org.). **INTERCOM 25 anos**. São Paulo: INTERCOM, 2002.

Abrindo caminhos nas Agências de Fomento

Sérgio Mattos[1]

5.5
CAPÍTULO

Ao doutor, ensaísta, jornalista, pesquisador e professor José Marques de Melo tem sido atribuído inúmeros adjetivos no sentido de defini-lo em poucas ou até mesmo com uma só palavra. Ao ler resenhas, orelhas, prefácios, prólogos e posfácios de suas obras ou perfis que lhe foram traçados, nos deparamos com qualitativos que tentam expressar a importância e o papel desempenhado por ele, no campo da comunicação, a exemplos de:
"Aglutinador", "Desafiador", "Determinado", "Motivador", "Pioneiro", "Predestinado", "Pragmático", "Visionário", "Criador de Instituições", "Desbravador de caminhos", "Empreendedor ousado", "Guerreiro Midiático", "incansável pesquisador", "Instigador de desafios", "profissional emblemático", "Semeador de Ideias", "Figura ímpar e múltipla",

1. Sérgio Mattos é jornalista diplomado pela UFBA, mestre e doutor em Comunicação pela Universidade do Texas, em Austin, Estados Unidos, professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) autor de livros como "História da Televisão Brasileira: uma visão econômica, social e política"(Vozes, 5ª edição revista e ampliada, 2010), "Mídia Controlada – a história da censura no Brasil e no mundo" (Paulus, 2005), "O Contexto Midiático"(IGHB, 2009), "A revolução digital e os desafios da comunicação" (EDUFRB, 2013), entre outros.

"Pesquisador multidisciplinar do jornalismo", "Desbravador de novas fronteiras acadêmicas", "Edificador do pensamento comunicacional", "Estimulador de novas reflexões", "Incansável em sua missão", "Mestre de todos nós", "Fomentador da produção científica", "Grande árvore arquetípica do Gênesis", "Multiplicador do conhecimento produzido na área da comunicação", Construtor do pensamento da comunicação brasileira", "Detentor de liderança imprescindível para a comunicação", "Consolidador da pesquisa comunicacional no país", "grande divulgador da pesquisa acadêmica em âmbito internacional", "professor de todas as gerações de alunos, professores e pesquisadores em comunicação". Além de todas essas qualificações destaca-se o reconhecimento geral da capacidade que ele tem de agregar, política e academicamente, pessoas de diferentes correntes metodológicas ou ideológicas de todos os pontos do país (ARAGÃO; MORAIS; JACONI, 2013; MATTOS, 2010).

A essas qualidades somam-se outras, que conseguimos garimpar em múltiplos textos, e que evidenciam a capacidade que José Marques de Melo tem de definir alguns problemas da comunicação com poucas palavras como se fosse um "tituleiro" de jornal diário. Ele sabe escolher as palavras certas quando nos debates ou nas entrevistas concedidas e, como profundo conhecedor da comunidade acadêmica, denuncia que os pesquisadores brasileiros sofrem ainda da "síndrome do colonizado", que muitos estão com "amnésia histórica" e define que "nosso grande dilema continua sendo o elitismo." Ratificando essa criatividade, basta verificarmos alguns títulos de seus livros: "A Esfinge Midiática" (Paulus, 2004); "Comunicação Eclesial: Utopia e Realidade" (Paulinas, 2005); "Vestígios da Travessia – Da imprensa à Internet – 50 anos de Jornalismo" (Paulus, 2009); "Valquírias Midiáticas" (Intercom, 2010); "Cidadania Glocal – Identidade Nordestina" (Latus, 2011); "História do Jornalismo – Itinerário crítico, mosaico contextual" (Paulus, 2012).

O perfil acadêmico de José Marques de Melo, primeiro doutor em Jornalismo titulado por universidade brasileira e um dos fundadores da ECA-USP, é do conhecimento público e resumidamente está explicitado no texto de abertura de seu currículo, disponibilizado na Plataforma Lattes, com dados fornecidos por ele mesmo, ou seja:

> Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (1964), graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (1965), doutorado e livre-docência em Ciências da Comunicação – Jornalismo pela Universidade de São Paulo (1973). Atualmente é professor titular da Universidade Metodista de São Paulo, onde é Diretor da Cátedra UNESCO de Comunicação. Publicou

> meia centena de livros e coletâneas, mais de uma centena de artigos em periódicos científicos do país e do exterior. Fundou e dirigiu sociedades científicas no espaço ibero-americano. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo, atuando principalmente nos seguintes temas: jornalismo brasileiro, gêneros jornalísticos, pensamento comunicacional latino-americano, história das ciências da comunicação (MARQUES DE MELO, 2014).

Frente a este cenário, o objetivo deste artigo é identificar alguns aspectos da relação de José Marques de Melo com as agências de incentivo à pesquisa científica e de formação de pesquisadores brasileiros. Vale salientar que o papel individual desempenhado nos últimos 40 anos por José Marques de Melo no sentido de consolidar o campo da comunicação, por analogia e com a permissão da licença poética, confunde-se, por exemplo, com os objetivos das maiores agências de fomento do país: CAPES, CNPq, em nível nacional, e FAPESP, em nível estadual, que se dedicam a fomentar a pesquisa científica e tecnológica e incentivar a formação de pesquisadores brasileiros, além de atuar na formulação de políticas específicas.

Digo, por analogia, que o papel desempenhado por José Marques de Melo confunde-se com o das agências de fomento, porque ele tem realizado e atuado praticamente como se ele mesmo fosse uma instituição, pois ele tem formado dezenas de pesquisadores (mestres e doutores), tem desenvolvido projetos de pesquisa com inúmeros pesquisadores, que ele arregimenta por todo o país, conseguindo posteriormente publicar os resultados em parceria com editoras universitárias e privadas, ou com órgãos públicos, tais como a Fundação de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), vinculada à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência ou a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, entre outros.

E se tudo isto não bastasse, ele também propõe políticas e diretrizes para a área de comunicação. Por duas vezes foi presidente da Comissão de Especialistas do MEC para a formulação de Diretrizes dos Cursos de Comunicação Social, em 1986, e das Diretrizes dos Cursos de Jornalismo, em 2009. Na condição de presidente da Federação Brasileira das Sociedades Científicas da Comunicação (SOCICOM), José Marques de Melo assinou, em 2010, uma parceria com o IPEA para discutir políticas públicas de comunicação no Brasil, pois, segundo ele a Universidade não tem dialogado com as empresas e a indústria,

> restringindo o debate sobre comunicação e desenvolvimento somente à academia. [...] Este trabalho que a SOCICOM está fazendo com o IPEA vai possibilitar que pela primeira vez tenhamos um panorama dos estudos em

comunicação no país. Não temos ainda um quadro explícito do conhecimento gerado nesta área. Daí a importância da parceria com o IPEA, para a coleta de dados de modo sistemático, o que é extremamente importante para análise e planejamento, predição e previsão (VIZIA, 2010).

Marques de Melo e as Agências de Fomento

Ao longo de sua vida profissional, a relação de José Marques de Melo com as agências de fomento não se limitou à sua formação acadêmica, com a obtenção de bolsas de estudo para cursos de pós-graduação, verbas para desenvolver projetos de pesquisa e realizar eventos. Como docente ele implantou e avaliou inúmeros cursos de graduação e pós-graduação, contribuindo para o avanço do conhecimento. Criou periódicos de comunicação, além de ter implantado e dirigido várias entidades vinculadas à área no Brasil e no exterior. Ele também tem atuado na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), além de outras agências, como avaliador, bolsista, consultor científico e parecerista. Durante o período de 1985 a 1992, ele foi membro do Comitê Assessor da área de Comunicação, bem como do Conselho Deliberativo do CNPq.

Como consultor e avaliador José Marques de Melo teve condições de observar e avaliar as condições de funcionamento e o desempenho acadêmico de inúmeros cursos de mestrado e doutorado[2], além de ter participado de grupos de autorização e reconhecimento de cursos de graduação de comunicação. Como parecerista de projetos de pesquisa e de avaliação de propostas de eventos ou para publicações ele pode contribuir, apresentando sugestões, indicando ajustes necessários às propostas para que fossem aprovadas.

Com muita habilidade, José Marques de Melo tem criado ao longo dos últimos 40 anos instituições, a exemplo da INTERCOM, SOCICOM, CONFIBERCOM[3] e vários periódicos, impressos e eletrônicos, dos quais se destacam

2. De acordo com o Documento de Área, da CAPES, Avaliação Trienal, em 2013 existiam 63 Cursos de Pós-Graduação em Comunicação, sendo 20 doutorados, 42 mestrados acadêmicos e um mestrado profissional.

3. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; SOCICOM – Federação Nacional das Associações de Comunicação; e CONFIBERCOM – Confederação das Entidades Acadêmicas Ibero-americanas da Comunicação.

a "Revista Brasileira de Ciência da Comunicação" e "Comunicação & Sociedade". As associações e periódicos criados poderiam ter desaparecido, mas devido à estrutura que ele montou, garantindo a formação de quadros e estabelecendo princípios para a continuidade dos trabalhos, envolvendo alunos, pesquisadores, instituições de ensino, elas continuam crescendo e garantindo a produção e veiculação do conhecimento. A "Revista Brasileira de Ciência da Comunicação", com 35 anos de circulação ininterrupta, por exemplo, foi, segundo José Marques de Melo,

> O primeiro periódico científico genuinamente comunicacional admitido nessa organização [SciELLO], confirmando sua trajetória como revista de vanguarda, cuja excelência acadêmica vem sendo reconhecida pelo Ministério da Ciência e Tecnologia e pelas agências de fomento-científico – CAPES e CNPq (PORTCOM, 2013).

Baseadas, principalmente, nas proposições idealizadas por Marques de Melo, as instituições promovem eventos regionais, nacionais e internacionais, na forma de cursos, congressos, mesas redondas e seminários, sempre contando com o apoio, financiamento, parceria e promoção das agências de fomento, que ele tão bem conhece, no sentido de promover, solidificar e desenvolver o campo da comunicação. Como já registrou a doutora Maria Cristina Gobbi,

> Uma das características mais marcantes do professor José Marques de Melo, sendo quase que uma unanimidade entre aqueles que o conhecem, é sua capacidade de aglutinar pessoas em torno de um mesmo ideal. Nesse sentido, sua contribuição na formação e no desenvolvimento de associações científicas formadas por pesquisadores e profissionais, tem sido notável (GOBBI, 2008).

Apesar das dificuldades, José Marques sempre consegue obter o apoio das agências de fomento devido aos projetos bem elaborados, da argumentação fértil e segura, voltados para o desenvolvimento do trabalho científico da área de comunicação, garantindo ao Brasil aumentar sua participação também nas publicações internacionais. Aliás, esta sempre foi uma das preocupações dele.

Em 1996, Marques de Melo implantou, na Universidade Metodista de São Paulo, a Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional e tornou-se seu titular. Para difundir a produção brasileira internacionalmente, por meio da Cátedra e com o apoio da UMESP, ele passou a promover anualmente, a partir de 1997 o CELACOM – Ciclo de Estudos da Escola

Latino-Americano de Comunicação. A partir daí muitos livros foram publicados com o conteúdo dos trabalhos apresentados por pesquisadores brasileiros e latino-americanos. Como desdobramento desse projeto, surgiu a revista científica eletrônica "PCLA – Pensamento Comunicacional Latino-Americano" (MATTOS, 2010).

> Os objetivos da cátedra eram: construir um núcleo permanente de reflexão e ação sobre políticas de comunicação, potencializando o uso das modernas tecnologias de difusão em processos de desenvolvimento, contribuindo para a preservação das identidades culturais das regiões brasileiras; dar atenção prioritária ao conhecimento produzido pela escola latino-americana de Ciência da Comunicação e disseminá-lo nas universidades brasileiras; formar recursos humanos e realizar pesquisas para atender às carências pedagógicas da rede nacional de faculdades de comunicação, sensibilizando ao mesmo tempo os profissionais da indústria da mídia para o fortalecimento da cidadania. Paralelamente, a cátedra realiza cursos anuais de aperfeiçoamento para docentes, pesquisadores e profissionais, capacitando-os para a implementação de políticas democráticas de comunicação. Estimular a presença de professores-visitantes, oriundos de outros países/regiões, incrementando o intercâmbio cultural. Promove estudos destinados a diagnosticar o estágio atual de desenvolvimento da indústria da comunicação e detecta o grau de sintonia partilhado em relação às demandas coletivas. Publicar através das diferentes modalidades de canais disponíveis, os resultados das pesquisas desenvolvidas ou das reflexões propostas pelos docentes/profissionais participantes das atividades da cátedra. Muitas pesquisas, desde então, passaram a ser coordenadas por José Marques de Melo. Exemplo disso foram os projetos *Escola Latino-americana de Comunicação* (resgatar histórias de vida de personalidades e instituições voltadas para comunicação), *Imprensa Regional* (diagnosticar tendências editoriais dos jornais representativos de várias regiões) e *O impacto da globalização na cultura brasileira* (analisar a interação entre as culturas regionais e a cultura global) (LOPES; GOMES, 2000).

Mesmo com tantas realizações que contam com o apoio e parceria das agências de fomento, José Marques de Melo lamenta que o campo da comunicação não possui uma identidade própria e que falta autoestima intelectual aos pesquisadores da área. Na entrevista concedida a Mariluce Moura, da "Revista FAPESP", ao fazer um balanço da pesquisa em comunicação no Brasil, ele diz:

> Na verdade, sou muito crítico. É um campo que cresceu muito. Em 2013 vamos completar 50 anos de atuação e já somos o segundo país em número de pesquisas – à nossa frente só estão os Estados Unidos, que têm uma tradição de 100 anos. Temos recursos, temos 250 mil estudantes, 25 mil professores e muitos doutores. Nossa presença nos congressos internacionais é marcante, somos o segundo no *ranking* de *papers s*elecionados para o principal evento internacional de nossa área, a International Association for Media and Communication Research (IAMCR), mas a pesquisa brasileira não consegue deslanchar no sentido de liderança. [...] A primeira razão é não termos autoestima intelectual. O campo ainda não tem identidade própria, trabalha com objetos cada vez mais perto de uma identidade, mas falta assumir isso. [...] Meu diagnóstico é que a comunicação continua sendo o primo pobre das humanidades e das ciências sociais aplicadas aqui no Brasil porque temos sempre uma associação desqualificando a outra, quando devíamos estar unidos, brigando por recursos para todo o campo, e não para segmentos (MOURA, 2012).

Ao longo de sua trajetória, José Marques de Melo, como registrei no livro "O Guerreiro Midiático", procura defender a livre circulação de ideias, garantindo a pluralidade e a diversidade de alternativas, mas "não abdico do direito à autodeterminação e do dever de projetar nossas identidades no cenário mundial" (MATTOS, 2010).

Concluindo, transcrevo trecho de uma entrevista de José Marques de Melo, concedida a Boanerges Lopes e Luciana Gomes, no qual ele resume a própria carreira:

> Minha carreira teve um certo determinismo "orteguiano" (Ortega y Gasset, filósofo espanhol). Ela foi motivada pelas "circunstâncias" com que me deparei, enfrentando-as com bonomia e ousadia. Esse traço foi notado, com perspicácia por Luiz Beltrão, no prefácio que ele escreveu para o meu livro "Sociologia da Imprensa Brasileira", quando estabelece conexões entre a minha origem "sertaneja" e a minha "valentia" acadêmica. Pois bem, **eu abri muitos "caminhos**" [grifo nosso] no campo comunicacional, sem oportunidade para me dedicar em particular a um deles, até mesmo pela minha disposição de formar equipes, incentivando os mais jovens a pesquisar e em alguns casos a ceder-lhes objetos de estudos para os quais os motivei. Agora, na minha fase de maturidade, procuro recuperar o tempo perdido. Dedico-me a um objeto concreto, apesar de

polifacetado, que é a construção da memória histórica do pensamento comunicacional na América Latina, particularmente no Brasil (LOPES E GOMES, 2000).

Referências

ARAGÃO, Iury Parente; MORAIS, Osvando J. de; JACONI, Sônia (Orgs.). **Fortuna Crítica de José Marques de Melo – Jornalismo e Midiologia.** Coleção Fortuna Crítica. v. 1. São Paulo: INTERCOM, 2013.

GOBBI, Maria Cristina. **José Marques de Melo: o mestre de todos nós.** Trabalho apresentado no GT de Midiologia do VI Congresso Nacional de História da Mídia da Rede Alfredo de Carvalho, ocorrido na Universidade Federal Fluminense- Niterói –RJ, no Período de 13 a 16 de maio de 2008.

LOPES, Boanerges; GOMES, Luciana. **40 Anos de Jornalismo – Entrevista de José Marques de Melo.** São Paulo: *PCLA*, vol. 1. N. 3, abr/mai/jun., 2000. Disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista3/entrevista3-2.htm Acesso em 25-09-2014.

MARQUES DE MELO, José. Plataforma Lattes – CNPq. Disponível em lattes.cnpq.br/4271609139942812. Acesso, 10-10-2014.

MATTOS, Sérgio. **O Guerreiro Midiático – Biografia de José Marques de Melo.** São Paulo/Petrópolis: INTERCOM/Editora Vozes, 2010.

MOURA, Mariluce. **A prima pobre das ciências sociais** (Entrevista – José Marques de Melo). São Paulo: Revista FAPESP. ed. 201, Nov./ 2012, pp. 27-33.

PORTCOM. Aos 34 anos. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação é aceita na SciELLO**, 2013. Disponível em: http://www.portalintercom.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2357%3Aespecial-35--anos-aos-34-anos-revista-brasileira-de-ciencias-da-comunicacao-e-aceita-na--scielo&catid=216&Itemid=103 Acesso em 10-10-2014.

VIZIA, Bruno. **José Marques de Melo – Comunicação está na modernização da sociedade, mas pesquisa no Brasil ainda reproduz modelos externos**. Desafios, ano 7, Edição 63, 19/11/2010.

Fortuna Crítica de José Marques de Melo. *Liderança e Vanguardismo*, quarto volume, encerra a Coleção, mas não a trajetória do mestre José Marques e Melo. É Titular da Cátedra UNESCO/Metodista de Comunicação e professor do Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo. A título de exemplo dessa continuidade Marques de Melo acaba de ser condecorado com a medalha de ouro (fevereiro de 2015) pelo Ciespal (Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para América Latina). Mas essa é uma nova história que ainda precisará ser contada.

Prof.ª Dr.ª Maria Cristina Gobbi
UNESP Bauru